



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

PRIMAVERA NOS DENTES:

desbunde, anticomunismo e repressão na cidade em quadrinhos (1972-1973)

ALEXANDRE SIQUEIRA LIMA

BRASÍLIA

2017

ALEXANDRE SIQUEIRA LIMA

PRIMAVERA NOS DENTES:

desbunde, anticomunismo e repressão na cidade em quadrinhos (1972-1973)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: História das Ideias, Teoria e Historiografia

Orientador: Prof. Dr. Daniel Barbosa Andrade de Faria

BRASÍLIA

2017

## AGRADECIMENTOS

Muitos são os agradecimentos mas pouco é o tempo e o espaço. Gostaria de agradecer brevemente todas as pessoas que me ajudaram ou tornaram esta pesquisa possível. Primeiramente agradeço a minha família, meu pai Silas e minha mãe Ivanete, meus irmãos Igor e Matheus, e meu sobrinho Ravi. Meus amigos e amigas, em especial Samira Santana que assumiu a missão de revisar meu texto; mas também, Diego Barrios, Ana Júlia, Karol Pacheco, André Macedo, que também acabaram de passar por essa experiência de mestrado e me ajudaram muito em meio à conversas e trocas de experiências sobre esse momento. Agradecimentos aos demais amigos como Diogo Saraiva, Igor Perfeito e Ramon Barroncas, que me inspirou a escrever esse agradecimento; agradeço a Ana Machado, Amanda Pereira, Rosa Madalena, os irmãos Gilberto e Mateus Cosac, Márlon Costa, Daniel Franco, Julia Pantoja, Leonardo Ferreira, Guilherme Cobelo, e demais amigos e amigas que não mencionei, agradeço a vocês também.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação da Universidade de Brasília e ao Departamento de História e seus professores e professoras, especialmente meu orientador Daniel Faria pelos seus conselhos e críticas, sem os quais eu não conseguiria ter realizado este trabalho. Agradecimentos também aos professores da banca, José Otávio, Fernando Paulino e Mateus Gamba Torres. Agradecimentos ainda a Paulo Parucker, Cristiano Paixão, Maria Filomena e André Gustavo. Agradeço também a Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF) e faço aqui referência à minha condição de bolsista contemplado pelo Edital 6/2015.

Por fim, e não menos importante, muito pelo contrário; agradeço a Armando Rollemberg, Aurélio Michiles, Romário Schettino e Zuleica Porto, por me terem confiado suas memórias para utilização enquanto fonte na minha pesquisa, bem como a Tribo e toda a geração *underground* que estudaremos a seguir. Espero ter escrito uma história digna de suas memórias.

## EPÍGRAFE

*Quem tem consciência para ter coragem  
Quem tem a força de saber que existe  
E no centro da própria engrenagem  
Inventa a contra-mola que resiste*

*Quem não vacila mesmo derrotado  
Quem já perdido nunca desespera  
E envolto em tempestade decepado  
Entre os dentes segura a primavera*

*(Primavera nos dentes, Secos & Molhados)*

## **Resumo**

LIMA. Alexandre Siqueira Lima. Primavera nos dentes: desbunde, anticomunismo e repressão na cidade em quadrinhos (1972-1973). 2017. 197 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

No ano de 1973 uma operação foi desencadeada pelo Comando Militar do Planalto tendo como alvo repúblicas estudantis e seus moradores. Esta dissertação é um estudo caso abordando a dupla dimensão desse momento: a experiência contracultural em Brasília e a repressão policial sob os(as) estudantes e a Universidade de Brasília. Na primeira parte da dissertação, trabalho algumas das matrizes que influenciaram o pensamento e o estilo de vida dessa juventude em Brasília, por meio de uma análise de um jornal alternativo produzido por estudantes da UnB em 1972 e de algumas memórias sobre a Universidade, as repúblicas e Brasília naquele momento. Problematizarei a atribuição negativa dada a esses seguimentos enquanto despolitizados e indiferentes à resistência e a luta contra a ditadura. Na segunda parte, trabalho a dinâmica da construção do discurso do relatório à respeito dessa operação militar, trabalhando algumas das matrizes que influenciaram a teoria elaborada pelos órgãos de segurança e informação; e analiso algumas das dinâmicas da repressão em Brasília por meio do depoimento das pessoas atingidas pela operação. Com isso faço uma relação do discurso dos documentos da repressão com o discurso e a memória dessa experiência contracultural da juventude em Brasília.

**Palavras chave:** desbunde, underground, contracultura, anticomunismo, repressão

## **Abstract**

In the year of 1973 an operation was triggered by the Military Command of the Planalto having as target student republics and their inhabitants. This dissertation is a case study addressing the double dimension of this moment: the countercultural experience in Brasilia and the police repression under the students and the University of Brasilia. In the first part of the dissertation, I work some of the matrices that influenced the thinking and lifestyle of this youth in Brasília, through an analysis of an alternative journal produced by UnB students in 1972 and of some memoirs about the University, the republics and Brasilia at that time. I will problematize the negative attribution given to these follow-ups as depoliticized and indifferent to resistance and the struggle against dictatorship. In the second part, I work on the dynamics of the construction of the report's discourse on this military operation, working some of the matrices that influenced the theory elaborated by the security and information organs; And I analyze some of the dynamics of repression in Brasilia through the testimony of the people affected by the operation. With this I make a relation of the discourse of the documents of repression with the discourse and the memory of this countercultural experience of youth in Brasilia.

**Keywords:** desbunde, underground, counterculture, anti-communism, repression

## Abreviaturas e Siglas

**AESI** – Assessoria Especial de Segurança e Informação

**AI-5** – Ato Institucional nº 5

**AP** – Ação Popular

**APML** – Ação Popular Marxista-Leninista

**ARENA** – Aliança Renovadora Nacional

**ASI** – Assessoria de Segurança e Informação

**AV** – Ala Vermelha

**CATMV-UnB** – Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da Universidade de Brasília

**CIA** – Central Intelligence Agency

**CID** – Classificação Internacional de Doenças

**CIE** – Centro de Informações do Exército

**CIEM** – Centro Integrado Ensino Médio

**CJM** – Circunscrição Judiciária Militar

**CMP/11ª RM** – Comando Militar do Planalto 11ª Região Militar

**CNFE** – Comissão Nacional de Entorpecentes

**CODI** – Centro de Operação de Defesa Interna

**COMZAE** – Comando de Zona Aérea

**CRS** – Comércio Residencial Sul

**DCE** – Diretório Central dos Estudantes

**DF** – Distrito Federal

**DOI** – Destacamento de Operações de Informações

**DPF** – Departamento de Polícia Federal

**DSI** – Divisão de Segurança e Informação

**EMC** – Educação Moral e Cívica

**EPB** – Estudos de Problemas Brasileiros

**FAB** – Força Aérea Brasileira

**GB** – Guanabara

**GO** – Goiás

**IPM** -Inquérito Policial Militar

**IRA** – Irish Republican Army

**LSD** – Lysergsäurediethylamid (dietilamida do ácido lisérgico)

**MCI** – Movimento Comunista Internacional

**MDB** – Movimento Democrático Brasileiro

**MEC** – Ministério da Educação e Cultura

**MUDES** – Movimento Universitário de Desfavelamento

**OI** – Órgão de Informação

**OSPB** – Organização Social Política Brasileira

**PCB** – Partido Comunista Brasileiro

**PCdB** – Partido Comunista do Brasil

**PIC** – Pelotão de Investigações Criminais

**POLOP** – Política Operária

**PORT(T)** – Partido Operário Revolucionário

**SESC** – Serviço Social do Comércio

**SNI** – Serviço Nacional de Informações

**SQN** – Superquadra Norte

**SQS** – Superquadra Sul

**SR** – Superintendência Regional do Distrito Federal / Departamento de Polícia Deferal

**THC** – Tetra-hidrocanabinol

**UnB** – Universidade de Brasília

**VAR-Palmares** – Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	1
<b>Parte I – Utopia ou a analogia</b> .....	6
<b>Capítulo I – Arcanjos cabeludos escrevem armados de nuvens, amor e utopia</b> .....	7
1.1 – Formação da Tribo e Jornais Alternativos.....	7
1.2 – A primeira edição: Uma nova liberdade.....	15
1.3 – Desbunde, desbundar, desbundados.....	36
1.3.1 – "Eu digo sim, eu digo não ao <i>não</i> ".....	61
1.4 – Segunda e terceira edição: Concertos Úteros .....	63
<b>Capítulo II – Memórias espaciais e espaços de memória</b> .....	75
2.1 – As repúblicas estudantis, a vida no <i>campus</i> , nos gramados e entrequadras.....	75
2.2 – Sem lenço e sem documento: O fim do jornal e a viagem pela América Latina.....	90
<b>Parte II – Distopia ou a ironia</b> .....	99
<b>Capítulo III – Como e por que se construiu um inimigo?</b> .....	100
3.1 – Relatório Especial de Informações e a investigação em torno das repúblicas.....	100
3.2 – Introdução.....	103
3.3 – Apreciação sobre os(as) presos(as).....	108
3.4 – Moldando a infiltração subversiva.....	153
<b>Capítulo IV – Hino de Duran</b> .....	162
<b>Considerações finais</b> .....	173
<b>Referências</b> .....	177
<b>Anexo</b> .....	185



## Introdução

Esta dissertação é um estudo de caso sobre a operação realizada pelo Comando Militar do Planalto em 1973, que gerou uma série de prisões arbitrárias. Ela teve como alvo repúblicas estudantis e seus moradores e moradoras, em sua maioria estudantes da Universidade de Brasília. Meu primeiro contato com esse caso foi através do Relatório I da Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da Universidade de Brasília (CATMV-UnB)<sup>1</sup>, no subcapítulo dos anos de 1973-1974 denominado de "*Where the flowers gone?*" *Uma onda repressiva em torno de repúblicas e seus moradores* (Ibid, p. 161-166).

Esse título tem como referência uma música que era muito escutada em uma das repúblicas e foi cantada certo dia por uma das pessoas presas, enquanto estava no cárcere. Ela se liga aos movimentos pacifistas e aos movimentos contraculturais emergentes na década de 1960 aos quais algumas das pessoas presas se identificavam. Como o relatório da CATMV-UnB indica, no decorrer da operação, uma série de questões relativas à sexualidade, ao uso de psicoativos e aos hábitos e comportamentos dessas pessoas tornaram-se objeto das investigações e uma preocupação do CMP/11ª RM a ser comunicada a outros órgãos de segurança e informação.

Busco trabalhar esse caso abordando essas duas dimensões: a experiência contracultural e a perseguição policial em Brasília. O que foi essa experiência contracultural em Brasília? Como pensavam e viviam as pessoas que se ligavam a essa experiência? Como foram percebidas e tratadas pelos órgãos de segurança e informação? Essas são algumas das perguntas que estruturaram a pesquisa e que busco responder ao longo desta dissertação. Para tal, tenho como principais fontes um conjunto de documentos do Fundo da Assessoria de Segurança e Informação da Universidade de Brasília<sup>2</sup>, os depoimentos de algumas das pessoas que passaram pela dupla experiência (contracultural e policial) e edições de um jornal alternativo produzido por estudantes da Universidade de Brasília, ligados a esse momento.

O *Relatório Especial de Info n° 03/73*<sup>3</sup> teve sua origem no CMP/11ª RM e trata-se de um

- 
- 1 Relatório apresentado pela Comissão Anísio Teixeira de Verdade de Memória da Universidade de Brasília, em divulgação aos resultados de suas atividades desenvolvidas entre agosto de 2012 e abril de 2015, em que se realizaram 46 tomadas de depoimentos por meio de audiências públicas, testemunhos escritos e sessões reservadas. A CATMV-UnB incumbiu-se de promover o direito à memória e à verdade e o direito à informação relativos às violações de direitos humanos pertinentes à UnB, ocorridas no período de 1º de abril de 1964 a 5 de outubro de 1988. (CATMV-UnB, 2015, p. 15-16)
  - 2 O Fundo ASI-UNB encontra-se sob a guarda do Arquivo Nacional. Todos os documentos com os quais trabalho estão digitalizados e disponíveis pelo Sistema de Informações do Arquivo Nacional. Disponível em: [http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/pagina\\_inicial.asp](http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/pagina_inicial.asp)
  - 3 Documento classificado como confidencial: "Relatório especial do Ministério do Exército sobre infiltração subversiva no meio universitário em Brasília" 10/09/1973. Arquivo Nacional, Fundo ASI-UnB. (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33).

relato da operação desencadeada em torno das repúblicas e também de descrições e análises individuais de 33 pessoas interrogadas, com as impressões e conclusões referentes às repúblicas estudantis e à UnB. Esse relatório do Ministério do Exército datado do dia 10 de Setembro de 1973 foi enviado a outros órgãos de segurança e informação com o assunto de "Infiltração subversiva no meio universitário em Brasília". Junto com algumas das apostilas utilizadas no Curso de Segurança e Informação ministradas pela DSI/MEC<sup>4</sup> elas são fontes para compreender o que foi essa infiltração subversiva no meio universitário de Brasília comunicada pelo CMP e, também, para analisar a percepção militar naquele momento sobre os hábitos e comportamentos dessa juventude investigada.

Em contraste ao relato do CMP, temos o relato daqueles que foram atingidos pelas prisões através de três depoimentos concedidos à CATMV-UnB. Aurélio Michiles<sup>5</sup> foi preso pouco antes do desenrolar da operação e morava em uma das repúblicas investigadas. Romário Schettino<sup>6</sup> foi preso em meio às operações e morava em outra das repúblicas investigadas junto com Zuleica Porto<sup>7</sup>, outra moradora presa e investigada. Soma-se a esse conjunto de depoimentos, a entrevista concedida por Armando Rollemberg<sup>8</sup>, próximo de algumas pessoas presas e investigadas, também teve seus atritos decorridos dessa operação e a perseguição policial em Brasília. Além do relato sobre a repressão, os depoentes e a depoente falam sobre como eram suas vidas em Brasília nesse momento, como eram as repúblicas, a vida no *campus* universitário e o que foi a experiência da contracultura para eles.

Em meio ao seu depoimento, Aurélio fala sobre um "movimento libertário" em Brasília ligado às vanguardas artísticas e contraculturais, denominando essa experiência como um momento

4 "Ofício elaborado pelo Chefe da Assessoria Especial da DSI/MEC, Diógenes Catuto Carneiro, e destinado para Assessoria Especial de Segurança e Informações da UnB, no qual solicita à Diretoria de Documentação e Divulgação, a inclusão dessa Assessoria para que receba regularmente as publicações do MEC sobre Educação, Cultura, Administração e Legislação. Segue anexada a documentação e apostilas distribuídas no último Curso de Segurança e Informações ministradas pela DSI/MEC nos quais contam explicações sobre os procedimentos adequados para a remessa de documentos com diversos graus de censura" 13/03/1972. Arquivo Nacional, Fundo ASI-UnB. (BR DF AN BSB AA1 0 LGS 7)

5 MICHILES, José Aurélio de Oliveira. **José Aurélio de Oliveira Michiles**: depoimento [jan. 2015]. Teleconferência (Skype) Brasília-São Paulo, 2015. 1 arquivo .mp3 (119 min.). Depoimento concedido em sessão reservada à Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade CATMV-UnB. O depoente me autorizou o uso de seu depoimento pela assinatura de termo de utilização de som de voz para fins de pesquisa.

6 SCHETTINO, Romário Cezar. **Romário Cezar Schettino**: depoimento [mai. 2013]. Brasília, 2013. 1 arquivo .wav (64 min.). Depoimento concedido em audiência pública à Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade CATMV-UnB. O depoente me autorizou o uso de seu depoimento pela assinatura de termo de utilização de som de voz para fins de pesquisa.

7 PORTO, Zuleica Maria de Souza. **Zuleica Maria de Souza Porto**: depoimento [abr. 2014]. Entrevistador: Daniel Barbosa Andrade de Faria. Brasília, 2014. 1 arquivo .mp3 (96 min.). Depoimento concedido em sessão reservada à Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade CATMV-UnB. A depoente me autorizou o uso de seu depoimento pela assinatura de termo de utilização de som de voz para fins de pesquisa.

8 ROLLEMBERG, Armando Sobral. **Armando Sobral Rollemberg**: entrevista [mar. 2017]. Entrevistador: Alexandre Siqueira Lima. Brasília, 2017. 1 arquivo .wav (147 min.). Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado. O entrevistado me autorizou o uso de sua entrevista pela assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido para fins de pesquisa.

*underground* de Brasília protagonizado por uma geração que foi denominada de *desbundada*. Ele também menciona um jornal alternativo produzido nesse momento, sugerindo que ele ajuda a entender essa geração de Brasília. Esse jornal, do qual ele participou junto com Armando, um de seus diretores formais, é o jornal *Tribo*<sup>9</sup>. É a partir dele que vamos iniciar nossa narrativa. O jornal *Tribo* mencionado pelos nossos depoentes é inclusive citado em meio às descrições individuais e em um capítulo do *Relatório Especial de Info n° 03/73*.

Organizo minha dissertação em duas grandes partes. Na primeira parte, denominada de *Utopia ou a analogia*, o enfoque é na experiência contracultural. Na segunda, denominada de *Distopia ou a ironia*, o enfoque se volta à repressão policial. Apesar de separadas, essas duas partes se retroalimentam na análise, pois ao compreendermos o estilo de vida e a visão de mundo dessa geração alternativa, entenderemos alguns fatores essenciais para o fato de ela ter despertado atenção e temor frente à repressão. Em contrapartida, ao compreendermos a visão de mundo e algumas das dinâmicas dos órgãos de segurança e informação, entenderemos melhor a revolta e a resistência daquela juventude para com a ditadura militar e, de um modo geral, frente à sociedade conservadora brasileira. O título desta dissertação, *Primavera nos dentes*, faz referência à música da banda *Secos & Molhados* (que consta na epígrafe) e representa a síntese dessas duas dimensões abordadas. *Primavera* representa a contracultura e a juventude que florescia e trazia transformações para a sociedade, enquanto que *dentes* representa as engrenagens da repressão, que com seus centros de tortura derrotavam e desesperavam as pessoas com o objetivo de decepar suas convicções políticas e pessoais.

No capítulo I, denominado de *Arcanjos cabeludos escrevem armados de nuvens, amor e utopia*, iniciaremos pela experiência da *Tribo*, que não era apenas um jornal, mas uma espécie de tribo de jovens que andavam sempre juntos e eram deveras nômades. Investigo os indícios de suas matrizes de pensamento registrados nas edições do jornal, discorrendo sobre suas principais influências e apontando suas ligações com uma tradição que remonta ao romantismo. A partir daí, busco analisar o seu estilo de vida numa perspectiva mais ampla e enquanto um fenômeno social e um momento da juventude, problematizando sua taxação enquanto *despolitizada* e revalorizando a *indiferença* que lhes foi atribuída por terceiros. Um estilo de vida e uma visão de mundo: *desbunde e underground*.

No capítulo II, denominado de *Memórias espaciais e espaços de memórias*, abordarei algumas das memórias sobre a vida no campus universitário e sobre as repúblicas estudantis, situando esses espaços no ano de 1972 e discorrendo sobre como estava a UnB naquele momento,

---

<sup>9</sup> As três edições do jornal alternativo *Tribo* estão reproduzidos no livro *Jornal da Década de 1970* de Antônio de Pádua Gurgel. Gurgel foi também um dos diretores formais do jornal. (GURGEL, 2011, p. 23-68).

após as invasões policiais militares da década de 1960 e a desestruturação do movimento estudantil. Ao final, discorrerei sobre o fim do jornal *Tribo* e a viagem de Aurélio e Armando pela América Latina. Ao longo do capítulo busco discorrer sobre mais alguns significados do *desbunde* enquanto uma revolta e um antídoto contra a repressão.

No capítulo III, denominado de *Como e por que se construiu um inimigo?*, busco responder essas duas perguntas a partir do *Relatório Especial de Info n° 03/73* e de alguns informes e manuais enviados para a AESI-UnB no ano anterior à operação. Discorro sobre a dinâmica do discurso no documento fazendo uma análise de como se construiu as falas das pessoas interrogadas no relatório e de como se chegou as suas conclusões. Ao longo desse capítulo trabalharei a teoria da ligação da tríade "tóxicos-subversão-corrupção dos costumes", desenvolvida no relatório, identificando algumas das matrizes de imaginários anticomunistas que influenciaram na concepção de tal teoria. Busco compreender como se fez a ligação entre a sexualidade, os psicotrópicos, os comportamentos e as artes com o conceito de subversão. Discorrerei também sobre o porquê dessas questões terem se tornado objeto de investigação e coibição do CMP: a polícia política do DF.

No capítulo IV, denominado de *Hino de Duran*<sup>10</sup>, trabalho com algumas das perspectivas daqueles que foram atingidos pela operação e a dinâmica da repressão em Brasília, indicando alguns dos lugares para onde essas pessoas foram levadas. Nesse último capítulo, vamos compreender melhor porque se construiu um inimigo em meio à Universidade de Brasília e porque essa operação e prisões ocorreram naquele momento.

Os dois aspectos mais amplos da pesquisa, ou seja, os movimentos contraculturais e a repressão moral, não são temas usualmente abordados pela historiografia, pois ela tende a pensar em um tipo mais tradicional de luta política e resistência contra a ditadura, bem como tende a tratar o moralismo da ditadura como uma questão acessória ou secundária. Se por um lado, esses seguimentos da juventude foram taxados de *despolitizados* e *indiferentes* em relação à luta ou resistência contra a ditadura, por outro, eles foram taxados de subversivos e as questões morais por vezes aparecem como uma questão de primeira instância para a repressão, como nas conclusões do *Relatório Especial de Info n° 03/73* em que elas são apontadas como de máxima importância para a Segurança Nacional. Essa geração denominada de *desbundada* acabou sendo relegada ao esquecimento no tocante à sua dimensão política, enquanto um fenômeno social, assim como a repressão moral tende a ser minimizada ou esvaziada quando não percebida enquanto um fator fundamental da ditadura. Veremos que política e moral não estão dissociadas, tanto na atuação política desses seguimentos identificados com a contracultura, quanto no combate à subversão promovido pela ditadura.

---

10 Referência à música Hino de Duran de Chico Buarque

No tocante à história da Universidade de Brasília, esse período do começo dos anos 1970 continua um tanto nebuloso e esquecido. Ele se localiza após as últimas manifestações estudantis e as invasões policial-militares na Universidade nos final dos anos 1960, e antes do renascimento do movimento estudantil na UnB e dos movimentos de redemocratização a partir de 1977, que contou também com uma nova invasão policial-militar no *campus* desse mesmo ano. Assim, as manifestações dos estudantes contra a repressão e a ocupação policial-militar nesse período que trabalho, tornaram-se, de certa forma, invisíveis, pois não se assemelham àquelas da década de 1960 e de 1977 em diante. Elas são o seu extremo oposto, pois a revolta e a contestação da ditadura dentro no *campus* nesse momento não são marcadas por grandes manifestações, dado o próprio dismantelamento do movimento estudantil. E a ocupação militar não se impôs de forma tão visual como nos outros anos, mas operou principalmente através de espionagem e sequestros. De certa forma a imposição do medo se fazia pela ausência, pela ausência das pessoas que desapareciam do cotidiano.

No fundo, essa é também uma história do cotidiano e das pessoas comuns. Comuns no sentido de que não se tornaram heróis ou mártires da resistência. Pessoas comuns que estudavam na UnB, trabalhavam em órgãos públicos, jornais ou teatros e tiveram um brusco rompimento no ritmo de suas vidas. Muitas dessas histórias, como o caso que trabalho, só recentemente estão se tornando públicas, através de iniciativas como a CATMV-UnB e a Comissão Nacional da Verdade, e tornam-se uma valiosa fonte para o trabalho historiográfico, pois podem trazer outras perspectivas a respeito da história da resistência e da ditadura, ou da história do cotidiano em meio ao ambiente repressivo. Tenho aportes teóricos fundamentados na história das ideias políticas e na nova história política. Somam-se a eles trabalhos sobre estética e política, trabalhos de história social sobre os órgãos de segurança e informação e a ditadura, além de trabalhos de história cultural sobre a cultura brasileira nas décadas de 1960 e 1970.

Meu interesse maior se encontra nos discursos dos documentos e nas memórias dos depoimentos. Opto por relatar o caso em suas minúcias, analisando a linguagem dos documentos para fazer uma relação entre os documentos da ditadura e a experiência da contracultural, tal como eu os vi e ouvi no jornal alternativo *Tribo* e nas falas dos depoimentos. Essa é uma história da interação de duas comunidades antagônicas em conflito. O que estavam a fazer quando escreveram seus documentos? Que ações queriam gerar com seus discursos? Ou seja, que efeitos queriam trazer para aqueles a quem estavam se comunicando? Essa é uma história de duas comunidades antagônicas em conflito. Entre uma comunidade de estudantes, a *primavera*, e uma comunidade de informação e seus operários da violência, os *dentes*. Em Brasília, a *cidade em quadrinhos*<sup>11</sup>.

---

11 Essa referência vem de um dos ensaios publicados na primeira edição da *Tribo* que veremos adiante.

## **PARTE I – Utopia ou a analogia**

# Capítulo I – Arcanjos cabeludos escrevem armados de nuvens, amor e utopia

## 1.1 – Formação da Tribo e Jornais Alternativos

Ano de 1972, 12 anos de Brasília e uma década desde a fundação da Universidade de Brasília, 8 anos de ditadura e pouco mais de 3 anos desde o decreto do AI-5. Era mês de fevereiro quando a primeira edição do jornal alternativo *Tribo* ficou pronta e começou a circular por Brasília. A ideia surgiu em 1971 entre estudantes de comunicação da UnB, em sua maioria, que já haviam adquirido alguma experiência com mimeógrafos, panfletos e edição em meio à militância secundarista no CIEM (Centro Integrado Ensino Médio) e com algumas publicações anteriores que não tiveram continuidade. Segundo Antônio de Pádua Gurgel:

Em Brasília, por ser a sede do poder, a repressão política era ainda mais rigorosa. Em 1968, foi proibida a circulação do jornal Manifesto, editado por este autor. Na época, eu era diretor de divulgação do Grêmio Estudantil do Centro Integrado de Ensino Médio (CIEM), que servia como laboratório pedagógico da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB).

[...]

Em 1969, após a decretação do AI-5, o movimento de massa foi completamente desarticulado. Especialmente no quartel em que Brasília foi transformada, era impossível até se pensar numa publicação de oposição ao regime. Quando *O Pasquim* chegou às bancas, representou uma brisa de alento para todas as pessoas que não eram enganadas pela propaganda oficial, inclusive ex-militantes do movimento estudantil que não tinham aderido à luta armada. (GURGEL, 2011, p. 16)

O AI-5 marca todo um processo de intensificação do aparato e dinâmica repressiva, instaurado pelo Golpe Militar de 1964. Correspondendo às demandas de seguimentos da extrema direita – para o qual a “limpeza” iniciada a partir do golpe fora incompleta – a partir de 1968 a opção pelo recrudescimento da ditadura ganha respaldo dos demais seguimentos dirigentes, em vista às intensas movimentações nas ruas e evidências coletadas pelos órgãos de segurança e informação do aumento de atividades da esquerda armada. Vale a pena lembrar que apenas as ações da esquerda entravam nesse rol de evidências de conturbação social e política, sendo as ações terroristas de grupos de direita desconsideradas e silenciadas (MOTTA, 2014, p. 148).

Ainda em 1971, foi criada a empresa “Tribo – Editores, Promoções e Publicidade Ltda” dentre os quatro sócios formais: Antônio de Pádua Gurgel, Armando Sobral Rollemberg, Luiz Cláudio Pinheiro e Jefferson Chacaxiro Tommasi (GURGEL, 2011, p. 17). A sede do jornal foi estabelecida numa sala alugada por Camilo Nogueira da Gama Neto atrás da W-3 sul, na CRS 511, Av. W/2, Bloco C nº 41, sala 101. Por fim, Airton Garcia de Lima, jornalista registrado, foi chamado por Camilo para ser o responsável pela publicação e, conseqüentemente, trazer alguma

credibilidade para o processo de legalização do jornal. Segundo Armando Sobral Rollemberg:

Olha, nós éramos muito jovens, tanto que... eu tive que emancipar, meu pai teve que me emancipar porque eu virei o diretor da empresa, tinha que formalizar uma empresa e eu então fui o diretor responsável pela empresa, digamos assim. Pra isso, como eu ainda era menor de idade, meu pai teve que me emancipar pra eu poder ser registrado. Nós éramos estudantes, entrei na UnB em 71, exatamente nesse ano aí, e saí em 73. Eu fiz comunicação. Só tentando lembrar assim. Bom, então nós estávamos vivendo intensamente, assim, o nosso quartel-general, digamos assim – embora a sala fosse lá na 512, a salinha onde nós alugamos pra onde nos encontrar, precisava ter uma sede – mas o nosso quartel general era na verdade a 206 sul, que era onde morávamos eu, o Fai-Fai, quem mais morava lá... Eu sei que o Padú morava na quadra embaixo do lado, na 405 sul, mas o fato é que a 206 fisicamente era o nosso QG, onde nós nos encontrávamos, discutíamos, convivíamos. Quando nós tivemos que alugar a sala, naturalmente algumas reuniões eram reuniões de pauta e tal passaram a acontecer nessa salinha lá da 512. [...] Nós éramos tão jovens que precisava de um diretor responsável que precisava ser jornalista profissional. Então nós fomos buscar o Airton, porque ele não pode ser propriamente, digamos, nem geracionalmente, nem politicamente parte do grupo. Mas como era nosso amigo e ele era um cara progressista e tal, ele emprestou de certa forma o nome dele, que é o registro profissional dele para que a gente pudesse suprir a exigência legal. (ROLLEMBERG, 2017)

A esse núcleo inicial do jornal juntaram-se “outros frequentadores dos gramados da Superquadra 206 Sul e de outras quadras” (GURGEL, 2011, p. 17), quase todos jovens cabeludos que “imitavam o estilo dos astros da música pop, que incluía roupas despojadas e linguagem solta com gírias alusivas a ‘viagens’ e outros baratos” (Ibid). A sede e as reuniões do jornal passaram a ser cada vez mais frequentadas tornando-se um ponto de encontro, já que se localizava no meio de um centro de efervescência cultural brasiliense.

A Tribo não era apenas um jornal. Havia em torno da redação, na Quadra 511 sul, uma grande movimentação que envolvia shows de bandas como A Margem, Bueiro e outros, cursos de capoeira, palestras sobre música experimental e objetos voadores não identificados, debates sobre cinema, comércio de artesanato, alimentos naturais, e outros produtos de interesse da rapaziada. (Ibid, p. 22)

Shows musicais improvisados ao ar livre, *happenings*, acampamentos e fogueiras. A polícia começou a prestar atenção nessa movimentação toda, em que o consumo de maconha era comum e pela própria estranheza (e suspeita) que esses jovens cabeludos despertavam. Em um tom meio anedótico/cômico, Antônio de Pádua Gurgel nos conta uma memória sua:

Como era de se imaginar, a Polícia Federal não era indiferente a essa movimentação. Depois de vários meses de reuniões sem que o jornal saísse, certa vez um grupo de policiais chegou à sede da Tribo com um troféu:  
—Nós pegamos esse cara aqui perto do jornal com uma bagana de maconha e ele disse que vinha pra cá. Ele trabalha aqui?  
—Podes crer, respondeu um dos cabeludos presentes.  
Meio desconcertado, o policial pediu:



—Deixa eu ver o jornal que vocês fazem.  
—Ainda não saiu nenhuma edição.  
—Como é o nome do jornal?  
—Nós ainda estamos discutindo o nome do jornal.  
O cana então radicalizou:  
—Isso aqui não é jornal porra nenhuma. Esse negócio de jornal é pretexto para fazer reunião de maconheiro.  
Embora o objetivo fosse mesmo fazer um jornal e nem todos fumassem, o policial não estava inteiramente errado. (Ibid, p. 17)

Gurgel comenta sobre a demora em definir um nome para o jornal e fazer uma primeira edição, em meio a meses de reuniões “nem sempre marcadas pela objetividade”. O processo burocrático de legalização do jornal, seu registro e obtenção de dinheiro foram outros fatores de demora, uma vez que poucos trabalhavam. Ao final de 1971, no Natal, a Tribo distribuiu o que seria sua primeira publicação, uma página impressa em mimeógrafo com um desenho e um texto coletivo, o poema intitulado *Nossa História*:

E surgiu o homem / E o homem se protegeu nos outros / homens / E casou, e teve filhos / E os filhos do homem se desentenderam / E os filhos desentendidos poliram a pedra / Se armaram de ferro / Cultivaram a terra / Cunharam moedas / E poluíram o ar / E foram crescendo / Dominaram a natureza / E pensam poder entender tudo, sem primeiro / se entenderem / E em meio ao desentendimento surgiu um novo / símbolo / Anunciando Paz e Amor / E agora, com o símbolo nas mãos, / onde vamos? / E seguiu o novo homem amou os outros / homens / E casou e teve filhos / E os filhos passaram a viver em tribos / E se entenderam / E poliram o símbolo, se amarem de flores, / cultivaram o céus / Jogaram fora suas moedas e purificavam a terra / E foram crescendo, e nunca mais pararam de / crescer / Descobriram onde vamos? / Não vamos beijar o céu. (Ibid)<sup>12</sup>

O poema, escrito com uma estética bíblica, parecida com a de um sermão (E surgiu o homem, E o homem se protegeu, E o filho dos homens...), estabelece uma temporalidade que vai dos princípios dos tempos ao surgimento do que seria um novo homem, polido nos símbolos da paz e do amor e não da guerra e do desentendimento. É um poema crítico da noção de progresso, com um tom profético e anunciativo de um novo homem por vir, um novo que remonta ao primitivo dos tempos originários com que inicia o poema. Um novo homem cujos filhos passaram a viver em tribos, jogando fora suas moedas e purificaram a terra. Ocupando o lado esquerdo da página, um desenho<sup>13</sup> de uma árvore com um rosto e uma mão humana em meio às folhas e um bebê em gestação no meio do tronco da árvore, com seu cordão umbilical conectado e com suas raízes ligadas à terra. Gurgel (2011, p. 17) atribui a Tetê Dias Leite a autoria do desenho.

Essa temática crítica do progresso, ecológica e anunciativa de um novo *ethos* que remonta a

---

12 Opto por preservar erros de escrita e maneiras de se escrever na transcrição dos textos das fontes escritas, pois são elementos constitutivos da análise. Nos textos da Tribo atestam para uma escrita que se aproxima da fala, da poesia, por vezes uma forma alternativa de se escrever. No relatório do CMP os erros são indícios da sobreposição de falas e discursos, como veremos no capítulo III.

13 Ver anexo 1, p. 186

uma ideia de primitivo ou primordial, está presente nas demais publicações das edições do jornal propriamente dito, sendo temas recorrentes da *Tribo*. Essa crítica remete àquilo que Michael Löwy e Robert Sayre (2015, p. 34, 43) definiram como romantismo: uma visão de mundo, estrutura mental coletiva moderna autocrítica da modernidade, essa última entendida como “a civilização moderna engendrada pela Revolução Industrial e a generalização da economia de mercado” (Ibid, p. 39), caracterizada pelo espírito do cálculo, o desencantamento do mundo, a racionalidade instrumental e a dominação burocrática.

Em outras palavras, como uma *estrutura significativa* – não necessariamente consciente (em geral, até não consciente) – subjacente a uma diversidade muito grande de conteúdos e formas de expressão (literárias, religiosas, filosóficas, políticas, etc.).[...] O elemento central dessa estrutura, do qual dependem todos os outros, é uma contradição, ou oposição, entre dois sistemas de valores: os do romântico e os da realidade social dita “moderna”. O romantismo como visão do mundo constitui-se enquanto forma específica de crítica da “modernidade”. (Ibid)

Esse fenômeno de “cores tumultuosas”, essencialmente contraditório e plural, perpassando diferentes espectros políticos modernos, constitui “um verdadeiro continente esquecido, que escapa aos sistemas habituais de interpretação das ciências humanas” (Ibid, p. 50). Otávio Paz (1984, p. 17) também aponta para a continuidade no século XX, para o que chamou de tradição da ruptura, uma tradição iniciada pelo romantismo fundamentada “não somente a negação da tradição, como também da ruptura” (Ibid), que “nega a si mesma para continuar-se” (Ibid, p. 133). Não apenas uma visão de mundo, estética e linguagem, mas também um estilo de vida com aspirações de unir vida e arte: uma erótica, política e ação, bifurcando-se nas direções opostas, porém inseparáveis da magia, política, religião e revolução (Ibid, p. 134). Uma visão de mundo autocrítica da modernidade e um estilo de vida fundado na pretensão de unir vida e arte. Para Luiz Carlos Maciel<sup>14</sup> (1981, p. 74), a tradição das vanguardas configurou o que ficou conhecido como contracultura nos anos 1960 e 1970.

A especificidade da visão/crítica romântica se funda na convicção de que o presente carece de certos valores humanos essenciais perdidos, valores esses projetados em um passado mitificado/idealizado que paradoxalmente transforma-se em utopia e num olhar para o futuro. Dado que a “visão romântica instala-se na segunda metade do século XVIII e ainda não desapareceu” e

---

14 Luiz Carlos Maciel, filósofo, escritor, jornalista e roteirista brasileiro, mais conhecido pelo jornal alternativo *Pasquim* e *Flor do Mal*, conhecido como "guru da contracultura", o que explica: "A primeira coisa que me impressionou, quando comecei a veicular esse novo tipo de informação, foi a resposta muito pessoal dos leitores... Nessas cartas, havia uma necessidade muito grande de saber 'O que é que nós vamos fazer?', 'Para que lado vamos caminhar?', uma necessidade muito grande de descobrir um guru. Na verdade, não era eu quem estava dando uma de guru, a garotada é que estava precisando de um guru, isto é, de uma maneira nova de viver a vida e de ver as coisas. Da maneira antiga, eles tinham os pais e os professores, os gurus do colégio. Guru é uma palavra indiana que quer dizer professor". (MACIEL, 1981, p. 75-76).

que “é difícil explicar certos movimentos socioculturais recentes – em especial as revoltas dos anos 1960, a ecologia e o pacifismo – sem referência a essa visão de mundo” (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 38-44), tal matriz de pensamento é essencial para pensarmos a estrutura de sensibilidade da juventude brasileira no início da década de 1970. Não apenas da juventude contra cultural, mas da juventude contestatória e das esquerdas como um todo, onde se valorizava a transformação, a ação para mudar a história e construir um “*homem novo*, como propunha Che Guevara”, em um modelo idealizado no popular, no interior e no rural (RIDENTI, 2005, p. 84). O florescimento dessa matriz de pensamento no Brasil é anterior ao combate à ditadura e ganhava força desde o período democrático anterior (Idid, p. 85).

A matriz romântica, é preciso lembrar, perpassa diferentes espectros políticos, sendo fonte também de fascismos ao longo do século XX. A ditadura militar também usou muito da linguagem romântica. Em seu viés nacionalista, por exemplo, valorizando a ideia de uma cultura brasileira autêntica, heróis nacionais, um passado mitológico e heroico. Assim como no discurso de restituição e conservação de valores morais tradicionais que estariam sendo corrompidos pela modernidade.

Mantendo o foco na juventude contestatória e rebelde, voltarei minha análise para o romantismo da ruptura e da revolta. Seguindo a tipologia esboçada por Löwy e Sayre<sup>15</sup>, podemos identificar essa matriz de pensamento e sensibilidade com o romantismo revolucionário-utópico:

Mais interessante, parece-nos, é a atitude do romantismo utópico-revolucionário – ou pelo menos de alguns de seus principais representantes (de William Morris a Herbert Marcuse) e algumas de suas correntes, cujos herdeiros atuais são o ecossocialismo e diversos movimentos sociais, tanto nos países industrializados como no Terceiro Mundo. Partindo do caráter historicamente necessário e humanamente legítimo de algumas conquistas das Luzes e da Revolução Francesa (democracia, tolerância, liberdades individuais e coletivas), bem como do progresso científico e técnico, os românticos revolucionários não procuram *restaurar* o passado pré-moderno, mas *instaurar* um futuro novo, no qual a humanidade recupere parte das qualidades e dos valores perdidos com a modernidade: a comunidade, a gratuidade, o dom, a harmonia com a natureza, o trabalho como arte, o encantamento da vida. (Ibid, p. 268)

O romantismo revolucionário-utópico é entendido como uma estrutura significativa e de sensibilidades instauradora de um futuro utópico fundado na ideia do novo projetado a partir de um passado imemorial ou miticado. Um passado “vingado”, fonte viva para a práxis (Ibid, p. 245). A *Tribo* foi uma experiência imbuída desse romantismo-utópico. Segundo Armando Sobral, em relato à Gurgel:

---

15 A tipologia esboçada pelo autor distingue seis tipos os romantismos: 1) *restitucionista*; 2) *conservador*; 3) *fascista*; 4) *resignado*; 5) *reformador*; 6) *revolucionário e/ou utópico*. Quanto esse último, o autor ainda destaca cinco tendências: i) *jacobino-democrática*; ii) *populista*; iii) *socialista utópico-humanista*; iv) *libertária*; v) *marxista*. (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 85-113)

Tribo era a nossa utopia. Achávamos que íamos transformar o mundo vivendo em tribos, num ambiente de paz e amor. Vivíamos envoltos nesse sonho mágico que dominou toda a nossa geração. Sempre aos bandos. Garrafão de vinho, violão, jererê etc. O livrinho de Henry Thoreau “A Desobediência Civil” circulava de mão em mão, assim como os poemas de Ho Chi Min. Marcuse também com seu “Eros e Civilização” e Reich com a “Revolução Sexual”, onde procurávamos uma teoria para justificar o nosso próprio desbunde. Entre os brasileiros, Oswald de Andrade tinha a preferência absoluta. (GURGEL, 2011, p. 21)

Fortemente influenciados por jornais e revistas como *O Pasquim*<sup>16</sup>, *Rolling Stones*, *Flor do Mal*, *O Verbo* e *Bondinho*, pela Semana da Arte Moderna de 1922 e Oswald de Andrade, Marcuse e Jung, surrealismo e concretismo, ícones da contracultura americana como Jerry Rubin e o pelo slogan “Make love, not war” (GURGEL, 2011, p. 17), a *Tribo* se constituiu em meio ao experimentalismo estético, poético e psicodélico que permeava um cotidiano *underground*<sup>17</sup> entre as quadras, os gramados e os arredores de Brasília. Com a proposta de ser um periódico cultural, o conteúdo do jornal varia entre resenha e comentário de filmes, peças, shows e álbuns musicais; poemas, textos poéticos e reflexivos, entrevistas, quadrinhos, desenhos, e, como não poderia deixar de faltar, um ou outro anúncio publicitário.

Na virada de década, com a complacência da grande mídia e o processo de assalariamento do jornalismo ao longo da década de 1960, vemos surgir e se consolidar (ao longo da década) toda uma nova geração de imprensa alternativa<sup>18</sup>. Sobre o termo *alternativa* pode-se apontar três significados essenciais: algo não ligado a políticas dominantes; uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; e uma saída para uma situação (KUCINSKI, 1991, p. 5).

Partindo de suas referências e propósitos jornalísticos, podemos identificar o jornal *Tribo* enquanto um jornal alternativo de vertente existencial. Bernardo Kucinski, apesar do denominador comum de resistência e oposição ao regime militar, divide a imprensa alternativa da década de 1970 segundo suas referências e propósitos em duas principais vertentes: política e existencial. A vertente

---

16 "As raízes existenciais de O PASQUIM, onde conviviam as duas vertentes, inspiraram o surgimento de outros jornais de contracultura no país. Em primeiro lugar, através de uma seção permanente *udigrudi* de Luís Carlos Maciel, que recebia grande número de cartas e dos artigos de Ivan Lessa. Depois através de um jornal separado, publicado pela mesma empresa, FLOR DO MAL. Saíram apenas cinco edições do jornal, em 1970, editado por Maciel, mas sua repercussão foi grande. FLOR DO MAL tirava quarenta mil exemplares, dos quais vendia metade." (KUCINSKI, 1991, p. 51).

17 Voltarei a falar do termo *underground* posteriormente. Num sentido literal "debaixo do solo" ou melhor dizendo "subterrâneo".

18 "Apesar de complexo, o fenômeno alternativo teve contornos nítidos no tempo, como outros surtos da história do nosso jornalismo, entre os quais o dos pasquins irreverentes e panfletários do período da Regência, que atingiu o seu apogeu em 1830 com cerca de cinquenta títulos, e o dos jornais anarquistas de operários, meio século depois 1880-1920), com quase quatrocentos títulos. Nos três momentos, pequenos jornais sem fins mercantis, produzidos precariamente, às vezes por um homem só, como eram muitos pasquins e da imprensa anarquista, na função social de criação de um espaço público reflexo, contra hegemônico. Especialmente no seu apogeu, durante o triênio 1975-1977, quando o padrão alternativo tornou-se dominante, com a circulação simultânea de todos os oito grandes somando até 160 mil exemplares por semana". (KUCINSKI, 1991, p. 10-11)

política tinha suas principais referências “nos ideais de valorização do nacional e popular dos anos 1950 e no marxismo vulgarizado dos meios estudantis nos anos de 1960” enquanto que a vertente existencial tinha suas principais referências “nos movimentos de contra-cultura norte-americanos e, através deles, no orientalismo, no anarquismo e no existencialismo de Jean Paul Sartre” (Ibid, p. 5-6).

Essa divisão traz alguns problemas uma vez que de uma maneira geral, as vertentes compartilhavam de um mesmo imaginário social. Quando pensamos essa divisão de vertentes, política e existencial, no quesito de seu conteúdo, o termo vertente política parece fraco ou didático demais, como atesta o próprio fato de Kucinski situar *O Pasquim*, grande expressão desse momento como pertencente às duas vertentes. A divisão parece esvaziar a dimensão política que esses ditos existenciais tinham, num momento de auge repressivo, de questionar o autoritarismo e a autoridade (e dogma) em várias dimensões. Esse esvaziamento se parece com aquelas distinções feitas na época entre *desbundados* e *engajados*, e, na historiografia, entre esquerda festiva e esquerda engajada.

Segundo Karla Bessa (2015, p. 127, 142-143), um dos motivos pelo qual esse seguimento da juventude foi taxado como algo insano e indiferente às questões políticas é porque sua potencialidade disruptiva e criadora de novas territorialidades fora ignorada ou não compreendida. Emergentes na década de 1960 e ganhando visibilidade na década de 1970, é a própria limitação da linguagem e da concepção do que é político – que se atualizava também nessas décadas – um dos fatores para tal taxação.

O que importa dessa diferenciação é reter dela a questão do tipo de propósito jornalístico (para além de informar e divulgar) a que cada vertente está inclinado e como isso influencia a produção visual dos jornais. A primeira chamarei de vertente militante, com intuítos pedagógicos e uma linguagem em geral mais didática que necessariamente buscou uma tipografia e diagramação mais convencionais com os padrões de um grande público implícito. A segunda continuarei a chamar de existencial, com intuítos mais experimentais<sup>19</sup> e artísticos, tendeu muitas vezes para uma experimentação da tipografia e diagramação das páginas dos periódicos, buscando questionar a convencionalidade e criar não meros jornais, mas, digamos assim, obras de arte imbuídas de uma pluralidade de linguagens e descontração formal.

Experimentação, descontração, pluralidade são características que encontramos ao longo das três edições dos jornais da *Tribo*, que, mais que um jornal, era uma rede de vivências e produções

---

19 "Era também um jornalismo com ambições estéticas, inspirado no *new-journalism*, o movimento de rebelião estilística dos jornalistas norte-americanos contra a camisa de força da narrativa telegráfica, que introduziu a reportagem jornalística de valor literário, baseado na vivência direta do reporter com a realidade que se propunha retratar". (KUCINSKI, 1991, p. 20)

de jovens estudantes que buscavam construir um espaço para expressar suas ideias e cotidianos contraculturais, suas impressões de Brasília e fazer uma ponte com o que acontecia no cenário cultural no restante do país e no mundo. Buscavam acima de tudo – como os demais jornais alternativos da época – construir um espaço público alternativo de agregação e solidarizarão como meio de enfrentar o isolamento e a atomização do ambiente autoritário (Ibid, p. 10).

Sobre a Tribo, Aurélio Michiles, estudante de arquitetura da UnB na época e participante do que chamou de “movimento libertário”, comenta sobre um “caldo democrático” interessante que essa bolha de agregação configurou em Brasília:

A Tribo é fundamental porque a Tribo você vai entender a cabeça das pessoas que participaram desse movimento libertário em plena ditadura em Brasília, ou seja, na boca do lobo. Estava brincando na boca do lobo, a gente não tava longe, tava aí pros caras. E muitas das pessoas que tavam participando os pais eram General, outro pai era Comandante da PM em Brasília, o pai era Ministro de Minas e Energia, o pai era, sei lá, do SNI. Enfim, nós estávamos cercados de... o pai era Senador, líder do governo, líder da oposição, tudo misturado, era um caldo democrático muito interessante viu. Esse era um lado interessante pra falar, porque tava misturado todo mundo, sabe, assim, pessoas... filho de ministros, políticos, da oposição e da situação, isso que é interessante. Pais que eram diplomatas, pais que eram embaixadores. Brasília, que é essa que faz a diferença, tudo isso faz diferença. (MICHILES, 2015)

Sobre o ambiente e as ideias que inspiraram o surgimento do jornal *Tribo*, Armando comenta:

É importante entender que naquela época, mesmo havendo ditadura militar... então nós estávamos vivendo a ditadura, havia censura à imprensa, havia então, nós respirávamos um ambiente opressivo. E todos estavam, embora jovens, estávamos já chegando na universidade. Alguns já estavam dentro da universidade, outros chegando, mas então vivíamos todo aquele ambiente próprio da ditadura, aquela opressão e tal. Ao mesmo tempo, nós vivíamos na era em que... eu até anotei algumas palavras chaves que caracterizavam muito aquela nossa época. Que é a palavra *contracultura*; *underground*; a palavra, combinada numa certa, *estética-psicodélica*; e uma palavra vinda dum clássico dessa rebelião jovem daquela geração que é *desobediência civil*, que era inspirada principalmente num livro clássico do Henry David Thoreau. Nós tínhamos lido esse e tal. Então foi muito imerso nesse ambiente que nós resolvemos fazer a Tribo. Eu não diria que nós chegamos a ser "hippongas" mas diríamos que nós tamos na vizinhança, não chegamos a ser *hippies* no sentido rigoroso mas vivíamos em bandos. Então a ideia da Tribo, tava imersa nesses conceitos que eu to colocando. (ROLLEMBERG, 2017)

Seguindo a sugestão de Aurélio e essas palavras chaves mencionadas por Armando (*contracultura*, *underground*, *estética-psicodélica*, *desobediência civil*), vamos adentrar nas edições do jornal *Tribo* e tentar entender um pouco sobre o mencionado “movimento libertário” em Brasília, uma vez que o jornal buscava representar esse seguimento “existencial” da juventude.

## 1.2 – A primeira edição, uma nova liberdade

Fevereiro de 1972. Com 12 páginas a primeira edição de *Tribo* começa a circular. Teve tiragem de mil exemplares que se esgotaram rapidamente segundo Gurgel (2011, p. 21). A primeira página e capa é basicamente uma pintura do nome do jornal TRIBO<sup>20</sup> com um grande asterisco embaixo, ambos ocupando quase metade da folha e centralizados. No canto inferior direito, local (Brasília), data (FEV.72), edição (ano I – nº 1) e preço (CR\$ 1,00). Na margem inferior esquerda a autoria da foto creditada a Zé Mané (José Manoel Esteves). A capa era uma foto de uma pichação feita num terreno baldio entre as quadras 206 e 207 sul, por Gurgel e Xico Chaves<sup>21</sup>:

A ideia era fazer o nome do jornal pichado num muro. Inicialmente, a inscrição foi feita com *spray*, no velho estilo de 1968. Mas as letras não ficaram expressivas o suficiente. Então, conseguimos numa obra próxima tinta e pincel. Não tenho certeza se o asterisco já estava definido, mas tenho quase certeza que foi ideia do Xico. Eu escrevi as letras, Xico desenhou o asterisco, Zé Mané fotografou (Ibid)

O asterisco, longe de ser aleatório segundo Armando representava a Tribo, remetendo a confluência, aquela “coisa gregária”, andar em bandos meio nômades:

Aí, você vê, o nosso símbolo era um asterisco. O asterisco representava a confluência, a Tribo: a volta àquela coisa gregária. E nós éramos realmente uma espécie de tribo, era uma tribo. Esquisita porque a gente andava meio nômade, saía em grupo íamos lá pra Formosa e acampava. Aí ia pra Caldas Novas, íamos pra Lago Azul na Chapada. E era assim, muita gente. Cinco, seis, oito, nove, dez carros! Entendeu? E meninos e meninas, e tudo da... Então foi esse ambiente aí que eu acho que é importante você perceber porque ele foi marcante, e ele foi muito importante. Porque hoje você pode dizer "Ah! Mas isso daí é banal". Banal hoje. Na época era um escândalo. As pessoas ficavam com cabelo grande. Então foi a época da mochila, começou a vim os mochileiros, foi a história do *hippie* nos Estados Unidos, a cultura *hippie*, a luta contra o armamentismo, contra a Guerra do Vietnã. Tudo isso configurou, digamos assim, deu os parâmetros dessa época nossa aí. (ROLLEMBERG, 2017)

Na segunda página, temos o texto *Nova Liberdade* (GURGEL, 2011, p. 24), que apesar de não assinado, segundo Gurgel é de autoria de Luiz Carlos Machado e um desenho de Evandro Salles, assinado e datado de 1971. O texto, uma prosa poética organizada em três estrofes demarcadas por aspas, com características de um manifesto tais como encadeamento dissertativo, tom de conclamação e presença de vocativos, anuncia uma nova liberdade que brota “líquida” na aridez e monotonia do planalto central. A metáfora de uma planta brotando acompanha a poesia do começo ao fim, num jogo de analogias que contrapõe redondo e quadrado, natural e artificial,

---

20 Ver anexo, 2 p. 187

21 Nome artístico de Francisco de Assis Chaves Bastos, letrista, poeta, artista plástico, produtor cultural, pesquisador e jornalista brasileiro.

necessário e ideal:

“A nova liberdade brotando líquida na aridez do PLANALTO. Nesta solidão e nesta calma, nesta monotonia, os OBJETIVOS são os mesmos, assim como a sua falta, embora variem os OBJETOS. Qual força deterá o IDEAL, ou como enquadrar o que surge por sua própria vontade, e sua própria NECESSIDADE? quero ver o sol raiar destruindo os restos de resistências fúteis-inúteis. Rompendo com os restos de rastros fracos e frágeis que pretendiam ser eternos, perpetuados pelos defensores da tradição-incapazes de se adaptarem às novas realidades com seus desafios terríveis, suas contradições. Tantas imagens firmes foscas ingênuas e coloridas bruxuleando por todos os olhares dilatados em todas as mentes livres neste planeta distorcido”. (Ibid)

Monotonia, solidão, falta de objetivo, o “ideal” (uma construção mental) que enquadra o que “surge por própria vontade e necessidade” (desejo, instinto). Aqui alguns temas comuns a matriz de pensamento romântico voltam a aparecer, como a crítica à mecanização do mundo e à abstração racionalista, em especial na contraposição feita entre natural e artificial: “Em nome do natural, do orgânico, do vivo e do ‘dinâmico’, os românticos manifestam muitas vezes uma profunda hostilidade a tudo que é mecânico, artificial, construído” (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 61). Há um desejo de ruptura expresso pelo eu-lírico na figura de um raiar de sol, destruidor de “resistências fúteis-inúteis” e “defensores da tradição-incapazes de se adaptarem às novas realidades”. No trecho como um todo há também um implícito confronto com Brasília, uma vez que seu projeto fora a própria exaltação da abstração racional, técnica e funcional, sendo um símbolo da modernidade brasileira.

A poesia é fundada no sentido da visão, com trechos sensoriais e/ou sinestésicos tais como “Tantas imagens firmes foscas ingênuas e coloridas bruxuleando por todos os olhares dilatados em todas as mentes livres neste planeta distorcido” (GURGEL, 2011, p. 24). Esse trecho, em especial, me parece fazer alusão ao consumo de psicotrópicos tais como THC (cannabis) e LSD (ácido lisérgico), que possuem como um dos efeitos colaterais comuns de seu uso a dilatação das pupilas.

“Este é o mundo redondo em que vivemos, onde a água escorre pelas bordas espumantes, e onde as coisas de uns penetram nas de outros, sintoma de puro amor. Este é o mundo quadrado em que vivemos, esfera polida e agitada, torcida aficionada e poliéster, pleno de sede e realizações. Miséria, fome, este atraso cultural. Mas este é o mundo errado em que vivemos por descuido de nossos pais, enfim, certo pedaço do mundo está em nós e nossa mão atinge o mundo em alguma parte, bacanália, e a nós cabe modificar nosso pedaço. Mesmo que sejam só descuidos e lágrimas sobre o ponto. Pranto final”. (Ibid)

A imagem do enquadramento ideal (e artificial) da vontade e necessidade continua nessa segunda estrofe na contraposição entre um mundo redondo e outro quadrado. Se funda num conflito geracional: entre o mundo errado (quadrado) que foi herdado, “esfera polida e agitada”, em miséria, fome e atraso cultural, plena de sede e realizações; e o mundo certo (redondo), “onde a água escorre



pelas bordas espumantes, e onde as coisas de uns penetram nas de outros, sintoma de puro amor”, mundo esse aficionado e perdido pelo descuido dos pais. A frase “em que vivemos” aparece em ambos os mundos (redondo e quadrado), o que faz remeter de novo a estrutura romântica-utópica de um passado e/ou valor perdido que é recuperado e projetado para o futuro. Ao final conclama o fim do choro ou da tristeza e que cada um faça sua parte para mudar o seu pedaço.

“As árvores, as folhas e os galhos flexíveis distendendo-se pelo espaço, pelo ar, pelas pontas pontiagudas furando camadas superpostas do mesmo céu em avanços lentos leves levianos em marchas conquistas vitórias da matéria viva se perpetuando em renovados nascimentos mitoses, mas sobretudo as folhas verdes refletem nossa timidez clorofila como as flores difratam nossa vergonha nossa nudez e aqui e ali restos de sub seres vivos resistem ao fenomenal avanço de eternos imortais loucos como as folhas como os galhos rompendo com cascas de seus universos estáticos estáveis estratificados”. (Ibid)

Ao final a “matéria viva” flexível que simboliza essa nova liberdade “líquida”, distende-se pelo espaço da aridez do planalto, rompendo as “camadas e cascas” de seus “universos estáticos estáveis estratificados”, como os “eternos imortais loucos” que difratam restos de “sub seres vivos” resistentes. A analogia então entre uma planta e uma nova liberdade desemboca ao final na comparação com os loucos, e a loucura, também cultuados pelos românticos como ruptura derradeira com a razão socialmente instituída. Opondo-se à abstração racional da modernidade-industrial, a matriz romântica valoriza o amor como emoção pura, o impulso espontâneo irredutível ao cálculo, às intuições, premonições, instintos e sentimentos, ou seja, comportamentos não racionais ou não racionalizáveis (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 65). O desenho que acompanha o texto na página é a de um corpo sem pescoço e sem cabeça, com um rosto zangado no lugar do peito, observando o interior de uma cabeça que abre por cima como uma tampa. De olhos fechados, o rosto da cabeça parece estar triste ou moribundo<sup>22</sup>.

Miséria, fome, atraso cultural. Palavras fortes para o primeiro texto do periódico, num momento em que todo debate centrado nestes tópicos desaparecia e era proibido no Brasil propagandístico do “ame-o ou deixe-o” do governo Médici, onde a classe política civil é a menos influente e a censura e o sigilo, mais opressivos (CHIRIO, 2012, p. 165). A economia apresentava índices de crescimento expressivos e somou-se junto a propaganda ditatorial de um “Brasil Grande” no slogan do “milagre econômico”. No entanto, a política social era marcada pelo agravamento da concentração de renda, pela retração dos gastos com saúde e educação (LE MOS, 2014, p. 131). A exclusão social era silenciada pela propaganda, censura e sigilo.

A temática da miséria continua adiante na terceira página que começa com uma fotografia de

---

22 Ver anexo 3, p. 188

um menino em Brasília em seu canto superior esquerdo<sup>23</sup>. Ao lado da fotografia um texto dividido em quatro parágrafos descrevendo a cidade e o menino de maneira simbiótica:

Este é um menino chamado Flash, ele tem a idade da cidade ele... cresceu na velocidade da fuga, enquanto o planejamento urbano ia sendo soterrado pelos prédios e problemas.

Esta é a cidade de Flash Gordon, o corpo do menino é a arquitetura mais avançada que pode ser criada: ele abre os braços e se divide em Asa Sul e Asa Norte, sua cabeça abre os olhos do alto da Torre de TV, sua Asa Norte está semi-construída, sua Asa Sul brilha em Neón e Tráfego. Ele se multiplica em outros meninos em série, e vende amendoim na Rodoviária, perambula com fome entre os monumentos e dorme com frio no traçado arquitetônico, como uma figurinha barroca de sorriso enigmático.

Este menino aparece como um sonho, quando as pessoas passeiam bem vestidas em suas quadras, ele anda pela grama e observa e aprende tudo muito rapidamente.

Ele se chama Flash, tem onze anos e se materializa nas fraturas da cidade. (GURGEL, 2011, p. 25)

Embora o nome ou apelido do menino que aparece na foto seja Flash, “que apareceu na Tribo se oferecendo para engraxar e foi adotado como mascote pela rapaziada” (Ibid, p. 21), há uma explícita referência também ao personagem *Flash Gordon*<sup>24</sup> de revista em quadrinho de mesmo nome, e implícita referência a *Flash*<sup>25</sup>, super-herói cujo poder é uma velocidade sobre-humana. No texto, Flash, que “se multiplica em outros meninos em série”, é também uma analogia aos moradores de rua que perambulam com fome e dormem com frio “no traçado arquitetônico” e estão em fuga de um planejamento urbano que vai sendo “soterrado por prédios e problemas”, ou seja, um planejamento urbano voltado para a construção civil e acumulador de problemas tais como falta de moradia para as classes baixas e a segregação social. Aparecem como “um sonho”, ou seja, uma fantasia, uma incoerência, um planejamento sem nexos que se materializa na cidade, enquanto as pessoas bem vestidas passeiam em suas quadras.

Nas páginas seguintes, quarta e quinta, temos o *Ensaio Estético-Elétrico-Filosófico, ou Os infernos da realidade (A Estória em cubinhos)*, que, apesar de não ser assinado, tem autoria atribuída por Gurgel a Humberto Brasiliense Filho. É dividido em 12 partes: I) A quadratura do círculo, II) Como as calçadas saíram das ruas ou as cidades em quadrinhos, III) Como o “retângulo de ouro” virou medida monetária, IV) O cubismo é uma estória em quadrinhos num quadrinho só, V) A alquimia do quadrado, VI) A fábula mágica, VII) A fábula sexual, VIII) A fábula animal, IX) A fábula política, X) A fábula infantil, XI) A super-fábula, e por fim, XII) As estórias em quadrinho

---

23 Ver anexo 4, p. 189

24 Personagem de revista em quadrinhos de aventura e ficção científica originalmente criado pelo desenhista Alex Raymond em 1934. (FLASH GORDON, 2017)

25 Personagem de revista em quadrinhos de super-herói, originalmente criado pelo escritor Gardner Fox e pelo desenhista Harry Lampert em 1940. (FLASH (DC COMICS), 2017).

são cartas do cárcere. O ensaio nos é essencial, uma vez que articula e desenvolve melhor algumas das ideias previamente expressas no texto *Nova Liberdade*, e nos deixa vários rastros de algumas das leituras que influenciaram a matriz de pensamento contra cultural do jornal e dessa juventude da qual a *Tribo* se ligava.

Fica mais explícita no ensaio essa continuidade de tópicos e discussões que permeiam o romantismo, atravessam as vanguardas e desembocam nos movimentos de contracultura das décadas de 60 e 70. Segundo Löwy e Sayre (2015, p. 52-67), a oposição romântica à modernidade capitalista-industrial não é feita em seu conjunto como um todo, mas reage a certas características da modernidade que lhes são intoleráveis. A crítica dessa matriz de visão de mundo frequentemente desenvolve-se contra o *desencantamento do mundo*, a *quantificação do mundo*, a *mecanização do mundo*, a *abstração racionalista* e a *dissolução dos vínculos sociais*, tópicos que o autor atravessa ao longo do texto.

Há várias referências e menções a personagens, autores e obras ao longo da argumentação que vão de Romeu e Julieta a Última Ceia de Da Vinci, vanguardas artísticas do século XX, personagens do cinema e de histórias em quadrinhos, como Barbarella<sup>26</sup>, Mandrake e seu criador Lee Falk<sup>27</sup>, Tarzan e seu criador Bruce Hogarth<sup>28</sup>, Jules Feiffer<sup>29</sup>, Maurício de Sousa<sup>30</sup> e Mônica, Stan Lee<sup>31</sup> e Hulk, e por fim Thoreau<sup>32</sup>. O texto inicia fazendo uma contraposição entre a forma circular, apontada como forma natural da realidade e a forma quadrangular, apontada como forma artificial humana para enquadrar essa realidade.

A QUADRATURA DO CÍRCULO – A visão do homem é circular, a forma da pupila, a curva do horizonte, a própria forma natural da realidade. O homem mecânico, quando instala a produção industrial no seu inconsciente, dá a sua língua a forma de uma prensa mecânica, de um torno linguístico, o quadrado é um mosaico, é a forma escolástica ideal para se imprimir e imprensar os conceitos. Muito mais importante do que sintetizar torna-se analisar, fragmentar o espaço, furar o céu com espinhos góticos, abrir janelas, sacadas e balcões, o próprio amor só é possível através da janela. Romeu e Julieta nasceram de uma janela. A visão geométrica marca as ruas, o homem precisa de mapas para não se perder nas reminiscências do seu passado. (GURGEL, 2011, p. 26)

---

26 Personagem de quadrinhos de ficção científica de mesmo nome criado pelo escritor e ilustrador francês Jean-Claude Forest. A personagem Barbarella foi encarnada pela atriz americana Jane Fonda em filme franco-italiano de 1968 de mesmo nome dirigido pelo cineasta francês Roger Vadim. (BARBARELLA, 2017)

27 Leon Harrison Gross, conhecido pelo nome artístico de Lee Falk, escritor e quadrinista criador de personagens como *O Fantasma e Mandrake, o Mágico*. (LEE FALK, 2017)

28 Acredito que o autor quis dizer e faz referência a Burne Hogarth, educador, autor literário e ilustrador que desenhou as tiras de *Tarzan* para jornal por doze anos. (BURNE HOGARTH, 2017)

29 Jules Ralph Feiffer é um cartunista e autor de tiras satíricas em jornais estadunidenses como "*The Village Voice*" que lhe consagrou em 1986 um prêmio Pulitzer como cartunista editorial. (JULES FEIFFER, 2017)

30 Cartunista e empresário brasileiro, criador da história em quadrinhos e personagens de *A Turma da Mônica*. (MAURÍCIO DE SOUSA, 2017)

31 Stanley Martin Lieber, escritor e editor de quadrinhos, criador de personagens como: Homem-Aranha, Hulk, Quarteto Fantástico, X-Men, entre outros. (STAN LEE, 2017).

32 Henry David Thoreau, autor anarquista estadunidense mais conhecido pelos livros *Walden* e *Desobediência Civil*. (HENRY DAVID THOREAU, 2017)

A crítica da *mecanização do mundo* inclui também a da própria subjetividade humana e a limitação da espontaneidade e criatividade como fruto do processo educativo homogeneizante e industrial (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 62). Uma “escolástica ideal” que sujeita o ser humano e o conhecimento a sua lógica utilitária e totalizante.

Como alternativa a essa prensa de imprimir e imprimir conceitos e mecanizar a humanidade e o mundo, o autor aponta para a fragmentação do espaço: “furar o céu com espinhos góticos”, remetendo a ideia de transcendência em “abrir janelas, sacadas e balcões”. Aqui a figura da janela é introduzida na poética do texto, único meio pelo qual o amor é possível, numa referência a obra moderna que introduz essa temática do amor louco ou arquétipo do amor juvenil tão frequente na matriz romântica.

Em seguida, na segunda parte *Como as calçadas saíram das ruas ou as cidades em quadrinhos*, o autor discorre sobre as cidades que eram “indisciplinadas” e a pacificação do cidadão e depois do homem. Fala dos crimes cometidos nas ruelas estreitas e tortas, por vampiros de Dusseldorf<sup>33</sup>, que estripam a Revolução Industrial, escondidos em becos; o beco que é um quadrado aberto com uma só abertura para o lado da ordem estabelecida, sem ponto de fuga. Faz uma explícita alusão ao processo de planificação da cidade e da sociedade e às marginalidades (também planificadas) da cidade. O título dessa parte também faz uma alusão à Brasília, cidade em quadrinhos, ou seja, dividida em superquadras e quadras.

A matriz romântica critica a percepção burguesa do laço político enquanto um contrato matemático e utilitário de indivíduos proprietários e, também, denuncia o estado moderno como uma máquina cega, autônoma e esmagadora dos seres humanos (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 63). Por vezes a ideologia utilitarista e burguesa é personificada nas obras românticas<sup>34</sup>. Esse arquétipo da *quantificação e mecanização* do mundo que se personifica na figura do arquiteto neste trecho, donde o autor termina voltando ao jogo de analogias entre as formas:

---

33 M – O vampiro de Düsseldorf é um filme alemão de 1931 dirigido por Fritz Lang. O filme não faz qualquer alusão a vampiros ou Düsseldorf, sendo um erro ou uma escolha de tradução de M - Eine Stadt sucht einen Mörder (Uma cidade procura um assassino). A sinopse do filme é: Marginais de uma cidade alemã se unem para caçar um assassino de crianças procurado pela polícia. Capturado, ele é julgado por um tribunal de criminosos e acusado de ter quebrado a ética do submundo. É considerado um clássico do cinema expressionista alemão. (M – EINE STADT SUCHT EINEN MÖRDER, 2017)

34 "Em *Tempos difíceis*, o espírito frio e quantificador da era industrial é magnificamente personificado por um ideólogo utilitarista e membro do Parlamento, Mister Thomas Gradgrind (senhor “Triturador-sob-medida” é a tradução aproximada do nome...). Trata-se de um homem que tem “uma régua e uma balança, e a tabuada sempre no bolso” e está sempre “pronto para pesar e medir qualquer parcela da natureza humana, e dizer o resultado exato”. Para Gradgrind, tudo no universo é “mera questão de números, um caso simples de aritmética”, e ele administra com mão de ferro a educação das crianças, segundo o princípio salutar de que “aquilo que não se podia expressar em números, ou demonstrar que era comprável no mercado mais barato e vendável no mais caro, não existia e não deveria existir”. A filosofia de Gradgrind – a amarga e dura doutrina da economia política, do utilitarismo estrito e do *laissez-faire* clássico”. (Ibid, p. 59)

ou melhor, o ponto de fuga fica atrás do Cristo na organização geométrica da Última Ceia de Da Vinci, cidade de Milão. Os arquitetos armados de esquadros invadem as províncias e as cidades. A visão sacramental da realidade começa com o quadrado da janela, terminará com o visor da câmara fotográfica. Depois a heresia da lente grande angular, o ‘olho de Peixe’. (GURGEL, 2011, p. 26)

Há uma construção de significado diferenciando quadrados e janelas. Na primeira parte do ensaio a figura da janela é apontada como uma fragmentação no espaço e o que torna o amor possível, enquanto que agora aparece como um “ponto de fuga” da “ordem estabelecida”, por onde a “visão sacramental da realidade começa”, terminando com o visor (quadrado) da câmara fotográfica e na sua heresia o “olho de peixe”, a lente objetiva grande angular. Aqui temos mais uma ligação de significados entre essas duas primeiras partes no que diz respeito às formas: a quadratura do círculo (que dá nome à primeira parte) é um antigo problema geométrico impossível de se resolver que consiste em construir um quadrado com a mesma área de um círculo, servindo-se somente de régua e compasso; a lente objetiva grande angular, “olho de peixe” como é popularmente conhecida, tem como característica uma aparente distorção de perspectiva ao projetar um círculo de imagem maior que de uma objetiva comum, permitindo, digamos assim, uma captura “esférica” da imagem.

Essa temática das formas geométricas e da *quantificação* se prolonga nesse ensaio numa discussão em torno de estórias em quadrinhos, iniciada na terceira parte *Como o “Retângulo de Ouro” virou medida monetária*. O dinheiro, papel-moeda, é apontado como “a primeira estória em quadrinhos produzida em série como cultura de massa”, em que “tradições históricas do país, vultos trágicos ou heroicos passam de mão em mão, disseminando a forma do retângulo, a mensagem inconsciente de uma forma perfeita e sagrada” (Ibid). Essa caracterização do dinheiro e do cálculo enquanto uma religião moderna é frequente na matriz romântica, onde a quantificação mercantil é apontada como raiz das características negativas da modernidade tais como a dissolução de valores e laços humanos qualitativos<sup>35</sup>.

Na parte seguinte chamada de *O cubismo é uma estória em quadrinhos num quadrinho só*, o tema das vanguardas é debatido a partir do cubismo. Retomando esse apontamento da continuidade entre o romantismo e as vanguardas, segundo Octávio Paz, a vanguarda rompe com a tradição imediata do simbolismo, naturalismo e impressionismo dando continuidade à tradição da ruptura

---

35 "Ora, numerosos são os românticos que sentem intuitivamente que todas as características negativas da sociedade moderna – a religião do deus Dinheiro, que Carlyle chama de “mamonismo”, o declínio de todos os valores qualitativos, sociais, religiosos etc., a dissolução de todos os laços humanos qualitativos, a morte da imaginação e do romanesco, a aborrecida uniformização da vida, a relação puramente “utilitária” dos seres humanos entre si e com a natureza – decorrem desta fonte de corrupção: a quantificação mercantil. O envenenamento da vida social pelo dinheiro e o do ar pela fumaça industrial são entendidos por vários românticos como fenômenos paralelos, resultantes da mesma raiz perversa”. (LOWY; SAYRE, 2015, p. 58-59)

iniciada pelo romantismo. O que distingue os movimentos de vanguarda dos anteriores é uma exacerbação dessa tendência, um maior radicalismo das atitudes e dos programas que rapidamente se esgotam e se deparam com seus limites:

Ainda que a vanguarda abra novos caminhos, os artistas e poetas percorrem-nos com tal pressa que não demoram em chegar ao fim e tropeçar em um muro. Não resta outro recurso a não ser fazer uma nova transgressão: furar o muro, saltar para o abismo. Um novo obstáculo sucede a cada nova transgressão, e a cada obstáculo, outro salto. Sempre entre a espada e a parede, a vanguarda é uma intensificação da estética de mudança, inaugurada pelo romantismo. (PAZ, 1984, p. 145-146)

A parte em questão parece caracterizar o cubismo e situá-lo em meio a esses avanços e recuos das vanguardas. Ao mesmo tempo, o autor parece opor-se a sua tendência de buscar a “quadratura do círculo”, ou seja, o enquadramento, a sintetização da realidade, contrárias as suas aspirações de fragmentar e analisar o espaço:

O único caminho para quem não tem saída, é superpor as coisas, os fatos, tentando criar; superpor quantas realidades for possível, quando bastaria uma só; isso é o primeiro sintoma. O cubismo procura romper com suas suturas, ferir suas cicatrizes, achar a quadratura do círculo. Em quantos instantes ao mesmo tempo se pode capturar um fato, uma pessoa ou alguma coisa, e prendê-las à óleo numa tela. É um problema, uma tendência que se esgotou, historicamente fugiu de si mesma, o Impressionismo já havia dito, as casas não são só casas, a luz não é uma cor, poderia ter dito, nada disso é só isso; mas o cubismo veio. (GURGEL, 2011, p. 26)

Superpor quantas realidades for possível, romper as suturas, capturar os fatos e coisas e prendê-los numa tela. Tais são as características do *simultaneísmo*, poética originada no cubismo e futurismo (PAZ, 1984, p. 153). Na história da vanguarda, Octávio Paz marca o cubismo como o instante da razão: “Uma razão suspensa sobre o abismo, entre os *fauves* e os surrealistas” (Ibid, p. 173). A tendência se esgotou rapidamente com a ruptura do surrealismo, que destruiu as bases intelectualistas da poética cubista que concebia o quadro como um sistema de relações feitas de equivalências e oposições, voltando-se para as dimensões do inconsciente e do sonho como inspiração (Ibid, p. 161).

Na quinta parte do ensaio *A Alquimia do Quadrado*, mencionando a transformação do quadrado em múltiplas “formas e peixes” tornando-o um “caldobiológico” (sic), uma “fórmula mágica vinda da alquimia medieval”, por onde “vivem e revivem nele todas as possibilidades” em que “o que a forma limita o conteúdo arrebenta”, o autor parece falar do próprio ato de escrever onde “a página se retorce e grita, a palavra imita a figura” (GURGEL, 2011, p. 26). Faz também uma correlação entre magia e escrita a partir dessa referência a alquimia medieval. Com efeito:

os surrealistas inspiram-se na alquimia, no ocultismo, na cabala, na magia, na astrologia, nas chamadas artes primitivas da Oceania, da África ou da América. Todas as suas atividades visarão ultrapassar os limites da “arte” – como atividade separada, institucionalizada, ornamental – para engajar-se na aventura ilimitada do reencantamento do mundo. (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 200)

Essa influência de tudo o que se convencionou a chamar de esoterismo ou ocultismo sempre esteve próxima do romantismo e da poesia moderna e das aspirações de reencantamento do mundo e união de vida e arte. Se funda na crença da correspondência universal, a correspondência entre todos os seres e mundos, que Otávio Paz chama de *analogia*, uma crença comum em meio a essa diversidade de sistemas poéticos que atravessa a matriz romântica (ou a tradição da ruptura) (PAZ, 1984, p. 79).

Há uma longa continuidade da crença na correspondência dos seres e mundos, que remonta à antiguidade e desemboca nos dias de hoje, perpetuando-se como uma contracorrente às matrizes lineares e progressivas do pensamento ocidental. Não por acaso essa crença foi mais fértil entre poetas e “místicos” que filósofos e religiosos. A grande descoberta desta correspondência para os poetas modernos está na correspondência que se faz entre o universo e o poema, e a consciência da própria interrupção/mortalidade, denominada *ironia*:

Se a analogia faz do universo um poema, um texto feito de oposições que se resolvem em consonâncias também faz do poema um dobre do universo. Dupla consequência: podemos ler o universo, podemos viver o poema. No primeiro, a poesia é conhecimento; no segundo, ação. De outro modo limita-se – mas somente para contradizê-las – com a filosofia e com a religião. A imagem poética configura uma realidade rival da visão do revolucionário e da visão do religioso. A poesia é a outra coerência, não constituída de razões, mas de ritmos. Não obstante, há um momento em que se rompe à correspondência; há uma dissonância que se chama, no poema, ironia e, na vida, mortalidade. A poesia moderna é a consciência dessa dissonância *dentro* da analogia. (Ibid, p. 79-80)

Correspondência e conjunção, dissonância e interrupção. Outra coerência rítmica e mais antiga que a razão. A antiguidade da analogia se explica por essa tornar o mundo habitável através da palavra “como”, opondo a regularidade à contingência natural e acidental e reconciliando diferenças e oposições (Ibid, p. 93). Voltando ao que resta da quinta parte, é precisamente uma correspondência entre estórias em quadrinhos (poema) e a realidade que moldam e trazem uma unidade para o fragmentado ensaio:

A origem voltou ao fim? Os homens se transformaram em ‘COMICS’, ‘FUMETTI’? Não interessa saber, a consciência nunca precedeu a existência. Talvez a evolução sempre comece no vazio, bastando que se limite um espaço, fatalmente ele voltará à vida, a sua configuração original. Como um quadrinho por exemplo. (GURGEL, 2011, p. 26)

Partindo da síntese existencialista sartreana (a existência precede a essência), enunciada ao

contrário e em negação, o autor volta-se para o vazio e a existência, numa comparação com quadrinhos. O existencialismo como uma filosofia humanista, baseia-se na negação da ideia de uma natureza humana essencial e na afirmação da liberdade e agência humana. A condição humana define-se única e exclusivamente por sua qualidade de não ser, mas sim existir, isto é, sua essência é aquilo que o indivíduo faz dela ao longo de sua existência (MARQUES, 1998, p. 77). A existência, para o autor, é como uma história em quadrinho, vazia em sua origem como uma folha em branco e onde se escreve uma história, uma essência.

Há uma quebra no ritmo do texto que é introduzida pelas interrogações do autor (as primeiras no ensaio). Até aqui, entendo essas cinco primeiras partes do ensaio como constituindo um primeiro momento do texto. Talvez, por isso, o texto tenha dois títulos. Nesse primeiro momento, o autor divaga e reflete livremente a respeito das formas geométricas, industrialização e inconsciente coletivo, janelas e pontos de fuga “da ordem estabelecida”, o processo de monetarização e nacionalização das pessoas, a sobreposição e criação de fatos por meio do Cubismo, o ato de criação, consciência e existência.

As partes que se seguem, com exceção da última, são pequenas fábulas criadas em cima de personagens de quadrinhos e seus criadores, sempre formuladas a partir das características dos personagens em cada fábula. O elo evidente entre as partes denominadas de fábulas são os quadrinhos e a estrutura de fábula que começa com uma narrativa apresentando os personagens e termina com a “moral da estória”, em geral, uma reflexão sobre a realidade, o futuro ou bem e mal. Dando continuação com as correspondências entre quadrinhos e a realidade, as fábulas brincam com essa própria analogia ao mesmo tempo em que busca fazer enunciações, dizer “verdades”.

Na sexta parte, *A fábula mágica*, temos como personagens principais Lee Falk e seu personagem Mandrake: “Ele usa uma capa preta e tem como arma, a dúvida que os maus carregam de que a realidade seja isso mesmo de eles estão vendo. Mandrake gesticula e aparecem flores nos canos dos revólveres, as espadas viram cobras, os bandidos se enterram no chão e ele fica enorme”. O conflito: “Um dia Mandrake encontrou um bandido também mágico, igual a ele. Os dois projetaram um ao outro, nos lugares e situações mais absurdas. Venceu quem tinha mais certeza do que sabia, quem vivia da realidade mais verdadeira”. Por fim, a moral da estória: “Lee Falk acha que é sempre assim, entre Bem e o Mal, criando e destruindo realidades. Lee Falk mora numa cidade em quadrinhos, Mandrake num universo. Quem está mais integrado?” (GURGEL, 2011, p. 26).

A moral da estória parece fazer três enunciados diferentes, porém interligados. O primeiro, de que realidades são criadas e destruídas. O segundo, de que é sempre assim entre “Bem e o Mal”, ou seja, entre duas oposições que criam e destroem essas realidades. Por fim, de maneira implícita,



de que a própria definição do que é “bem e mal” nesse dualismo também entra nesse jogo de criação e destruição, são constructos. Segundo Capellari:

A realidade, tal como concebida pelo senso comum, mas também pelas esferas religiosa e científica é, segundo a contracultura, um *construto* cultural, isto é, o produto da sublimação. Por seu intermédio, da primeira cisão entre sujeito e o objeto seguiram-se outras: entre faculdades superiores e inferiores, entre mente e corpo, entre “eu” e mundo, entre criador e criatura, entre homem e natureza, entre dominadores e dominados e assim por diante. O dualismo não é, assim, uma construção do pensamento erudito, quer teológico ou filosófico, nem é, muito menos, mero produto da Revolução Científica e do Iluminismo. O pensamento erudito – a *high culture* – e o pensamento popular são, para o *underground*, igualmente refêns da trágica cisão elementar, cujo palco é o psiquismo humano. (CAPELLARI, 2007, p. 124)

Para a contracultura o dualismo ontológico, tradição herdada e consolidada pelo pensamento ocidental, é fruto de uma própria cisão elementar do psiquismo humano, a oposição entre sujeito e objeto. Essa cisão traria a gênese de todas as outras hierarquias e também os jogos de criação e destruição da realidade por “bem e mal” do qual fala o autor. Ou seja, uma dualidade maniqueísta, criadora e destruidora de realidades; como a Guerra Fria, por exemplo. A ideia de revolução e utopia para a contracultura busca a superação da tragédia humana elementar, das hierarquias e oposições e do maniqueísmo criador e destruidor de realidades.

Em seguida, em *A fábula sexual*, a personagem principal é Barbarella, que vive no ano 3000, numa cultura que resolveu todos seus problemas biológicos, em que o sexo não tem nenhum sentido moral ou imoral: “Barbarella envolve-se em aventuras de toda espécie, com o Bem e o Mal sexuais, ela sempre enfrenta tudo intuitivamente”, às vezes se deparando com “bandidos intergalácticos” que “tem uma moral muito parecida com a do século XX” que existem no universo. Por fim, a reflexão: “Barbarella certa vez encontrou um anjo e eles fizeram amor. Ela é o sexo que se transcende, que precisa de tudo e de nada, sem urgência. Barbarella ama no espaço infinito em quadrinhos” (GURGEL, 2011, p. 27).

Do trecho se depreende que o “sexo que se transcende”, isto é, que é superior, é aquele que precisa de tudo e de nada sem urgência e não tem qualquer sentido de moral ou imoral, sendo esses atrasos (porque são problemas, sejam de necessidade ou moralidade) de “bandidos intergalácticos” e do século XX. Há uma relação desse trecho com a ideia de *revolução sexual*. Segundo Maciel:

A repressão sexual é um processo intelectual. É o pensamento interferindo no sexo e tentando regulá-lo. É o pensamento procurando dizer quando o sexo é bom, quando o sexo é mau. Quer dizer: o pensamento querendo dizer quando o sexo é lícito, quando é ilícito, como dizem os Hare Krishna. É uma intervenção doentia porque, no momento em que se verifica o que deveria ser uma função natural, se manifesta quando fosse espontâneo e se recolher e deixar espaço para que outras funções do ser humano se manifestem, ele é distorcido, reprimido, tornando-se descontrolado. O sexo do homem de nossa sociedade ficou

desequilibrado, doentio, em virtude da intervenção do pensamento.

[...]

Como todas as outras liberações, a liberação sexual depende de uma transformação total do ser. É uma ioga, uma coisa que pode ser atingida pelos métodos de meditação e que tem que transformar o seu corpo e o seu nível de consciência. Eu não sei qual é o primeiro, porque provavelmente é uma transformação simultânea. É uma transformação através do qual você não contrapõe uma ideia sobre o sexo a outra ideia sobre o sexo. Você supera a questão sexual. Supera no sentido de que o sexo deixa de ser um problema a ser pensado, a ser refletido, a ser resolvido, a ser deliberado. O sexo passa a ser uma manifestação da vida que flui espontaneamente. E que você vive obedecendo, exclusivamente, a sua intuição e não a nenhuma deliberação pensada. (MACIEL, 1981, p. 42-43)

A liberação sexual seria assim uma transformação simultânea de corpo e consciência que superaria a questão sexual enquanto um problema a ser resolvido, pensado e deliberado, por vezes revestindo o sexo de “pecado, de complicação, de sujeira e de todas as minhocas mentais possíveis” (Ibid, p. 42). Encarado como uma manifestação espontânea da vida regulada pela intuição, o sexo se liberta na medida em que deixa de obedecer a uma deliberação pensada, num processo simultâneo de dissolução de ego e desconcentração genital da libido:

Quanto mais forte é o ego, mais a libido se concentra no centro genital. Na medida em que você consegue dissolver o ego, a energia libidinal começa a se espalhar pelo corpo todo. Começa a erotizar o corpo todo... quer dizer, a energia libidinal deve se espalhar pelo corpo inteiro para você sentir prazer de estar vivo. Sentir prazer em cheirar, ver, ouvir, em simplesmente estar com todos os seus sentidos despertos. (Ibid, p. 39)

A libertação sexual busca assim espalhar a energia da libido pelo corpo inteiro de forma que o prazer do sexo se espalharia e recuperaria o próprio prazer de viver. Talvez assim “Barbarella certa vez encontrou um anjo e eles fizeram amor” (GURGEL, 2011, p. 27), uma vez que anjos, de acordo com o senso comum, não tem sexo e nem genitais.

Em *A fábula animal* temos Tarzan, “um selvagem” e Bruce Hogarth, “um poeta”, como personagens principais unidos “pela floresta em que vivem”. Após a descrição de como as onomatopeias “saltam” dos quadrinhos quando Tarzan abate um animal ao contrário das cidades onde “há um silêncio profundo e se esconde o cadáver”, ou sobre seu belo corpo perfeitamente desenhado e a magnífica floresta que lembra um aglomerado de arranha-céus, enuncia: “Tarzan não tem caminhos, anda pelo alto das árvores e às vezes salva exploradores perdidos na selva, ameaçados por animais ferozes e canibais; talvez Tarzan salvasse Bruce Hogarth, mas os dois nunca se encontraram, viviam realidades iguais em dimensões diferentes” (Ibid).

Há uma correspondência feita entre a figura do “selvagem” e a do “poeta”. Do que possivelmente Bruce Hogarth precisaria ser salvo? Talvez da floresta em que vive? Dos animais ferozes e canibais da cidade? Com efeito:

Os românticos sentem dolorosamente a alienação das relações humanas, a destruição das antigas formas “orgânicas” e comunitárias da vida social, o isolamento do indivíduo em seu eu egoísta – que constituem uma dimensão importante da civilização capitalista, cujo centro principal é a cidade. O Saint-Preux de *A nova Heloísa*, de Rousseau, é apenas o primeiro de uma longa lista de heróis românticos que se sentem sós, incompreendidos, incapazes de se comunicar de maneira significativa com seus semelhantes, e isso no próprio centro da vida social moderna, no “deserto da cidade”.

[...]

Essa temática tem um papel fundamental no pensamento também. Um elemento primordial do existencialismo é a angústia do indivíduo enclausurado em sua existência e sua própria morte. (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 66-67)

Esse mesmo tema da solidão e da *dissolução dos vínculos sociais* que encontramos em meio a analogia, onde a floresta de arranha-céus das cidades é imersa em silêncio e o onde o cadáver, ou seja, o morto se esconde (e não descansa) da sua própria existência. O desejo de recuperar formas mais comunitárias ou orgânicas perdidas, de romper a “floresta da solidão” das cidades, de reintegração com a natureza e reencantamento do mundo por vezes é acompanhado de um bucolismo, retorno à natureza e/ou campo e às formas mais tradicionais de vida como alternativa à vida nas cidades e na sociedade burguesa:

Mas pode-se escolher também fugir da sociedade burguesa, trocando as cidades pelo campo e os países “modernos” pelos países “exóticos”, deixando os centros do desenvolvimento capitalista para ir a qualquer “outro lugar” que conserve no presente um passado primitivo. O caminho do exotismo é uma busca do passado no presente por meio de um simples deslocamento no espaço. (Ibid, p. 46)

O contraste no trecho, entre vida e morte, cidade e campo, solidão e interação se totaliza na contraposição entre Tarzan, um “selvagem”, que habita florestas, não tem caminhos, até mesmo um poeta soltando livremente “gritos de guerra e terríveis onomatopeias” (GURGEL, 2011, p. 27); e Bruce Hogarth, um “poeta”, um cadáver que se esconde na cidade, um selvagem preso e domesticado nos quadrinhos das cidades imersas em silêncio. Talvez Tarzan salvasse Bruce, seu criador, mas “os dois nunca se encontraram, viviam realidades iguais em dimensões diferentes” (Ibid): a da onomatopeica utopia selvagem do poeta, e a do silencioso enclausuramento do selvagem e do poeta nas cidades.

Em seguida temos *A fábula política*, onde Jules Feiffer e suas personagens são os personagens principais. Um de seus quadrinhos abre o ensaio, posicionado no primeiro quadrante da página 4 do jornal<sup>36</sup>.

A FÁBULA POLÍTICA – Jules Feiffer tem muitas personagens, elas não precisam de um quadrinho a sua volta, porque o quadrinho está dentro delas, elas são tristes e impassíveis; sempre tem o que pensam ou falam, pesando em cima de sua cabeça; sem “balloon” nem

---

36 Ver anexo 5, p. 190

nada. Elas falam quase sempre olhando para frente, para o leitor, e não parecem convictas, como se quisessem testar a convicção política de quem lê. Elas pensam contra a tecnologia, contra o fascismo, contra a opressão; mas quando falam, falam do fascismo, da tecnologia e da opressão. Cada personagem é uma grande “Maioria Silenciosa”, repetindo várias vezes, sozinho dentro da página (Ibid).

O termo “Maioria Silenciosa” foi utilizado pelo ex-presidente dos Estados Unidos Richard Nixon em 1969 para referir-se virtualmente a todos aqueles que não se juntaram às manifestações contra a Guerra do Vietnã, à contracultura e ao debate político em geral; ao qual, segundo ele – em contraste com a visível minoria que se manifestava – estariam em seu apoio (GOFFMAN; JOY, 2007, p. 330). No trecho em questão, o autor fala dessa larga massa que não se manifesta e, repetindo-se sozinhas em seu silêncio, falam “do fascismo, da tecnologia e da opressão” (GURGEL, 2011, p. 27).

Em *A fábula infantil*, Maurício de Souza e suas filhas aparecem como uma referência e Mônica é a personagem principal, que “está para os fatores, como quem altera o produto. Tenra no fundo, agressiva no futuro”. A reflexão:

Os adultos não interferem em nada significativo, realmente ao nível da simbologia infantil; só se pode crescer sozinho, descobrir tudo só, surpreender-se só, Mônica divide-se entre o fantástico e o absurdo, à altura da percepção pura dos que veem tudo pela primeira vez, e recriam o mundo a cada descoberta. (Ibid)

Além das aspirações de reencantamento do mundo, reencontro com a natureza, coletivismo nas relações sociais, há uma busca de um estado mais primitivo da psique e das relações humanas nessa matriz de pensamento. Por vezes se cultua uma ideia de “bom selvagem” representado não só pela ideia do primitivo, do selvagem, ou das sociedades mais tradicionais orgânicas; mas também pelo culto à infância: “Enfim, pode-se procurar o ideal na esfera da infância, esperando encontrar preservados nas crianças os valores que permeavam a sociedade adulta em um estado mais primitivo da humanidade – sua ‘infância’, como se diz” (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 46).

Segundo Maciel: “Uma maneira mais primitiva de viver, mais direta de viver e aprender as coisas, uma maneira mais espontânea, mais imediata, sem mediações complicadas, uma maneira mais infantil e mais verdadeira” (MACIEL, 1981, p. 78). Deslumbramento, espontaneidade e iniciativa são ideais projetados na infância que, dividida entre o “fantástico e o absurdo” recria “o mundo a cada descoberta”(GURGEL, 2011, p. 27).

Por fim, em *A super-fábula*, temos como personagens principais Stan Lee, o “Grão-Mestre da Ordem dos Monstros e Super-Seres Tecnológicos”, e Hulk, “brilhante físico nuclear, por uma lamentável falha técnica, se expõe a uma dose excessiva de raios gama durante um experimento atômico, e transforma-se no incrível Hulk, um monstro verde, indestrutível e primitivo” (Ibid). O

conflito e reflexão:

Incompreendido por todos, o filho da tecnologia é perseguido e ameaçado com mísseis; Hulk não sabe que é o homem do futuro, que está uma geração na frente. Em alguns raros momentos, Hulk volta à forma do Dr. Bruce Banner, e com seu gênio criativo, procura um modo de inverter definitivamente o seu processo de mutação; mas os desenhistas chefiados por Stan Lee são seus piores inimigos, e nunca deixam-no voltar à forma humana. E assim brinca e se diverte a sociedade tecnológica, com o futuro. Ninguém perde nem ganha, por esperar. (Ibid)

Após a Segunda Guerra Mundial, com a detonação das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki e o terror da possibilidade de um embate nuclear entre Estados Unidos e União Soviética (HOBSBAWM, 1995, p. 227), há uma virada no teor da literatura de ficção científica com relação às projeções do futuro. Passam a ser mais negativas e críticas com o desenvolvimento tecnológico, prevendo um desastre e/ou degradação ecológica, por vezes, um próprio apocalipse nuclear ou destruição final do mundo (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 190). A crítica e a negatividade, presente nas literaturas de ficção científica, acompanharam as histórias em quadrinhos onde a partir de 1960, em meio à transição para a Era de Bronze das histórias em quadrinhos<sup>37</sup>, os heróis passam a serem frutos de um desastre tecnológico e, por vezes, caçados pela sociedade que os criou, como por exemplo, Hulk.

Para o autor da fábula, Hulk encarna o ideal do “homem do futuro, que está uma geração na frente”, sendo “verde, indestrutível e primitivo”, ou seja, espontâneo e deslumbrado, cheio de potencialidade; é “perseguido e ameaçado com mísseis” pela sociedade tecnológica que lhe criou, que brinca e “se diverte” (GURGEL, 2011, p. 27) com o futuro. Além da crítica apocalíptica, dos desastres e “acidentes” da sociedade tecnológica, no trecho vemos novamente a estrutura romântica-utópica que *instaura* o futuro da próxima geração pautado numa ideia de primitivo, não através de uma mera restauração do passado, mas como uma própria contradição da sociedade tecnológica e uma condição para a continuidade das sociedades humanas, que tomam o curso da autodestruição.

Na última parte do ensaio, *As histórias em quadrinho são cartas do cárcere*, o autor inicia como uma fábula, mas termina com síntese em cima de temas que discorreu ao longo do ensaio. Janelas e brechas ao sistema, amor, liberdade e histórias em quadrinho fazem a costura entre as partes:

---

37 Não apenas a crítica com a tecnologia e seus desastres, mas há também a humanização dos heróis, onde questões da vida humana tais como relações afetivas e sexualidade, exploração do trabalho, uso de drogas, racismo e segregação passam a ser abordadas, tornando mais adulta a estética dos super-heróis que haviam sido resgatadas na Era de Prata. Os X-Men, por exemplo, foram parcialmente baseados nos movimentos de minorias emergentes na década de 1960. Em 1972 a Marvel cria Luke Cage, primeiro super-herói afrodescendente a ser protagonista de um quadrinho próprio de mesmo nome. (BRONZE AGE OF COMIC BOOKS, 2017)

Thoreau foi um dos primeiros anarquistas americanos, um dia ele foi preso por não pagar impostos, ele dizia que o melhor governo é aquele que menos governa; na prisão ele descobriu que era livre porque estava preso, e estava preso porque era livre. Thoreau sentiu-se perfeitamente à vontade para escrever e enviava sua liberdade de dentro para fora da prisão. As histórias em quadrinho saem com a forma das janelinhas da prisão. O que sai da prisão pode vir tanto do carcereiro como do prisioneiro. Existem muitas fraturas e brechas no sistema, por onde se pode tirar cubos, venenos, toda forma de produção ainda livre. Cada liberdade pode vir a ser a última. O amor, a última liberdade emocional. Nas veias do sistema correm tóxicos em quadrinhos, provocam alucinações do Bem e do Mal, levam diretamente aos olhos um recorte da verdade e da estética de nossa época. (Ibid)

A referência a Thoreau para essa matriz de pensamento se faz em dois sentidos complementares. Primeiro, em seu lado transcendentalista<sup>38</sup>, no retorno à natureza, culto à vida simples, à amizade. O retorno à natureza não seria apenas uma fuga da sociedade capitalista industrial, mas um ponto de partida para reflexão e crítica:

Para Thoreau, a natureza não era simplesmente um lugar agradável para fugir da vida. Ela era um local de onde criticá-la e lamentar. Em uma de suas meditações sobre a natureza, *A Week on the Concord and Merrimack Rivers*, ele elegantemente apresentou o contraste entre a vida natural e a vida social: “Alguns homens são juízes nestes dias de agosto, sentados em bancos (...) entre as estações e entre as refeições, conduzindo uma vida civil política, arbitrando (...) do meio dia até que vésper mergulha no oeste. O pescador, contudo, fica de pé em três pés de água, sob o mesmo sol de verão, arbitrando (...) entre gusano de esterco e peixe, em meio à fragrância de nenúfares, hortelã e pontedéria. (...) Para ele a vida humana é muito parecida com um rio”. (GOFFMAN; JOY, 2007, p. 205)

Segundo, em seu lado anarquista, particularmente no escrito de *A desobediência civil* de 1849. Thoreau foi preso em 1846 porque recusou pagar seus impostos dos quatro anos anteriores. Para além de ignorar a autoridade do Estado, sua recusa decorria de posicionar-se contra a instituição da escravidão e a guerra contra o México, o qual iria contribuir caso pagasse seus impostos, entrando em contradição com seu posicionamento e atuação enquanto ativista abolicionista<sup>39</sup>. Três anos mais tarde escreveu o ensaio *Resistance to Civil Government* motivado em parte pela argumentação de sua recusa e prisão. Publicado no periódico transcendentalista *Aesthetic Papers*, o ensaio posteriormente difundir-se-ia sob o título de *A desobediência civil*, influenciando

38 "O transcendentalismo iria se tornar uma filosofia influente e muito discutida em meados do século XIX, acrescentando seu próprio sabor característico ao que iria se transformar em um período de tumulto radical nos Estados Unidos que acabaria culminando na Guerra Civil... Por mais que eles possam ter parecido uma conspiração de aberrações para alguns vizinhos de Emerson em Concord, Massachusetts, na metade da década de 1830, os transcendentalistas realmente eram apenas um pequeno círculo de amigos, que se ampliava. Mas como eles valorizavam tanto a amizade, e como eles sentiam compelidos a viver de acordo com seus valores, os transcendentalistas logo iriam se transformar em uma contracultura identificável, mesmo no sentido dos anos 1960, que tinha inclusive periódicos alternativos e comunas". (GOFFMAN; JOY, 2007, p. 192)

39 Além de seus escritos abolicionistas como *Slavery in Massachusetts* (1854), vale a pena lembrar sua participação na Underground Railroad, uma rede de rotas secretas e casas seguras utilizada por afro americanos escravizados em fuga para o Canadá. (HENRY DAVID THOREAU, 2017)

diversos ativistas tais como Martin Luther King e Mahatma Gandhi (GOFFMAN; JOY, 2007, p. 212-213).

Recusa antiautoritária e retorno ao natural – aqui entendido em seus múltiplos sentidos, do contato à natureza, ao psiquismo primitivo humano, espontaneidade e pulsão de viver e de fazer – marcam a utopia romântico-revolucionária da contracultura; donde o sentido de revolução é invertido, tendo como ponto de partida o próprio indivíduo. Uma revolução interna, nos subterrâneos das “fraturas e brechas no sistema, por onde se pode tirar cubos, venenos, toda forma de produção ainda livre” (GURGEL, 2011, p. 27), que acompanharia (ou desencadearia) uma revolução social:

Romper a rede, assim, é romper as estruturas sociais pelo rompimento da dominação simbólica, cultural; coisa só possível a partir do indivíduo, pois é nele que o nó da servidão voluntária foi emendado pelo processo educativo. O palco, pois, da revolução proposta pela contracultura é o interior do ser humano: só quando ele se der conta de sua condição servil, dos condicionamentos que o impedem de ver o real em sua fluidez natural e, por conseguinte, quando ele *despertar*, a transformação social decorrerá inevitável.

A sua utopia, pois, não será o resultado das batalhas secularmente travadas entre seres humanos; pelo contrário, a própria ideia de batalha, que não é senão a de dualidade levada às suas consequências lógicas é negada pela contracultura, porquanto considerada como parte do processo cultural dominante. A utopia contracultural inverte, pois, a noção de revolução, não por divisá-la no passado, mas por entendê-la como resultante da harmonização entre os opostos e a partir do próprio sujeito: harmonização que, ao libertá-lo de seus demônios interiores, liberta-o também dos mecanismos de compensação, como o consumo e, é claro, de seu corolário, a labuta sem fim, a acumulação, a luta por poder, a exploração, etc. (CAPELLARI, 2007, p. 229-230)

A utopia para a contracultura parte do rompimento com a sociedade e com suas malhas de dominação simbólica e cultural. Furar o quadrado, ou seja, o enquadramento, a normatização que a “forma escolástica ideal” impõe com o processo educativo totalizante e instaurador de uma subjetividade produtiva e submissa aos mecanismos de compensação e trabalho. Transformar o quadrado em “janela”, o único meio pelo qual o amor, a “última liberdade emocional”, “é possível”. A “janela” é também o meio pelo qual o espaço se fragmenta, criando margens, ruelas, fraturas e brechas, ou seja, alternativas às “alucinações do Bem e do Mal” (GURGEL, 2011, p. 26, 27) e a dinâmica da guerra e da tecnocracia. Construir uma vida e sociedade alternativa através de um *drop out*<sup>40</sup> da sociedade burguesa capitalista industrial.

As páginas sexta e sétima do jornal são um mural coletivo com quadrinhos, desenhos,

---

40 “Eram os hippies e simpatizantes que, ao aderirem ao drop out no aqui e agora, procuravam cair fora do Sistema, pela recusa em participar como mais uma peça necessária ao funcionamento de suas engrenagens”. Para estrangeiros ou brasileiros, a revolução, nesses termos, não consistia jamais na tomada do Estado, mas na implantação, nos interstícios da realidade dominante, de formas alternativas de vida. À família burguesa, núcleo básico da reprodução cultural, isto é, da neurose individual e coletiva, a contracultura propôs a vida em comunidade, inserindo “um modelo da sociedade do futuro no próprio corpo enfermo da sociedade vigente”. (CAPELLARI, 2007, p. 49)

recados, poemas, alguns anúncios, quase todos assinados, alguns tipografados outros feitos à mão. No canto superior esquerdo da sexta página um pequeno texto tipografado *Procura-se*: “um amigo, uma amiga, ou alguém, que seja legal. Quem se achar competente para cumprir os requisitos acima, abraça, beija, faça, brinque, cante, ama a primeira pessoa que encontrar na rua, por favor, tá” assinado por Colleti. Ao lado desse texto um quadrinho e embaixo um anúncio de bolsas, ambos desenhados à mão. Abaixo do anúncio temos o texto “Nós queremos viver assim”, escrito à mão e assinado por Luiz Claudio:

Nós queremos viver de uma maneira muito simples; / Sem conflitos, sem neuroses, sem preocupação; / Nós queremos um apartamento, / provido dos recursos básicos de sobrevivência, / onde um grupo de irmãozinhos possa transar / a vida em brancas e azuis nuvens. / Nós queremos tudo livre e repartido / tudo solto e compreendido. / Nós queremos trabalhar juntos, / pelos nossos ideais e pela nossa sobrevivência, / curtindo nosso som. / *(escrito ao lado, mas indicado entre esses versos)* Nós queremos nosso pequeno comunismo interno, nossa consciência de grupo e nossa consciência individual / Nós queremos uma tribo onde todos se super-conheçam / e se amem adoidado (GURGEL, 2011, p. 28)

Ao lado, o texto *Fotossíntese* assinado por “Raphaphipha”, uma prosa poética sobre o ato de fotografar, em que o narrador em “busca de um ângulo que melhor fotografe minha posição na realidade” (Ibid) reflete sobre a captura da imagem. Um texto bem sensorial que fala de luzes, cores e formas, não deixa de trazer um teor de revolta, também no segundo parágrafo:

Boca fechada, em sigilo; olhos abertos, em delírio; mão fechada, em revolta; uma sequência que diga a co-relação de um estado de espírito e matéria, sem, sem a estética das convenções. Com o diafragma da sensibilidade todo aberto para as formas, desfocando o focado e velando o revelado para conseguir o negativo do invisível na velocidade da luz. (Ibid)

E, ao seu lado, um texto sobre o 15º Festival Internacional de São Francisco, assinado por “Kuka”. O festival, segundo o texto, passam filmes à meia-noite que certamente “nunca vamos assistir”, e em seguida enuncia alguns possíveis lançamentos “dependendo de nossos exibidores e da censura”. Ao final do texto, faz uma propaganda da câmera super-8 e uma sugestão:

Se você tem uma máquina super-8 em casa, ou se conhece alguém que tem, descole um dinheirinho e mete bronca. O filme não é tão caro (por volta de 50 pedros, colorido e com a revelação incluída) e é o maior barato você sair por aí filmando, descobrindo quebradas maravilhosas ou mesmo o dia a dia da gente aqui na cidade. (Ibid)

Ao final da sexta página, na parte de baixo, pequenos desenhos e um quadrinho apenas de balões: “Todos são iguais perante a lei / *(risadas)* / Apesar das constituições é claro!”. No canto superior esquerdo da sétima página, um texto dividido em quatro parágrafos, assinado por Murilo.



Desperto do mundo irreal, com os pés na terra material, com os pés na vida sentida; A flor, o som, o lugar, o mundo, enfim a vida, nos leva e nos traz a um ponto o qual todos nós desejamos alcançar. / Não lute em vão, lute com a razão, com ‘si’. / A vida é para viver aberta, não se ‘enrusta’, ponha para fora todo o seu ser, toda a sua luz, isto levar-te-á a uma felicidade sua, que contaminará todas as pessoas ao redor levando-as para uma felicidade comum. / Conheça a si mesmo, e conhecerá toda a complexidade da vida, que só você a torna complexa, pois ela está aí dentro de seu ser. Não procure a resolução de si longe demais, porque ela está perto do que você pensa. (Ibid, p. 29)

Embaixo do texto de Murilo, uma citação de Shakespeare: “Ó maravilha / que adoráveis criaturas aqui / Estão / Como é belo o gênero humano / Ó admirável mundo novo que possui gente assim!”<sup>41</sup> (Ibid). Longe de ser qualquer citação, ela dá nome ao romance distópico *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley, ficção científica de 1932 que narra um mundo onde as pessoas são pré-condicionadas para viverem em harmonia numa sociedade dividida em castas, um Estado Global que anulou e substituiu as instituições religiosas, educacionais e familiares com o culto à razão e a ciência (e em particular Freud e Ford).

Também vemos surgir (em um contexto muito diferente) a ideia de que as duas formas de modernidade, apesar das aparentes diferenças atuais, tendem para um futuro semelhante, que seria a expressão exacerbada de todos os traços negativos da civilização industrial. Reconhecemos aqui a inspiração de várias grandes “distopias” literárias do século XX: *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley (1932) – uma sociedade cujo Deus é o fundador da indústria automobilística moderna (“Our Ford”) - e *1984*, de George Orwell (1948). (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 193)

Logo em seguida à citação, um texto com tom de recado:

Aí rapaziada, estamos em Aquarius, temos John Lennon dizendo que fundamentalmente nada mudou; a ‘Fome’, as guerras, etc. ainda arrasam o mundo. / Fala-se de uma volta a realidade, mas ‘O QUE HÁ DE MAIS ADMIRÁVEL NO FANTÁSTICO É QUE O FANTÁSTICO NÃO EXISTE: TUDO É REAL’. (André Breton). **Enfim o desbunde está na abertura pós-contemplativa e no fazer que pintam nesse verão com o Verbo, Tribo e tudo.** E no saque que sonhar é lindo, mas que construção destes sonhos e o que pinta. (Andrei) (GURGEL, 2011, p. 29, grifo do autor)

André Breton, citado no trecho, foi um dos precursores do surrealismo que, dentre os movimentos de vanguarda, foi o que mais levou a fundo a aspiração de reencantamento e mudança do mundo e é tido como mais revolucionário. Segundo Löwy e Sayre:

Entre os movimentos de vanguarda do século XX, o *surrealismo* é sem dúvida o que levou a sua mais alta expressão a aspiração romântica de reencantar o mundo. É também o que incorporou da maneira mais radical a dimensão revolucionária do romantismo. A revolta do espírito e a revolução social, mudar a vida (Rimbaud) e transformar o mundo (Marx): essas

---

41 Trecho da peça *A Tempestade* de Shakespeare, publicada em 1611.

são as duas estrelas polares que orientam o movimento desde a sua origem, conduzindo-o à procura permanente de práticas culturais e políticas subversivas. À custa de múltiplas cisões e defecções, o núcleo do grupo surrealista, em torno de André Breton e Benjamin Péret, nunca abandonou o repúdio intransigente à ordem social, à moral e a política estabelecida – nem a autonomia zelosa, apesar da adesão ou simpatia a diferentes correntes da esquerda revolucionária: de início comunismo, em seguida trotskismo e por fim anarquismo.

(...)

O objeto privilegiado do ataque surrealista à civilização ocidental é o racionalismo abstrato e limitado, a platitudo realista, o positivismo em todas as suas formas. Desde o *Primeiro Manifesto do Surrealismo*, Breton denuncia a atitude que consiste em banir “socolor de civilização, a pretexto de progresso”, tudo o que diz respeito à quimera; diante desse horizonte cultural estéril, ele afirma sua crença na onipotência do sonho. (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 198-199)

Mudar a vida por meio de uma revolta do espírito e transformar o mundo por meio de uma revolução social. Vemos essas duas estrelas polares do surrealismo aparecer quando o autor aponta que “sonhar é lindo, mas que a construção desses sonhos” é o que há para se fazer na “abertura pós-contemplativa” (GURGEL, 2011, p. 29), ou seja, numa abertura para o agir e o fazer. Voltarei no próximo subcapítulo ao trecho que grifo em negrito, mas por hora, o que nos interessa desse trecho é reter o substantivo *desbunde* como um “fazer” da Tribo, como enunciado em suas próprias palavras, a atitude de uma geração em sintonia com a ideia de *drop out*, de rompimento com a sociedade ou com suas amarras.

O *droup out*, assim, representava a opção por uma vida à margem da sociedade, bem como a construção, nos interstícios do tecido social, de sociedades paralelas, alternativas. Em uma sociedade cujo principal sintoma de insanidade era a violência, representada no período pela Guerra do Vietnã, a mansidão franciscana se oferecia como a única resposta saudável; mansidão que, inspirada na doutrina da *ahinsa* e da desobediência civil, utilizados por Gandhi como táticas na luta de libertação nacional indiana, acabou, em muitos casos, assumindo um teor fatalista, de espera passiva pelo inevitável: pela *New Age*, a Era de Aquário que sucederia à de Peixes e que, ao contrário da atual, seria caracterizada pela paz. (CAPELLARI, 2007, p. 31-32)

Longe do teor fatalista, numa resignação religiosa ressaltando a espera inevitável pela Era de Aquário<sup>42</sup>, o trecho em questão critica esse posicionamento ao falar que “estamos em Aquarius” e “fundamentalmente nada mudou; a ‘Fome’, as guerras, etc. ainda arrasam o mundo” (GURGEL, 2011, p. 29). Conclamando para a construção desses sonhos, para superação desses males que assolam o mundo; o autor aponta o *desbunde* como uma abertura para ‘o fazer’ naquele momento.

No canto direito superior, um texto recado assinado por Márcio comentando bandas e músicas, as referências vão de John Mayall e Jeff Beck a Paulinho da Viola e Caetano Veloso. No

---

42 A Era de Aquarius é uma era astrológica que sucedera a atual era de peixes, que nos encontramos, por volta de 2600 d. C (segundo a União Astronômica Internacional). Há um esoterismo/misticismo astrológico e nalgumas religiões, absorvido também pelas contraculturas de 1960/70, segundo o qual essa era representaria paz, fraternidade e evolução na humanidade e que (erroneamente) estaríamos próximos dela com a virada do milênio. (ERA DE AQUARIUS, 2017)

meio do texto, um trecho que se destaca do resto por não falar de música:

Salve a Tribo.  
Salve tudo que pintar. É uma barra que assumimos e vamos até o fim, se Deus quiser. E o diabo também. E ontem eu soube que Deus está protegendo a gente. Amém. Catiti catiti imara na tiá ipeju. (Ibid)

O trecho ao final é um pequeno poema indígena que aparece da metade para o final do *Manifesto Antropófago*<sup>43</sup> de Oswald de Andrade, significando algo como “Lua nova, ó Lua Nova! Assoprai em lembranças de mim; eis-me aqui, estou em vossa presença; fazei com que eu tão somente ocupe seu coração”<sup>44</sup>. Ao final do texto mais uma mensagem: “Comunicar é surpreender. Escrevam!” (GURGEL, 2011, p. 29). Logo embaixo, um pequeno texto assinado por Coletti:

Nos ‘states’ tem uma praça que se propõe a promover happenings nas ruas e festivais nos parques, quando for eleito presidente. Em Londres apareceu outro, candidato a representante na Câmara dos Comuns, a fim de liberar todas as coisas, tornar livre toda Carnaby Street e outras, muitas outras coisas. (Ibid)

Na parte de baixo da página, um quadrado com um pequeno texto em espiral de autoria de Gurgel escrito à mão. Faz referência ao acontecimento da pichação que se tornou a capa da primeira edição: “Formas geométricas na geometria formal das transações pré-estabelecidas. Solenes carros negros desfilam no verão de sol. Arcanjos cabeludos. Armados de nuvens, amor e utopia, escrevem nos muros das cidades poluídas a palavra Tribo” (Ibid). No canto inferior direito um último pequeno texto nesta página, assinado pela Tribo: “Existe uma transa realmente da pesada em Brasília. É o som que a rapaziada tira nos gramados das superquadras. Em épocas de boas vibrações, quando o som corre livremente, **a gente se desbunda com a arte dos irmãozinhos**” (Ibid, grifo do autor).

Ao longo dessas páginas podemos ver mais claramente as influências mencionadas anteriormente por Gurgel, Aurélio e Armando, mencionadas no *Estético-Elétrico-Filosófico*, um apanhado de rastros do que a Tribo, de uma maneira geral, estava lendo, escutando, assistindo, fazendo e desejando; esses dois últimos, sobretudo, no mural coletivo, que figura como um manifesto coletivo e fragmentado de pequenos discursos do o quê “nós queremos”. Temáticas em torno de paz, amor e liberdade; de uma revolução que parte de dentro, ficções e duelos de bem e mal, do primitivo e a tecnologia e, também, sobre Brasília. Textos sensoriais, falando de formas, luzes, cores, sentimentos e sentidos. E o que queriam a Tribo? Esses “arcandjos cabeludos” que

---

43 Manifesto de Oswald de Andrade publicado em 1928 na primeira edição da *Revista de Antropofagia*.

44 Utilizo a tradução de Couto Magalhães. Segundo ele, o pequeno poema com apelo sonoro e lúdico se aproxima da estética surrealista. (ANDRADE, 1976).

assumiam uma barra e iriam “até o fim”? Viver em paz, liberdade, amor, descobrir e registrar “quebradas maravilhosas” e a vida cotidiana, a busca do ângulo que melhor retrate a realidade. Se *desbundar* na arte dos “irmãozinhos”.

### 1.3 – Desbunde, desbundar, desbundados

A Tribo é importantíssimo que você tente... Porque a *Tribo* é que vai chamar a atenção da repressão, porque ela é a geração que não está nem vinculada às organizações de luta armada ou de organizações políticas, apesar de muitos colegas nossos estarem envolvido com isso ou estiveram pelo menos, mas esse grupo era uma geração que eles chamavam *desbundada*, que a gente tinha um parâmetro *underground*, uma coisa que a gente chamava de *New Left* na nova esquerda, combinava hedonismo, enfim, com política e filosofia libertária. Isso aqui norteou toda a geração *underground* e *hippie* que nós participávamos, nós existíamos assim, eu fazia super 8 e teatro, teatro de intervenção, teatro de vanguarda, e, enfim, nós tínhamos muitas ligações com a estética dos surrealistas, por exemplo com os construtivistas russos, Mayakovsky por exemplo, Rodchenko, Meyerhold, como parâmetros esses artigos de vanguarda. Quando a gente viu que não dava mais para permanecer. (MICHILES, 2015)

Antes de seguirmos pela segunda e terceira edição, volto agora a falar dos dois trechos marcados em negrito anteriormente, em especial do substantivo *desbunde* e o verbo *desbunda* como foram empregados. Os termos provêm de *desbundada* que, como menciona Aurélio, era a maneira como uma geração foi denominada. Originalmente uma gíria pejorativa corrente da esquerda mais ortodoxa para se referir aqueles que haviam “fugido” à luta armada (DINIZ, 2014, p. 2-3), conotando com esse emprego do termo: fraqueza, covardia, “incapacidade de fazer jus ao papel histórico” da juventude, referindo-se a pessoas que fumavam maconha (CAPELLARI, 2007, p. 39).

Com a escalada da repressão ao longo década de 1960 que culmina com a instalação da Operação Bandeirantes em julho de 1969<sup>45</sup> e sua generalização em âmbito nacional pelo sistema integrado DOI-CODI em 1970<sup>46</sup>, há uma intensificação do processo de fragmentação das organizações e movimentos de esquerda, devido ao ambiente da clandestinidade, o refluxo do movimento de massas e a precarização dos canais de comunicação militante, prevalecendo assim uma tendência às cisões repetidas, por vezes motivadas também por rivalidades personalistas (GORENDER, 1987, p. 79). Esse processo de multiplicação das correntes da esquerda no Brasil

45 A fundação do novo órgão em 1º de julho de 1969, contou com a presença de diversas autoridades militares e civis que compareceram a uma inauguração com coquetel e salgadinhos, incluindo aí empresários que financiariam os órgãos, convidados de honra. Vencia o argumento dos militares favoráveis a um engajamento total das Forças Armadas no combate a "subversão" em detrimento dos que argumentavam que tal intervenção só deveria ser feita, em caso de insurreição aberta e insuficiência das forças policiais para contê-la. (JOFFILY, 2008, p. 31)

46 Os CODIs, instituídos a partir de 1970 nas Zonas de Defesa Interna (ZDIs) seguiam o desenho das áreas de jurisdição do I, II, III e IV Exércitos. Garantiam a precedência do Exército sobre as demais Forças Armadas, que também tinham representação formal nessas zonas. Ao mesmo tempo eram criado os DOIs, unidades móveis controladas operacionalmente pela 2ª Seção do Estado-Maior do Exército e subordinadas aos CODIs. Executavam operações de repressão política. Os CODIs eram órgãos estratégicos enquanto os DOIs executavam ações. Todas as chefias à exceção da administrativa, cabia às Forças Armadas, demonstrando o caráter militarista do órgão e a importância atribuída, pelos militares, ao controle da oposição. Foram criados a partir de diretrizes secretas, elaboradas pelo Conselho de Segurança Nacional e aprovadas por Médici". (JOFFILY, 2008, p. 42-43)

encontrava-se em curso desde a década anterior. A denúncia dos crimes de Stalin teve reverberações em todo o mundo, enfraquecendo a preponderância soviética nas esquerdas de inspiração marxista (Ibid, p. 25).

Em âmbito nacional, os questionamentos da linha política seguida pelo PCB<sup>47</sup>, principal referencial partidário dos movimentos de esquerda no país até 1964, deram gênese ao racha que originou o PC do B<sup>48</sup>, bem como o surgimento de novas organizações e movimentos e o fortalecimento tais como o POR(T)<sup>49</sup>, a POLOP<sup>50</sup>, a AP<sup>51</sup>.

A via reformista – em defesa das reformas de base, trabalho junto aos movimentos de massas e coligações com o populismo e a burguesia nacional – foi a principal linha de ação política adotada pelos partidos e organizações militantes de esquerda, com exceção do PC do B que, desde seu surgimento defendeu a luta armada (Ibid, p. 107). O predomínio do PCB no trabalho de base, a concepção etapista da revolução brasileira<sup>52</sup>, bem como o clima sentido como favorável em meio ao ressurgimento dos movimentos de massa desde a década de 1950 e a ascensão de João Goulart à presidência foram alguns dos fatores determinantes para o predomínio da concepção pacífica e reformista nesse momento (Ibid, p. 39).

Após o golpe militar, ao longo da clandestinidade e fragmentação dos movimentos de esquerda, o recrudescimento da ditadura e a desarticulação dos movimentos de massa; a via pacífica é tida como falida pela maioria das organizações militantes, com algumas exceções como o PCB por exemplo (Ibid, p. 79). Mesmo com a primazia da via revolucionária e a opção pela luta armada, à fragmentação das correntes, já em curso, somou-se o próprio debate e opção em torno de como se daria o processo revolucionário e a linha de luta armada a ser seguida. Se a revolução seria etapista ou imediata, isto é, se a implementação do socialismo se faria em duas fases ou de forma imediata (isso quando havia um projeto de implementação do socialismo para além da libertação nacional ou tomada do poder); a preponderância hierárquica do militarismo ou não dentro da organização, se a

---

47 Entre 1946 a 1964, o PCB representou a principal força da esquerda de inspiração marxista. A sigla corresponde a Partido Comunista do Brasil até 1961 e posteriormente Partido Comunista Brasileiro. (Ibid, p. 20)

48 Em fevereiro de 1962 consumava-se a cisão e a coexistência de dois partidos comunistas no Brasil. O PC do B optou pelo alinhamento com o Partido Comunista da China. O maoísmo ganhava difusão no Brasil e atuava como força contra o PCB. (Ibid, p. 34)

49 O Partido Operário Revolucionário (Trotskista) surgiu em 1953. Filiando-se a Quarta Internacional, o POR (T) desenvolveu um enfoque terceiro-mundista de revolução mundial. (Ibid, p. 34-35)

50 A Organização Revolucionária Marxista, editora do periódico *Política Operária*, surgiu em meio a crítica ao PCB. Influenciados pelo trotskismo e outras fontes como Rosa Luxemburg, Bukharin e Talheimer. (Ibid, p. 35-36)

51 A Ação Popular formou-se em 1962, vinda da Juventude Universitária Católica (JUC) que mostrava estreita a vinculação oficial à Igreja que era hostil à politização de esquerda. (Ibid, p. 36-37)

52 Inspirada no livro *A revolução Brasileira* de Caio Prado Júnior, a concepção etapista dividia o processo revolucionário em duas etapas. Primeiro uma revolução nacional e democrática, anti-imperialista e anti-feudal (se baseava na permanência de estruturas feudais no Brasil), e posteriormente uma revolução socialista. (Ibid, p. 30)

luta se deflagraria pelo foquismo<sup>53</sup>, pela guerrilha prolongada no campo de inspiração maoísta<sup>54</sup>; se nas cidades contaria com a guerrilha urbana<sup>55</sup> ou manteria o modelo insurrecional soviético<sup>56</sup>.

Isso sem falar nas discordâncias em torno das ações armadas a serem feitas: a promoção ou não do terrorismo revolucionário ou, melhor dizendo, o estabelecimento dos limites em que deixa de ser ou não revolucionário; a promoção ou não de expropriações, sequestros, sabotagens; bem como alvos e o momento das ações. Ou das discordâncias em torno da realização ou não de trabalhos de massas, política de classes; bem como do papel elencado a elas no processo revolucionário ou de libertação nacional (Ibid, passim). Todas essas variáveis e suas diferentes combinações explicam a pluralidade de dissidências e siglas na virada para os anos 1970, bem como a efemeridade da maioria das organizações, algumas com apenas poucas ou uma ação, outras sequer qualquer uma posta em prática (Ibid, passim)<sup>57</sup>.

Em meio a esse processo, houve outra dissidência da esquerda e da juventude, que, desiludida das resistências da esquerda, aproximou-se dos valores, comportamentos e seguimentos da contracultura emergentes no Brasil já nos anos 1960. Essa sua visão de mundo, estilo de vida e de revolta, como vimos anteriormente, tem uma longa continuidade de tradição que remonta às vanguardas e o romantismo. Existiam anteriormente à luta armada no Brasil e não foram meras derivativas dela como muitos tendem a indicar.

Essa geração *desbundada*, como ficou conhecida, não necessariamente era contra a ideia de tomada de poder, mas dado seu caráter antiautoritário e sua recusa de hierarquia partidária (como vimos anteriormente, com raízes no anarquismo), optou por formas mais comunitárias de associação. Indiferente aos projetos de guerrilha, sua contestação e revolta voltou-se contra as instituições, o moralismo e os costumes. Segundo Zuleica Porto, estudante de comunicação na UnB

---

53 A teoria do foco consistia na crença da existência de condições objetivas para o processo revolucionário diretamente socialista em todos os países latino-americanos. A revolução continental deflagrar-se-ia por focos guerrilheiros, que segundo a teoria funcionaria como o pequeno motor acionador das massas. Idem, p. 80.

54 A concepção chinesa da guerra popular tinha em comum com o foquismo o privilégio do campesinato e da guerrilha rural, a ênfase no caráter revolucionário dos povos do Terceiro Mundo e o belicismo. Divergia na preponderância do partido, que precede a guerrilha, e seria feita numa *guerra popular prolongada*. Preservava a concepção da revolução em duas etapas e a tese da aliança com a burguesia nacional na etapa da revolução anti-imperialista e antifeudal. (Ibid, p. 82-83)

55 A maneira como foi formulada por Marighella no *Minimanual do guerrilheiro* urbano e adotada pela Aliança Nacional Libertadora (ALN), a guerrilha urbana, antes tida como inviável, valoriza-se como uma função tática como, por exemplo, fornecimento de quadros e armas. Apesar de manter o princípio de que as ações armadas criariam as organizações e despertavam as massas, Marighella declarou-se contrário aos focos face o estudo de experiências históricas brasileiras semelhantes. Em sua concepção, a guerrilha rural seria feita por colunas guerrilheiras móveis, que contariam com apoio de antemão assentados. Mantinha-se também o princípio etapista, no caso da ALN. (Ibid, p. 96-98)

56 Sob o enfoque da revolução permanente atribuíram prioridade às lutas da classe operária nas cidades sob a direção do partido de vanguarda. Os trotskistas defendiam o caminho armado para a conquista do poder, porém recusaram o terrorismo e a luta armada isolada das massas. (Ibid, p. 83)

57 A explanação da genealogia e de um quadro geral de todas as organizações e movimentos e suas diferenças constatadas, extrapolam os intuítos dessa dissertação.

na época:

Era naturalmente de esquerda, nunca pensei que eu fosse ameaçar nada, achava que os outros iam fazer a coisa, entendeu? Ia acontecer a revolução, a revolução de verdade, não a revolução de 64, o golpe, a revolução popular ia acontecer, mas eu não tinha nenhuma intenção de luta política, de ser militante, eu não tinha, eu era do... tinha os *desbundados* e tinha os politizados. Eu era desbundada, entendeu? Eu era paz e amor, contra as instituições, eu era isso, assim, muito, sabe? [...] Mas eu não tinha o ideal de luta política nenhuma, a minha luta política era por esse lado aí, entendeu? De derrubar as instituições, eu acreditava que, enfim, sabe? Sessenta, a década de 60, vida e arte, amor livre, sabe? Aquela coisa: meu corpo me pertence, amor e flor, eu era assim. Eu era assim. Isso que eu tava te falando: eu vim do movimento *hippie* de Fortaleza, entendeu? Era aquela coisa, sabe? Os meninos, os vestidinho, eu era desse... dessa tribo, digamos assim, que, inclusive não era vista com simpatia pelos militantes. Claro né? Eram uns alienados, uns porra-louca, se dizia porra-louca. (PORTO, 2014)

Havia, assim, um dualismo no vocabulário da época que contrapunha engajados e desbundados. Claro, partindo destes que se diziam engajados, participantes de uma militância mais tradicional, armada ou não. Segundo Aurélio Michiles:

Nós éramos discriminados por eles, nós não éramos vistos, eles viam a gente como agente da CIA, estava fazendo o jogo do inimigo, estava dopando a mente, a consciência política dos brasileiros, uma série de coisas. Nós não éramos bem-vistos. É por isso que essa história tá à margem ainda, ela não é um filé mignon da repressão [...] Quem falava desbunde era a esquerda que dizia engajada, mas a gente não se considerava *desbundados* não. Nós nos considerávamos consciente do nosso processo, a gente sabia o que estava acontecendo e pra onde nós queríamos ir. E a gente sabia também que podia haver uma reação muito forte contra nós. (MICHILES, 2015)

Um dos fatores para essa diferenciação, paralelo ao imperativo “da revolução” e da luta armada, liga-se ao próprio esvaziamento da dimensão humanista na filosofia marxista do período devido à irrupção do estruturalismo althusseriano formalista. Segundo Gorender (1987, p. 77), os primeiros quinze anos após a Segunda Guerra assinalaram uma ênfase *humanista* no marxismo, numa linha ideológica desenvolvida num debate com o existencialismo sartreano e teólogos católicos e protestantes motivados na atualização da doutrina social cristã. Essa linha ideológica perdeu influência na década de 1960, declarada um falso problema por esse estruturalismo:

O estruturalismo de Althusser declarou a questão do humanismo um falso problema para o marxismo, uma vez que o *homem* inexistia. Eliminou a subjetividade em favor do objetivismo absoluto, do qual fez o pedestal para um novo formalismo com aparência cientificista. O marxismo nada tinha a ver com ideologia. Era ciência e somente ciência. A ciência da luta de classes e da revolução. Stalin começava a ser reabilitado e Mao Tse-tung resplandecia. A novidade althusseriana foi recebida com entusiasmo pela intelectualidade esquerdista brasileira, que procurava no marxismo um dispositivo produtor de certezas incontrovertidas.

Nos anos 70, o estruturalismo apareceu inteiramente como escolástica e floresceu nos

Evoluindo da ideia de fugir a luta armada e suas conotações de covardia e fraqueza, havia também uma discriminação inicial que derivava da ideia de que o “desbunde” era fazer o jogo do inimigo, entreguismo e alienação, no duplo sentido de entorpecer a mente e anestesiar a consciência política. Não só relacionado a fugir do discurso formalista objetivista e do imperativo da revolução e da tomada de poder, isso evidentemente também está relacionado ao consumo de psicotrópicos como maconha e LSD, que passou a se tornar comum para uma parcela da juventude na virada para os anos 1970, sendo mais um fator para essa polarização. A indiferença ao discurso ideológico por parte dessa geração denominada por terceiros de desbundada, longe de ser “o jogo do inimigo”, vinha da recusa com projetos revolucionários de tomada de poder e de uma percepção crítica mais ampla acerca da questão do autoritarismo.

Como vimos, o processo de desestalinização soviética iniciado na década de 1950 provocou um *racha* em âmbito mundial da hegemonia soviética nos movimentos de esquerda, bem como uma demanda por reformas nos governos do bloco soviético tais como na Polônia, pacificamente aceita por Moscou, e na Hungria, militarmente reprimida pelo exército russo em 1956 (HOBSBAWM, 1995, p. 386-387). Apesar de essa grande crise dentro do bloco soviético não ter sido explorada pela aliança ocidental, apenas para fins de propaganda e demonstrando “a estabilidade das relações Oriente-Occidente” (Ibid, p. 387), esse processo de reformas foi seletivo, quando não duramente reprimido face à intransigência dos seguimentos linha-dura do bloco soviético, receosos de desestabilização interna. A Primavera de Praga em 1968 foi um marco nesse aspecto. O processo reformista tchecoslovaco contava com apoio dos partidos comunistas europeus, reformistas soviéticos como os húngaros e o regime comunista independente da Iugoslávia e foi duramente reprimido pela força militar<sup>58</sup>, provocando novas reverberações no mundo todo e uma série de discussões. Segundo Armando, em uma de suas memórias quando ainda estudava no CIEM:

Gerou tanta polêmica que não houve aula. As pessoas ficaram discutindo – uma turma contra, outra turma a favor [*risadas*] – naquele contexto da invasão das forças do Pacto de Varsóvia, porque vieram, foram reprimir lá na Tchecoslováquia aquela “abertura política”, entre aspas, que estava se dando lá dentro do regime comunista tradicional. Então me lembro muito bem disso que foi uma... os próprios professores resolveram liberar as aulas pra que a discussão acontecesse mesmo e foi uma discussão muito interessante. [...] Porque aquele momento começaram a aparecer divergências dentro da própria esquerda, todos nós ou a grande maioria nos considerávamos de esquerda. Mas aí, eu, por exemplo, me engajei logo naqueles que passaram a criticar: por que as forças do Pacto de Varsóvia vão interferir

---

58 "Isso revelou ser o virtual fim do movimento comunista centrado em Moscou, já rachado pela crise de 1956. Contudo, manteve o bloco soviético unido por mais vinte anos, mas daí em diante só pela ameaça de intervenção militar soviética. Nos últimos vinte anos da União Soviética, mesmo a liderança de partidos comunistas governantes parece ter perdido qualquer crença real no que fazia". (Ibid, p. 389)



na soberania do país lá? Por que isso? Mesmo porque, naquela época, o que estava acontecendo em Praga? Era a famosa Primavera de Praga. Então, eles não estavam abandonando o socialismo, eles queriam fazer o tal de socialismo com face humana, mas dentro da ortodoxia que enfim é da União Soviética, o comando comunista que concentrava na União Soviética, isso pra eles era inadmissível, eles achavam que podia escapar do controle e então houve a invasão do Pacto de Varsóvia e terminou com aquela, digamos assim, toda aquela perspectiva de renovação. (ROLLEMBERG, 2017)

Essa situação consolidava uma descrença do socialismo real<sup>59</sup>, bem como da promessa de um futuro redentor. Segundo Heloísa Buarque de Hollanda:

Essa rejeição do sistema e a descrença com a esquerda ocorrem num momento de desilusões com a política, quando os movimentos de massa são novamente derrotados pelo regime militar que decreta o AI-5, concretizando o que se chamou de “segundo golpe”. Além da intensificação da repressão policial no país, o quadro internacional sugere novas desilusões; a invasão da Tcheco-eslováquia não deixa mais dúvidas quanto ao totalitarismo soviético, a atuação do PCD em maio de 68 mostra-se totalmente reacionária em sua política de alianças com o Estado, Fidel Castro intensifica a repressão e a censura às artes em Cuba etc. A fé no marxismo como ideologia redentora é abalada pelo sentimento de que a única realidade seria o poder. Instala-se a desconfiança em todas as formas de autoritarismo, inclusive os que são exercidos em nome de uma revolução e de um futuro promissor, promovendo a valorização de práticas tidas como alienadas, secundárias ou pequeno-burguesas. O moralismo comunista é recusado como uma atitude de “salão” que resguarda o corpo, teme as forças revolucionárias do erotismo e evita pensar as próprias contradições. (HOLLANDA, 2004, p. 69)

Tidos como alienados, “porra-loucas”, loucos, hedonistas, “pequeno-burgueses”, entreguistas, o termo evoluiu para referir-se não só a jovens cabeludos e que adotavam uma postura de vida e estética “hippie”, ou o consumo de psicotrópicos, mas para qualquer um que voltava sua produção e posturas alinhadas a essa vertente mais existencial e humanista. No limite, eram tidos como traidores, como ocorreu com Caetano Veloso e Gilberto Gil (Ibid, p. 93), que já “desbundavam” desde mais cedo. Recusa/indiferença ao discurso ideológico, desconfiança em todas as formas de autoridade e modernidade. A crítica da “modernidade não capitalista” não era nova e remonta ao começo do século XX. Segundo Löwy e Sayre:

Uma última diferença entre o século XX e o precedente provém da existência de sociedades de um novo tipo no século XX: enquanto nos séculos XVIII e XIX só houve sociedades (mais ou menos) capitalistas, ou pré-capitalistas, no século XX assiste-se à emergência (e, mais recentemente, em alguns casos a dissolução) do que poderíamos qualificar de sociedades burocráticas não capitalistas. Embora de “socialista” só tenham o nome, essas sociedades representam um tipo de estrutura diferente do capitalismo, baseado na estatização dos meios de produção, na ditadura das necessidades (Agnes Heller), no planejamento burocraticamente centralizado etc. (O totalitarismo, como já havia mostrado Hannah Arendt, não é específico desse tipo de sociedade: podemos encontrá-lo também no mundo capitalista).

---

59 "Essa era a parte do mundo cujos sistemas sociais em determinada altura da década de 1960 vieram a ser chamados, na terminologia da ideologia soviética, de países de "socialismo realmente existente"; um termo ambíguo que implicava, ou sugeria, que podia haver outros e melhores tipos de socialismo, mas na prática esse era o único que funcionava de fato". (HOBSBAWM, 1995, p. 364)

[...]

É verdade que existe, tanto no Ocidente quanto no Leste, um certo número de críticos românticos cuja hostilidade é igualmente dirigida para a modernidade “não capitalista”. Entretanto, o que denunciam são sobretudo os aspectos que esta última compartilha com a civilização capitalista: hiperindustrialização e tecnização, racionalidade utilitária, produtivismo, alienação do trabalho, instrumentalização do homem (Stalin: “O homem é o capital mais precioso”), dominação-exploração da natureza etc. Para alguns desses críticos, a URSS e as sociedades inspiradas no mesmo modelo são apenas uma variante do sistema industrial-capitalista: uma forma de “capitalismo de Estado”. Encontramos esse tipo de análise desde os anos 1920 nos socialistas libertários e, mais tarde, nos dissidentes do trotskismo (C.L.R. James, Raya Dunayevskaya, Tony Cliff). Todos esses críticos compartilham a convicção de que as sociedades pretensamente “socialistas” romperam com o paradigma capitalista-industrial da modernidade apenas de maneira muito limitada e parcial. (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 192-193)

Como vimos anteriormente, há uma longa crítica da modernidade ao longo da história do romantismo e das vanguardas que é herdada pelos movimentos de contracultura das décadas de 1960 e 1970; bem como suas aspirações de reencantamento do mundo, unir arte e vida, reestabelecimento do comunitarismo, da harmonia com a natureza e do valor subjetivo do indivíduo. A diferença, com a contracultura, é que essa passou a ter um alcance mais amplo. Segundo Maciel, se em todos esses movimentos anteriores essas aspirações limitaram-se aos artistas e aos filósofos (no caso do existencialismo), na contracultura elas se tornaram um fenômeno mais de massa e social, onde muita gente quer fossem artistas ou não, começou a desbundar, formando assim um tipo de gente diferente no meio da juventude (MACIEL, 1981, p. 74).

O Tropicalismo e seus desdobramentos na década de 1970 foi uma grande expressão desse momento. Movimento cultural brasileiro dos anos 1967 e 1968 nas diferentes artes (música, artes plásticas, literatura, teatro, cinema), o Tropicalismo promoveu uma ruptura com a arte militante e uma atualização da cultura brasileira em meio a um processo de antropofagia de influências externas, de um reencontro com a cultura modernista e com referências indígenas e afro-brasileiras, e de fragmentação e sobreposição das contradições percebidas de seu tempo.

A preocupação com a atualização de uma linguagem “do nosso tempo”, já presente no concretismo, passa, a partir do tropicalismo, a ser aprofundada e relacionada a uma opção existencial. O fragmento, o mundo espedaçado e a descontinuidade marcam definitivamente a produção cultural e a experiência de vida tanto dos integrantes do movimento tropicalista, quanto daqueles que nos anos imediatamente seguintes aprofundam essa tendência, num momento que, por conveniência expositiva, chamaremos de pós-tropicalismo (fins dos anos 60, princípios dos anos 70). Nessa passagem do tropicalismo para seu desdobramento imediato, poderemos perceber a consolidação de uma atitude que irá mostrar, estética e existencialmente, a incorporação de elementos fundamentais da modernidade, elementos esses já identificados por diversos teóricos e críticos, desde a primeira metade do século. (HOLLANDA, 2004, p. 56)

O Tropicalismo foi a "expressão de uma crise. Ao contrário do discurso das esquerdas, para ele 'não há proposta, nem promessa, nem proveta, nem procela'" (Ibid, p. 55) sugerindo "uma

preocupação com o *aqui e agora*, começa a pensar na necessidade de revolucionar o corpo e o comportamento, rompendo com o tom grave e a falta de flexibilidade da prática política vigente" (Ibid, p. 61). O problema do tropicalismo não é saber como deve ser a revolução brasileira. Recusava a esperança de um futuro prometido redentor e os projetos de tomada de poder, que já davam provas práticas de autoritarismo e burocratização "nada atraentes" (Ibid).

Durante a apresentação no Festival Internacional da Canção de 1968 da canção *É Proibido Proibir*, que, tem uma letra com explícita referência ao Maio de 68<sup>60</sup> e seu espírito de revolta, contestação e transformação, bem como uma música experimental com guitarras elétricas<sup>61</sup>, distorções e ruídos; Caetano Veloso, Gilberto Gil e a banda Os Mutantes foram violentamente vaiados. Em meio às vaias, prosseguiram tocando a música e Caetano fez um discurso inflamado contra a plateia e o festival, por vezes com um teor contracultural e irônico, atacando o policiamento da música brasileira:

Mas é isso que é a juventude que diz que quer tomar o poder? Vocês tem coragem de aplaudir, este ano, uma música, um tipo de música que vocês não teriam coragem de aplaudir no ano passado?! São a mesma juventude que vai sempre, sempre, matar amanhã o velhote inimigo que morreu ontem! Vocês não estão entendendo nada, nada, nada, absolutamente nada. Hoje não tem Fernando Pessoa. Eu hoje vim dizer aqui, que quem teve coragem de assumir a estrutura do festival, não com o medo que o senhores Chico de Assis pediu, mas com a coragem, quem teve essa coragem de assumir essa estrutura e fazê-la explodir foi Gilberto Gil e fui eu! Não foi ninguém, foi Gilberto Gil e fui eu! Vocês estão por fora! Vocês não dão pra entender. Mas que juventude é essa? Que juventude é essa? Vocês jamais conterão ninguém. Vocês são iguais sabem a quem? São iguais sabem a quem? Tem som no microfone? Vocês são iguais sabem a quem? Àqueles que foram na Roda Viva e espancaram os atores! Vocês não diferem em nada deles, vocês não diferem em nada. E por falar nisso, viva Cacilda Becker! Viva Cacilda Becker! Estou comprometido a dar esse viva aqui, não tem nada a ver com vocês. O problema é o seguinte: vocês estão querendo policiar a música brasileira, mas é americana. Mas eu e Gil já abrimos o caminho. O que é que vocês querem? Eu vim aqui para acabar com isso! Eu quero dizer ao júri: me desclassifique. Eu não tenho nada a ver com isso. Nada a ver com isso. Gilberto Gil. Gilberto Gil está aqui comigo, para nós acabarmos com o festival e com toda a imbecilidade que reina no Brasil. Acabar com tudo isso de uma vez. Nós só entramos no festival para isso. Não é Gil? Não fingimos. Não fingimos aqui que desconhecemos o que seja festival, não. Ninguém nunca me ouviu falar assim. Entendeu? Eu só queria dizer isso baby. Sabe como é? Nós, eu e ele, tivemos coragem de entrar em todas as estruturas e sair de todas. E vocês? Se vocês forem... se vocês, em política, forem como são em estética, estamos feitos! Me desclassifiquem junto com o Gil! Junto com ele, tá entendendo? E contra a vocês... Messa! O júri é muito simpático, mas é incompetente. Deus está solto! Fora do tom, sem melodia. Como é júri? Não acertaram? Qualificaram a melodia de Gilberto Gil? Ficaram por fora. Gil fundiu a cuca de vocês, hein? É assim que eu quero ver.

---

60 "Podemos considerar que Maio de 68, na França, foi um dos momentos de cristalização universal dessa onda contestatária mundial. O romantismo anti-burguês foi, sem dúvida, um dos comportamentos essenciais da mistura difusa e explosiva de radicalismo social, político e cultural que se denominou "espírito de maio" – principalmente no questionamento da modernidade capitalista e da "sociedade de consumo" e na tentativa de pôr "a imaginação no poder". (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 204)

61 "No fim daquela década, o Tropicalismo foi o primeiro ao adaptar traços da contracultura internacional ao contexto político-cultura brasileiro. No setor musical, a guitarra elétrica, o rock, as indumentárias despojadas, os cabelos grandes e a incorporação de elementos *kitsch* se converteram em símbolos transgressores tanto da chamada 'canção de protesto' quanto da ordem política estabelecida" (DINIZ, 2014, p. 2)

Caetano comparava a atitude desses que viaavam com a dos paramilitares do Comando de Caça aos Comunistas, que naquele mesmo momento atacava pessoas em teatros e livrarias<sup>62</sup> e que no final das contas eram a "mesma juventude que vai sempre, sempre, matar amanhã o velhote inimigo que morreu ontem". Dizia que tiveram coragem de "entrar em todas as estruturas e sair de todas", que já abriram o caminho. Segundo Sheyla Diniz, para essa nova estética não mais bastava abordar os temas comuns aos compositores comprometidos com a arte engajada, tais como criticar o latifúndio, o imperialismo e a pobreza social. Ela voltava sua crítica para outras estruturas mais íntimas e enraizadas na sociedade brasileira tais como a família burguesa, os dogmas de comportamento e a padronização da sociedade industrial (DINIZ, 2014, p. 2).

Semelhante à crítica de Caetano é o discurso de Gilberto Gil, anos mais tarde na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, em 1973, durante um show em protesto à morte do estudante Alexandre Vannuchi Leme, torturado e assassinado pelo governo militar em março daquele ano. Ao longo de um show de quase três horas, Gil em vários momentos conversa com seu público, faz trocadilhos e críticas em meio às músicas. Inicialmente tentando aliviar o clima pesado, em dado momento o público pede pela canção *Cálice*<sup>63</sup>, ao qual Gil desconversa, diz não se lembrar de parte da letra, até que um estudante entrega a letra num pedaço de papel e então Gil a canta.

Ao termino canção e dos aplausos e pedidos de bis, um estudante pede para fazer uma pergunta: "E a luta lata?", Gil: "Hein?", o estudante: "E a luta das latas?"<sup>64</sup>, Gil: "A luta da, a luta contra as latas! [*risadas da platéia*]. A batalha do café he-he-he-he". O estudante continua, vai tentando formular melhor sua pergunta, discorrendo sobre as condições de possibilidade para uma música existir, enquanto a plateia começa a agitar-se também. Até que Gil fala: "Cálice! Afasta dele esse cálice por enquanto, deixa ele falar". O estudante então faz sua pergunta: "Como você acha que o artista tem que se comportar?". Gilberto Gil, numa fala bem tranquila então responde:

É um problema muito pessoal rapaz, depende muito da... Você quer dizer o seguinte, que existe um sistema no qual as pessoas vivem, no qual existe a lei, no qual existem as barreiras todas, quer dizer, não é isso? E que o artista se vê na sua criação diante desses problemas todos, quer dizer, para levar a sua criação ao público, ele tem que submetê-la à um sistema de triagem, ou seja, o poder institui uma coisa, no Brasil se chama censura, e que, não é? E que vai determinar o que é que é, no final que vai fazer a seleção, vai dizer o

---

62 "Em São Paulo e no Rio, o CCC atacava teatros e livrarias e agredia artistas. Em julho, o Teatro Galpão, na capital paulista onde se encenava a peça *Roda Viva* de Chico Buarque de Holanda, sofreu a invasão dos desordeiros do CCC, que espancaram atores e pessoas do público. No Rio, uma bomba explodiu na Livraria Civilização Brasileira em outubro, incidente repetido em dezembro no Teatro Opinião" (GORENDER, 1987, p. 151)

63 Canção de Gilberto Gil e Chico Buarque de 1973. Censurada, a música foi liberada apenas cinco anos depois, sendo lançada em álbum de Chico Buarque apenas em 1978. (CÁLICE (CANÇÃO), 2017)

64 A Luta Contra a Lata ou a Falência do Café é uma música de Gilberto Gil de 1968

que é que é a música que convém à arte, que convém ao povo, e etc e etc. Mas isso é um critério pessoal, um critério deles, quer dizer, não abrange de forma alguma a totalidade das coisas, quer dizer, haja vista no Brasil as manifestações que a gente tem frequentemente contrárias a esse tipo de atitude castrativa diante da música. Agora, isso o quê que é? Isso é um problema da nossa sociedade, quer dizer, é uma das insinuações do sistema da forma como ele está hoje no mundo e a gente tem que enfrentar! Eu sou da posição que, eu procuro pelo menos entender mais profundamente o significado do "Dar a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus", quer dizer, e procuro me comportar, sem, sem... sem me trair, você tá me entendendo? Quer dizer, eu procuro fazer o que eu acho que posso fazer, e que devo fazer, tudo mais eu acho que é comportamento de cada um, que foi o que você perguntou no fim, o que é que você achava de, o quê que o compositor devia fazer, como ele devia se comportar. Eu não acho que tem nenhum padrão, você tá me entendendo? Um método, uma cartilha, uma regra para o comportamento do compositor, porque aí seria a mesma coisa, seria fazer também uma censura do lado de cá, dizer: "não, só o comportamento desse tipo é que é válido" contra uma barreira qualquer. Não, eu acho que não. Tem cara que é corrida de obstáculo, o cara vem, pula por cima, o outro passa por baixo [*risadas e aplausos gerais da plateia*]. (MOREIRA, 2017)

Gilberto Gil comparava a atitude de dizer e controlar, como um artista tem que se portar em relação ao engajamento político, ou seja, seguir "um método, uma cartilha, uma regra para o comportamento do compositor" com a atitude da censura da ditadura militar. Fazer isso seria uma "censura do lado de cá", ou seja, de impor qual comportamento é válido e qual não é para algo que não tem "nenhum padrão" e que é "comportamento de cada um". E mais, isso seria um problema enraizado na cultura da nossa sociedade a ser superado, "uma das insinuações do sistema da forma como ele está hoje no mundo, e que a gente tem que enfrentar!".

Entrar e sair de todas as estruturas; romper com a cultura da censura, da padronização, da "atitude castrativa"; comportar sem "se trair". No âmbito da produção cultural isso batia de frente com uma padronização de produção viciada na estética do protesto, do "engajamento" e que, apesar de se posicionar contra a ditadura, já havia sido absorvida pela indústria cultural e deixava de produzir efeitos transgressores:

No que tange à produção artístico-cultural do período, a censura institucionalizada atingiu as especificidades de diversas obras, cujos conteúdos eram parcial ou totalmente vetados com base em quesitos políticos e morais. A censura, contudo, não chegou a prejudicar a generalidade da produção artística. Grande parte do setor artístico, incluindo aquele que se posicionava contra o regime militar, acabou exercendo um papel importante no que se refere ao fortalecimento do mercado de bens simbólicos. A chamada "modernização conservadora" adotada pela ditadura foi decisiva para o desenvolvimento técnico e para a reestruturação da indústria cultural. A elevação do poder aquisitivo da classe média elevou, por consequência, o poder aquisitivo do público consumidor de cultura. (DINIZ, 2014, p. 1)

Em um momento posterior do show na Escola Politécnica, Gilberto Gil fala mais diretamente dessa questão da música de protesto e de como essa estética já não produzia mais efeito, de esse momento já havia passado. Segundo ele:

Agora, essa música é bem um exemplo típico de como as coisas realmente se sucedem, de como o novo hoje pode ser o velho amanhã e de como ela é velha, num certo sentido pra mim que eu não sei se vocês percebem. Ela é ingênua, ela é incorreta, ela faz colocações que eu não faria hoje em dia, porque são absolutamente incorretas, são falhas, são incompletas, ou seja, elas não dão a informação precisa, elas não dizem. Algumas delas, por exemplo, não dizem exatamente o que era o sentimento básico, qual era a ideia fundamental. Evidente que ela passa, que ela serve a uma coisa, por exemplo quando ela diz assim... na segunda estrofe... lembra aí alguém... "E Jesus prometeu coisa melhor, pra quem vive nesse mundo sem amor. Só depois de entregar o corpo ao chão, só depois de morrer neste sertão". Até aí ótimo. "Eu também estuo do lado de Jesus", melhor ainda. "Só acho que ele se esqueceu, de dizer que na Terra a gente tem de arranjar um jeitinho pra viver". Aí é incorreto. É um erro meu, você tá me entendendo? É uma falha, provocada pelo entusiasmo, pela pressa, pela irresponsabilidade, pela ansiedade de servir. De denunciar. O certo seria dizer que, sei lá, pra ser mais objetivo mesmo, já que quem representou, quem, a instituição que passou a ser porta voz de Jesus foi a Igreja, era mais correto dizer que a Igreja, como ela é hoje, você tá me entendendo? Como uma instituição mundana, tão grande, tão bem organizada como a General Motors, como a gente aprende... [risadas seguidas de aplausos] Como a gente aprende nos livros de administração, que foi o que eu estudei, seria mais correto dizer que Cristo foi traído, que Jesus não disse nada disso, Jesus disse tudo, tudo certo, tudo aproveitável, tudo útil, tudo verdadeiro. Agora o que se diz que ele disse, isso é outra coisa. [aplausos]. No entanto eu, eu aproveito aqui o recinto desta Universidade para me penitenciar diante dele. Tem coisas incorretas... [...] É preciso que entendam isso, as pessoas dizem assim: "Quer dizer que você repudia todo aquele trabalho que você fez? Louvação e Procissão, e...". Não. Principalmente as chamadas músicas de protesto, aquelas que estavam mais ligadas ao tipo de pensamento engajado na necessidade de luta política, na necessidade de denúncia das injustiças sociais, e blá-blá-blá-blá-blá-blá. É, essas então, quer dizer, eu não tenho, eu não rejeito nada disso. Eu passei por ali, você tá entendendo? Eu passei por aqueles lugares, eu estive naquela condição, meu discernimento esteve naquele estágio. Só que hoje eu consigo discernir além, ou aquém, fora daquele contexto. E acho coisas incorretas, eu acho que música, são músicas... você tá entendendo? Que não tem mais interesse hoje em dia, a realidade hoje é outra. Elas são maniqueístas nesse sentido de... você tá entendendo? São, são todas idealistas, ficam querendo... elas não são objetivas, elas não falam objetivamente, você tá me entendendo? É aquele velho problema, de novo volto aquele negócio da censura e das barreiras, quer dizer, se você não pode dizer a verdade... você tá entendendo? Não diga [risadas de Gil e parte da platéia]. Entendeu? É isso que eu acho.[...] Entendeu? Claro, elas permanecem. Essa música, eu não tenho... não vai nenhuma vaidade, eu estou falando de fora de mim, espera aí... Eu to falando de fora de mim agora. Eu gosto muito, eu adoro *Domingo no Parque*, eu acho uma música belíssima, se não fosse minha, eu admiraria mais ainda [risadas gerais]. Agora, claro, há certas coisas que permanecem, mesmo *Procissão* também é uma música que continua bonita. Eu continuo incluindo, eu continuo por escolha pessoal, não só por solicitação das pessoas que ouvem, eu continuo cantando em lugares em que vou, sabe? Agora é preciso distinguir uma coisa. O que permanece nela como contribuição milionária de todos os erros, que é uma coisa, você tá entendendo? Que é o caráter generoso, quer dizer, da criação, do cara que fez, do equívoco mesmo, daquilo que eu falei antes, da linguagem ser sempre necessariamente mentirosa, você tá entendendo? E, a outra coisa é a utilidade que se quer fazer, o caráter utilitário que a música tem como um instrumento, de informação de certas coisas em determinado momento. E isso pode perecer, isso pode, ela pode ficar ineficaz de repente, ela pode não representar mais aquilo que ela representava como retrato, ou seja, fotografia de um quadro, de uma coisa, você tá entendendo? Ela não é mais. Ela pode continuar poeticamente forte como um símbolo simples e puro da manifestação da criação, da criatividade, portanto da inteligência da alma, do espírito, portanto, do ser. Mas enquanto coisa utilitária, enquanto instrumento político, aí essas coisas são perecíveis. E é isso que vocês, como eu, como todo mundo, precisamos estar muito atentos, sempre. Você tá entendendo? Pra não entrar nessa coisa de ficar aí... você tá entendendo? [risadas e aplausos]. (MOREIRA, 2017)

Para Gilberto Gil as canções de protesto, bem como a estética do engajamento, mostravam-

se ultrapassadas. Inevitável já que "as coisas realmente se sucedem" e "o novo hoje pode ser o velho amanhã"; mas também porque "são absolutamente incorretas, são falhas, são incompletas". Isso devido à "linguagem ser sempre necessariamente mentirosa", mas também porque são "maniqueístas", "idealistas", "não são objetivas, elas não falam objetivamente". Evidentemente serviam a um propósito "mas enquanto coisa utilitária, enquanto instrumento político" elas perecem, "não tem mais interesse hoje em dia, a realidade hoje é outra". É, sobretudo neste momento, após a derrota das passeatas no final da década de 1960, com a luta armada praticamente exterminada e seus resquícios em dispersão brutalmente caçados, bem como qualquer um tido por subversivo e o extermínio sistemático dos presos políticos – que Gilberto Gil atenta sobre essas músicas não serem mais "objetivas", portanto, ineficazes.

A contestação e a revolta era outra. Ou pelo menos a eficácia política naquele momento se encontrava em outro propósito, outro foco, desenvolvendo assim, outra estética e ação. Entrar e sair de todas as estruturas, romper com a cultura da censura, com a "atitude castrativa", com a padronização e as malhas das estruturas simbólicas, se comportar sem "se trair". Eram essas as novas informações das quais o *desbunde* partia. Segundo Karla Bessa:

A minha suposição genealógica é de que, no Brasil dos anos 70, o *desbunde* foi uma das formas de indiferença que se instalou nos novos agenciamentos culturais e artísticos, primeiro de vanguarda e com nichos limitados de audiência e acesso; posteriormente, ganhando visibilidade na mídia televisiva – seja através dos programas de música muito comuns da época, seja de programas dominicais como o *Fantástico*, ou ainda nos rádios e cinemas. Desacreditados na época como algo passageiro, insano ou puramente desavergonhado, que não considerava as tensões políticas sérias travadas por uma luta (necessária) contra as injunções e violências do estado de Ditadura Militar, o *desbunde* emergiu nos anos 60, mas ganhou visibilidade na década de 70. (BESSA, 2015, p. 127)

O termo *desbunde* evidentemente já existia. Remetendo aos significados do verbo *desbundar* que já havia sido incorporado ao Dicionário Aurélio, Karla Bessa nos atenta para três possíveis significados: "1) causar grande admiração, impacto; 2) perder o autodomínio, a compostura, o comedimento; 3) rasgar a fantasia" (Ibid, p. 132).

Se esses significados foram concebidos de forma pejorativa para se referir aos desbundados enquanto: 1) jovens loucos e deslumbrados, 2) sem compostura e vergonha, escrachados e 3) debochados que "soltam a franga" e "enfiam o pé na jaca" (Ibid); estes por sua vez parecem ter encontrado nesse verbo o termo perfeito para representar a atitude hippie/tropicalista/existencial que criavam em meio a busca de um novo modo de ser. Esse novo *ethos*, pautado na 1) experimentação (sensorial do corpo, das expressividades), 2) indiferença com as convenções e normas sociais e ideológicas, e a 3) afirmação da individualidade e subjetividade, remetendo menos a um sentido literal e mais metafórico de "rasgar a fantasia", mostrar-se, revelar-se o que verdadeiramente é. O

verbo *desbundar* passa a ser utilizado para designar essa atitude e o substantivo *desbunde* para designar o movimento daqueles que tomavam essa atitude ou modo de viver. Voltando aos trechos da *Tribo*:

**Enfim o desbunde está na abertura pós-contemplativa e no fazer que pintam nesse verão** com o Verbo, Tribo e tudo. E no saque que sonhar é lindo, mas que construção destes sonhos e o que pinta

[...]

Em épocas de boas vibrações, quando o som corre livremente, **a gente se desbunda com a arte dos irmãozinhos**. (GURGEL, 2011, p. 29, grifo do autor)

Antes de designar uma estética ou um movimento artístico propriamente dito (como muitas vezes é feito retrospectivamente), o substantivo *desbunde* parece dar nome ao estilo comportamental adotado por parte da juventude nesse momento. Tidos por *indiferentes* no contexto da guerra-fria e da resistência à ditadura brasileira e, conseqüentemente, como algo menos sério ou importante em uma história de luta ou resistência política (uma vez que circunscritos em um conceito de esquerda festiva), por outro lado é necessário problematizar o que se entende por político. Seguindo uma ampliação do conceito de político nas correntes da nova história política:

Ao falar substantivamente *do* político, qualifico desse modo, tanto uma modalidade de existência da vida comum, quanto uma forma de ação coletiva que se distingue implicitamente do exercício *da* política. Referir-se ao político e não à política, é falar do poder da lei, do Estado e da nação, da igualdade e da justiça, da identidade e da diferença, da cidadania e da civilidade; em suma, de tudo aquilo que constitui a *polis* para além do campo imediato da competição partidária pelo exercício do poder, da ação governamental cotidiana e da vida ordinária das instituições. (ROSANVALLON, 2010, p. 73)

A percepção e a conotação do desbunde enquanto seguimento *despolitizado*, por parte de uma esquerda dita "consciente", está diretamente ligado à limitação ideológica e de linguagem política que caracteriza o final da década de 1960. O *desbunde* se liga aos movimentos "desterritorializantes das transformações subjetivas que não cabiam na noção de resistência e eram vistas, naquele momento, como desengajamento, como indiferença frente aos reais e sérios problemas enfrentados pelo país naquele momento" (BESSA, 2015, p. 142).

Essa limitação ideológica provinha da própria lógica da guerra fria e da bipolarização das visões de mundo. É, sobretudo nesse momento, que essas barreiras ideológicas começam a ser quebradas e a questão da democracia alargada:

Até o final da década de 1960, a visão de uma divisão ideológica fundamental serviu para organizar o espaço intelectual em torno da oposição entre duas visões hegemônicas de mundo: a marxista e a liberal. Os advogados da democracia parlamentar clássica e os campeões da "verdadeira" democracia, cada um de sua parte, acreditavam que os modelos



cujos méritos proclamavam, correspondiam a um ideal completamente realizado. Na década de 1970, uma nova versão da crítica do totalitarismo alterou essas convicções, levando a uma análise mais profunda do problema da democracia. (ROSANVALLON, 2010, p. 39)

Essa nova versão da crítica do totalitarismo, numa perspectiva de análise mais ampla, localiza nas próprias características e valores essenciais ao estado industrial moderno e às sociedades tecnocráticas – tais como controle e burocratização do mundo social, mecanização e quantificação da vida humana; eficiência, desempenho e utilitarismo – suas propensões para o totalitarismo. Michel Foucault denominou de "governo da individualização" uma forma de poder, enquanto ação em cima de ações no cotidiano que, numa operação ao mesmo tempo "individualizante quanto totalizadora", subjetifica e subjuga o indivíduo e o "tornam sujeito a":

Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a. (FOUCAULT, 1995, p. 235)

Esse governo<sup>65</sup>, "um conjunto de ações sobre ações possíveis" opera "sobre o campo da possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos" (Ibid, p. 243) se exerce por meio de relações de poder, relações de comunicação e capacidades objetivas<sup>66</sup>. Entre a coação e a obtenção do consentimento, o que em essência diferencia uma relação de poder de uma simples e pura relação de violência<sup>67</sup> (apesar desse elemento estar presente, ao menos enquanto possibilidade) é o ato calcular e dirigir uma conduta:

O termo "conduta", apesar de sua natureza equívoca, talvez seja um daqueles que melhor permite atingir aquilo que há de específico nas relações de poder. A "conduta" é, ao mesmo tempo, o ato de "conduzir" os outros (segundo mecanismos de coerção mais ou menos

---

65 "Ao nos referirmos ao sentido restrito da palavra "governo", poderíamos dizer que as relações de poder foram progressivamente governamentalizadas, ou seja, elaboradas, racionalizadas e centralizadas na forma ou sob a caução das instituições do Estado" (Ibid, p. 247)

66 "'Relações de poder', 'relações de comunicação', capacidades objetivas' não devem, então, ser confundidas. O que não significa que se trata de três domínios separados; e que haveria, de um lado, o domínio das coisas, da técnica finalizada, do trabalho e da transformação do real; e, do outro, o dos signos, da comunicação, da reciprocidade e da fabricação do sentido; enfim, o da dominação dos meios de coação, de desigualdade e de ação dos homens sobre os homens. Trata-se de três tipos de relação que, de fato, estão sempre imbricados uns nos outros, apoiando-se reciprocamente e servindo-se mutuamente de instrumento". (Ibid, p. 240-241)

67 "Uma relação de violência age sobre um corpo, sobre as coisas; ela força, ela submete, ela quebra, ela destrói; ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto de si, outro polo senão aquele da passividade; e, se encontra uma resistência, a única escolha é tentar reduzi-la. Uma relação de poder, ao contrário, se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder: que "o outro" (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como o sujeito de ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis". Idem, p. 243.

estritos) e a maneira de se comportar num campo mais ou menos aberto de possibilidades. O exercício do poder consiste em "conduzir condutas" e em ordenar a probabilidade. (Ibid, p. 243-244)

O poder se encontra assim diluído em práticas cotidianas de vigilância, censura e castração das condutas sobre os corpos e as subjetividades, numa operação individualizante e totalizante que consiste em conduzir condutas aceitáveis do ponto de vista da estratégia dos governos. Por meio do estabelecimento de privilégios, diferenciações e hierarquias, bem como a institucionalização da norma, da conduta a ser seguida, sujeita assim, o indivíduo em seu lugar nessa teia de relações.

É contra esses efeitos do poder que os movimentos desterritorializantes como o *desbunde* batem de frente. São lutas antiautoritárias caracterizadas por ser transversais, imediatas e anárquicas, ou seja, "batalhas contra o 'governo da individualização'", questionando o estatuto dos indivíduos afirmando o direito de ser diferente e atacando tudo que separa e fragmenta a vida comunitária. Se opondo "aos efeitos de poder relacionados ao saber, à competência e à qualificação" são "lutas contra os privilégios do saber", mas também "uma oposição ao segredo, à deformação e às representações mistificadoras impostas às pessoas". Por fim, são "uma recusa a estas abstrações, do estado de violência econômico e ideológico, que ignora quem somos individualmente e, também, uma recusa da investigação científica ou administrativa que determina quem somos" (Ibid, p. 234-235).

Temos com o Tropicalismo, o *desbunde* e demais seguimentos contraculturais nesse momento, não apenas um deslocamento dos interesses, mas um deslocamento do entendimento e foco de luta e/ou resistência, das dimensões da dominação e exploração para essas dimensões da sujeição<sup>68</sup>. Era preciso pensar as próprias contradições inerentes a esses efeitos de poder, bem como atualizar a própria contestação à repressão por outros meios que produzissem efeitos:

"Estávamos no Eros e na esquerda" fala Zé Celso. As preocupações com o corpo, o erotismo, a subversão de valores e comportamentos, apareciam como demonstração da insatisfação com um momento onde a permanência do regime de restrição promovia a inquietação, a dúvida e a crise da intelectualidade. O circuito fechado e viciado em que a classe média informada juntava-se para falar do "povo" não produzia mais efeito. Era preciso pensar a própria contradição das pessoas informadas, dos estudantes, dos intelectuais, do público. (HOLLANDA, 2004, p. 62)

Criticando os vícios da ortodoxia de esquerda e evidenciando o moralismo e a normatização

---

68 "Geralmente, pode-se dizer que existem três tipos de lutas: contra as formas de dominação (étnica, social e religiosa); contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, desde modo, aos outros (lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão). Acredito que na história podemos encontrar muitos exemplos destes três tipos de lutas sociais, isoladas umas das outras ou misturadas entre si. Porém, mesmo quando estão misturadas, uma delas, na maior parte do tempo prevalece" (Ibid, p. 235)

de sua linguagem e agir, o desbunde (e a própria conjuntura internacional mencionada anteriormente) parece mostrar que no tocante ao autoritarismo e "na moral e nos bons costumes" a cultura política da esquerda nesse momento não se mostrava tão distante do resto da sociedade conservadora e "careta" brasileira. Não por acaso, há assim um processo de diferenciação por meio da depreciação e inferiorização desses tidos como desbundados – covardes e "porra-loucas", hedonistas, despolitizados e alienados – por parte da ortodoxia para manter o *status quo* e deslegitimar essas críticas da própria contradição. Levando em conta o projeto revolucionário de tomada do poder ou de libertação nacional, no limite os desbundados eram vistos até como traidores, como já mencionado anteriormente.

Não, nós sem dúvida alguma nós éramos políticos, nós agíamos politicamente ao nosso modo. Nós estávamos muito mais próximos à esquerda norte-americana onde tinha a mistura do hedonismo e da política convivendo numa cumplicidade permanente, do que aqueles que tavam pregando uma revolução armada, maoísta, guevarista, lenilista, trotskista, entendeu? E nós até convivíamos com essas pessoas, nós sabíamos quem eles eram, esse que era o problema, a insegurança dessa realidade, porque todo mundo sabia tudo de todo mundo [risadas]. (MICHILES, 2015)

Herbert Marcuse foi uma grande influência desse momento, sobretudo em obras como *Eros e Civilização* e *Ideologia da Sociedade Industrial*, lançadas no Brasil na década de 1960. Influente nos meios estudantis e contraculturais pela sua crítica à tecnocracia e à sociedade industrial, à repressão/recalque dos desejos humanos e à Indústria Cultural, aponta na juventude, nas vanguardas intelectuais e nas marginalidades a principal fonte de ameaça para o *establishment*. Segundo sua análise, a sociedade industrial contemporânea tende tornar-se totalitária, seguindo os princípios da técnica e do desempenho na gestão humana. Ao lado disso, temos a apatia na tomada de decisões, dito em outras palavras, apatia com o que não tange diretamente os interesses do "homem de uma só dimensão", que, interiorizando a coação externa em troca de vantagens materiais (incluindo a consciência da própria coação), mina sua autonomia e sua capacidade de auto organizar-se (CAPELLARI, 2007, p. 22). A imaginação e o resgate da fantasia figurariam nesse quadro como uma função crítica e um ato de protesto:

Naquele que já foi chamado de “o mais marcusiano dos livros de Marcuse,” *Eros e civilização*, o filósofo ensaia uma resposta. Depois de comentar o que entende por “valor de verdade da imaginação,” Marcuse defende o resgate da fantasia como gesto de protesto contra o esquecimento daquilo que pode ser. Com Whitehead e André Breton, ele ressalta a função crítica da imaginação, chamando atenção para sua importância, no limite, política como ato de resistência contra as limitações impostas à liberdade pelo princípio de desempenho. Citando o “Manifesto do Surrealismo”, de 1924, ele escreve: “Reduzir a imaginação à condição de escrava, ainda quando disso dependesse o que é grosseiramente chamado de felicidade, seria atraiçoar o supremo imperativo de justiça que se encontra no íntimo de cada um. Somente a imaginação é capaz de mostrar-me aquilo que pode ser.” De

acordo com Marcuse, os surrealistas teriam sido os primeiros a se apropriarem do enorme potencial revolucionário contido nas teorias de Freud, ultrapassando, contudo, a metapsicologia tout court, ao sustentarem a possibilidade de um outro arranjo social, no qual a fantasia e a realidade não se oporiam, constituindo, antes, o direito e o avesso de uma mesma "Sobre-realidade" (Surréalité) – num certo sentido, mais verdadeira que a própria normalidade autorizada como tal. (BRETAS, 2008, p. 7-8)

Para Marcuse, não só o surrealismo, mas grande parte das obras de arte desde o século XIX representam uma revolta anti-burguesa e contestação ao mundo industrial, comércio, materialismo e a razão instrumentalista, que gerariam a distorção das relações humanas. Diante do estado presente do mundo, a cultura artística preservaria a memória das coisas passadas, que podem tornar-se fonte de utopia (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 206-207).

Os surrealistas, cuja atração pelo mito deve-se "ao fato de construir (juntamente com as tradições esotéricas) uma alternativa profana ao domínio religioso sobre o universo do não racional" (Ibid, p. 201), preocuparam-se em criar e impor um novo mito<sup>69</sup>, um "mito coletivo de nossa época" (Ibid, p. 201). Acabaram por inventar "um *novo mito*, destinado a atravessar como um cometa incendiário o céu da cultura moderna" (Ibid, p. 202) e que será legada aos movimentos de contracultura:

Qual é esse mito? Para poder responder a essa questão, não é inútil voltarmos à obra mais "mitológica" de Breton, *Arcano 17* (1944). O poeta evoca, e ao mesmo tempo transpõe, os mitos de Ísis e Osiris, o mito de Melusina, o mito da Salvação terrena pela Mulher, o mito astrológico do Arcano 17, o mito de Satã, Anjo da Liberdade e, sobretudo, "um mito dos mais poderosos [que] continua aqui a me ligar": o amor louco, "o amor que toma *tudo o poder*" e no qual "reside toda a força de regeneração do mundo". Na conclusão do livro – um dos textos mais *luminosos* do surrealismo –, todas essas figuras míticas correm como riachos de fogo para uma imagem que é, para Breton "a expressão suprema do pensamento romântico" e "o símbolo mais vivo do que ele nos legou": a estrela da manhã – "caída da frente do anjo Lúcifer" – como alegoria da revolta. Esse símbolo significa que "é a própria revolta, apenas a revolta que é criadora de luz. E essa luz só pode passar por três vias: a poesia, a liberdade e o amor..." (Ibid, p. 202-203)

Wilhelm Reich foi outra grande referência para a revolução comportamental da juventude, sobretudo com sua obra *A revolução sexual* de 1936 e lançada no Brasil em 1969. Reich apontava na família compulsória triangular pequeno-burguesa a gênese de ideologias autoritárias como o fascismo. Isso se deve a uma mudança da função da família na sociedade autoritária, que passa a

---

69 "Uma dessas formas culturais pré-modernas, o *mito*, será a partir do final dos anos 1930 uma das peças principais do dispositivo espiritual e afetivo do surrealismo. Sem dúvida, Breton e seus amigos pensam que o mito é um cristal demasiadamente precioso para ser abandonado aos mitômanos fascistas. Em 1942, no pior momento da guerra. Breton acredita mais do que nunca na necessidade de um contra-ataque nesse campo: "Ante o conflito atual que abala o mundo, os espíritos mais difíceis chegam a admitir a necessidade vital de um mito, que se oponha ao de Odin e a alguns outros". É também a preocupação de outros intelectuais antifascistas, como os alemães Ernst Bloch (e Thomas Mann) ou os franceses Caillois e – não sem ambiguidades lamentáveis – Bataille. Entre as pessoas que compartilhavam seu interesse pelo mito, Breton cita em *Prolegômenos a um Terceiro Manifesto do Surrealismo ou não* (1942) Bataille, Caillois, Duthuit, Masson, Mabile, Leonora Carrington, Ernst, Étiemble, Péter, Calas, Seligmann, Henein" (Ibid, p. 200-201)

desempenhar um papel político elementar:

Enquanto a família na era pré-capitalista da propriedade privada e nos primórdios do capitalismo tinha uma raiz imediata na economia familiar (como ainda hoje na economia dos camponeses), realizou-se com o desenvolvimento das forças de produção e de coletivização do processo de trabalho uma *mudança na função da família*. Sua tarefa cardinal, aquela pela qual é defendida mais frequentemente pela ciência conservadora e o Direito conservador, é a sua propriedade como *fábrica de ideologias autoritárias* e estruturas conservadoras. Constituí o instrumento de educação pelo qual, quase sem exceção, tem que passar todo membro da sociedade, a partir do primeiro sopro de vida. Não apenas como instituição de caráter autoritário, mas, como veremos logo a seguir, por força de sua própria estrutura, influencia a criança no sentido da mentalidade conservadora; é a mediadora entre a estrutura econômica da sociedade e sua superestrutura ideológica, é envolvida pela atmosfera conservadora, que necessariamente acaba ficando gravada indelevelmente em cada um dos seus membros. Transmite, pela sua formação e por influência direta, não apenas atitudes gerais com respeito à ordem social existente e maneira de pensar conservadora, mas também exerce influência imediata, especialmente pela estrutura sexual da qual se origina e que propaga, sobre a estrutura social das crianças no sentido conservador. Não é por acaso que a atitude dos adolescentes, respectivamente, a favor ou contra a ordem social vigente até certo ponto corresponde à atitude deles, respectivamente, a favor ou contra a família. Também não é por acaso que a juventude conservadora e reacionária, de modo geral, não se levando em conta alguns casos divergentes isolados, é afeiçoada à família e tende a conservá-la, ao passo que a juventude revolucionária é inimiga e tende a desfazer a família, desligando-se mais ou menos completamente dos laços familiares. (REICH, 1981, p. 58)

Esse processo decorre de dois fatores mutuamente ligados e influentes na educação familiar. O primeiro deles é a influência direta de ideologias concretas que passam a ser reproduzidas na juventude por intermédio da família, através do pai patriarcal, que funciona como uma espécie de primeiro-sargento:

O tipo predominante da família, a pequeno-burguesa, se estende muito além da chamada "pequeno-burguesia", penetrando profundamente na grande-burguesia e também na classe dos operários. A base da família pequeno-burguesa é a relação entre o pai patriarcal, a mulher e os filhos. Ele é, por assim dizer, o expoente e representante da autoridade estatal na família. Devido à contradição entre a sua posição no processo de produção (subordinado) e a sua função familiar (chefe), ele é lógica e tipicamente uma espécie de primeiro-sargento; submete-se aos que estão acima dele, absorvendo totalmente os pontos de vista dominantes (daí a sua tendência para a imitação), e domina os que estão abaixo dele; transmite os pontos de vista governamentais e sociais e os faz respeitar (Ibid, p. 59).

No que concerne ao que Reich chamou de *ideologia sexual*, ou seja, na maneira como se pensa o sexo (enquanto prática) e as relações afetivas, a ideologia matrimonial confunde-se com o próprio núcleo da família. O casamento monogâmico e a família triangular chegam erroneamente a ser entendidas como uma necessidade e instituição natural:

Por mais miseráveis e inconsoláveis, dolorosas e insuportáveis que sejam a situação conjugal e a constelação familiar, os membros da família têm de defendê-la ideologicamente tanto dentro como fora dela. A necessidade social de proceder assim

obriga a encobrir a miséria e a manutenção da família e do casamento; cria também a sentimentalidade familiar largamente difundida e *slogans* tais como "felicidade familiar", "lar, doce lar", "recanto tranquilo" e a felicidade que a família aparentemente significa para as crianças. O fato de que, em nossa sociedade, fora da família e do casamento a situação é muito pior, porque aí falta toda e qualquer proteção material, legal e ideológica da vida sexual, é erroneamente interpretado como se a instituição da família fosse uma necessidade natural. O hábito de procurar enganar a si mesmo e os *slogans* sentimentais, que constituem elementos importantes da atmosfera de influência ideológica, são psicologicamente necessários, pois ajudam a tolerar a psicologicamente intolerável situação familiar. É assim que se explica por que o tratamento das neuroses com tanta facilidade destrói o liame familiar e matrimonial; já que acaba com as ilusões, a verdade inexoravelmente vem à luz. (Ibid)

Assim sendo, a "*educação para o casamento e para a família é a finalidade da educação das crianças desde o princípio*" de forma a reproduzir, não só ideologias sociais concretas, mas também um padrão familiar compulsório (e falho) erroneamente confundido como natural. O outro fator apontado por Reich liga-se à influência imediata da própria estrutura triangular, onde a "educação sexualmente negativa e negadora não é ditada apenas pela atmosfera social, mas se torna necessária pela repressão sexual dos adultos", uma vez que sem ela "a existência na atmosfera familiar é impossível"(Ibid).

Na típica família da pequeno-burguesia, a influência da sexualidade assume formas específicas que determinam a disposição individual para a mentalidade de "casamento e família". É que se fixa o erotismo pré-genital dando ênfase exagerada às funções de nutrição e de excreção, ao passo que se cerceia totalmente a atividade genital (combate ao onanismo). A inibição genital e a fixação pré-genital determinam um desvio do interesse sexual para o sadismo, e a curiosidade sexual da criança é ativamente subjugada. Isso entra em choque com a situação domiciliar, o próprio comportamento sexual dos pais e o inevitável ambiente sexualmente acentuado na família. As crianças não deixam de observar todos os acontecimentos, embora, obtenham impressões distorcidas e façam interpretações errôneas... A inibição ideológica e educacional da sexualidade, por um lado, a apreciação e assistência dos acontecimentos mais íntimos entre os adultos, pelo outro lado, já põem na criança a base da hipocrisia sexual. (Ibid, p. 59-60)

Tal repressão dos impulsos sexuais necessária para a existência da atmosfera familiar, em especial quando do Complexo de Édipo<sup>70</sup> da criança em diante, é "qualitativa e quantitativamente,

70 "O chamado "complexo de Édipo" abrange todas essas relações que, em sua quantidade e antes de mais nada, em seu resultado, são determinadas pelo ambiente mais amplo e pela estrutura da família. A criança dirige seus primeiros impulsos genitais amorosos (deixamos, por amor à simplicidade, de levar em consideração os impulsos pré-genitais) para as pessoas mais próximas de sua vizinhança, que são, na maioria dos casos, os pais. Tipicamente, a parte paterna heterossexual é amada e a do sexo igual é odiada inicialmente. Contra esta desenvolvem-se impulsos ciumentos e ódio, mas ao mesmo tempo também sentimentos de culpa e medo. O medo refere-se em primeiro lugar aos próprios impulsos genitais perante a parte do sexo oposto. 'Este medo, em virtude da impossibilidade real de satisfação do desejo de incesto, leva à repressão. É dessa repressão que se origina primariamente a maioria dos distúrbios amorosos mais tarde. Não se deve, porém, descuidar de dois aspectos importantes para as consequências dessa experiência infantil. Em primeiro lugar, não haveria nenhuma repressão se o menino, por exemplo, tivesse de renunciar ao desejo genital pela mãe, mas se lhe fosse permitido o jogo genital com as meninas de sua idade, bem como o onanismo socialmente. Não se admite de boa vontade que tais jogos sexuais ('brincar de doutor' etc.) sempre acontecem, onde crianças se encontram em companhia de outras por tempo prolongado; realizam-se, no entanto, com plena consciência da proibição de tais atividades e, portanto, com sentimentos de culpa e fixações prejudiciais a tais jogos. A criança que não ousa praticar tais jogos, quando para isso tem oportunidade, é candidata

determinada pelo modo pelo qual os pais encaram a sexualidade" (Ibid). A maneira pela qual a criança irá reagir frente a sua situação de repressão, bem como seu grau de individualismo e a dinâmica de outros espaços de sociabilidade (jardim de infância), determinam o grau de enraizamento no inconsciente da criança da autoridade autoritária dos pais, cuja dissolução posterior é fundamental para uma vida sexual sadia:

O fato da criança já experimentar a sua genitalidade na casa paterna na idade crítica entre 4 e 6 anos já lhe impõe uma solução determinada, específica, para a educação familiar. Uma criança que a partir do terceiro ano de vida tivesse sido educada juntamente com outras crianças, sem influência do pai e da mãe, desenvolveria a sua sexualidade de maneira completamente diferente, em formas que aqui não poderão ser discutidas. Não se pode subestimar o fato de que a educação familiar é praticamente individualista, exclui a influência favorável de uma coletividade de crianças mesmo nos casos em que a criança passa algumas horas num jardim de infância. A ideologia familiar influencia praticamente o jardim de infância muito mais do que este influencia a educação familiar. A criança é, pois, forçada para dentro do seio da família e por isso adquire uma fixação aos pais de forma sexual e autoritária. Já pela sua pequenez física é esmagada pela autoridade dos pais, seja esta rigorosa ou não. A ligação autoritária supera em breve a sexual, força-a a uma existência inconsciente e, mais tarde, quando os interesses sexuais devem dirigir-se para o mundo extra-familiar, atua como uma poderosa inibição entre o interesse sexual e a realidade. Justamente porque a própria ligação autoritária em grande parte se torna inconsciente, não mais é acessível à influência consciente. Pouco significa se a ligação inconsciente à autoridade autoritária dos pais muitas vezes se exprime como revolta neurótica; nem assim consegue fazer desenvolver os interesses sexuais, a não ser em forma de ações sexuais impulsivas e incontroladas, como compromissos patológicos entre a sexualidade e o sentimento de culpa. A dissolução posterior dessas ligações com os pais é a condição fundamental de uma vida sexual sadia. É conseguida hoje apenas por uma minoria. (Ibid, p. 61)

A esses fatores soma-se a dinâmica da vida familiar, que podem levar ou não a uma oposição à ideia de casamento. Essa é decorrente dos exemplos tidos no histórico da criança e no qual os conflitos matrimoniais são despejados na criança:

O entrosamento com os pais, tanto a ligação sexual como a subordinação à autoridade do pai, na puberdade dificulta a entrada na realidade sexual e social, onde não se torna completamente impossível. O ideal pequeno-burguês do bom filho e da boa filha caseira, que até a idade madura ainda se encontram psiquicamente na situação infantil, é o extremo oposto da juventude livre autônoma.

Outra característica da educação familiar é que os pais, especialmente a mãe, quando não é obrigada a procurar seu sustento fora do lar, cada vez mais procuram nas crianças o conteúdo da vida – e em prejuízo delas descobrem que nisso os filhos desempenham o papel de cachorrinhos de estimação, que se podem amar, mas também maltratar à vontade, que a atitude emocional dos pais os torna completamente inadequados para a educação, são fatos muito corriqueiros para que nos preocupemos com eles aqui.

Aquilo que da miséria matrimonial nos conflitos conjugais não pode ser sanado diretamente

---

certa a graves prejuízos em sua vida sexual posterior por obedecer aos princípios da educação familiar. A história simplesmente considerará essas constatações como produtos de uma fantasia deteriorada. Não se pode mais negar esses fatos e fugir a suas consequências. É verdade que a discussão social oficial dessas coisas jamais se realizará enquanto a educação familiar depender, econômica e politicamente, da sociedade autoritária" (Ibid, p. 60).

é despejado sobre as crianças. Isso estabelece novos danos para a sua independência e sua estrutura sexual, mas também cria um novo conflito: o da aversão delas ao casamento em virtude do que viram no casamento dos pais, isto é, o conflito entre a *oposição ao casamento* e a compulsão *econômica* posterior de casar. Na puberdade que se desenrolam as tragédias, justamente quando os jovens conseguiram escapar dos prejuízos da educação sexual infantil e querem libertar-se das algemas da família.

A repressão sexual, à qual os adultos tiveram que se sujeitar para suportar a vida conjugal e familiar, é assim transmitida às crianças. E como mais tarde, por motivos econômicos, elas terão de voltar à situação familiar, a repressão sexual continua a passar de geração para geração. (Ibid, p. 61-62)

Assim, mesmo que o indivíduo cresça com uma oposição à ideia de matrimônio, tida como negativa devido aos exemplos familiares, em geral tende a reiniciar o ciclo vicioso devido à compulsão econômica. Desse ciclo, Reich delinea alguns perfis possíveis para o desenvolvimento posterior do indivíduo. No amadurecimento saudável, os sentimentos de ódio, medo e de culpa permanecem conscientes, tornando-se motor da libertação do laço familiar (ligação autoritária mencionada acima), se transferindo para sua própria superação dos fatores originários de tais sentimentos:

A inibição sexual que resulta das relações para com os pais se adicionam os sentimentos de culpa do ódio desmedido que se armazenou nas crianças na situação familiar durante anos. Se esse ódio permanecer consciente, poderá transformar-se numa força impulsora revolucionária individual poderosa; tornar-se-á o motor da libertação do laço familiar "e poderá então transferir-se com facilidade para as metas racionais da luta contra aquelas situações que originaram tal ódio. (Ibid)

No entanto, se esses sentimentos não são conscientes e são trabalhados de forma a ser superados e são reprimidos pelo indivíduo, lembrando que, para Reich, apenas uma minoria da população em seu tempo conseguia fazer a dissolução da autoridade autoritária; deles se desenvolvem os impulsos opostos da fidelidade e da obediência infantil, retrocedendo as capacidades de autonomia, decisão, crítica e opinião própria. Amadurecem assim com graves problemas para a independência pessoal:

Se o ódio, entretanto, é reprimido, dele se desenvolvem os impulsos opostos da fidelidade e da obediência infantil, que certamente se tornam pesos de chumbo, quando mais tarde motivos racionais levam o indivíduo em questão ao movimento liberal. Encontra-se então aquele tipo que pode até ser favorável à completa liberdade, mas deixa ministrar aos seus filhos ensino de religião e ele próprio não renuncia à Igreja, apesar de ser contrário às suas convicções, justamente porque "não pode fazer uma coisa dessas aos seus velhos pais". Observa-se nele, porém, também, laivos de hesitação e tergiversação, indecisão, dependência, em consideração à família etc. Certamente, ele não é o tipo do baluarte da liberdade.

Mas da mesma situação familiar pode-se originar o "revolucionário por motivos neuróticos". Ele é muito frequente entre os intelectuais da pequena-burguesia. Isso



naturalmente nada depõe contra o seu valor como revolucionário. No entanto, a ligação aos sentimentos de culpa torna a personalidade revolucionária assim estruturada um assunto problemático. (Ibid, p. 62)

Por fim, a repressão das necessidades sexuais, bem como a interiorização dos sentimentos negativos dela advindos e reprimidos; podem gerar um enfraquecimento geral das funções intelectuais e emocionais, acabando com a auto-segurança, com a vontade e a capacidade crítica. Assim, se desenvolve um perfil de vassalagem e rebeldia ao mesmo tempo, com ânsias de lideranças e temor da autoridade, necessidade de apoio e medo da vida:

A repressão das necessidades sexuais se reflete ainda num enfraquecimento geral das funções intelectuais e emocionais, principalmente da auto-segurança, da força de vontade e da capacidade de crítica. Para a ordem social autoritária não importa a "moral em si". As modificações no organismo psíquico, que devem ser atribuídas ao enraizamento da moral sexual, é que primeiramente criam aquela estrutura psíquica que constitui a base da psicologia das massas de qualquer ordem social autoritária. A estrutura de vassalo é uma mistura de impotência sexual, indefensabilidade, necessidade de apoio, ânsias de liderança, temor da autoridade, medo da vida e misticismo. É caracterizada pela inclinação para a rebeldia e vassalagem ao mesmo tempo. O temor sexual e a hipocrisia sexual constituem o núcleo daquilo que chamamos comodismo burguês. Pessoas assim estruturadas são incapazes de democracia. Em suas estruturas esboroam-se as experiências de construir ou manter organizações sob a direção realmente democrática. Formam o solo da psicologia das massas sobre o qual podem desenvolver-se as apetências ditatoriais e inclinações burocráticas dos líderes democraticamente eleitos. (Ibid)

Daí Reich apontar a família compulsória como "fábrica de ideologias autoritárias" (Ibid, p. 58). Conclui finalmente que a função política da família bifurca-se em dois ramos:

Reproduz-se a si mesma, aleijando o indivíduo sexualmente; ao perpetuar a família patriarcal, também perpetua a repressão sexual com suas conseqüências: distúrbios sexuais, neuroses, psicoses, crimes sexuais.

Cria o indivíduo que está sempre com medo da vida e da autoridade e assim estabelece repetidamente a possibilidade das massas poderem ser dominadas por um punhado de indivíduos poderosos.

Assim a família adquire para o conservador seu significado especial como baluarte da ordem social na qual ele acredita. É por esse motivo que ela é uma das instituições mais fervorosamente defendidas na sexologia conservadora. Pois ela "garante a manutenção do Estado e da sociedade" – no sentido reacionário. (Ibid, p. 62)

Sendo assim, entende-se o porquê da principal bandeira do conservadorismo ser a defesa da família e conseqüentemente da "moral e dos bons costumes". A família compulsória estaria gerando continuamente indivíduos emocionalmente e sexualmente doentes; com medo da vida e da autoridade; sem consciência crítica, autonomia, vontade e opinião própria; com sentimentos de medo, ódio e culpa; sendo assim, incapazes de democracia e sujeitos a propensões ditatoriais e

burocráticas.

Ambos, Marcuse e Reich, foram fortes influências (dentre muitas outras) para a formulação da ideia de revolução compartilhada pela juventude contracultural nas décadas de 1960 e 1970. Não apenas ligada a uma questão do indivíduo, da cultura e dos costumes, as questões levantadas por esses autores e levadas à prática pela contracultura se revelam com uma profunda dimensão social e política. Seja pelo elemento da defesa da imaginação contra a eficiência e o utilitário, para "mostrar aquilo que pode ser" e atualizar uma cultura e política que não mais traziam efeitos, ou na revolução sexual e na transformação da família compulsória que, entendida como uma fábrica de ideologias autoritárias é o principal baluarte reprodutor da sociedade tecnocrática (e autoritária). A ideia de revolução *underground*, feita nas margens e nos interstícios da sociedade tecnocrática atacada, é pautada na transformação que parte do indivíduo em direção à sociedade, uma revolução no pessoal e no cotidiano, sem a qual, nenhuma revolução política/social conseguiria romper com um elemento repressor primordial da sociedade ocidental: a infelicidade no presente para redenção futura.

Reconcilia-se, no pensamento contracultural, a noção de que, à felicidade coletiva deve corresponder a individual e vice-versa, porquanto ambas as esferas encontram-se intimamente imbricadas. Se isso não ocorre, se há um *mal-estar na civilização*, a razão encontra-se nas formas pelas quais a sociedade se organiza, a partir de uma cultura calcada em princípios destrutivos, de oposição férrea entre homem e natureza, entre ego e mundo, entre razão e sentidos, entre vida e morte.

Daí a necessidade, a um só tempo, de transformação individual e coletiva pela superação da repressão basilar que tornando o ser humano infeliz com o presente, força-o na direção do futuro; de um futuro jamais alcançado e que, no plano da civilização, recebe o nome de progresso; mas que, sob a ótica *underground*, não é senão a confissão da inaptidão da cultura dominante para a felicidade; inaptidão que, na civilização industrial, atingiu seu paroxismo, tornando enfermos sociedade e indivíduo. (CAPELLARI, 2007, p. 123)

Longe de ser um mero distanciamento do mundo social, é antes uma emancipação da subjetividade, afirmando o direito de ser diferente e atacando tudo que fragmenta a vida comunitária e, também, uma proposta de reinvenção do cotidiano, dos costumes e das relações sociais. Não por acaso, uma forte noção e ideologia coletivista também caminhava lado a lado com a matriz romântica de pensamento e da ideia de revolução interna da contracultura. A visão de despolitização e indiferença desses seguimentos remete ao valor romântico do individualismo e ao esquecimento do seu valor de totalidade e comunitarismo:

Segue-se então que o "individualismo" dos românticos é essencialmente distinto daquele do liberalismo moderno. Essa diferença foi analisada com muita sutileza por Georg Simmel: ele chama o primeiro de "individualismo qualitativo" para distingui-lo do "individualismo quantitativo" do século XVIII e do liberalismo inglês e francês. O individualismo romântico enfatiza o caráter único e incomparável de cada personalidade – o que, segundo Simmel, conduz logicamente à complementaridade dos indivíduos em um todo orgânico.

[...]

É importante enfatizar a esse respeito, contra uma corrente de pensamento que pretende ver no fenômeno romântico sobretudo ou exclusivamente uma afirmação de individualismo exacerbado, que a exigência de comunidade é tão essencial à definição da visão romântica quanto seu aspecto subjetivo e individual. De fato, ela é mais fundamental, porque o paraíso perdido é sempre a plenitude do todo – humano e natural. (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 48)

É preciso problematizar também o que se entende por *indiferença*. É nela que parece residir a raiz da conotação negativa do desbunde, pelo menos no tocante à argumentação lógica que os enquadra como indiferentes às questões políticas e, conseqüentemente, como despolitizados. O conceito tem sido tradicionalmente pensado e conotado negativamente:

Foi ao longo dos densos séculos que configuraram, com deslocamentos e multiplicidades de formas, a modernidade, que a indiferença foi sendo historicamente desdobrada – apatia, desinteresse, cinismo, atitude blasé, desengajamento, "distanciamento irônico" (expressão presente na proposta deste colóquio) sem, no entanto, jamais perder ou esmaecer a carga afetiva e racional de negatividade. A indiferença (de alguma forma, ou em suas várias formas) sendo enunciada como o sentimento ou atitude que poluiria as performances infundas da razão e o exercício pleno e potencial da liberdade que, conjugados, instituiriam o indivíduo e as individualidades. (SEIXAS, 2016, p. 148)

É essa "carga afetiva e racional" que devemos deixar de lado para pensarmos o político da *indiferença* (e do desbunde), do não agir ou agir com indiferença. Esses, quer queiram ou não, ainda se inserem no jogo político, no "agonismo" que menciona Foucault (1995, p. 245), ou seja, das disputas de xadrez entre a estratégia dos governos de individualização e as táticas da intransigência da liberdade do indivíduo em seu cotidiano.

Partindo sua análise sobre os diferentes tipos de niilismo e de como Nietzsche poderia ajudar a pensar a *indiferença* sem sua conotação negativa; Bessa, a partir de um trecho<sup>71</sup>, nos atenta para um tipo de niilismo que está "muito longe do pessimismo radical" uma vez que "transvalora, ou seja, positiva, e ao meu ver, promove uma espécie de conciliação entre o dionisíaco e o apolíneo" (Ibid, p. 124). Não uma recusa, mas uma postura de dizer sim ao mundo. A *indiferença* possui uma dimensão potencialmente criativa na medida em que:

Não pode haver indiferença que não seja também produção desejante, pois, ao estar no campo da ética, constitui-se em parte imanente do jogo político, ainda que para provocar nele, sem querer (distraidamente), disjunções – transformadoras, revolucionárias, dissidentes, como também reiterações da norma ou das práticas institucionalizadas. O efeito das disjunções e do mal estar causado pelas intensidades no corpo social é algo inesperado, ou seja, não necessariamente o desejo de sair de si através do uso de drogas, ou o desbunde

---

71 "Uma filosofia experimental, tal como eu a vivo, antecipa experimentalmente até mesmo as possibilidades de um niilismo radical; sem querer dizer com isso que ela se detenha em uma negação, no não, em uma vontade de não. Ela quer, em vez disso, atravessar até ao inverso – até a um dionisíaco dizer sim ao mundo, tal como é, sem desconto, exceção e seleção –, quer o eterno curso circular: – as mesmas coisas, a mesma lógica e ilógica do encadeamento" (NIETZSCHE, 1888 apud BESSA, 2015, p. 124)

através da corporalidade e da atitude não convencional do comportamento (afetivo, sexual e moral) representam um corte com o desejo de poder, com a repressão que opera política e culturalmente e a acomodação. No entanto, é igualmente verdadeiro supor que a indiferença para com as convenções e normatizações, advinda do desbunde, tenha nos incitado à busca por novos territórios subjetivos, menos conservadores do que aqueles disponíveis no campo das regras e normas sociais instituídas. (Ibid, p. 143)

Não se trata aqui de inverter as conotações e simplesmente enquadrar a *indiferença* com uma carga afetiva positiva, mas de pensar outras possibilidades para além da negativa. Nessa linha, Daniel Faria, partindo de Roland Barthes, expõe três possibilidades de sentidos:

Se é plausível pensarmos na indiferença como apatia, conformismo político e fechamento ao outro, não haveria uma indiferença diversa, como aberta ao "qualquer um" de "não importa quem" – tanto referente ao outro como ao si mesmo? No curso sobre *O neutro* Barthes abordou, pelo menos, três sentidos dos usos da indiferença. O adjetivo para desqualificar o neutro, por ser desprezo à autoridade e recusa individualista dos dilemas vividos coletivamente (ou seja: ausência de ideologia). A indiferença como insensibilidade, um deixar-se levar pelas coisas – mais precisamente, pelo fluxo das mercadorias. E, ainda, a indiferença como atividade do Neutro, no sentido de recusa de querer dominar ou agarrar as coisas, não temer "ser contaminado" por falas e ideias alheias, não se arrogar uma posição de senhor do tempo presente, viver a banalidade que há em cada um (não a futilidade, está claro). Aspectos que Barthes associa a tradições orientais, como zenbudismo e taoísmo. (FARIA, 2016, p. 108, 109)

Desprezo à autoridade e recusa individualista, insensibilidade e deixar-se levar pelo fluxo, não temer "ser contaminado" por ideias alheias e viver a banalidade que há em cada um. Essas parecem possibilidades de sentido não só desenraizadas de uma "carga afetiva e racional" negativa, mas representantes do que a *indiferença* ou agir com indiferença/não agir poderia significar para o desbunde. Isso vai de encontro também com a ideia de "dizer sim" ao mundo e não ao *não*.

Quando paramos para pensar na pergunta contextual "no que eles estavam a fazer?" (POCOCK, 2003, p. 29), ou formulando melhor: o que estavam a fazer esses jovens ao desbundar? No que os desbundados estavam a fazer quando produziam seus jornais, suas produções artísticas, suas comunidades alternativas, suas experimentações ou quando não produziam nada? O que eles estavam a fazer não agindo ou agindo com indiferença? Uma boa resposta para a questão parece ser: dizer sim ao mundo e não ao *não*<sup>72</sup>. Desenvolvendo essa ideia, me detenho agora brevemente na análise de trechos de cinco músicas consagradas e associadas ao desbunde.

---

72 Em referência à música *É proibido proibir* de Caetano Veloso.

### 1.3.1 – "Eu digo sim, eu digo não ao não"

Eu digo sim / Eu digo não ao não / Eu digo / É proibido proibir / É proibido proibir<sup>73</sup>

O trecho acima é da canção *É proibido proibir*. O título vem de uma das pichações feitas nos muros de Paris durante o Maio de 68. Como vimos anteriormente, foi em meio à apresentação desta música que Caetano Veloso foi vaiado e proferiu seu discurso atacando a "juventude que quer tomar o poder". Ela sugere um dizer não ao não, uma recusa libertária, digamos assim.

Ela nem sabe até pensei / Em cantar na televisão / O sol é tão bonito / Eu vou / Sem lenço, sem documento / Nada no bolso ou nas mãos / Eu quero seguir vivendo, amor / Eu vou / Por que não? Por que não...<sup>74</sup>

O trecho acima é da canção *Alegria, Alegria* de Caetano Veloso de 1967. Tida como um dos marcos iniciais do Tropicalismo (HOLLANDA, 2004, p. 54) (pelo menos em sua expressão musical), ela sugere alegria, "seguir vivendo, amor", e termina se questionando o porquê do não, ou seja, da negação de seguir num caminho "sem lenço e sem documento". Aqui já se encontra a sugestão de um deslocamento da estética e das sensibilidades para uma dimensão do deslumbramento com o mundo, com o amor, com a alegria de seguir vivendo, enquanto "contraponto à acidez crítica da arte engajada" (BESSA, 2015, p. 129) e uma "cultura da depressão" (DINIZ, 2014, p. 9) de parte da produção artística na virada para os anos 1970.

Atenção / Tudo é perigoso / Tudo é divino maravilhoso / Atenção para o refrão / É preciso estar atento e forte / Não temos tempo de temer a morte / É preciso estar atento e forte / Não temos tempo de temer a morte<sup>75</sup>

O trecho acima provém da música *Divino Maravilhoso*, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, mas cuja interpretação ficou consagrada com Gal Costa. A música explicitamente sugere atenção em vários momentos da letra: ao "dobrar uma esquina"; para a estrofe, o refrão, "palavrão" ou palavra de ordem; para o "samba exaltação"; para as janelas no alto, ao pisar no "asfalto mangue" e para o "sangue sobre o chão". Reiterando ao longo da música que tudo isso para o que chama atenção "é perigoso" (andar na rua, as palavras de ordem...) e de que tudo é "divino maravilhoso", remetendo ao deslumbramento e o dizer sim ao mundo. No refrão sua principal mensagem ou

73 Trecho da letra da música *É Proibido Proibir*, 1968. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/e-proibido-proibir.html>. Acesso em: 16/04/2017.

74 Trecho da letra da música *Alegria, Alegria*, 1967. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/alegria-alegria.html>. Acesso em: 16/04/2017.

75 Trecho da letra da música *Divino Maravilhoso*, 1968. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/gal-costa/divino-maravilhoso.html>. Acesso em: 16/04/2017.

palavra de ordem: "é preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte", ou seja, o mundo é perigoso, mas também é divino maravilhoso, para dizer sim a ele é preciso estar atento e forte, não temer a morte.

Besta é tu, Besta é tu / Besta é tu, Besta é tu / Besta é tu, Besta é tu / Não viver nesse mundo, se não há outro mundo. / (Por que não viver?) Não viver nesse mundo. / (Por que não viver?) Se não há outro mundo. / (Por que não viver?) Não viver outro mundo. / E pra ter outro mundo é preci-necessário viver. / Viver contanto em qualquer coisa<sup>76</sup>

Nessa mesma linha de dizer sim ao mundo, temos a música *Besta é tú* da banda Novos Baianos, música de 1972 do álbum *Acabou Chorare*, com um título também sugestivo de um fim da tristeza. O principal ponto da música é evidente. Num jogo de perguntas e respostas, o eu-lírico se pergunta três coisas: "por que não viver nesse mundo se não há outro mundo?"; "por que não viver? Se não há outro mundo?"; "por que não viver outro mundo?". Em seguida reitera que para ter outro mundo é preciso antes viver.

Rompi tratados / Traí os ritos / Quebrei a lança / Lancei no espaço / Um grito, um desabafo / E o que me importa / É não estar vencido / Minha vida, meus mortos / Meus caminhos tortos / Meu Sangue Latino / Minh'alma cativa<sup>77</sup>

Por fim, o trecho acima da música *Sangue Latino* da banda Secos e Molhados. Esse trecho, ao final da música parece se referir ao rompimento com a ortodoxia (tratados e ritos) e com a luta armada ("quebrei a lança e lancei no espaço"), já que o que importa é não estar vencido (contrastando com o sentimento de derrota do final de 1960) e seguir a vida em caminhos tortos (desviantes). Ao final, a letra me parece fazer ainda uma sobreposição dos significados de alma cativa, entre cativo e cativante.

Vamos retornar para questão de "o que estavam a fazer?" e a prévia resposta "dizer sim ao mundo e não ao *não*". Parece-me que essa aceitação do mundo e negativa do *não* está intimamente ligada com a ideia de voltar as preocupações para o aqui e o agora deste mundo e não deixa-las no outro mundo de um futuro redentor. O *desbunde* estava a resistir e lutar através de continuar vivendo, se adaptando (mas não se conformando) à nova realidade da repressão no pós AI-5, na única maneira que parece lhe fazer sentido: não na entrega da vida para a luta armada, mas na afirmação e transformação da vida através da *indiferença*.

A *Tribo* escutava essas músicas. Trechos dessas e outras canções aparecem na segunda

76 Trecho da letra da música *Besta é Tu*, 1972. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/os-novos-baianos/besta-e-tu.html>. Acesso em: 16/04/2017.

77 Trecho da letra da música *Sangue Latino*, 1973. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/secos-e-molhados/sangue-latino-2.html>. Acesso em: 16/04/2017.

edição do jornal, bem como uma entrevista com Gilberto Gil na terceira edição.

#### 1.4 – Segunda e terceira edição: Concertos Úteros

Segundo Gurgel, a ideia do jornal era "fazer uma edição por mês. E em março, um mês e poucos dias depois, saiu a segunda edição, com três mil exemplares e dois anúncios de um quarto de página cada um. O número de páginas subiu de 12 para 16" (GURGEL, 2011, p. 21). Segundo Armando:

Nós éramos jornalistas e jornaleiros. Nós fazíamos jornal e vendíamos na mão, então, isso foi outra característica muito importante da Tribo. A Tribo não nasceu distribuindo em bancas. A Tribo, a gente saía de jornaleiro vendendo a Tribo uma-por-uma no meio da rua. (ROLLEMBERG, 2017)

O aumento do número de páginas e de tiragens mostra um entusiasmo do grupo com o jornal. Se a Tribo nasceu sendo vendido à mão pelos seus integrantes, a partir da segunda edição o jornal "Vai às bancas (sem lenço, nem documento) e naturalmente encalha" (SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DO DISTRITO FEDERAL, 1993, p. 186). Isso se reflete na terceira edição que "apesar de alguma publicidade conseguida... roda com dificuldades", e conseqüentemente tem seu número de páginas reduzidas de 16 para 14.

Uma diferença do entusiasmo ou, pelo menos, de uma disposição do estado de espírito dos jornalistas jornaleiros, parece se manifestar visualmente nas imagens das capas. Enquanto a capa da segunda edição<sup>78</sup> (GURGEL, 2011, p. 35) traz uma sensação de paz e tranquilidade, com o desenho de uma pessoa deitada de olhos fechados no meio do caminho e debaixo de uma árvore; a terceira capa traz a imagem<sup>79</sup> (Ibid, p.55) de um homem e uma mulher fugindo de um anjo com uma espada de fogo. Com uma caveira segurando um instrumento musical de cordas ao seu lado a observar, essa talvez simbolizando a morte. Detalhe também para as colagens feitas em cima da gravura: dois revólveres sendo apontados para a cabeça e a genitália do homem, uma mão no canto superior direito apontando para cima. Outra diferença que se percebe entre as capas é o posicionamento do nome do periódico. A segunda edição de forma mais usual traz o nome em cima da imagem enquanto que a terceira edição traz o nome embaixo, junto com um desenho de um revolver sendo apontado para um olho.

Essa diferença parece refletir outra, entre as duas edições. A segunda é uma edição com um caráter mais jornalístico (no sentido informativo) e com mais leitura de textos; enquanto que a

---

78 Ver anexo 6, p. 191

79 Ver anexo 7, p. 192

terceira edição parece ser uma edição mais visual, imagética, como a própria sugestão do olhar e do olho na capa parecem dar a entender. Essa imagem do olho inclusive volta a aparecer como elemento simbólico forte nos dois poemas visuais (história em quadrinhos de imagens)<sup>80</sup> reproduzidos na edição (Ibid, p. 57, 59).

Apesar dessa sutil diferença, encontramos textos de caráter mais jornalístico (no sentido de comunicar), em ambas as edições. Na segunda temos a resenha e análise do filme *Satiricon* de Fellini no texto *A decadência no espectador* (Ibid, p. 48), bem como as resenhas dos shows de Gilberto Gil e Novos Baianos (Ibid, p. 37, 40-41), ambos em Salvador. Na resenha sobre os Novos Baianos há ainda um recado à mão assinado pela banda e reproduzido no jornal:

Tribo é um bom nome pra Novos Baianos, que não deixa de ser Tribo baiana. Brasília é uma coisa que baiano tem que conhecer. Nós estaremos aí. Ninguém perde por esperar. Ninguém perderá além de ver (...) Ainda de quebra o filme *O Final do Juízo*. (Ibid, p. 41)

Segundo Armando: "É, conhecemos o pessoal todo aí. Não, aquela coisa, chegaram, a gente tava lá e tal, nem eram tão famosos ainda" (ROLLEMBERG, 2017). Segundo a própria resenha de Luiz Carlos, *O Final do Juízo*:

É o filme que eles estão fazendo, um faroeste que mostra a luta entre o homem e o diabo. No princípio o diabo é um olho ("se teu olho te leva ao pecado, arranca-o e lança-o longe de ti") e o homem é uma boca ("não é aquilo que entra pela boca que mancha o homem, mas aquilo que sai dela"). Os seguidores do diabo usam roupas cibernéticas e perseguem os homens. Uma mão rasga o filme e então os seres cibernéticos tiram as roupas, revelando que os seguidores do diabo são os próprios homens: o homem é filho de Deus e do diabo, o homem é o diabo do homem. A mão fecha novamente o filme. Caetano no filme é um ladrão sem o sentido do valor, um ladrão que rouba um objeto e deixa outro no lugar. O ladrão vem fantasiado de Papai Noel. Depois Caetano é substituído no papel do ladrão por Dadi. Gal é uma fada que mora numa caverna e é escrava de uma princesa, a fada joga pedras e brinca com os baianos. O filme é uma loucura, uma brincadeira que deu certo, eles falaram: "nós vamos fazer um filme", e começaram as filmagens. Todo mundo disse que era impossível, muito difícil, mas eles foram filmando pouco a pouco e o filme já está com uma boa parte pronta. O roteiro é de Galvão, mas não é um roteiro que imponha restrições; é um filme em que o roteiro vai-se adaptando às novidades surgidas durante as filmagens. Músicas de Moraes e Galvão, de Cae, Gil, muitas músicas da pesada. É um filme mágico, com mil e uma transformações, efeitos especiais, e a cor do filme também é muito bonita. No final mostra cenas da vida dia-a-dia dos Novos Baianos. O filme será lançado no mercado em abril, no final do juízo. (GURGEL, 2011, p. 41)

Em meio ao desbunde surgia, também por essa época, a ideia de *arte marginal*. Suas principais características que as adjetivaram de marginais são os baixos custos, a subversão das formas dominantes de estética e de produção. Segundo Sheyla Diniz:

No meio artístico, a ideia de *marginal* surgiu de dentro do leque da "geração desbunde",

---

80 Ver anexos 8 e 9, p. 193-194



apontando para aspectos de criação pouco usuais frente a uma indústria cultural cada vez mais integrada e racionalizada. O artista *marginal* – às vezes também tachado de artista *maldito* – seria aquele cuja arte estaria comprometida com a subversão de uma estética dominante, chegando a ganhar, inclusive, "uma acepção positiva como sinônimo de condição alternativa e crítica à ordem estabelecida". Ser "marginal", de certo modo, "era uma postura que respondia a circunstâncias impostas pelo regime ditatorial militar, o que lhe conferia um significado, até certo ponto, próximo da noção de banditismo e/ou clandestinidade". Tal significado, diga-se de passagem, já havia ganhado forma na famosa expressão de Hélio Oiticica, "Seja marginal, seja herói!", inscrita numa bandeira, em 1968, com a foto do cadáver do bandido Cara de Cavalão. (DINIZ, 2014, p. 8)

A arte marginal foi uma ruptura com tropicalismo ao não mais buscar ser um eixo da cultura brasileira. Não buscavam uma aceitação do público e o público restrito tornou-se um dos elementos-chaves de artistas marginais como Hélio Oiticica, Torquato Neto e Jards Macalé. Uma das características da obra de Macalé é a crítica e autocrítica da condição do artista inserido na indústria cultural, que pela sua racionalização técnica condiciona e suprime a sensibilidade e a espontaneidade do artista (Ibid, p. 8-9). Alguns artistas marginais tinham também um viés ativista, não aquele aos moldes de uma militância mais tradicional. Nesse aspecto Macalé, junto com Xico Chaves, ex-estudante da UnB e participante da *Tribo*, fizeram um importante ato produzindo o show *Banquete dos Mendigos*, que ficou registrado para história num disco ao vivo:

No que compete à Jards Macalé, ação política é o que não faltou a ele ao ter seu contrato rescindido com a Phonogram. Com o objetivo, dentre outros, de reverter sua má situação financeira, o músico organizou e dirigiu o show *O Banquete dos Mendigos*, realizado no Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro, em dezembro de 1973. No intervalo de cada apresentação, um narrador lia os artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que celebrava 25 anos de existência. O quinto artigo foi recebido com fortes aclamações e salvas de palmas: "Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel desumano ou degradante", lembrando que o ano de 1973 foi um dos mais repressivos naquele contexto de ditadura militar sob a vigência do AI-5. Respalado pela bandeira da ONU na entrada do MAM, o espetáculo ganhava conotação de território neutro. A censura reagiu proibindo, por cinco anos, o disco decorrente da gravação do show. (Ibid, p. 10-11)

Na terceira edição temos duas resenhas. A primeira, *Concerto Úteros*<sup>81</sup>, é sobre um evento ocorrido na Universidade de Brasília. O concerto, segundo o texto, foi um ritual de fuga à frustração sexual, à repressão religiosa e à informação, através da união de teatro e música: "Sábado, no pôr-do-sol enquanto a lua cheia cresce a Oeste, nós todos começamos fazendo um ritual, na sombra da grama" (GURGEL, 2011, p. 56). O texto, organizado à forma de um poema, é uma união de registro e poesia, uma espécie de registro poético onde o autor inicia e termina como um relato, em meio o qual a poesia se faz:

Auditório da Música

---

81 Ver anexo 10, p. 195

Universidade de Brasília  
O PLANALTO CENTRAL

está quieto

todos concentrados meditando sobre uma longa estrada em que caminhamos juntos, cada um fazendo o que quiser.

Lentamente a meditação acaba, as pessoas levantam-se e dirigem-se p/ o interior do Auditório SOM UTERINO (é tão difícil se acomodarem muitas pessoas em um espaço tão pequeno, mas é possível em pé, sentadas bem próximas umas das outras no chão, nas cadeiras poucas)

1ª Cena

OBM – todos assistem a OFICINA BASICA DE MÚSICA trabalhar entre gestos e ruídos, olhos e ouvidos ligados na frequência da neurose repressiva, os trabalhadores de som se libertam de suas prisões, fuga

Nº 1: à frustração sexual fuga

Nº 2: à repressão religiosa fuga

Nº 3: à informação deturpada (Ibid)

A partir desse momento, o texto se transfigura num poema:

E agora / Senhoras e Senhores / diretamente do Útero circense / apresentamos / uma coleção especial de / feras / Nas vitrines-olhares / desfilaram e curtiram / personagens e personalidades arriscando-se no picadeiro na rinha / na Plaza de Toros no Ringue / ou resumindo tudo isso no palco / O tempo urge / ou / O tempo ruge? / A pergunta ficou sibilando / ecoando ou chacoalhando? / Não sabemos! / Mas a tentativa de unir o som ao teatro / continuou solta / caçando sua resposta no espaço do / Auditório de Música // Universidade de Brasília / O Planalto Central / está quieto / ressonando / meia-noite / a lua cheia se precipita / à Leste / o Concerto / Viagem ao-som-uterino está paralisado por algum tempo enquanto as pessoas re-voltam p/ suas casas // O Eco / voltando ao local da / explosão / o Útero. (Ibid)

A quebra de estrofes do poema parece sinalizar uma quebra no evento também. Na primeira estrofe há perguntas ecoando pelo Auditório da Música em meio à tentativa de unir som e teatro que "continuou solta". Na segunda estrofe a Universidade de Brasília e o Planalto Central estão quietos, o Concerto paralisado por algum tempo e as pessoas re-voltam (fazendo um trocadilho com a palavra revoltam) para suas casas. O que teria acontecido? Apenas o término do Concerto ou uma interrupção? Registro e poesia se misturam em meio aos versos. Ao final o autor volta à forma de carta com vários *post scriptum*, cada um parecendo ser recados de diferentes pessoas sobre o concerto-ritual:

P.S.: Não eu não quero falar sobre o concerto.

P.P.S.: O concerto foi uma boa, mas se tu quiseses por que foi uma boa, põe, que é uma boa.

P.P.P.S.: O concerto está muito longe já. No dia gostei. Da minha participação gostei.

P.P.P.P.S.: Achei o maior barato o que o Sérgio falou sobre se masturbar sobre o público.

5.P.S.: Foi legal p/ mim, mas pra quem ler isso aí não sei.

6.P.S.: Não me amarrei no ritual, sabe o que eu visualizei? Deixa eu ver... Não, não vou dizer, mas a flauta foi da pesada.

7.P.S.: Eu me perdi do grupo fiquei desesperada e não gostei de ter ficado trancada no banheiro. (Ibid)

A outra resenha dessa edição é um texto reproduzido e traduzido sobre Alice Cooper. O texto inicia em um parágrafo denominado de Plumas de Sangue:

A primeira atração de Killer é o nome de líder adotado como título do quinteto: Alice Cooper. Alice, 28 anos, alto(a), magro(a), não desmente nem confirma esse nome e também não se preocupa em destruir ou reforçar sua aparência bissexual. Unhas compridas, cabelos eriçados, maquilagem, roupa berrante e feminina (quase sempre uma malha de balé, ou calças de lamê dourado), ele(a) poderia ser chamado simplesmente de um travesti alucinado, mas sua encenação não termina aí. Ao vivo, o conjunto oferece rituais sádicos, como o de destroçar membro a membro de uma boneca e punições de correspondente masoquismo: após o crime, com riqueza de detalhes e iluminação, figura-se o enforcamento do assassino. Tudo acontece num clima ainda mais pesado, com penas, balões negros e galinhas vivas sendo atiradas na plateia. (Ibid, p. 59)

Alice Cooper nesse momento se ligava ao que ficou conhecido como glam rock<sup>82</sup>. Na virada para a década de 1970, também começamos a ter uma valorização da androginia em certos movimentos artísticos brasileiros desbundados com suas características próprias. Segundo Karla Bessa:

Nos anos 70 vivia-se a especulação da exposição do corpo, a caricaturização da feminilidade e da masculinidade e a valorização da androginia. Práticas que eram entendidas como comportamentais, em contraposição aos movimentos esquerdistas movidos à ideologia revolucionária, e indiferentes aos resultados transformadores ou revolucionários desta estética devoradora do estrangeiro, assim como do passado cultural (indígena, africano e português (Secos & Molhados), que atropofagicamente se propunha a fazer algo "diferente da caretice" (Rita Lee, 1972), ou seja, uma "Refestança" (Gilberto Gil & Rita Lee, 1977). Embora o desbunde tenha uma qualidade local própria, um olhar transnacional nos levaria a compreender seu caráter amplo e disseminado. (BESSA, 2014, p. 129)

---

82 "O *glam rock* era parcialmente baseado no estilo de rock pré-hippie da subcultura Mod dândi inglesa de meados dos anos 1960, e músicos glam como David Bowie e Marc Bolan (T. Rex) abandonaram as longas jams musicais populares entre os músicos hippies em benefício da música pop efervescente e bem-construída de três-a-quatro minutos que fazia lembrar aquele período. O crescimento da cultura gay foi outra influência. Se a esquerda estava em fuga, os gays estavam em alta, e gays saídos do armário e ostentando isso devolviam uma sensação de audácia, novidade, sensualidade e alegria a uma contracultura que tinha se tornado amarga e ranzinza durante o seu período revolucionário. Finalmente, mas certamente não menos importante, a cultura do *glam rock* estava alicerçada na consanguinidade entre Art Factory de Andy Warhol e o Velvet Underground – a brilhantemente experimental (e altamente impopular) banda de rock que Warhol tinha financiado em 1966-1967. Enquanto os hippies e a Nova Esquerda estavam construindo e reconstruindo suas identidades, a fábrica de Warhol em Nova York era habitada por *drag queens*, amigos drogados e outros freaks que eram originais e fodidos demais para se conformar mesmo com versões contraculturais do bom e do belo" (GOFFMAN; JOY, 2007, p. 341)

O desbunde também participou dessa valorização da androginia. Com ares talvez menos sombrios e grotescos que o *glam rock*, e mais coloridos, carnavalescos e escrachados, muitos desbundados tomaram essa atitude de "desconstrução bem humorada das normas e instituições, realizadas por uma ode ao prazer e ao belo, ao sentimento de ridicularização do "bom comportamento" (Ibid, p. 133), como por exemplo, os *Dzi Croquettes*:

As performances do *Dzi Croquettes* eram marcadas por um misto de teatro, dança e música. Em sua versão mais conhecida, os integrantes eram "garotões vestidos de mulher", repletos de plumas e paetês. Poderiam facilmente ser identificadas com brincadeiras carnavalescas, uma mistura de referências indígenas (tangas, franjas, penas) e africanas embaladas por músicas que misturavam repertório de bossa-nova, samba e jazz. No entanto, apesar da presença das alegorias de carnaval no repertório cênico, o que mais chamava a atenção era que havia um tipo de performance corporal que enfatizava feminilidade, maximizando a estratégia carnavalesca e, ao mesmo tempo, deixavam à mostra pelos e barbas, marcas masculinas, de onde provinha o choque/fascínio. Este não apagamento visual das fronteiras era justamente o ponto central da performance. Uma extravagância, misturada a muita irreverência e sensualidade, convidando a uma euforia dos sentidos e sensações. De certa maneira, os shows/peça eram um apelo ao soltar-se, abaixar a autocensura e viver a desmesura, que os *Dzi* realizavam no palco, além de também terem levado isto para um estilo de vida anárquica e sexualmente livre. (Ibid, p. 133-134)

Ainda que seguimentos como o *Dzi Croquettes*, "o desbunde mais radical", tenham se mantido limitado a "circuitos undergrounds do cinema, da música, do teatro" (Ibid, p. 142) e espaços marginais ou universitários; alguns artistas, às vezes, conseguiam alguma visibilidade nos meios midiáticos, principalmente por ser uma territorialidade ainda desconhecida pelas mídias. Esse foi o caso do *Secos & Molhados*, "fenômeno que mexeu com a libido brasileira na década de 70, com sucesso meteórico" (Ibid, p. 134):

Nesse sentido, eu diria que o *Secos & Molhados* do trio Ney, Gerson, e João Ricardo, em sua estética agressiva e ao mesmo tempo carnavalesca, que desdenhava da autoridade do pai, do policial, e falava de magias e de desejos flutuantes, representou um importante momento de visibilidade do desbunde, para além dos poucos que frequentavam os teatros e clubes considerados naquele momento *underground*. Justamente por ser uma territorialidade subjetiva que ainda não possuía nome, desconhecida das categorias classificatórias, passou pela mídia com certa facilidade, o que não retira, devido ao seu caráter midiático de massa, sua potência disruptiva. (Ibid, p. 137)

Na terceira edição, temos uma entrevista feita pela *Tribo* com Gilberto Gil. A entrevista começa pelo "princípio", ou seja, com o Tropicalismo, discutindo como se formou, suas influências e relações entre a música popular e erudita; segue falando do tempo de Gil no exterior e de seu retorno ao Brasil. Em dado momento a entrevista toma um rumo que continuará até o final, em torno do debate a respeito das músicas de protesto e da "políticação" da música, contendo muitas proposições que Gil fará um ano depois na Escola Politécnica.

**Tribo – eu queria saber se você sabe de uma tendência na música latino-americana de fazer protesto, contestar uma realidade politicamente**

Gil – é eu acho um dado desgastado apesar de desconhecer o que se faz na América Latina nesse campo, conheço o que se fez no Brasil e o que se faz na América, mas eu acho um dado inteiramente desgastado

**Tribo – por quê?**

Gil – porque acho

**Tribo – será que não é um desgaste maior na relação do artista com a massa?**

Gil – não sei por que eu acho que deve haver uma crítica principalmente ao trabalho de criação, nesse campo de música de protesto... Porque se a criação fosse bastante forte para realizar essa aproximação do artista com a massa a um nível real, verdadeiro, isso teria se realizado.

Gil – isso talvez por não existir no Brasil uma estrutura de contestação. Esse tipo de coisa eu não aceito mais hoje em dia, eu não acredito na música conscientemente vinculada a qualquer processo político, não acredito no discurso político através da música... Eu falo isso porque já fiz, e é por isso que não acredito...

**Tribo – será que não deu certo porque...**

Gil – não deu certo porque não tinha força bastante para enfrentar o que ela pretendia enfrentar era uma arma política fraca, sem nenhuma eficiência, ficou sempre isolada...

**Tribo – será que ela não cumpriu uma missão de esclarecimento?**

Gil – no Brasil eu tenho certeza que não, as possibilidades didáticas da música de protesto no sentido de esclarecer e abrir as consciências para uma problemática política de contestação à sociedade de consumo etc., não ultrapassou a classe média e aos universitários, ou seja, não saiu do campo de quem já sabia.

**Tribo – você percebe os motivos dessa limitação?**

Gil – A música de protesto não tinha forças para superar os empecilhos e depois uma música que encontra na sociedade de consumo um caminho natural, ela não é mais música de protesto; então isso é um problema também de contexto, eu particularmente não faço mais música de protesto; é como se a gente estivesse numa guerra e tivesse de escolher armas para enfrentar o inimigo; eu pessoalmente não escolheria mais a música de protesto.

**Tribo – então só existe aquela música que apoia o sistema?**

Gil – é, eu aí faço uma distinção entre a música que contesta o sistema e música de protesto; música de protesto para mim é outra coisa como o tropicalismo que tem todo um contexto de rotulação etc... Música de protesto tá mais ou menos ligada a um contexto de linguagem e temática diferentes da música contestatória; música contestatória tem um sentido muito mais amplo que a música de protesto que está sempre ligada a temas como a problemática social etc... etc... Música de protesto para mim é o discurso político na música.

**Tribo – como é que você coloca a alienação da arte ao problema social?**

Gil – aí é questão de opção mesmo, sabe, é como se discutisse o seguinte: existe validade na música pura como na matemática pura? Interessa que alguém procure estudar a matemática pela matemática? Interessa que alguém faça música pela música? Eu acho que interessa, então a discussão de alienação ou não é evidente que tem vários níveis, mas basicamente o problema é este, a mim continua interessando o desenvolvimento da música independente do texto, eu acho que o desenvolvimento da música pode definir inclusive o desenvolvimento do texto, em termos semânticos mesmo...

**Tribo – e você vê uma assimilação para essa experiência, uma assimilação social?**

Gil – eu vejo, objetivamente como um dado cultural a mais...

(Entrevista concedida a Conrado e Betina). (GURGEL, 2011, p. 64)

Esse trecho da entrevista é uma defesa da não submissão da estética por um projeto político. Para Gilberto Gil, o Brasil não tinha estrutura de contestação. A música de protesto seria apenas mais um dado cultural que teria seguido seu caminho natural na sociedade de consumo. A diferença que o entrevistado faz entre música de protesto e música contestatória, e conseqüentemente para as

artes em geral, parece se localizar na natureza de seu processo criativo, bem como da sua eficácia (no sentido de trazer algum efeito para as pessoas, mesmo que não pretendido) ou não em dado momento histórico. Segundo Heloísa de Hollanda:

A esquerda parece precisar de heróis, de mitos, de mártires da resistência à ditadura. E aos poucos um considerável público começa a se configurar, um público onde a política é consumida comercialmente. A capacidade de o sistema recuperar essa contestação é surpreendente. As obras engajadas vão-se transformando num rentável negócio para as empresas da cultura: a contestação, integrada às relações de produção cultural estabelecidas, transforma-se novamente em reabastecimento do sistema onde não consegue introduzir tensões. (HOLLANDA, 2004, p. 93)

A música de protesto seria uma questão de linguagem e temática, apenas mais um dado cultural como o tropicalismo, enquanto que uma música contestatória teria uma dimensão mais ampla. Como vimos, *Dzi Croquettes* e *Secos & Molhados* contestavam as instituições e normatizações de gênero bem como figuras de autoridade de nossa sociedade. Temos também com diversos artistas marginais uma contestação que se faz no próprio *drop out* do sistema produtivo, com vistas a estabelecer uma rede produtiva alternativa e subverter normas e instituições de estéticas. Mesmo as músicas de protesto, em algum momento já tinham sido contestatórias, mas dada a realidade do pós-69 e a falência do projeto revolucionário, naquele momento se tornavam, melhor dizendo, se revelavam (porque nunca saíram do seu círculo já "esclarecido" e captado as massas como pretendia) apenas mais um dado cultural assimilado pela indústria fonográfica brasileira e consumado para um público específico.

Em meio às edições ainda encontramos vários poemas, textos reflexivos e prosas poéticas, como, por exemplo, *O que são os hippies* (GURGEL, 2011, p. 36), que datam esses dos tempos da glaciação e faz um apanhado de *hippes* que passam por Dom Quixote, São Francisco, Gandhi, indígenas americanos tais como os Apache, entre muitos outros, referências hindus e bíblicas, e trechos de músicas de Caetano Veloso, Os Mutantes, Novos Baianos. Ou o "anarco-tropicalista" (Ibid, p. 21), como seu próprio autor o adjetiva, *150 anos de Brasil Livre* (Ibid, p. 42-43), que discorre sobre a história do Brasil desde a independência sobrepondo e misturando tempos e personagens. Por fim, o último texto da Tribo, *No Útero da Taba Tribo* (Ibid, p. 67-68) é de Aurélio Michiles, assinado como Aurélio Raízes de Serpente:

Rumei atalhos solavancos adentro. Are-m'bepe. Vi. Havia tucumã patuá buriti tambatajá  
açai jaboticaba pitomba goiaba arará cupuaçu pitanga pupunha figa melancia mamão  
borboletas abricó tartaruga surucucu sucuri jiboia onça cachaça futebol manga macaxeira  
tapioca milho ingá ananases pirão gigimim (caboclo e leite) abiu sorva tipiti sapoti biriba  
pajurá banana jaca graviola fruta-pão uruá mucura morcego castanha copaíba jererê digiro  
chá-de-louro erva-doce hauasca jaraqui piranha pirarici tambaqui anta papagaio boto  
encantado (preto e branco) mungunzá tacaca cará boiuna urubu cobre outro calcário

manganês limonita siderita cassiterita jatapu jupia caranguejeiras peixes diversos das costas peruanas baia que cispavam dos Andes e do litoral atlântico do centro decima e debaixo zumbidos que ensurdeciam ditaduras fariseus traiçoeiros inimigos fascistas anauês suásticas e bandeiras sujas de covardias e pressões oligárquicas em palavras vãs. Canções que cantavam cantigas de vitórias e tempos a-vir-por-vir. Esperança futuro-presente dos olhos de hoje dos heróis aqui vivos ou mortos pactu-amuru mais cabanos mais ajuricabas de todas aldeias malocas tabas e tribos passado-ausente-presente também por toda perenidade. Mensageiro na partícula solta organizada no ar-som do chão do céu nas mãos e nos pés na dança dos cochichos no pé-do-ouvido dos lados delá: "eu opto pelo amanhã, prometo assumir todos os riscos. EUSOUETERNO. Enquanto homem, falarei pelas bocas vindouras, sonharei os sonhos vindouros; as lutas vindouras. E mais, chefe-Tucháu, muito mais... ass: Índio Murutinga" (Ibid, p. 67)

Numa espécie de prosa amazonense, indigenista, contracultural e libertária, Aurélio segue misturando impressões, previsões, sentimentos, sonhos e esperanças. Segundo Aurélio, sua vinda para Brasília em 1968 começou a lhe despertar sua relação para com os povos indígenas:

É, eu era militante da arte, sempre fui ligado a arte, sempre achei que... não, sabe o quê é? Quando eu cheguei em Brasília, me despertou, eu como amazonense, assim, a minha relação com os povos indígenas, entendeu? Comecei a refletir sobre as minhas origens, meus antepassados, esse lado... esse lado meu que é de todo amazonense, talvez de todo brasileiro, esse lado indígena, sobretudo eu como amazonense. E toda vez que eu era convidado para entrar num partido de esquerda, eu perguntava: escuta e a questão indígena, como nós vamos tratar? E sempre era colocado, relegado a margem, como até hoje continua sendo assim. "Ah, quando vier o socialismo nos vamos resolver o problema dos povos indígenas". Não. Vamos resolver agora, junto com todos os problemas. E aí, eu nunca me vinculei por causa disso, eu era mais ligado com os movimentos indigenistas, inclusive na época clandestinos, no Rio, São Paulo ele se articulava, em Brasília, mas nunca por partido entendeu? Era movimentos. Depois eu fui vinculado ao teatro, fui do teatro Oficina. (MICHILES, 2015)

Os diferentes imperativos que tomavam os debates da esquerda mais tradicional na década de 1970 – por exemplo, da libertação nacional, da revolução socialista ou redemocratização, ou debates já canonizados, partindo de um marxismo ortodoxo e desprovido de sua dimensão humanista, vulgarizado nas universidades – acabava por tirar da agenda outras discussões relegadas como secundárias (como a questão indígena) ou "pequeno-burguesas" (como as questões de gênero), dependendo do grau de "politização" com que estas questões fossem percebidas pelos seus possíveis interlocutores. Uma vez que "A luta percebida como específica se contrapunha a luta maior", está acabava "colocando em segundo plano as lutas dos movimentos de mulheres, negros e homossexuais" (SILVA, 2016, p. 5).

O Tropicalismo como vimos antes, foi uma a ressignificação da cultura popular bem como das matrizes indígenas e africanas dentro da cultura brasileira e uma antropofagia de elementos vindos de fora, fazendo com isso tudo uma abertura para a atualização da cultura brasileira e de dados culturais dentro do Brasil. Em analogia, o desbunde da juventude que se seguiu a partir de 1969, também foi uma abertura para a "pós-contemplanção" dessa atualização da cultura brasileira,

ou seja, uma abertura para o agir e para a ação de atualizar e transformar o cotidiano – hábitos, afetos, formas de se relacionar, organizar, produzir, pensar e viver – mas também uma abertura para que a própria dimensão do político fosse atualizada. Nesse sentido, pela sua emancipação do corpo e da subjetividade, quebra de hierarquias, estigmas e preconceitos, valorização da androginia, valorização das matrizes africanas e indígenas na cultura brasileira; foi uma abertura de espaço na sociedade autoritária e conservadora, para o florescer de novas territorialidades subjetivas menos conservadoras.

Não apenas algo original com suas características próprias da experiência brasileira, mas em sintonia com as transformações já em curso. Segundo Armando Sobral:

Foi justamente essa época, por isso que eu to dando esse depoimento pessoal, que houve esse enfrentamento aos tabus, quando o conservadorismo passou a ser questionado mesmo, quando a posição da mulher passou a ser questionada mesmo. Nós não estávamos sendo apenas originais, nós estávamos refletindo o nosso tempo, não é? Porque em outros países do mundo isso já estava acontecendo. Nós somos da época do Woodstock. Woodstock teve uma influência muito grande, não o momento em si, mas o reflexo que ele teve através do tempo na geração que se sucedeu foi muito forte. Então, nós estávamos vivendo aquela época de quebra de paradigmas. (ROLLEMBERG, 2017)

É por essa época (1972) que começamos a ter o ressurgimento do feminismo no Brasil<sup>83</sup>. Articulado em torno da bandeira "o pessoal é político", trazendo para o debate político questões antes tidas como individuais:

A conquista da igualdade formal não foi capaz de mudar os parâmetros da subordinação feminina, já que as mulheres seguiam sendo vistas e tratadas como inferiores; seguiam sendo vítimas da violência sexual e doméstica, excluídas do mercado de trabalho – e quando conseguiam romper esses bloqueios, recebiam salários inferiores e estavam submetidas a um cotidiano de assédio moral e sexual.

O novo feminismo, articulado em torno da bandeira "o pessoal é político", trazia em si um profundo questionamento dos parâmetros conceituais do político, rompendo assim com os próprios limites do conceito, até então identificado pela teoria política com o âmbito da esfera pública e das relações sociais que aí acontecem, isto é, do campo da política. (COSTA, 2010, p. 175)

O "pessoal é político" foi uma bandeira que traria para a agenda do debate político questões

---

83 "A literatura corrente sobre o 'surgimento' do movimento feminista brasileiro costuma apontar os eventos patrocinados pela ONU em 1975 como o marco inicial do feminismo brasileiro nessa nova fase. Apesar disso sabe-se que desde o início da década de 1970 algumas ações já vinham sendo realizadas, não obstante o clima de repressão reinante sob a égide do AI5 e das práticas de tortura. Em 1972, por exemplo, liderado pela advogada Romy Medeiros, o Conselho Nacional da Mulher, uma entidade reconhecidamente conservadora e com laços de proximidade com o regime, promoveu o I Congresso de Mulheres com a participação de feministas ligadas a um campo mais à esquerda e setores ligados ao governo. Segundo Céli Pinto, esse Congresso teve como uma das suas principais organizadoras Rose Marie Muraro e contou com a participação de reconhecidas feministas do campo da esquerda como Heleith Saffioti e Carmem da Silva, bem como representantes do alto clero, banqueiros, congressistas etc." (COSTA, 2010, p. 178)



antes relegadas como individuais. Bandeira essa que também era trazida por militantes LGBT: "Não por acaso, muitos militantes homossexuais defendiam o *slogan* de que 'o pessoal é político' e vice-versa" (SILVA, 2016, p. 2).

O movimento negro havia sido desestabilizado com o começo da ditadura, sobretudo porque trazia o debate do "preconceito de cor", o racismo brasileiro que os militares negavam e silenciavam no Brasil<sup>84</sup>. Embora sua reorganização efetiva só ocorra no final da década, também temos iniciativas a partir desse momento (1972) por meio de centros culturais, jornais alternativos e movimentos musicais. Segundo Petrônio Domingues:

A reorganização política da pugna anti-racista apenas aconteceu no final da década de 1970, no bojo da ascensão dos movimentos populares, sindical e estudantil. Isto não significa que – no interregno de recrudescimento da ditadura – os negros não tenham realizado algumas ações. Em São Paulo, por exemplo, em 1972, um grupo de estudantes e artistas formou o Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN); a imprensa negra, por sua vez, timidamente deu sinais de vida, com os jornais *Árvore das Palavras* (1974), *O Quadro* (1974), em São Paulo; *Biluga* (1974), em São Caetano/SP, e *Nagô* (1975), em São Carlos/SP. Em Porto Alegre, nasceu o Grupo Palmares (1971), o primeiro no país a defender a substituição das comemorações do 13 de Maio para o 20 de Novembro. No Rio de Janeiro, explodiu, no interior da juventude negra, o movimento Soul, depois batizado de Black Rio. Nesse mesmo estado, foi fundado o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), em 1976. Entretanto, tais iniciativas, além de fragmentadas, não tinham um sentido político de enfrentamento com o regime. Só em 1978, com a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), tem-se a volta à cena política do país do movimento negro organizado. (DOMINGUES, 2007, p. 112)

Assim, esse momento de 1972, em meio ao desbunde da juventude, foi um princípio de ressurgimento de movimentos sociais interrompidos ou atrasados pela ditadura militar. Se o ambiente de clandestinidade trazia uma dificuldade para uma organização institucional desses movimentos; alguns meios alternativos tais como jornais, teatros, shows, centros de cultura, cineclubes, parecem ter suprido essa demanda por serem espaços de congregar, pensar, dialogar, produzir e comunicar.

O desbunde foi, também, uma antítese da repressão. Um antídoto contra o medo, a paranoia, a não-liberdade e a conformação. Segundo Aurélio Michiles:

É que a gente colocou dentro da gente a liberdade. Essa liberdade que nós colocamos dentro da gente era um antídoto contra o medo e a paranoia. Contra a não-liberdade. E isso nos dava um passaporte para nós agirmos e vivermos livremente, entendeu? Então, a gente era nas roupas... sabe? Lábios pintados de vermelho com as namoradas, e a gente colocava uma roupa diferente. Eu fiz um super-8 sobre isso que foi apreendido no apartamento que

---

84 "O golpe militar de 1964 representou uma derrota, ainda que temporária, para a luta política dos negros. Ele desarticulou uma coalização de forças que palmilhava no enfrentamento do "preconceito de cor" no país. Como consequência, O Movimento Negro organizado entrou em refluxo. Seus militantes eram estigmatizados e acusados pelos militares de criar um problema que supostamente não existia, o racismo no Brasil. De acordo com Gonzalez, a repressão 'desmobilizou as lideranças negras, lançando-as numa espécie de semiclandestinidade'. A discussão pública da questão racial foi praticamente banida". (DOMINGUES, 2007, p. 111)

se chama, Brasília: Histórias e Lendas, onde eu filmei como as pessoas andavam mais ou menos. (MICHILES, 2015)

Em síntese, o desbunde foi uma abertura para diferentes e novas territorialidades, uma antítese e antídoto para a repressão, um reflexo do processo político e social transnacional. É importante lembrar que a bipartição, ou tripartição<sup>85</sup> da juventude nesse momento é apenas esquemática: "em meio aos três tipos esquemáticos, meio-tons, posturas nem tanto ao céu, nem tanto à terra" (CAPELLARI, 2007, p. 45), isso sem falar do próprio trânsito entre militância-desbunde-aderir ao sistema" dentro das diferentes trajetórias individuais. Por fim, há desbundes e desbundes. Diferentes formas como a contestação, rompimento, *drop out* com a sociedade autoritária foi entendido e realizado naquele momento.

---

85 "A contracultura brasileira é em geral descrita como uma das duas vias pelas quais a rebeldia da juventude de classe média trafegou a partir do AI-5. Ao contrário do terceiro grupo que, segundo Skyrkis, "aderiu" às benesses do Sistema, e diferentemente do primeiro, que abraçou a guerrilha, a morte ou o exílio, os *desbundados* romperam com o sistema pela via comportamental". (CAPELLARI, 2007, p. 44)

## Capítulo II – Memórias espaciais e espaços de memória

### 2.1 – As repúblicas estudantis, a vida no *campus*, nos gramados e entrequadras

Quanto mais cresce a cidade (cresce?) maiores são os contrastes em sua relação e sua concepção original. Por exemplo: o problema de moradias. Os apartamentos do Plano Piloto são distribuídos pela CODEBRÁS, órgão do governo, somente a funcionários públicos. Essa legislação de imóveis, que determina isso, é completamente inconcebível sabendo-se que um aglomerado urbano comporta centenas de atividades humanas e profissionais. O comerciante, por exemplo, só mora em apartamentos quando o funcionário proprietário faz cessão dos seus direitos. Isso é tão grave como a legislação, pois alimenta uma especulação rendosa e inescrupulosa com bens que, em última análise, foram construídos com o dinheiro do povo.

E os universitários? Estes então vivem às voltas com problemas quase irremediáveis de moradia. Na Asa Norte, quase toda ocupada (ou meio ocupada por estudantes), uma área de serviço está sendo alugada para três a quatro pessoas, a um preço que oscila de trezentos a quatrocentos e cinquenta cruzeiros.

Já é tempo de se começar a pensar nas outras pessoas. Que tal uma quadra ou várias quadras livres onde todos possam morar? (GURGEL, 2011, p. 64)<sup>86</sup>

Zuleica Porto veio para Brasília em 1971. Vinda de Fortaleza com seus 18 anos de idade para terminar o ensino médio, ingressou no Elefante Branco:

No Elefante Branco já tava numa fase meio calma, assim, pós-68, que teve mais movimento estudantil, já entrei no Elefante Branco muito despolitizada. Então foi isso, fui terminar o terceiro ano que era científico, eu era muito... tem que falar um pouco de como eu era. Eu era muito rebelde, eu era muito anti... era meio *hippie*. Enfim, eu nasci em 52, quando eu cheguei aqui eu tinha 17 pra 18 anos. Em Fortaleza eu era *hippie*, em Fortaleza eu era *hippie*, andava com os culturais, era Fagner, esse pessoal que ouve, esse povo. E teve um grande êxodo naquele ano em Fortaleza, inclusive saiu uma grande amiga minha e eu, um monte de gente saiu, pra estudar. E eu cheguei aqui muito assim, muito *hippie [risadas]*, então eu não era uma boa estudante, eu queria mesmo era ir pro cinema, enfim, queria mesmo era brincar. Mas, quando chegou o final do ano eu pensei, eu não quero entrar na universidade porque era... eu era muito, você pensa que cabeça que era, eu tinha essa idade; então eu pensava assim, entrar na universidade é aderir ao sistema, eu sou antissistema, mas se eu não entrasse na universidade eu voltava pra Fortaleza e eu não queria voltar pra Fortaleza, então minha saída era entrar na universidade. Por isso que eu estudei, assim, o necessário antes do vestibular e entrei pra Comunicação, Comunicação era curso, assim, dos rebeldes. (PORTO, 2014)

O Centro de Ensino Médio Elefante Branco e o Centro Integrado Ensino Médio (CIEM)<sup>87</sup>, foram algumas das primeiras escolas de Brasília. Possuíam um forte movimento estudantil que já

86 Trecho da coluna *Toque* da terceira edição da *Tribo*.

87 "No início do ano de 1964, duas experiências educacionais já apresentavam seus resultados positivos em Brasília. Era a CASEB, primeiro grau, e o Colégio Elefante Branco, com os cursos científico e clássico. Mas naquele ano correu a notícia de que uma nova experiência educacional seria implementada na cidade, ligada à Universidade de Brasília. Era o CIEM. Os alunos se submeteram a uma pré-seleção, passando a vivenciar uma extraordinária proposta pedagógica, como suporte à implantação de uma educação superior, funcionando como centro de experimentação de educação média" (CATMV-UnB, 2015, p. 36)

havia sido desarticulado quando Zuleica chegava para estudar. Não só a mobilização estudantil, os colégios traziam propostas pedagógicas inovadoras. O CIEM era um "centro de experimentação e demonstração, com vistas a inovar, não apenas em métodos e técnicas de ensino médio, mas também sistemas organizacionais e administrativo-pedagógico" (CATMV-UnB, 2015, p. 37).

Armando lembra-se que:

A gente realmente tinha uma, pra época uma... Era um estilo realmente muito diferente e revolucionário à época que nós era... Como se diz, nós discutíamos muito os próprios conteúdos que os professores iam nos dar, tinha também o negócio da identidade própria, não tinha... Essa questão, não tinha uniforme, havia uma liberdade muito grande, os laboratórios eram muito bem aparelhados, éramos só 300 alunos. Era um colégio experimental, que terminou sendo extinto com o recrudescimento da ditadura militar. Mas eu tive o privilégio de ter participado dessa experiência como aluno, ter convivido com uma geração de colegas que hoje, tanto pela esquerda, quanto pela direita, tiveram uma ação muito grande posteriormente na vida social de Brasília.[...] O CIEM também tinham uma coisa muito interessante que eram as práticas educativas vocacionais. Então você ao chegar no CIEM você... Primeiro você precisava de um vestibular pra entrar no CIEM e chegando lá tinha essas práticas educativas vocacionais. Então se você queria ser mecânico, você já ia estagiar uma vez por semana numa oficina mecânica onde você iria aprender noções de mecânica, se você queria fazer fotografia, mesma coisa, se você queria fazer medicina, a mesma coisa. Ou seja o colégio já procurava estimular as vocações já naquele momento em que você estava ali completando sua formação. Também tinha os famosos congraçamentos, uma vez por mês todo o colégio saia pra um clube ou pra uma fazenda. E quando eu falo todo o colégio, era todo colégio mesmo, não era só os alunos. Era os alunos, os professores e os funcionários. Então havia um estímulo, uma convivência muito interessante, muito rara de se ver, mesmo hoje. Então tudo isso aí de certa forma contribuiu para minha formação e certamente com muita força. E certamente não só foi um caso meu, individual, como de todos aqueles que participaram daquele processo. (ROLLEMBERG, 2017)

Armando, Aurélio, Gurgel, entraram no CIEM em 68. Foram possivelmente a última turma a se formar no centro, extinto em 1971<sup>88</sup>. A Universidade de Brasília havia passado por uma série de conturbações no ano de 1968, em meio a manifestações estudantis e invasões policial-militares no *campus*:

Nós também assistimos, digamos, de camarote as invasões da UnB porque o CIEM ficava na entrada, numa das entradas da UnB, então assistimos lá as polícias chegando e com aquela e tal, todo aquele episódio da prisão do Honestino, quando colocaram os estudantes presos na quadra de esporte rendidos, todo aquele processo nós vivemos muito intensamente embora ainda não estivéssemos na universidade, nós estávamos no CIEM. (ROLLEMBERG, 2017)

---

88 "Ao retornarem das férias, os professores são surpreendidos com o ato da Reitoria – AR 90/71, que extinguiu o cargo de diretor do CIEM. Era o dia 16 de fevereiro de 1971. Não houve movimento de protesto. Um silêncio total. Medo. Consideravam que seria inútil qualquer moção no sentido de anular o processo de fechamento daquela escola revolucionária, idealizada por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Ficou a permanente indagação: POR QUE? Daí a pergunta formulada por Darcy Ribeiro. 'Diga-me, por que tanto ódio contra o CIEM? Eu não entendo!'" (CRUZ, Teresinha Rosa. Uma experiência de educação interrompida no Centro Integrado de Ensino Médio da UnB: 1964 a 1971 apud CATMV, 2015, p. 55)

A morte do estudante secundarista Edson Luiz<sup>89</sup>, assassinado por policiais no final de março daquele ano, provocou uma série de protestos em diferentes cidades do Brasil e não foi diferente em Brasília. A escalada da repressão contra a Universidade e o movimento estudantil tem como marco a invasão de 1968. A detenção de 500 pessoas na quadra de basquete do *campus*, prisão de 60 delas (entre elas Honestino Guimarães), e o atentado ao estudante Waldemar Alves que foi pego de surpresa e baleado na cabeça por um policial, foram alguns dos atos de terror cometidos pela repressão militar contra professores, estudantes e servidores:

A UnB instaurou uma comissão de sindicância para "relatar as ocorrências durante a invasão policial do *campus* no dia 29 de agosto de 1968", composta pelos professores Hamilton Lourenço, Bráulio Magalhães Castro e Glaura Vasques de Miranda. O que mais interessa aqui, é o fato de que tal comissão colheu uma série de depoimentos sobre o dia da invasão, com base num questionário simples e eficaz. Somados, estes questionários nos oferecem um quadro abrangente da invasão, sob várias perspectivas. Vemos, por exemplo, que o professor Francisco Eduardo Mourão Saboya presenciou a cena do estudante Waldemar sendo baleado na cabeça. Mais ainda: que policiais atiraram na direção do professor, quando este tentou socorrer o aluno. Depois de ter sua sala arrombada por policiais militares, o professor foi levado, sob espancamentos, em fila indiana para a quadra de basquete. O professor Francisco Luiz Danna estava no ICC quando policiais militares entraram atirando a esmo e jogando bombas de gás lacrimogêneo. "Fomos tratados como prisioneiros de guerra", aduzia o professor. O servidor José de Ribamar Ferreira Martins disse ter presenciado o espancamento de Honestino – disse, ainda, que foi vítima de uma pancada a cassetete por parte de um policial. Havia caminhões e outros tipos de viaturas policiais entre a Faculdade de Educação e o CIEM, na L2 norte, de onde saíam policiais armados com metralhadoras, fuzis e outros tipos de armas. Outros depoimentos falam em ofensas morais, espancamentos generalizados e tiros a esmo, em diferentes locais do *campus*. Mesmo dentro de laboratórios, soldados, devidamente protegidos com máscaras, lançavam bombas de gás de lacrimogêneo. Em nenhum dos relatos, em grande quantidade, há qualquer coisa além de perplexidade, medo e fuga desprotegida. (CATMV-UnB, 2015, p. 120)

Concomitantemente à repressão policial, a UnB era alvo de difamações que compunham um quadro de desordem, militância, subversão e "promiscuidade" na Universidade, fazendo assim uma associação entre o comportamento político e o comportamento sexual dentro da Universidade. A capa do jornal *O Globo* trazia:

Estudantes fecham Faculdade de Arquitetura  
67 professores já demitidos pelo "soviete"  
A violência sexual comprovada fica impune  
Minoria extremista assume comando da UnB  
A inacreditável história de "João Cabeludo"

---

89 No dia 28 de março de 1968, a Polícia Militar invadiu o restaurante do Calabouço, que servia refeições a estudantes no centro do Rio de Janeiro. Alegou-se que ali se preparava uma passeata para atacar a Embaixada dos Estados Unidos. Os policiais usaram armas de fogo em recinto fechado contra jovens desarmados. Feriram vários deles e mataram o secundarista Edson Luís de Lima Souto. O cadáver foi levado ao saguão da antiga Câmara Municipal, na Cinelândia, e a notícia do assassinato do estudante de 18 anos difundiu-se por todo o Brasil. Sessenta mil pessoas acompanharam o caixão mortuário no dia seguinte. Os protestos prosseguiram e a repressão provocou novas mortes e milhares de prisões nas principais cidades. Os universitários, cujo número total não ia além de 140 mil, recebiam o apoio de dois milhões de secundaristas. (GORENDER, 1987, p. 148)

[...]

Em maio uma moça foi violentada numa "festinha" por seis colegas. Todas as noites de sábado há bacanais no campus, com frequência de universitárias "avançadas" e prostitutas. Foram montados dois prostíbulo em território da Universidade com mulheres levadas de Anápolis.<sup>90</sup>

A difamação e desinformação compunham um quadro de depravação moral da Universidade, como a história do falso estupro da estudante. Segundo o relatório da CATMV:

Um quadro do jornal dizia que uma estudante da UnB tinha sido estuprada. O caso foi comentado no depoimento de Maria José da Conceição, Maninha, à Comissão Anísio Teixeira. Nesse dia, ela mesma trouxe à tona o assunto, dizendo que o tal estupro nunca tinha acontecido. Mais ainda, que houve algum tipo de armação, talvez até envolvendo a Reitoria, no sentido de se criar um escândalo. O objetivo era compor, com essa notícia, o quadro da depravação moral da universidade. Ao mesmo tempo, paradoxalmente, Maninha era vítima de uma forma estranha de difamação. Não que ser vítima de estupro seja "difamante". Mas a falsa notícia, que inclusive consta em seus prontuários do SNI, sim.

[...]

Ao mesmo tempo, torturadores da ditadura estupravam em quartéis, presídios, delegacias. Nesse caso, contavam com o beneplácito e a cumplicidade das autoridades. (CATMV-UnB, 2015, p. 165)

Em meio às prisões, torturas, expulsões e difamações, a Universidade foi sufocada. A FEUB<sup>91</sup>, que continuou agindo clandestinamente por meio de protestos contra o aumento do preço do Restaurante Universitário e a instalação de uma assessoria de cunho policial<sup>92</sup>, foi dizimada em meio à perseguição de seus integrantes remanescentes. A Assessoria para Assuntos Especiais (AAE) foi formalmente criada pelo Ato da Reitoria nº 102, de 19 de fevereiro de 1971. Com funcionamento na Assessoria Jurídica, ela correspondia às Assessorias Especiais de Segurança e Informação (AESIs) que foram estruturadas nos órgãos públicos durante a ditadura. Era um dos instrumentos do regime no controle político-ideológico dentro da Universidade. Os "olhos e ouvidos da repressão", como denominou Geralda Aparecida (1998, *passim*), em vigilância constante. O começo da década de 1970 na UnB é marcado por esse misto de uma aparente tranquilidade, conjugada com medo e paranoia, em meio a sequestros e torturas clandestinas.

Zuleica Porto, que vinha do movimento *hippie* de Fortaleza, não demorou muito pra encontrar sua turma. Conheceu Romário Schetinho que, com seus 20 anos, chegava de Caratinga

---

90 O Globo, 26 de setembro de 1968, capa e p. 16 apud CATMV-UnB, 2015, p. 96.

91 "A Federação dos Estudantes Universitários de Brasília (FEUB), criada e registrada em cartório ainda em 1962, tinha como uma das salas do prédio baixo, de madeira, de 10 a 15 metros de fachada, conhecido como *Barracão*, à época situado em frente ao bloco FE-3 da Faculdade de Educação. Além da FEUB, o *Barracão* abrigava também a Federação Atlética da UnB (FAUnB) e alguns outros diretórios estudantis, além do Diretório Central dos Estudantes Secundaristas de Brasília" (Ibid, p. 246).

92 "No início de 1970, segundo Gilson, a FEUB, clandestina, continuava atuando, sobretudo em torno dos Diretórios Acadêmicos. Houve um grande movimento, em fevereiro daquele ano, de boicote ao bandeirão, devido ao anúncio de aumento do preço. No mês seguinte, relatou Gilson, houve uma luta para liquidar com uma medida burocrática da universidade, mas de cunho policial, que seria a criação de uma assessoria estudantil" (Ibid, p. 144).

em 1971 para estudar História. Também naquele ano Aurélio e Armando entravam para respectivamente os cursos de Arquitetura e Comunicação. Pessoas vinham de todo lugar do país para a capital para estudar, trabalhar e as repúblicas na Asa Norte eram muito frequentes, sobretudo pelo fenômeno de relocação de apartamentos funcionais para pessoas de baixa renda, baixo salário e demais pessoas que chegavam e se deparavam com a problemática de moradia em Brasília:

Primeiro semestre de 72, Comunicação, muito bem. E aqui, claro a Universidade era pequena, eu encontro de novo as pessoas. Morava com meu tio até o meio do ano. No meio, terminado o primeiro semestre eu mudei e fui morar em república aqui na Asa Norte, aqui pelas 400, mais ou menos ali por onde eu moro. Era muito frequente as repúblicas, tinha muitas repúblicas, esses prédios das 400 eram de... eles não eram dos funcionários, eram por uma coisa chamada de taxa de ocupação, ligados aos ministérios, eram funcionários públicos e eles alugavam os quartos, eram pessoas de renda baixa, salário baixo e alugavam quartos pra... e ali moravam muitos estudantes. Então eu fui morar com essas meninas (...) que acabou que foram lá pro apartamento, moramos em algumas repúblicas aqui em cima na 403, 404, 405 que eram pastos, eram menores. Até que no final do ano de 72, que eu ainda morava com eles, em 72 eu completei 20 anos, a gente encontra a (...) procurando gente pra dividir um apartamento na W3 sul, sobreloja, fomos todos pra W3 sul. Ali era uma festa, a vida ali era uma festa, era um constante entra e sai, a cidade era muito nova e tudo que tinha a gente frequentava. Cinema, teatro, andava todo mundo em bando, andava aquele bando de gente. Eu tava completamente deslumbrada com aquela vida, aquela vida pra mim era maravilhosa. Morar com gente da minha idade, que tinha os mesmos interesses que eu, se interessavam por cinema, se interessavam por literatura, se interessavam por arte, se interessavam por tudo que eu queria compartilhar, dividir com as pessoas. Música, muita música, ouvia-se muita música... (PORTO, 2014)<sup>93</sup>

O processo de urbanização e expansão do ensino nas décadas de 1960 e 1970 trazia, ou pelos menos expandia essa nova forma de viver em repúblicas estudantis. Jovens passavam a viver com outros jovens, com pessoas da sua idade ao invés de seus familiares mais velhos. Isso, sem dúvida, trazia uma libertação das normas familiares, a que somava também as transformações de hábitos e ideias desse período. Muitas das repúblicas tinham uma intensa movimentação de pessoas, como foi o caso do apartamento de Aurélio:

Então o que foi que aconteceu, virou um lugar de passagem de Brasília, todo mundo que chegava em Brasília, ou de Brasília ia no meu apartamento. Diplomatas, políticos, militantes, religiosos, artistas plásticos, teatrólogos, cineastas. Todos que você pode imaginar passavam no meu apartamento. (MICHILES, 2015)

O apartamento de Aurélio, na 408 Norte, bem próximo da UnB, era um ponto de passagem de diversos tipos de pessoas: políticos, militantes, religiosos e artistas em geral. Um constante entra e sai. Brasília tinha uma vida e produção cultural ativa apesar de tudo, com alguns cinemas, teatros,

---

93 A partir dessa citação retiro os nomes citados nos relatos e substituindo-os por “(...)”, para a preservação de sua identidade e privacidade. Essa substituição também é feita com os nomes mencionados no Relatório 03/73 que veremos no capítulo III. Faço exceção de alguns nomes de pessoas não envolvidas nas prisões de 1973.

e atraindo alguns festivais de cinemas, peças, dentre outras coisas.

Aí quando convivi com essas pessoas, começaram os debates, apareceram mais, se falava mais do que os professores, do que se discutia. Na comunicação não se discutia nada, comunicação era um curso muito fraco, eu só gostava do Vladimir, de cinema porque eu tinha vontade de fazer cinema, acabei fazendo um pouco ao longo da minha vida e tal, então gostava das aulas do Vladimir, gostava das aulas do Geraldo Sobral. Gostava de alguns professores que não tinha nada haver com estudar sociologia, era muito a prática, era muito voltada pra prática. [...] Era isso que a gente fazia, programa de rádio, programa de televisão, trabalho prático, Jornal *Campus*, ficava de fotografar, e tal. [...] Então vivia essa... Eu não achava que eu estivesse fazendo nada de errado, nem nada de mal, e essas coisas de dizer que os lugares eram promíscuos, as pessoas não tinham móveis, tinham colchões, era colchão no chão, não tinham mesa, era uma tábua em cima duma... não tinha estante, eram tijolos, e tinham muitos livros claro, mas não tinha estante, não tinha um mobiliário assim. Eram várias pessoas pra conseguir alugar um apartamento, eram 7, 8, na 312 chegou a morar 10 pessoas. Isso deve ter dado uma impressão de... Mas era assim, eram muitas pessoas. (PORTO, 2014)

Eram constantes as mudanças de apartamento e repúblicas, bem com o alto número de moradores que se juntavam para conseguir pagar uma conta. O desapego material, poucos móveis, sentimento de irmandade e de igualdade, vontade de compartilhar. Na Universidade, apesar de toda a repressão em andamento, parecia haver uma vida enriquecedora, sobretudo com atividades práticas desenvolvidas no *campus*. Segundo Romário:

A Universidade, ao contrário do que é hoje, o *campus* era um *campus* bem mais vazio, não tinha tanta construção então você tinha um gramado enorme. E tinha um corpo de professores muito interessantes. Eles foram expulsos num período depois foram voltando aos poucos, e os que ficavam, ficavam também atentos com o que estava acontecendo no mundo. Então você tinha professor que tinha acabado de fazer mestrado/doutorado em Paris, tinha professor que estava chegando de outros estados que já tinha uma visão mais libertária, mais humana do ensino. Então eles já estimulavam, assim, algumas atividades extracurriculares. Então tinha muita... eu tinha um professor de ELEIA que é elementos de estética não sei o que, que era o professor... ele era um crítico de cinema [...] ele era muito interessante porque ele instigava a gente a fazer coisas assim, ir pra rua, filmar, gravar, fazer performance. Então as aulas eram assim tudo pra fora da sala de aula, você tinha jardim, o jardim interno do Instituto, ou então ali no gramado. Tudo valia, tudo que você pensava valia. Tinha muita atividade de teatro, os estudantes faziam muito teatro na UnB, no *campus*. (SCHETTINNO, 2013)

Filmes, performances, música, teatro, fotografia, produção de rádio, televisão e jornal, não apenas pela iniciativa dos estudantes, mas por vezes, incentivadas por algum professor com uma visão mais libertária ou humanista do ensino. Por vezes atraía artistas vindos de fora por passagem em Brasília. Aurélio se lembra que:

Inclusive nós tivemos um pré-palco com o teatro Oficina que passou por Brasília numa peça montando o repertório e resolveu montar junto conosco alunos da UnB, sobretudo alunos de arquitetura, no caso eu estudava arquitetura, foi montada uma intervenção dramática que o Zé Celso não quis discorrer e denominou de Teatro Novo e depois, mais adiante ele montou e virou um escândalo no teatro, na história do teatro chamado *Gracias*



*Senhor*. Então, mas essa intervenção aconteceu dentro da UnB, foi amplamente documentada, tem fotos, tem muita coisa, e isso chamou a atenção, o grupo do teatro Oficina se mudou pro meu apartamento e conviveu comigo, eu tinha um apartamento, esse apartamento onde houve depois as prisões em massa, oito norte. (MICHILES, 2015)

O Teatro Oficina de Zé Celso<sup>94</sup> trazia toda essa questão de uma nova estética, do corpo e da libido. O "Eros à esquerda": erotismo, subversão de valores e comportamentos (HOLLANDA, 2004, p. 62). Toda essa vida cultural parecia continuar dinâmica apesar das conturbações de 1968 e a repressão no *campus*. Eram dados e ações novas que ainda não haviam sido assimilados pela ditadura e a sociedade em geral. Segundo Aurélio Michiles:

Dentro da Universidade nós fazíamos [risadas]. Eles não tinham controle porque, por exemplo, eles não sabiam como censurar isso. Era fora do registro deles, entendeu? Eles estavam esperando que a gente gritasse: Abaixo a Ditadura, pelo poder do povo, entendeu? A gente não falava nada disso [risadas]. Falava outras coisas disso, com outra linguagem. Por isso que eu estou te falando, nós éramos ligados a uma arte ligada ao surrealismo, ao construtivismo. Contracultura eles não tinham assimilado, eles não sabiam como censurar isso, essa que é a verdade. Mas a gente não sabia, isso era uma intuição, era uma maneira de ser. (MICHILES, 2015)

Mesmo que a contracultura ou essas atividades ainda não fossem bem assimiladas ou mesmo tidas como despolitizadas, ainda sim encontravam seus embates com a reitoria. Segundo o *Jornal Tribuna*:

O vice-reitor da UnB acabou com o cine clube que um grupo de alunos, na maior vontade de fazer coisa boa, estava transando na Universidade. Chegaram a ser apresentados, no auditório da Música da UnB os filmes: BARRAVENTO e DEUS e o DIABO NA TERRA DO SOL de Glauber, O BANDIDO DA LUZ VERMELHA de Sganzerla e L'AGE D'OR de Buñuel. Evidentemente, o comando universitário não se amarra muito em cinema. Mesmo porque o curso desta arte já foi extirpado da UNB desde o ano passado. (GURGEL, 2011, p. 61)

O vice-reitor na época era José Carlos de Almeida Azevedo<sup>95</sup>, interventor militar na UnB, e que viria a ocupar formalmente a reitoria entre 1976 a 1985. A desvalorização de cursos e atividades de humanidades dentro da modernização autoritária das universidades se liga às tendências liberais e tecnicistas que influenciaram as diretrizes para as reformas universitárias. Segundo Patto Sá

---

94 José Celso Martinez Corrêa, diretor, ator, dramaturgo e encenador, é uma das pessoas mais importantes ligadas ao teatro brasileiro. (JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA, 2017)

95 "O nome de maior destaque nesse aspecto, extremamente simbólico da imbricação entre a universidade e o regime militar, foi, sem dúvida, o do oficial de Marinha engenheiro naval **José Carlos de Almeida Azevedo**, presença constante na UnB por cerca de duas décadas. Pós-graduado em Física pelo *Massachusetts Institute of Technology* – MIT, e ainda Capitão-de-Fragata, foi coordenador dos cursos do Instituto de Física Pura e Aplicada da UnB após a crise da demissão coletiva de professores no ano seguinte ao golpe (estranhamente, não era remunerado por tal função, nem dava aulas, como se depreende de correspondência da Reitoria ao 7º Distrito Naval). Em 1968, foi designado Vice-Reitor, cargo que ocupou ininterruptamente até 1976, quando, já Capitão-de-Mar-e-Guerra, tornou-se Reitor, somente deixando esse cargo em 1985, após dois mandatos seguidos" (CATMV, 2015, p. 242)

(MOTTA, 2000, p. 72), os valores liberais influenciaram a questão universitária com críticas à tradição bacharelesca universitária brasileira e, especificamente ao número de estudantes matriculados nas humanidades, que eram superiores às vagas destinadas às áreas de ciência e tecnologia. Técnicos com formação em economia, cuja opinião ganhou mais relevância na ditadura, enfatizavam a importância de inverter esse quadro e aumentar a proporção de estudantes nas áreas técnicas a fim de suprir as demandas da indústria e da própria máquina estatal, configurando assim uma ênfase no ensino técnico em detrimento das áreas de humanidades, que tiveram uma precarização em seus recursos.

Paralela à ênfase no ensino técnico, justificada pela equiparação de vagas e corte de gastos, é a implementação da disciplina Educação Moral e Cívica (EMC) para todos os níveis escolares, e Organização Social Política Brasileira (OSPB) para o ensino médio. Nas universidades a EMC era ministrada sob a forma de Estudos de Problemas Brasileiros (EPB) (Ibid, p. 186).

O conteúdo desta disciplina fundamentava-se numa mistura de valores dos diferentes seguimentos que alicerçaram a ditadura: republicanismo autoritário, patriotismo conservador, catolicismo tradicional, integralismo e liberalismo. Tinham por objetivo o ensino de valores tradicionais e conservadores tais como a defesa da nacionalidade e patriotismo, moral e religiosidade cristãs, família, princípios democráticos conectados ao "espírito religioso" e "sob a inspiração de Deus" ou confundidos com o liberalismo econômico, a liberdade como responsabilidade. Segundo Patto Sá (Ibid, p.185-186), não se tratava exatamente de um programa fascista, mas era certamente um formato de agrado para tais facções e, por vezes, servia indiretamente de propaganda do regime militar, que se apresentava como defensor da pátria e da moral.

O desbunde e as movimentações artísticas na UnB, com seus valores antagônicos de "todo poder à imaginação", "vida e arte", bem como de liberalização sexual, emancipação da subjetividade e desconstrução de normas e instituições; entravam diretamente em choque com os valores do tecnicismo e da moral e cívica. A vida era intensa e mais do que ir para a Universidade, essas pessoas viviam a Universidade. Segundo Romário Schetinno:

Então a gente vivia muito no *campus*. A gente ia de manhã, quem não tinha de trabalhar de tarde almoçava no *campus* e ficava por ali, ia pra biblioteca ou tinha sempre uma atividade qualquer. E fora dali era dentro das repúblicas porque o regime militar ele restringia muito a vida, assim, fora. Na UnB já era uma situação diferente porque a UnB sempre foi um lugar com uma certa autonomia. E na cidade, a cidade tinha o quê? 10 anos, tinha 12 anos, 13 anos. Uma cidade pequena, muito nova. Então as pessoas se encontravam muito, a gente conhecia todo mundo. Você ia no cinema, você via todo mundo no cinema. Você ia no bar, você vê todo mundo no bar. Você reconhecia as pessoas. Então a atividade política era mais um comportamento, até o fato de ser, de expor a sexualidade já era uma maneira de confrontar. Quer dizer, um bando de careta, esses militares são um bando de caretas, os

filhos dos militares são uns caretas, os professores são caretas também, ou seja, despreza. Então tinha muito confronto, no comportamento, assim, na maneira de vestir, maneira de falar, maneira de encontrar ali no minhocão, os focos ali [risadas], ficava aquele bando de gente ali no minhocão fazendo, assim, barbarizando, fazendo uma demonstração assim: olha nós somos diferentes... foda-se, nós queremos confrontar o sistema. (SCHETTINNO, 2013)

Tudo era muito novo, a cidade, a UnB e, sobretudo, os estudantes. A confrontação no comportamento, melhor dizendo, no não comportamento – seja pela exposição da sexualidade, seja pelo uso de drogas, ou a produção de intervenções artísticas, *happenings* e tudo aquilo que não é útil ou "razoável", vestir diferente ou, em suma, viver diferente de sua afirmação na vida pública – eram maneiras daqueles que haviam "aderido ao sistema" em alguma medida (Zuleica, por exemplo, lembrou-se que teve um certo incômodo em relação a isso quando pensava em entrar para a Universidade) de se distinguirem dos demais, mostrar que eram diferentes duma maioria silenciosa e eram uma minoria barulhenta, mesmo em um momento em que os movimentos estudantis e a Universidade estava sufocada.

Se isso tem uma dimensão de afirmar o direito de ser diferente, de mostrar o que se é, por exemplo, com a sexualidade, tem também uma dimensão de atacar tudo aquilo que rompe com a vida comunitária, cria estigmas e preconceitos. Acima de tudo, é também um confronto com a autoridade, por meio do desprezo, do desacato, do não comportar-se. Um bando de desbundados "barbarizando" e desprezando outro bando de "caretas". Sobretudo com o então vice-reitor Azevedo, a personificação do militarismo na UnB:

Ele tinha toda uma sala, ele... como é que chama... gostava de dizer que ele era PhD, sabe? Ele falava isso com muita ênfase e isso como se fosse um cartão de visita impositivo pra você, somente dizendo: "você é um merda e me escute que eu num sou um vice-reitor eu sou um PhD de Física". [...] Ele era arrogante pra cacete. Agora tem uma coisa interessante, isso é importante você saber se você tá interessado no negócio, do nosso lado dessa turma, das drogas e tal. Ele, o Azevedo, então ele começou a fazer uma campanha contra as drogas. Aí ele fez lá, chamou um grande especialista em droga e houve um grande, assim, conferência pros jovens, pra não se envolver com droga. E o cara encheu o auditório. Não existe mais esse auditório, é quando da antiga reitoria. Não tem, não existe. Tava lotado, a gente baixou todo mundo lá. Porque, o que é interessante é que a gente era muito curioso, nós estávamos querendo saber. A gente lia sobre os escritores que tinham experimentado ayahuasca, enfim, peiote, a gente ficava pesquisando sobre isso, entendendo sobre essa realidade. Ninguém tava sem ler esse documento, a gente tava querendo entender o nosso processo. E então esse cara que chegou lá pra dar conferência e lá pelas tantas ele falou de várias drogas e passou uma bandeja cara, assim, grande, com vários... sabe? Amostra de várias coisas [risadas]. E mandou passar por todo mundo. Voltou vazio lá pra mesa [risadas], as pessoas provava aquilo de verdade e tudo, como se tivesse provando da primeira vez, e foi quando voltou vazio. E foi o cara olhando pra gente com aquela cara de pasmo, assim, sem saber o que falar. (MICHILES, 2015)

A curiosidade com os psicotrópicos, tanto o THC e a mescalina advindas respectivamente da cannabis e do peiote, quanto o LSD, sintetizada a partir do fungo de centeio, advinham de uma

ressignificação que o uso de psicotrópicos passava a ter no momento. Em 1960, Timothy Leary<sup>96</sup>, um professor de psicologia de Harvard, após uma experiência religiosa com o consumo de psilocibina, juntou-se a um pequeno grupo de pesquisadores e passou a conduzir experimentos e estudos sobre o potencial psicoterapêutico dessa substância e do LSD. Ele se ligava a uma florescente subcultura de cientistas, terapeutas e agentes da CIA que tinham feito experiências com vários compostos psicoativos ao longo da década de 1950, com objetivos altamente conflitantes. Alguns acreditavam que essas substâncias criavam uma psicose temporária, e viam nelas uma oportunidade de aprender mais sobre esses estados. Outro grupo psiquiatras tinha descoberto que elas podiam trazer uma experiência positiva, vital e espiritual, e podiam ter uma função terapêutica. A CIA, por sua vez, buscava nessas substâncias utilidades "defensivas" como sua utilização em interrogatórios e a incapacitação de tropas inimigas ou populações civis (GOFFMAN; JOY, 2007, p. 275).

Dois anos depois, após as conclusões que levaram o desinteresse pelo LSD por parte dos pesquisadores que buscavam criar instrumentos defensivos como soros da verdade ou incapacitantes<sup>97</sup>, e pela crescente percepção do potencial disruptivo da substância em meio à juventude, as pesquisas foram encerradas e Timothy Leary e outro pesquisador demitidos<sup>98</sup>, acabando por gerar uma publicidade em torno dos psicotrópicos e de seu uso enteógeno<sup>99</sup>, bem como trazer certa aura de rebeldia no seu uso. Daí também se popularizou a expressão psicodélica e suas variantes, segundo Maciel:

Não se pode negar que certas substâncias, as assim chamadas drogas, tiveram um papel fundamental nesse processo. Especialmente as drogas alucinógenas consideradas em muitas culturas primitivas, cultura de índios, por exemplo, como drogas sagradas, feito a mescalina, o peote, os cogumelos mágicos, a própria *Cannabis* em algumas culturas. E a essas drogas alucinógenas tradicionais, que foram utilizadas com finalidades religiosas por culturas primitivas, juntou-se uma droga alucinógena criada pelo nosso mundo tecnológico,

---

96 "Em 1960, aos 39 anos de idade, Timothy Leary era um professor de psicologia de Harvard moderadamente progressista com um longo histórico de pequenos atritos com a autoridade. Quando tirava férias com a família e amigos no México, ele, seguindo o conselho de um amigo, experimentou alguns cogumelos psilocibinos. O resultado o deixou, para dizer pouco, muito impressionado. Ele mais tarde escreveu sobre a experiência: "Foi (...) sem dúvida alguma a maior experiência religiosa da minha vida. Eu descobri a beleza, a revelação, a sensualidade, a história celular do passado, Deus, o Diabo – tudo estava dentro do meu corpo, do lado de fora da minha mente" (GOFFMAN; JOY, 2007, p. 274 e 275)

97 "A suposição que remontava pelo menos às visões messiânicas de Ginsberg em 1961 de que revelações psicodélicas induzidas por drogas levavam à paz mundial, ao amor e a uma filosofia antiautoritária foi desmentida pelas experiências realizadas pela CIA (chamadas de programa MK-ULTRS) durante as décadas de 1950 e 1960. Além de testar a eficiência do LSD como incapacitante e soro da verdade. A ideia era a de que os russos e os chineses poderiam estar pensando a mesma coisa que os Estados Unidos e um ataque com LSD poderia ser iminente" (Ibid, p. 297).

98 "Em 1962, A Universidade de Harvard, por pressão da CIA, demitiu Richard Alpert (mais tarde Baba Ram Dass) e Timothy Leary, involuntariamente dando uma boa dose de publicidade às drogas psicoativas e dando tanto às drogas quanto aos ex-professores uma aura de rebeldia que despertou o interesse dos (em sua maioria) estudantes universitários por todos os Estados Unidos" (Ibid, p. 274).

99 Substância que induz ao estado xamânico e/ou êxtase religioso.

que foi o LSD. Portanto uma nova droga sagrada, vamos dizer assim, como Timothy Leary diz que é. Para ele, o LSD é a droga sagrada do mundo tecnológico. Pelo menos era, naquela época em que o Leary era o teórico principal da utilização das drogas alucinógenas para alargar a consciência. E foi por causa disso que ele as chamou de drogas psicodélicas, ou seja, drogas que expandem, que alargam a mente. (MACIEL, 1981, p. 76)

A psicodelia<sup>100</sup> e a busca pela expansão de consciência por meio de enteógenos tiveram seus reflexos no Brasil e em Brasília. Segundo Armando Sobral:

Bom, inegavelmente, naquele contexto, nós seríamos totalmente... digamos, artificiais, se nós não tivéssemos mergulhado também na onda que, digamos assim, marcou grande parte da nossa geração e da nossa época, que foi a emergência das drogas. Então, de fato nossa turma gostava da *marijuana*, *jererê*, como a gente chamava, e tínhamos isso como, enfim, tivemos todos essa experiência. Alguns, inclusive, lamentavelmente ficaram pra trás nisso, mesmo porque também houve experiência de drogas mais poderosas, mais fortes, e alguns nessa viagem não conseguiram... piraram alguns... enfim, tivemos sem dúvida essa experiência, a parte dolorosa dela também, que alguns ficaram no caminho. Mesmo porque além do *jererê*, como a gente chamava na nossa gíria, na época foi o auge do LSD. E também experimentamos outros tipos de coisas mais natural como peiote, como... similar ao peiote, esqueci agora, aquele cacto... mescalina. Então tivemos essa experiência na época, andávamos todos de bando assim, saíamos pra acampar. (ROLLEMBERG, 2017)

A ressignificação do uso de psicotrópicos enquanto enteógenos por parte da juventude, numa busca por expansão de consciência também se misturou à ideia e ao sentimento de contestação e revolta. Numa das passagens de seu livro *Retrato Calado*, Luiz Roberto Salinas<sup>101</sup> expressa o que foi esse sentimento para ele:

Como rigorosos militantes, fumávamos desbragadamente todos os dias, da aurora ao crepúsculo, do banheiro à cozinha, da mesa à cama, da roupa à nudez, cavalgando em loucura nossos sonhos visionários. Militantes rigorosos e corajosos em contestação permanente, cada fósforo aceso como ato de protesto contra tudo e todos. Na verdade, dávamos prosseguimento, da forma possível às fracassadas tentativas de existência e organização política de toda uma geração. Prosseguíamos no mesmo combate, transfigurando-o, inventando novas formas, mergulhando nas comunidades caóticas, nas *trips* coletivas, nos debates e discussões intermináveis, na busca desesperada de novas formas de convivência e no radical, definitivo, irreversível rompimento com a ordem de coisas vigentes. Fácil contestação – fácil? – que desestruturava o universo bem-pensante e se exprimia através da permanência da clandestinidade, passando de mão em mão, de boca a boca, de pulmão a pulmão na ciranda do baseado, néctar com nepente, erva, serva [...] Havia, de um lado, o bloco, o magote, na sua permanente rebelião fantástica e, de outro, o resto, o incolor, o inodoro universo da caretagem, onde pontificavam os carrancudos patrulheiros do logos, com todas as ideias bem no lugar e encarapitados em suas dialéticas pacificadoras. De um lado, a nova intensidade e a euforia inesperadas. De outro, o mundo das obrigações e do relógio. De um lado, a dimensão ignorada pela caretice geral, estado de graça, alegre durar. Muitas superiores gargalhadas quando nas rodas de fumo alguém lembrava do espanto daquele estudante português, em um dia de aula, diante da pergunta

---

100 Composição das palavras *psique* (ψυχή – alma) e *deleín* (δηλεῖν – manifestação).

101 Luiz Roberto Salinas Fortes foi professor de filosofia e tradutor, e um dos grandes especialistas em Jean-Jacques Rousseau no Brasil, ministrando matérias como Ética e Filosofia Política e História da Filosofia Moderna, além de ministrar cursos sobre Rousseau, Nietzsche, Aristóteles e Sartre. Passou por quatro detenções na década de 1970, duas delas acusado de envolvimento na luta armada, outras duas acusado de envolvimento com tráfico, os quais são temas do seu livro póstumo. (FORTES, 2012)

provocativa do companheiro sarcástico travestido de aluno, que interrompera o discurso professoral indagando:

– Professor, o senhor não acha que depois do LSD todas estas filosofias, toda esta metafísica foi definitivamente superada?

Grave questão, sem dúvida. No lugar do professor, o aluno se apressou a responder, nervoso: Mas isto não passa de *paraísos artificiais!!!*

Eis o outro contra o qual nos uníamos em gargalhadas que traduziam nosso minguido triunfo depois de tanto fracasso e frustração. Éramos definitivamente clandestinos. Inatingíveis, inacessíveis. E isto nos confortava o espírito, lavava a alma. Fora do alcance dos controles múltiplos. Éramos um punhado de irredentistas, bruxas e alquimistas que descobriam poderes ignorados ao mesmo tempo em que, com a fê reacendida, saravá São Thomas de Quincey, a crença fortalecida, a pureza reconquistada, o otimismo robustecido, dedicavam-se sem nenhum medo no peito à tarefa de propagação da boa-nova, dispostos a transformar mais uma vez este mundo incorrigível, e certos de que era preciso, como Merleau-Ponty, "formar uma nova ideia da razão". E de repente pareciam brotar de dentro de mim visões proféticas em contraste absoluto com o cotidiano miserável, aquele pobre milagre de circo mambembe que os arautos oficiais proclamavam e ao qual a realidade dos fatos se enquadrava com dificuldade. Feliz, eu conseguia enxergar nítido por cima das cabeças gerais, para lá do ano dois mil, e via, extasiado, o expresso supersônico dos brancalhões transfigurados a viajar disparado na pura luminescência. (FORTES, 2012, p. 94-96)

A identificação com o clandestino (dado a proibição dos psicotrópicos) "confortava o espírito" e "lavava a alma", mas, sobretudo esse "estado de graça" e "alegre durar", trazia um fortalecimento, otimismo e entusiasmo "sem nenhum medo no peito" para transformar o "mundo incorrigível" e propagar "uma nova ideia de razão" advindas de visões "proféticas em contraste absoluto com o cotidiano miserável" e "incolor". Isso trazia tanto um otimismo profético advindo de uma percepção de mudança futura, quanto um estado de corpo fechado, revigoramento de corpo, alma e espírito face a triste paisagem do presente. Segundo Aurélio:

É! Foi uma forma de se libertar da repressão, a gente só podia se libertar criando um imaginário libertário, você não podia... Porque Brasília, eu não sei, você é brasileiro, nasceu em Brasília? Você nasceu em Brasília? Então, nessa época, pra você ter ideia, havia tanque de guerra no meio do Eixo Monumental... Na época do Médici isso era muito presente, você era revistado na rua, os caras andavam de metralhadora, é como se tivesse em guerra, sabe? [...] Abri a porta, saí pela rua, quando eu cheguei ao Eixo... Eu fui andando, andando, quando eu vi tinha aqueles cachorros, o cara com metralhadora. Você acredita que eu passei pelos caras, os caras com cachorros, armados, eles não me tocaram! Não me pararam [risada]. Eu fui pra minha casa a pé. Eu estava me sentindo liberto, eu não tinha nenhuma defesa, eu acho que eu passei isso pra eles, a minha tranquilidade. E eu fui a pé, lá da 316, sei lá, não lembro mais; a pé até a minha casa, até onde você mora, a pé. Eu fui a pé pra casa e viajando, viajando. Mas ninguém me parou, passei por eles, pelo meio deles, eles não me pararam, os cachorros nem me cheiraram, e passando. Não tinha essa coisa que tem, de você se sentir livre e passar essa liberdade, essa tranquilidade também. Podia se dar mal, mas... (MICHILES, 2015)

Tanto o imaginário libertário quanto o uso de psicotrópicos foram uma forma de se libertar da repressão, "de se sentir livre e passar essa liberdade, essa tranquilidade também", em face de paisagem militarizada de Brasília, com seus tanques de guerra, policiais, metralhadoras, cachorros, tudo aquilo que visualmente já impunha o medo, a paranoia, a ansiedade, a desilusão e o

pessimismo. Na experiência de Aurélio, os cachorros nem lhe cheiraram. Na opinião de Armando:

Desbunde, ele não era um desbunde alienado, como muitos, digamos assim, críticos queriam imputar: "Essa turma se alienou". A turma mais tradicional da esquerda também olhava pra gente com desconfiança: "Essa turma aí é alienada, desbundou total, perderam o senso". E na verdade a gente mantinha uma certa, dentro daquele desbunde, uma certa coerência muito nítida, porque nós estávamos muito ligados à modernidade em si, a tudo que estava acontecendo de moderno, não só no Brasil como especialmente, mais vinculados até com as coisas que estavam vindo de fora, já dentro daquele processo de inícios, prenúncio da globalização, que a gente havia já divagado, como eu te disse Woodstock foi uma marca que ficou e então nós fomos impregnados, e a cultura *hippie*, o *underground*, tudo isso já era uma moldura sobre a qual a gente estava. Então nós éramos vistos com desconfiança pela esquerda tradicional, obviamente éramos vistos com desconfiança pela área mais conservadora, especialmente os militares que nos tinha até como uma ameaça no sentido "Ah! As drogas vão dominar, a geração vai acabar e tal". Quando na verdade, todo o processo era um processo muito criativo, de fato renovador, muito ousado. De fato havia algum risco, no sentido da saúde mental porque como tinha a questão da droga e os limites aí não estavam muito estabelecidos[...] Agora a grande parte dessa caravana dessa geração, ultrapassou e ultrapassou bem e, digamos, foi um processo de enriquecimento mútuo e de amadurecimento mútuo e todos, a maior parte chegamos a porto seguro, no sentido figurado, sem maiores problemas, entendeu? (ROLLEMBERG, 2017)

Não compreendidos, eram tidos como alienados sem senso crítico pela esquerda tradicional e destruidores da geração pelos conservadores e especialmente os militares. Como vimos na virada para a década de 1970 o movimento estudantil estava completamente desarticulado após as sucessivas "operações de limpeza" na primeira década da Universidade. Segundo Romário:

Não era uma, não era assim um negócio que fosse organizado por um partido, mas, o PC do B continuou ali agindo, atuando, mas não tinha, a juventude não era uma juventude organizada desse ponto de vista. Muitos tinham vindo de lá, muitos que estavam na UnB tinha vindo de alguma organização política qualquer. Mas nesse período aí, 72, 73, vocês que já estudam aí o regime militar vocês sabem que era o período mais violento, que morreu muita gente, foi nos anos 70 por aí, quando estouraram os aparelhos de São Paulo. Então nós já estávamos pegando, assim, o finalzinho da repressão violenta. (SCHETTINNO, 2013)

Entre 1972 e 1973 as organizações de luta armada eram completamente dizimadas e seus militantes ou acusados caçados, pondo fim ao paradigma da luta armada e dando o início ao processo de autocrítica e de sua reorientação para o trabalho de base (GORENDER, 1987, p. 198, 205). Embora a Guerrilha do Araguaia tivesse acontecido, sobretudo nesses anos, sua existência permaneceu abafada até os fins da década (Ibid, p. 207, 213). Desde 1971, presos políticos passavam a ser sistematicamente assassinados, aumentando rapidamente o número de mortos e desaparecidos, em alguns casos por fictícios atropelamentos nas ruas ou tiroteios inventados pelas forças (Ibid, p. 229). Muitos dos que entravam na UnB tinham vindo de uma organização política qualquer, principalmente dos movimentos secundaristas do final da década passada. Embora não houvesse uma organização por partido ou mais orgânica nesse momento.

Segunda coisa que eu me lembro, é que uma vez nós fizemos uma coisa que na época pareceu uma... Que foi escrever a capa do *Campus*, do jornalzinho da Comunicação, foi a palavra *apatia* escrita em diversos tipos de letra, em diversos idiomas: apatia, apatia, apatia. E o nosso trabalho era romper a apatia, era mobilizar a estudiantada para acabar com aquela letargia, inoculada pela ditadura militar. Então, eu diria que, se você fosse me perguntar, em poucas palavras eu diria que grande característica do meu tempo de estudante foi romper a apatia pra recuperar o seu espaço e rearticular o movimento dos DCEs, na época era o DCE livre, mesmo sob o julgo ainda da ditadura. E foi esse o nosso enfrentamento. Só que aí, a própria época, já se concretizava, já se realizava com alguns ingredientes novos, entre os quais o famoso *jererê*. E a gente ali, já estava no *campus*... meio *hippongas*, sentávamos na grama e tal, aquela coisa, já vestidos de forma alternativa, cada um com sua bolsa à tira colo e tal. Nós, digamos assim, podemos nos considerar também a nova esquerda. Que nós éramos esquerda. Só que era uma esquerda que não era a esquerda marxista-leninista tradicional. Embora existissem as correntes mais tradicionais também, inclusive trotskismo era muito forte no... o (...) era trotskista. Era do... Movimento secundarista o trotskismo era muito forte no movimento secundarista... (ROLLEMBERG, 2017)

Começava-se naquele ano a discutir-se sobre a criação de um Diretório Central Livre. "Romper a apatia", trazer algum tipo de movimento na letargia "inoculada pela ditadura", seja pela produção de uma capa de jornal universitário ou um jornal alternativo, ou uma peças de teatro, intervenções performáticas, cineclubes e, enfim, no viver diferente. Fora do *campus* e das repúblicas, isso tudo se restringia muito como mencionado anteriormente. Além da quadra 511 sul, na época um polo de efervescência cultural e onde também se localizava a redação do jornal *Tribo*, a quadra 206 sul parecia atrair pessoas, sobretudo nos fins de semanas e pela quadra de futebol o "Maconhão":

Além disso, continuavam em plena efervescência os gramados de algumas superquadras mais movimentadas. Naquele período pós-Copa do México, começaram a ser inaugurados, em todo o País, estádios como o Mineirão, O Pelezão (Maceió), o Castelão (Ceará).

Na Superquadra 206 Sul, a movimentação durante os fins-de-semana ficava por conta do Maconhão, palco de sensacionais embates futebolísticos.

De vez em quando, um camburão rondava o Maconhão, que foi cercado algumas vezes.

Outro fator de movimentação nos gramados da 206 eram as aulas de capoeira ministradas por Mestre Arraia (Aldenor Benjamin) e seu assistente Carbureba, que eram compulsoriamente frequentadas por quem tinha algum amor à pele e, portanto, não ousava contrariar o professor. (GURGEL, 2011, p. 22)

Havia assim uma grande movimentação na quadra. Essa maior liberdade na quadra 206 sul em relação às outras quadras talvez se ligue ao fato de que aquela era uma região onde muitos representantes da política ou da máquina pública moravam, bem como seus filhos. Os próprios diretores do jornal *Tribo* eram filhos do *Establishment* político. Segundo Armando:

A outra coisa que eu queria comentar, assim, previamente, é que... Eu era filho na época de



um ex-deputado, tinha sido ministro, que tinha sido nomeado ministro. O (...) era filho de um ministro do TCU. O (...) era filho de um deputado federal, de um deputado federal do Espírito Santo que veio de origem popular, foi eleito, um fenômeno que veio da favela que tinha no Espírito Santo, foi o primeiro impulso que ele teve pra se eleger deputado mas passou a fazer parte da elite política. Então, grande parte dos fundadores da Tribo, nós éramos de fato do *Establishment* político, digamos assim, ou filhos de. Nem todos, mas uma parte de nós éramos pessoas que vinham com esse DNA político, digamos assim, seja, como eu te disse, membro do TCU, deputado, dessa quadra na 206 onde a maioria das pessoas eram pessoas com representação importante, seja num poder, seja noutra, seja qualquer... (ROLLEMBERG, 2017)

Existindo ou não essa relação, o que importa é reter o contraste entre uma geração mais nova que desbundava nessas quadras e uma geração mais velha (ou não) que morava por essas quadras; sendo muitas vezes integrantes da mesma família. A 206 sul foi um polo de atração de pessoas, às vezes vindas de outros lugares. Gurgel lembra-se que para a *Tribo*:

Um dos acontecimentos mais marcantes de 1972 foi a chegada de dezenas de irmãozinhos" de Goiânia, no início da 2ª quinzena de abril. Tudo começou quando um dos integrantes da Tribo resolveu iniciar, a partir do Planalto Central, uma revolução cujo objetivo era transformar a América Latina numa imensa comunidade hippie. (GURGEL, 2011, p. 51)

A *Tribo* havia chegado a Goiânia e tido uma boa receptividade, gerando um laço com os "irmãozinhos" de lá. Segundo Armando:

E fizemos isso e fomos à Goiânia e tivemos uma ótima receptividade lá, tanto que no segundo número ou no terceiro número, não me lembro bem, veio uma turma de Goiânia grande que fez um acampamento na entrada da 206. Mas um acampamento, tinha umas, sei lá, umas 60 pessoas, 50 ou 60 pessoas, que ficava acampado meio hippingas e tal. Foi até um problema, começou a provocar protestos, a vizinhança começou a reclamar, então nós tivemos até que levar todo mundo e levamos todo mundo pra acampar naqueles eucaliptos que tem ali na ponta da L2 sul, L2 não, da Avenida das Nações, na ponta que vai já pro aeroporto, sabe naquela esquina ali? Enfim... Aqui no aeroporto mesmo, ali na entrada da Avenida das Nações tem um eucalipto ali na ponta do lago, naquela extremidade sul do lago até hoje tem uns eucaliptos. Então tivemos que levar o pessoal pra lá, eles ficaram com muito mosquito, ambiente ruim. (ROLLEMBERG, 2017)

A vizinhança evidentemente protestou contra os "hippingas" que acampavam aos arredores da quadra e "Camburões passaram a rodar o grupo e o clima ficou tenso. Buscava-se desesperadamente um destino para a rapaziada de Goiânia" (GURGEL, 2011, p. 51). Após mudança entre as quadras, bosques e mesmo um clube, sempre interrompidas por policiais ou bombeiros apagando as fogueiras que eram acesas, "Ficou então claro que a revolução latino-americana, cujo líder – aliás – não apareceu, precisaria esperar um pouco mais" (Ibid).

O desbunde pareceu significar isso tudo então, uma afirmação do diferente e desprezo pela autoridade e a "caretice", um oposto e um antídoto à repressão, uma forma que quebrar a letargia. E para aqueles que permaneceram nos movimentos de esquerda, foi um momento de refletir sobre a

ideia de pluralismo político e contrapor a ortodoxia:

E aqueles que perseveraram na esquerda, eles de certa forma, digamos assim, por dentro conseguiram também abrir a esquerda no sentido de que o dia-a-dia, a prática, os questionamentos, foram também servindo pra contrapor aquela ortodoxia, novos parâmetros de pensamento, que não podiam ser considerados reacionários, conservadores, ultrapassados. E que estavam numa linha de frente, condizente também com as aspirações mais nobres do chamado espectro de esquerda, da questão da igualdade, do fim da injustiça, da questão da igualdade social. Só que dentro de uma perspectiva de liberdade, de pluralismo. Então eu me lembro bem que, quando a *Tribo*, acabou a *Tribo* e depois daquela experiência nos ficamos ruminando aquilo, um grupo de amigos, como recuperar a ideia? (ROLLEMBERG, 2017)

## 2.2 – Sem lenço e sem documento: O fim do jornal e a viagem pela América Latina

Após a terceira edição em meados de 1972, já rodada com dificuldades, o jornal chega ao seu fim. Ao amadorismo comercial e o pouco dinheiro que dificultavam a viabilidade da quarta edição somou-se uma batida da Polícia Federal na sede que pôs fim ao jornal. Segundo Armando:

Nós éramos muito, digamos assim, muito amadores no sentido comercial da coisa. Nós não tínhamos, embora por força legal tivéssemos criado uma empresa, nós não atuávamos como uma empresa. Nós, como disse, éramos jornalistas e jornalheiros, nós éramos tudo, propagandistas, animadores, militantes. Então, acho que a nossa primeira tiragem foi de mil exemplares, acho que a última já chegou a três mil exemplares. Mas aquilo mal dava, não dava pra sustentar. No início... conseguimos alguma coisa e tal. Mas, então, a coisa foi se esvaindo por falta de viabilidade financeira econômica. E em determinado momento, houve de fato lá no coisa, nós chamamos a atenção porque badalávamos lá e tal, e sentava, aquela panfletagem, aquela coisa. E na época ditadura militar, e a polícia federal começou a bolar, a ficar de olho na gente, invadiram a nossa sedezinha, aquela coisa, era só uma sala, não tinha nada. Mas houve então uma, desbaratou, digamos, o processo porque aí tivemos fechar a sala e tal. A acusação da questão da maconha e tal, aquela coisa, criou um certo *stress* e o fato foi que, mixou, não conseguimos viabilizar o quarto número. Com isso nós ficamos ali, meio desencantados e tal. E alguns, eu, especialmente (...), Aurélio Michiles, o (...), que era sergipano e era muito meu amigo e tava vindo aqui sempre – embora não fosse do grupo original da *Tribo* – e o (...), combinamos uma viagem de carona. E aí, nos mobilizamos, mandamos construir, fazer inclusive, mochilas de couro. Ficaram lindas mas super incômodas, invés da gente comprar uma mochila, como se diz, do ponto de vista da... do conforto, daquela coisa, de bem colocado, bem equilibrado nas costas, uma artesã nossa amiga, a Tati o nome dela, o apelido dela, fez umas mochilas de couro super legais. (ROLLEMBERG, 2017)

Após a batida policial na sede do jornal *Tribo* e a interrupção de suas atividades, a turma se dispersa e parte dela decide "sair de viagem de carona, naquele momento de grande repressão, de angústia, falta de perspectivas, e de vontade de estar ali sendo vigiado, cerceado" (MICHILES, 2015) pela América do Sul. O *stress* que se seguiu da batida policial, acabou baixando os ânimos e perspectivas. A realidade voltando ao incolor e os medos e angústias voltando aos pensamentos. Também, a própria valoração da viagem em meio ao pensamento *underground* iria fazer com que

naturalmente fossem artificiais se não se lançassem além de sua viagem interior numa viagem exterior. O útil unia-se ao agradável.

As viagens são uma parte importante da história da juventude nos anos 70, sobretudo no Brasil e noutros países latino-americanos que passaram por ditaduras e onde a viagem muitas vezes é mais que um desejo ou vontade, mas uma necessidade (autoexílio) ou arbítrio (exílio). Sociabilidades são feitas e refeitas de encontros e reencontros em meio ao movimento daqueles que deixam seus locais de origem e sendo como que um estrangeiro, pode repensar o lugar de onde vieram, e no contexto das ditaduras, reestabelecer (ou pelo menos tentar) um espaço e debate público, longe de vigilância.

Depois uma de nossas colegas que andavam conosco que era artesã fez as nossas mochilas e lá fomos nós numa viagem de carona a dedo mesmo. Meu pai inclusive, que era conservador como já lhe disse, recusou dar qualquer dinheiro pra eu viajar. A única coisa que ele admitiu é que se eu tivesse algum problema, apelasse que ele mandaria me buscar, mandaria dinheiro da passagem de volta. Realmente a dedo, com muito pouco dinheiro, juntamos algum dinheiro, fizemos coisa e tal, economizamos nossas mesadas durante alguns meses, trancamos a matrícula na UnB e seguimos adiante. Eu fiz Paraguai, Argentina, Chile, Peru, Equador, Colômbia e fiquei... quase cinco meses nessa viagem. Íamos juntos nos encontrando nos lugares, porque, como nós recebíamos muita gente, mochileiros que vinham da Argentina, do Chile e tal, aqui nos dávamos guarita a eles e aí nós tínhamos as referências, os endereços: "Lá vocês procuram fulano, procuram ciclano... Ah! Procura a minha casa lá, fala com minha mãe e tal". E assim foi que nós tínhamos, então nós íamos, como éramos cinco, a gente ia se encontrando no percurso do caminho. A gente saiu junto mas alguns pegavam carona: dois num caminhão, três no outro caminhão, ou um só. E íamos marcando o encontro. Também logo no início da viagem, quando chegamos lá na Argentina, começou a haver umas divergências, alguns queriam ir pro sul, outros queriam seguir pro norte, aí houve uma separação. Eu e Aurélio seguimos numa direção, eu, Aurélio e (...) seguimos numa direção; e o (...) e o (...) decidiram e seguiram numa outra direção. Eu, Aurélio e (...) seguimos adiante e fomos nos encontrando. (ROLLEMBERG, 2017)

Brasília era um local de passagem de mochileiros e, vez ou outra, eram acolhidos pelo pessoal da *Tribo*, donde fazia-se uma troca de contatos e endereços. O grupo saía junto e separava-se com as caronas, voltando a reencontrar-se nos contatos e endereços ou lugares previamente combinados.

Bom, aí eu vou contar umas coisas interessantes da viagem, que são realmente fantásticas. Primeiro, como eu disse, nós não éramos alienados, nós éramos politizados. Então, quando nós íamos, nós íamos aos museus, visitávamos sede de partido político, visitávamos, ou seja, a gente tinha uma embocadura, já saímos daqui politizados. Não tava *hippongas* paz e amor, não era bem isso. Embora tivéssemos... raspássemos nisso aí. Então, me lembro muito bem, nós chegamos em Buenos Aires e nós tínhamos o endereço de um colega nosso, um mochileiro que tinha ficado nosso amigo, que morava em La Plata, que fica pertinho de Buenos Aires, que era uma cidade universitária. Então, nós chegamos em Buenos Aires, chegamos cansados, e lá em Buenos Aires nós fomos pra Praça França, Francia, nos dizem, que era o reduto de exatamente da turma alternativa, e tal, que chegava e ficava ali na Praça e tal. Nós tínhamos essa referência, Praça Francia era um lugar legal. Então nós chegamos no

início da manhã. Ficamos ali, estávamos cansados, era uma longa viagem, pedir carona. E aí, tinha uma plaquetinha assim: "Escuela del Pensamiento Libre", fincada assim na grama. E ficamos ali descansando e tal, e daqui a pouco, do meio pro fim da tarde, começou a chegar a turma da tal Escuela Del Pensamiento Libre. E Ficaram ali, fizeram uma roda, e começaram as coisas deles. E nós ficamos ali, assistentes, aí eles chamaram a gente: "Brasileño, brasileño! Vocês querem? Senta aqui, vamos participar". E logo, logo, logo, criou-se uma grande polêmica. Nós ficamos objetos, no centro de uma grande polêmica. Porque nós passamos a defender as nossas ideias e um monte de argentinos reacionários começaram a se aglomerar e dizer: "Fora Brasileño! Vocês não tem nada haver com isso! Vocês vão embora!". E um monte de gente da Escola do Pensamento Livre tinha uma visão mais, ampla, moderna e tal: "Não! Esses daqui e tal...", "Não! Fora!", criou-se uma polêmica. (Ibid)

Não eram alienados, mas politizados, segundo Armando e visitaram museus e sedes de partido quando chegaram em Buenos Aires na Argentina. Procurando sua turma, chegou na Praça Francia onde encontraram outros alternativos, mas também reacionários, donde se começou uma polêmica na praça.

No final, ao anoitecer, a roda da escola foi se desfazendo, mas nós aí, como estávamos ainda meio sem destino, não sabíamos onde nós íamos dormir; quando um casal de argentinos nos procurou e disse "Olha, e tal..." e eu disse "Não, nós tamos com uma indicação, nos tamos indo pra La Plata e tal", e disse "Olha, vocês vão pra La Plata mas se vocês quiserem na volta nos contactar, nos vamos lhe ajudar, vamos dar guarita a vocês, gosto muito das posições de vocês e tal". O nome deles eram Juan Carlos e Meli. Depois nós viemos saber que eram codinomes. Eles eram do Partido Comunista Revolucionário Argentino, PCR, que sempre foi uma força muito importante no contexto da esquerda argentina. Aí nós fomos pra La Plata, chegamos lá, fomos bem recebidos por essa mãe desse colega viajante que nós tínhamos hospedado aqui em Brasília, eles nos colocaram num galpão. Só que naquela noite deu um toró monumental, tinha goteira, a grama molhou nossas coisas e tinha um diabo de um cachorro lá enorme, e o cachorro também por causa da chuva invadiu o nosso local, ficamos nós e o cachorro, então foi um desastre, assim, no sentido da logística porque molhou toda nossa roupa e tal. E nós então resolvemos no dia seguinte voltar pra Buenos Aires, e fomos procurar o casal Juan Carlos e Meli. E eles nos colocaram num aparelho deles, um aparelho, um apartamentozinho que era aparelho do PCR, cheio livro, cheio de texto, eles faziam discussão de texto, em plena... era Palermo? Um bairro chique de Buenos Aires, tenho que checar esse bairro. Mas acho que é Palermo o nome do bairro. Um bairro, assim, bem típico da classe média alta. (Ibid)

Apesar do convite do casal que conheceram, seguiram para La Plata para um dos contatos trocados com um mochileiro que acolheram em Brasília. Ficaram um dia depois de uma noite dormida com um cachorro no molhado, e foram para o apartamento em Palermo do casal que conheceram, que segundo Armando, era um aparelho. Sobre o apartamento Armando comenta:

Era um apartamento pequeno, mas era assim, como se estivéssemos em Copacabana no Rio de Janeiro, acho que era Palermo. Aí, ficamos lá uns dez dias discutindo com eles. Quer dizer, curtindo a cidade, saímos e tal. E ao mesmo tempo íamos discutindo... nós tínhamos um viés de esquerda mas totalmente libertário. A gente ia falar de revolução sexual e eles, isso pra eles era "Não, isso aqui, e tal...", desobediência civil, Thoreau. Eles vinham daquela coisa do marxismo-leninismo, aquela coisa e tal. E eles adoravam as nossas provocações porque instigavam eles a pensar, eles também tavam... então foi assim uma empatia tão interessante, nós ficamos quase uns dez dias, acho que não chegamos a ficar dez dias não, nós ficamos uns oito dias agregados lá. E essa coisa, uma ótima porque tava num apartamentozinho super

legal, protegido e tal. Depois nós viemos a saber, desconfiamos porque não tínhamos certeza. Eles acabaram presos e sumiram no processo de repressão argentina. [...] Nunca mais tivemos notícias. Durante algum período eles nos escreviam, a gente sabia, desconfiava que eram codinomes, mas eles correspondiam com a gente. Depois sumiram. [...] Porque houve uma repressão enorme lá, o PCR foi vítima de, entendeu? Pelas notícias que nós recebíamos aqui (Ibid)

Embora nunca ficasse exatamente claro se o apartamento em que ficaram 10 dias era um aparelho ou não, Armando deduz pela interrupção das trocas de correspondências que mantiveram após se conhecerem, donde nunca mais teve notícias de Juan Carlos e Meli. De Buenos Aires foram para Mendoza:

Dali, nós saímos e fomos pra Mendoza na Argentina. E lá, trabalhamos na colheita de uva, carregando tacho e tal, junto com os bolivianos. Imagina, nós não tínhamos nenhum costume de trabalho braçal. Foi uma experiência terrível. Conseguimos só trabalhar três dias, ficamos arrasados total. E na hora do combinado do pagamento o cara sacaneou a gente, o capataz, e pagou menos da metade do prometido. E quando nós fomos reclamar mandaram tomar lá e tal, e expulsaram a gente. Então nós sofremos na carne o que muita gente boliviana sofre, vivemos a banda podre da história. (Ibid)

Ficaram três dias em Mendoza, trabalhando e sofrendo "na carne" o que muita gente sofre, na desvantagem de não ter nenhum costume de trabalho braçal, e sendo expulsos recebendo metade do recebido quando foram reclamar. Algumas vezes nessas viagens, a solidariedade pode vir no lugar onde menos se espera:

Também teve uma vez que tava em Rosário, na passagem por Rosário, teve lá uma... rapaz nós fomos dormir numa praça, e nessa praça uma quantidade de mosquito enorme, enorme, enorme. Não conseguimos dormir. Enfim, era um calor infernal, nós dentro do saco de dormir, mas foi uma coisa assim... e os cachorros latindo perto da gente, foi um drama total. Aí logo no dia seguinte, saímos e fomos pedindo guarita na cadeia. Paramos na delegacia e pedimos pra dormir dentro da cadeia, você acredita? Pedimos pelo amor de deus, que a gente não conseguia... e os guardas até que foram legais com a gente. E fomos então dormir uma noite no corredor lá da delegacia que os caras deixaram a gente dormir com pena, porque nós estávamos num estado lastimável de fato. (Ibid)

Talvez o estado lastimável tivesse ajudado na interação com os policiais, que acabaram sendo compreensíveis com a situação que os viajantes se encontravam. Essa sorte com os policiais não voltaria a acontecer, sobretudo na entrada para o Chile:

Aí seguimos adiante, aí na passagem da Argentina pro Chile, Chile já era Allende. Essa viagem foi em 73(...) Começou em 73, início de 73(...) Aí, eu nunca vou me esquecer disso, eu pensei que eu ia morrer, realmente foi, eu entrei em pânico. É que, nós pegamos carona, e nós passamos a fronteira num lugar chamado Las Cuervas. E Las Cuervas em função como é nos Andes, em determinado momento a passagem fecha durante a noite, ninguém passa. E nós fomos o último, o penúltimo ou o antepenúltimo carro de carona, nos estávamos os dois nos dois últimos, penúltimo e antepenúltimo carros, pegamos carona e passamos por lá, Las Cuervas. E quando nós chegamos lá, como os caras eram chilenos,

eles tiveram que nos deixar. Eles seguiram adiante porque o despacho deles foi rápido, não precisava de passaporte. E nós ficamos retidos pra pegar uma nova carona pra descer Las Cuervas. Só que aí, ia fechar o túnel, ia fechar a passagem. Nós íamos ter que dormir lá. E quando nós chegamos lá no Chile nós fomos super hostilizados pelos policiais da fronteira: "Maricón! Seus viadones, maricones e tal", porque éramos cabeludos e tal. E os dois últimos carros passando e os caras dizendo: "Não! Vocês não vão dormir aqui não. Tá vendo aquele vagão ali, vocês podem dormir ali". Eu achei que eu ia morrer. Um frio do caralho, neve pra todo lado. A gente não tava bem aparelhado do ponto de vista da vestimenta, totalmente não tínhamos nos preparado. Não tínhamos costume de enfrentar aquele nível de frio. Então foi um drama total, ficamos "Putá, fudeu, caralho", os caras hostilizando a gente "Não! Não pode nem aqui não, é lá! Nem aqui na varanda não. Lá!". A ponto de um dos caras que tava despachando, dos dois últimos carros que tava despachando lá, percebeu o grilo, foi no carro vizinho que tava chegando: "Olha vamos rearrumar aqui nosso passageiro pra dar passagem pra esses três meninos e tal". Nós fomos então, tiveram pena da gente, desespero. Rapaz, olha, eu entrei num total... todos nós. Achei que eu ia me fuder, morreremos [risadas]. Ai, eles colocaram a gente numa, acomodaram, e nos deixaram lá embaixo nos Andes, onde a situação já era muito mais calma, e foi assim que nós nos livramos. Mas nossa entrada no Chile foi terrível, exatamente porque fomos super hostilizados. (Ibid)

Depois do gélido desespero, das hostilidades policiais e ao longo de chuva, calor e frio infernais, com ajudas e caronas no caminho conseguiram chegar ao Chile, onde conseguiram num quarto de uma mansão que havia sido ocupada por sem-teto e servia de abrigo. Por lá encontraram vários exilados num restaurante da Conferência de Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento:

Chegando no Chile, bom foi ótimo, maravilhoso porque conseguimos logo ficar numa casa que tinha sido ocupada por sem-teto e nos arrumaram um quarto pra gente ficar, uma mansão que eles tinham ocupado. Quando nós chegamos, no dia em que nós chegamos em Santiago, tinha sido a primeira vitória relativa da UP, da Unidade Popular. Allende, o partido socialista, junto com os outros partidos que faziam a frente de eleição do Allende, tinha tido uma vitória relativa na eleição parlamentar, então tavam comemorando e tal. E nós então assistimos essa primeira manifestação; e aí, nós íamos sempre num restaurante da UNCTAD, que era onde todo o exílio se encontrava e tal. Lá nós encontramos brasileiros, e aí conversávamos e era baratinho o restaurante. Passamos a conviver lá e conversar com a turma do exílio brasileiro, encontramos um monte de gente lá e tal. Bom, estávamos lá, com pouco dinheiro, mas como o câmbio negro tava totalmente defasado e tal, a gente trocava um dinheirinho e era um dinheirão do ponto de vista do escudo chileno. Até que um dia, nós assistimos Allende fazer um apelo público em rede aos estrangeiros de Bogotá, que não trocassem dinheiro no câmbio, que aquilo estava desgastando a economia chilena e tal. Lembro que nós ficamos uma madrugada inteira discutindo se íamos ou não íamos embora em função do apelo do Allende. E aí resolvemos ir embora. Foi dez dias, quinze dias lá... Aí depois de uma ampla discussão nós resolvemos pegar a mochila atendendo ao apelo do Allende. Aí nós fomos... Lima? (Ibid)

Chegando em Miraflores em Lima, se abrigaram na casa de uma prostituta que era parente de um viajante que haviam abrigado em Brasília. Num dos dias que estavam passaram uma noite na cadeia, desta vez porque foram presos sem documentos:

Acho que foi Lima. Miraflores, bairro de Miraflores, também bairro de classe média alta. Aconteceu coisas super legais [risadas]. E que também, tinham nos dado o endereço duma

referência lá. Quando nós chegamos lá era duas meninas que eram prostitutas, mulheres de programa, tinham um apartamento em Miraflores, que era um apartamento de programa. E ela nos recebeu muito bem porque nós tínhamos hospedado, não sei se era o irmão dela, algum parente e tal. E ela foi assim com a minha cara, se apaixonou. Só que de noite a gente tinha que sair do apartamento porque era o local onde ela fazia os programas. Numa dessas vezes que nós saímos, nós esquecemos o passaporte, fomos presos sem o passaporte. Puta que pariu... Fomos levados pra delegacia. Não quiseram nem saber, jogaram a gente numa cela lá, cheia de gente. Estávamos andando na rua, de repente fomos abordados, tava sem o passaporte, cabeludão. Fomos presos. Passamos uma noite terrível, um punhado de gente, cheiro de mijó, aquela coisa horrível, com medo inclusive, enfim... E aí, o que aconteceu, aconteceu que no dia seguinte, bem cedinho eu fui chamado pra ser interrogado. [...] Eu... porra fiquei ali naquele, puta merda, totalmente alarmado, a situação já era dramática antes, aí tinha ficado mais ainda, aí fudeu tudo... Quando de repente, no início do expediente eu percebi pelo movimento que o chefe deles tinha chegado. Todo mundo se preparou lá. Aí eu saí, voltei pro chefe. Disse: "Sou brasileiro, meu pai no Brasil é um homem importante, se acontecer alguma coisa comigo vocês vão responder criminalmente, a embaixada brasileira vai intervir e vai criar uma crise diplomática. Eu estou aqui apenas pedindo ao seu auxiliar que me dê 20 minutos para eu ir no apartamento, buscar os passaportes, nós não somos ilegais e tal-tal-tal. Aí o cara consentiu, eu fui peguei os passaportes e tal, e fomos liberados. E seguimos viagem. (Ibid)

Após a situação confusa e desesperadora dos interrogatórios e agressões, aconteceram as coisas, ou melhor dizendo, os encontros ‘super legais’. Enquanto estavam em Miraflores conheceram Glauber Rocha<sup>102</sup> ao acaso em uma praça:

Nós só viemos descobrir logo depois, mas num primeiro momento nem descobrimos que era o Glauber. Aí ficamos amigos, o Glauber nos levou pra um hotel e tal, precisávamos de tomar banho, aí cedeu o quarto pra gente tomar banho, fazer uma ceia e tal. E abriu a mala dele, cheio de livro. A frente da mala era assim, com uns 10 livros.[...] Bom, o Glauber era um vulcão, falava e tal. Era realmente impressionante, e aí rolou empatia e a gente ficou com ele e tal. E estávamos combinando de ir pra Matchu Pitchu juntos, ele super empolgado e tal, vamos com a gente e tal. E nós falamos da *Tribo* e que estávamos pensando de fazer um novo jornal e tal. E ia conosco pra Matchu Pitchu, só não foi porque a namorada dele na época, a mulher dele na época tava no México ligou reclamando que queria ele de volta e tal, e ele abreviou a passagem dele, acabou que nós nos separamos sem ele ir pra Matchu Pitchu conosco. Acabamos nem indo pra Matchu Pitchu em função porque Glauber cancelou o negócio e seguimos por outro caminho. Bom, na última conversa nossa, que eram essas conversas torrenciais, fantásticas, algumas coisas são inesquecíveis (ROLLEMBERG, 2017)

Numa dessas conversas fantásticas, Armando lembra-se de Glauber Rocha falar de uma aproximação com um general como saída da ditadura. O que acabou sendo profético na história individual de Armando:

Primeiro, quando ele dizia da energia solar, que no Brasil na verdade era um dos principais minas de energia solar, dada o nível de insolação do nordeste e outras regiões brasileiras, que no mundo inteiro a questão da energia solar e tal, que nós temos... Isso foi uma das questões que me deixaram muito... Que naquela época não se falava muito disso, não se punha e ele já falava, ele era todo loucão. E a outra coisa quando nós sabíamos que ele foi

---

102 Glauber de Andrade Rocha foi cineasta, ator e escritor brasileiro. Partiu para o exílio em 1971 de onde nunca retornou totalmente antes de sua morte em 1981. Em 2014, revelados pela Comissão da Verdade indicaram que o governo militar pretendia matar Glauber Rocha, que se encontrava exilado em Portugal. (GLAUBER ROCHA, 2017)

muito com a nossa cara, na volta seguir a experiência da Tribo e tal... Aí ele trouxe o seguinte: "Quando vocês chegarem lá, vocês vão procurar o General Euler Bentes Monteiro. Aí: "Mas porque?", "Não, esse é o cara, um cara interessante das forças armadas e tal" que ele já tinha essa ideia que a abertura, a redemocratização teria que passar pelos militares, e que o Euler seria então. Rapaz, voltando daquele negócio, uma dica meio maluca do Glauber. Não é que um ano e meio, menos de dois anos depois, eu já na Veja, foi meu primeiro emprego, na Veja, Pompeu de Sousa meu chefe, diretor da sucursal de Brasília, o Pompeu vira o principal do assessor do General Euler Bentes Monteiro, e convida a mim e a Hélio Doyle para sermos assessores de imprensa. E eu então me licenciei da Veja, pra entrar na campanha do General Euler Bentes Monteiro, cujo o nome o Glauber havia anotado num guardanapo de bar lá em Lima, quando ele: "Não, quando vocês chegarem lá, vocês tem que se aproximar" e não sei o que. (ROLLEMBERG, 2017)

O outro encontro marcante foi quando conheceram Darcy Ribeiro<sup>103</sup>, com quem jantaram e conversaram. Em meio a isso Darcy lhe contou uma história de seu pai que lhe foi muito significativo:

Bom, aí o Glauber no meio desse processo, esses dias que a gente viveu: "Ah! Vou levar vocês pra conhecer uma pessoa muito... Darcy Ribeiro, eu vou levar você na casa do Darcy" nos setores lá do lado, em Lima. [...] Aí, foi uma conversa fantástica. "E você? Você é filho de quem? Você é filho de quem?", aí eu disse: "Ah, eu sou filho do Armando Rollemberg", "Você é filho do Armando Rollemberg? Rapaz, você sabe quem foi o seu pai? Seu pai foi um grande homem rapaz". Aí ele que me contou a história da Hanna Corporation. E que meu pai, ele contou a seguinte história, isso aí foi uma coisa que marcou muito a mim, e hoje à toda minha família porque essa crônica já chegou lá... Disse: "Rapaz, seu pai deu essa e tal, quando pegou e pediu vista e tal, os advogados da Hanna andaram procurando seu pai. Dois advogados da Hanna. E ofereceram a ele um apartamento na Quinta Avenida em Nova York, e a educação de todos vocês, 11 filhos, até universidade, tudo pago. Seu pai se levantou, expulsou-os da casa, do apartamento, e três dias depois levou o voto dele, foi decisivo pra expulsão da Hanna das minas de Belo Horizonte. Então você rapaz, olha a ligação que você tem rapaz". Aquilo pra mim foi um negócio emocionante, foi inesquecível. Tanto que quando eu cheguei eu disse: "Papai como é que você não...", "Meu filho, você acha que eu vou ficar falando, essas coisas a gente não fica e tal" (ROLLEMBERG, 2017)

Segundo Armando, seu pai foi um dos ministros mais jovens nomeados por João Goulart em 1963. Nomeado Ministro do Tribunal Federal, votou contra os interesses de uma multinacional e após o golpe caiu na malha fina das cassações. Não foi cassado, mas carregou um estigma de desconfiança relacionada ao voto no caso da Hannah Corporation<sup>104</sup>. Do Peru foram para o

---

103 Darcy Ribeiro foi antropólogo, escritor e político brasileiro. Um dos responsáveis pela criação da UnB. (DARCY RIBEIRO, 2017)

104 "Aconteceu uma coisa curiosa nesse contexto, importante, que ele veio exercer o mandato dele e no transcurso ele, na época do Jango, foi nomeado o Ministro do Tribunal Federal de Recursos. Então ele foi um dos poucos, uma das poucas nomeações que o Jango teve tempo de fazer porque o período de Jango no poder foi muito pequeno. E o fato do meu pai ter sido nomeado por Jango, ele foi nomeado em 63 – pouco depois veio a famosa "Revolução" entre aspas ou Golpe de 64 – então, meu pai ficou muito visado pelo fato de ter sido nomeado por Jango. Embora uma pessoa moderada e tal, um dos processos que ele julgou em primeiro, ele pediu vista num processo que tratava dos interesses da famosa Hanna Corporation, Hanna com H, que era uma multinacional canadense muito importante naquele contexto daquela época na área de mineração, cujos interesses em minas eram muito presentes e muito forte. Então meu pai pediu vista no primeiro julgamento que ele foi no Tribunal Federal de Recursos que é o sucedâneo, quer dizer, foi a origem do STJ. Antigamente só tinha Tribunal Federal de Recursos, depois da constituinte o Tribunal Federal de Recursos se transformou no STJ, no Superior Tribunal de Justiça. Então meu pai



Equador:

Fomos pro Equador. No Equador foi muito bom, aí tivemos assim, ficamos hospedados dentro da universidade, num quartinho de estudante que tava de folga, férias, e o colega dele abriu, emprestou e nós ficamos hospedados. [...] Aí depois de Lima nós fomos pro Equador, lá no Equador, o que é que aconteceu, aconteceu que nós, aquela história, confiamos em dois meninos e tal, que pareciam legais e tal. E os meninos PÁ! Nos roubaram. Nós ficamos numa situação crítica porque, ficamos totalmente sem dinheiro e... então uma situação crítica. [...] E também a viagem já estavam chegando no quinto mês, enfim, tava uma viagem longa, uns quatro meses e meio. E aí resultado, eu realmente escrevi pro meu pai, escrevi não, liguei pra meu pai, e meu pai e minha mãe naturalmente se compadeceram da minha sorte e me mandou a passagem de volta. E nós voltamos, nós voltamos e o Aurélio era de Manaus. E Aurélio ficou em Manaus, na escala em Manaus, e eu vim pra Brasília. (Ibid)

O roubo<sup>105</sup>, o longo tempo de viagem e o cansaço punham fim à viagem de aproximadamente quatro meses e meio. Aurélio ao longo da viagem foi escrevendo e registrando tudo: "O Aurélio é, você precisa ver o Aurélio como é sempre foi TSSS, toda noite é TSSS, era assim detalhista, contava tudo, ele adora"(Ibid). Segundo Aurélio ainda cruzaram a Colômbia inteira tentando ir para a Venezuela, mas não conseguiram por causa de um problema de litígio:

Que eu sempre gostei de escrever, sempre gostei de ler, eu carregava comigo e carrego até hoje muita coisa, que eu vou anotando os meus trabalhos, imagina naquela época, que eu era muito jovem e tinha muita coisa na cabeça, vindo de uma viagem, tinha anotado um monte de caderno, tinha encontrado pessoas maravilhosas que eu fui anotando essas conversas. Encontrei com Glauber Rocha, Darcy Ribeiro, e com... Geraldo Vandré, e nossa, um monte de gente, o Xico Chaves, um poeta e artista que morava lá no Chile, eu fui... a viagem era descrita em detalhes, a cada lance, a cada ação que nós fazíamos pela estrada, porque nós fizemos de carona, aqui você viajava de carona a Dutra inteira até São Paulo, depois saí pra Curitiba/Paraná, do Paraná pro Paraguai, do Paraguai pra Argentina, da Argentina cruzar a Argentina inteira e voltar pra Mendoza, subir a cônica, entrar no Chile, atravessar... isso em pleno Allende, na era do Allende... atravessamos, passamos 10 dias, na verdade 9 dias, tava eu, Armando. Nós passamos no Atacama atravessando de carona o deserto e fomos subindo até Arequipa indo pro Peru, até chegando em Lima, em Lima vamos pro Equador, do Equador vamos para Colômbia, cruzamos a Colômbia inteira, nós queríamos ir até a Venezuela mas tinha problema de fronteira, de litígio entre Colômbia e Venezuela, Brasil e Venezuela, deu um problema, nós tivemos que voltar. E aí a gente tava

---

foi na época o mais jovem ministro nomeado por Jango, isso provocou, digamos, uma desconfiança muito grande entre os militares em função especialmente desse processo em que a Hanna era muito questionada. E ele pediu vista e inverteu a tendência a favor da Hanna, e conseguiu... ela estava, digamos assim, trambicando lá os contratos, enfim, estava prejudicando os interesses nacionais, e esse voto do meu pai foi decisivo para, digamos assim, a expulsão da Hanna naquele contexto. Com isso meu pai passou a entrar em listas de cassação, ele que era um homem muito bem relacionado como deputado, moderado, tranquilo, nunca foi comunista, muito menos corrupto. Em função desse voto dele, ele ficou muito visado. Só que aí, em circunstâncias da vida, era ministro da justiça o Milton Campos, um mineiro, que era um liberal, conservador, mas um homem muito íntegro; e meu pai tinha estudado na Faculdade de Direito de Minas Gerais. Então, quando o nome do meu pai foi levado pro Milton Campos, o Milton Campos dizia "Não, esse eu não casso, porque esse eu conheço e eu sei que ele não é nem comunista nem corrupto". E meu pai naquela época tava muito tenso porque nós nunca fomos uma família rica, e nós já éramos 11 filhos. E então, me lembro dele acompanhando a Voz do Brasil pra ouvir as listas de cassação, receoso de que ele estivesse incluído. Ele então escapou dessa fase, mas sempre ficou com essa história do Jango, do Jango e tal. Então, esse é o contexto familiar no qual eu me criei" (ROLLEMBERG, 2017)

105 Segundo Aurélio Michiles, em comentários sobre esse trecho, em realidade o roubo mencionado por Armando aconteceu em Santa Fé na Argentina.

passando em frente a... passamos em frente, por acaso na loja da Varig. E a gente quando viu a Varig nós entramos e vimos um mapa do Brasil, e eu olhei assim, porra Armando eu quero ir pra Manaus. Ai a gente se olhou assim: “pô, vamo embora”. Já estávamos de saco cheio. (MICHILES, 2015)

## **Parte II – Distopia ou a ironia**

## Capítulo III – Como e por que se construiu um inimigo?

### 3.1 - Relatório Especial de Informações e a investigação em torno das repúblicas

O Azevedo tinha um cofre, onde ele guardava os documentos secretos do Exército. E o Cristovam quando assumiu, quando foi eleito e ele assumiu, foi o primeiro reitor eleito, ele abriu o cofre e achou um envelope com um relatório do general Vianna Moog. Esse general ele escreve todas, dá o nome de todas as pessoas que foram presas, e faz uma ficha de cada um. E no final ele faz uma conclusão assim, o que que eles concluíram dessas prisões e interrogatórios e torturas e etc... ele remete ao estado em que se encontra a UnB naquele momento em termos de comportamento coletivo a uma estratégia desenhada pelo partido comunista cubano numa reunião em Havana não sei quando [*risadas*]... que concluiu que deveriam atuar, o comunismo deveria atuar no Brasil em três frentes: na frente do comportamento sexual, do homossexualismo e da liberdade sexual, das novas formas de comportamento sexual da juventude; droga, o consumo de maconha e outras drogas; e o marxismo que era uma união dos três. Então eram drogados, maconheiros, homossexuais e comunistas [*risadas*]. (SCHETTINNO, 2013)

No dia 10 de setembro de 1973, o Ministério do Exército fazia circular por diversos órgãos de segurança e informação o *Relatório Especial de Info n° 03/73*<sup>106</sup>. Classificado como confidencial e com assunto denominado de "Infiltração subversiva no meio universitário em Brasília", o documento teve sua origem no Comando Militar do Planalto e uma ampla difusão<sup>107</sup>. Sobre uma série de prisões e investigações ocorridas aproximadamente três meses antes em torno de cinco repúblicas estudantis e do *campus* da UnB, a maioria dos abordados e por essa operação e relatados neste documento moravam, frequentavam ou tinham alguma relação com as repúblicas e com a Universidade. O documento, de 31 páginas, é dividido em 7 partes: A) Introdução, B) Apreciação sobre os elementos presos, C) As "Repúblicas" de Estudantes, D) O jornal "Tribo", E) Ex-Seminaristas, F) Universidade de Brasília (UnB), G) Conclusões.

Posterior à operação, ele é um relatório final, buscando explicar, justificar a operação desencadeada, bem como trazer uma síntese, um quadro geral a respeito da UnB. Como indica Mariana Joffily (2008, p. 23-24), por mais que fosse resultado de atividades clandestinas não inscritas no plano da legalidade, o momento de confecção deste tipo de documento representa o resultado funcional da atividade cotidiana dos órgãos repressores enquanto uma engrenagem instituída pelo Estado. Apesar dos procedimentos empregados para obtenção de informações serem violentos, isso não desqualifica esses documentos enquanto fonte para uma análise do funcionamento dessa engrenagem. Eles fazem um duplo registro que testemunha a ação que o gerou

---

106 Documento classificado como confidencial: "Relatório especial do Ministério do Exército sobre infiltração subversiva no meio universitário em Brasília" 10/09/1973. Arquivo Nacional, Fundo ASI-UnB. (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33).

107 "DIFUSÃO: CIE – I Ex – II Ex – III Ex – IV Ex – CMA – SNI/ABS – CNB – 6ª ZAé – Ch DPF – DSI/MEC – SR/DPF/DF – SEP/DF – SEI/GO – DPF/GO – 3ª Bda Inf – 10º BC – 36º BI.", (Ibid, p. 1).

e de que forma essa ação foi documentada.

O *Relatório Especial de Info nº 03/73* testemunha essa dupla dimensão. Da maneira como foi documentada, ou seja, como um combate à infiltração subversiva na Universidade e, nas suas entrelinhas, da ação que a gerou: sequestros, invasões de domicílios, prisões, interrogatórios e torturas<sup>108</sup>. O emprego da tortura, longe de ser explicado apenas por uma coleta de informações e eficiência, cumpria diferentes desígnios tais como a dissuasão do engajamento político, submissão à ordem discursiva da ditadura, punição extralegal e "regeneração" social dos detidos. O emprego de métodos coercitivos oficialmente negados não decorria de excessos, uma vez que os agentes repressivos consideravam esses desígnios capitais para o funcionamento da repressão, sobretudo pela atribuição do ônus moral ao outro. E fundamentava-se na periculosidade de um inimigo que era continuamente construído e atualizado. Para a perspectiva da repressão, o emprego da tortura decorreria da insistência dos interrogados por manter suas convicções e se negarem a colaborar (Ibid, p. 307).

A emprego da tortura inscreve-se na tradição inquisitorial das práticas policiais, apoiadas em um paradigma de investigação fundamentado na confissão dos acusados e no tratamento de informações adquiridas por meio de violência física e moral. Pelo paradoxo de investigar e subjugar, esse paradigma investigativo acaba por gerar versões fantasiosas, pois a extorsão de informações, nesse contexto, é indissociável da sujeição do outro (Ibid, p. 263-264).

Veremos ao longo do relatório como esse paradoxo de submissão e investigação gerou versões fantasiosas, permeadas de imaginários anticomunistas<sup>109</sup> que se consolidaram na década de 1930<sup>110</sup>, foram essenciais na ideologia adotada pela ditadura e tem suas reverberações até hoje. Esses imaginários fazem a identificação do comunismo com tudo que é tido como "mal". Segundo Patto Sá (MOTTA, 2000, p. 72), os comunistas foram representados no decorrer da história com diversas qualidades negativas atribuídas por diversos adjetivos tais como "desvairados",

---

108 Os interrogadores contavam com vários métodos e instrumentos de tortura. Ao lado das ameaças como tortura de familiares, assassinatos, alguns desses métodos empregados eram a palmatória, espancamentos, choques elétricos com a "pimentinha", a "cadeira do dragão", o "pau-de-arara", o empalamento com cabo de vassoura, o "telefone", a privação de alimentos e água, afogamento, torturas químicas como o uso de pentotal sódico ("soro da verdade"), de amoníaco e éter. Um misto de conhecimento empírico e ciência de técnicas estrangeiras. A tortura feita por interrogadores era controlada por médicos e enfermeiros. (JOFFILY, 2008, p. 254-255)

109 A expressão é usualmente utilizada no singular, mas talvez seja mais adequado falar em anticomunismos para efeito de análise. O anticomunismo é uma frente reunindo grupos políticos e projetos diversos cujo ponto de união é o combate ao comunismo. Esta diversidade muitas vezes passa despercebida porque nos momentos de conflito agudo os diversos tipos de anticomunismo se unem contra o inimigo comum, resultando num afinamento do discurso e ação, nuançando assim as divergências existentes no interior dos seguimentos aticomunistas. (MOTTA, 2000, p. 32).

110 "Em grande medida, as representações anticomunistas divulgadas significavam uma continuidade com a tradição iniciada logo após os eventos de 1917 e consolidada na década de 1930 [...] Entretanto, isto não implica em supor que os argumentos e imagens utilizados em 1964 tenham sido idênticos aos de 1937. Há diferenças e especificidades significativas a apontar" (Ibid, p. 301).

"paranoicos", "degenerados", "tresloucados", "dementes", "selvagens". Em essência, o comunismo foi associado à imagem do "mal", ligada à ideia de sofrimento, pecado e morte.

Essa associação, conseqüentemente, é feita em duas vias, e tudo que é tido por "mal" ou inimigo, é também associado ao comunismo, dada a prática de utilizar o rótulo de comunista em excesso. No Brasil essa utilização do termo é comum e verifica-se ao longo das décadas que tanto anarquistas, como socialistas reformistas, trabalhistas, nacionalistas radicais, populistas de esquerda, a esquerda católica e mesmo alguns setores liberais são erroneamente ou taticamente denominados assim. Essa aplicação indiscriminada do termo comunista, mais frequentemente feita por anticomunistas conservadores e reacionários, tem por finalidade desacreditar todo e qualquer processo de mudança social, criando desconfiança sobre as propostas reformadoras e o discurso progressista através da propaganda de sinistras representações do comunismo consolidadas ao longo do tempo (Ibid, 2000, p. 205).

Essa associação recíproca entre comunismo e "mal" trouxe um estigma para os diversos matizes da esquerda. Para além, o que é tido como "mal" e "inimigo" pela ditadura não se limita aí. Dado os diferentes seguimentos que compuseram a doutrina anticomunista que alicerçou o golpe e a ditadura, e o conjunto de teorias elaboradas dentro do âmbito da segurança nacional e da guerra revolucionária, a repressão e o combate à subversão distenderam-se e também a outras dimensões daquilo que era tido como "mal" e associado com o comunismo. Dimensões da sexualidade, dos afetos, hábitos, das convicções e maneiras de viver, foram todas também matéria-prima para a atuação das engrenagens da polícia política.

Ao longo do relatório, também veremos como sua explicação inscreve-se na tradição das teorias de conspiração<sup>111</sup>. Segundo Jovan Byford (2011, p. 32-33), a teoria da conspiração é uma narrativa explicativa cuja especificidade de sua lógica baseia-se em algumas premissas. A primeira delas é da conspiração enquanto uma força motriz da história. As conspirações políticas evidentemente existem e são múltiplas, por serem eventos diferentes que em geral não podem ser reduzidos a um só e, normalmente, não funcionam segundo seu plano. Um dos motivos para isso é precisamente porque outras conspirações e ações acontecem ao mesmo tempo. Suas chances de sucesso são inversamente proporcionais a sua complexidade e pessoas envolvidas, o que tende a reduzir o número de agentes e a complexidade de um plano. O contrário acontece na lógica de uma teoria da conspiração, que ignora e silencia a multiplicidade de agentes históricos e seus conflitos, reduzindo os diferentes eventos a um único enredo que supostamente explica tudo.

Outro fator essencial é sua ambivalência em relação às evidências de sua explicação. Ao

---

111 O termo teoria da conspiração é usualmente utilizado para desqualificar uma explicação. No entanto, como Jovan Byford (2011, p. 43-44) discorre em seu livro, esse termo também dá nome a uma forma e tradição de explicação de conspirações que remonta ao final do século XVIII, quando da Revolução Francesa.

mesmo tempo em que dentro de uma lógica paranoica, os teóricos ou crentes da conspiração tendem a enxergar em tudo uma prova para tal teoria, eles também tendem a ver na ausência de provas uma evidência e argumentação para sua explicação, já que, segundo sua lógica, a conspiração seria feita em segredo, por pessoas infiltradas e com encobrimentos. Por fim, para quem acredita nela, essa teoria torna-se irrefutável, pois suas contradições lógicas, evidências contrárias, mesmo a completa falta de provas para sua explicação, tornam-se também parte do enredo conspiratório (Ibid, p. 34-36). Resulta em uma visão paranoica e maniqueísta de mundo. Não se trata aqui da paranoia num sentido patológico do termo, mas de uma lógica e visão de mundo inscritas num *modus operandi* de sobrevivência: "desconfiança constante, atenção ininterrupta, tentativa de interpretar obsessivamente todos os sinais e vestígios deixados por um perseguidor potencialmente onipresente" (FARIA, 2015, p. 224-225)

Opto por comentar todas as partes do relatório seguindo sua ordem para vermos como se moldou a infiltração subversiva neste documento e como se chegou a suas conclusões. Quais foram as acusações dos interrogados? E mais, o que significa uma "infiltração subversiva"?

### 3.2 - Introdução

A primeira parte do relatório é um breve relato resumindo a evolução da operação. Começa a partir da prisão de uma estudante no dia 15 de junho de 1973, decorrente de um informe de que sua casa seria uma "boca de fumo": "No dia 15 de junho p.p. foi presa pela SR/DPF/DF, (...) em face de um informe recebido de que, na sua residência na SQS – 409, bloco 'F', Apt 101, entrada 'B', havia uma 'boca de fumo'" (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 1). Dois amigos seus foram presos na hora, por estarem em seu apartamento utilizando seu gabinete fotográfico, outros dois foram detidos ao chegarem ao apartamento enquanto ele era vasculhado e mantido à vigilância:

Realizada a diligência com Mandado de Busca e Apreensão, verificou-se a existência, no local, de material subversivo remetido do exterior (SUÉCIA) por (...), filho do Deputado (...) – MDB – São Paulo. Foram presos naquele endereço: (...), residente na SQN – 408, Bloco "F", Apt 203 e (...) residente na SHG – 712, Bloco "P", Casa 5 – ASA NORTE, que utilizavam o Gabinete Fotográfico de (...). Mantendo vigilância sobre o local ainda foram detidos, quando lá entravam (...) e (...). (Ibid, p. 1)

Ao encontrarem material considerado subversivo, um contato foi feito com a 2ª Sec/CMP – 11ªRM. Essa, por sua vez, informou que a residência de um dos detidos, na SQN 408, teria sido residência de pessoas pertencentes ao "Grupo Caratinga", grupo que "estava sendo investigado pelo DOI/CODI/CMP-11ªRM". Foi então designado um oficial do DOI/CODI para acompanhar as

operações. Nos dias que se seguem ela se expande para aquele e outros endereços:

Nos dias 16 a 18 foram presos os moradores daquele endereço e apreendida grande quantidade de literatura marxista. Os depoimentos iniciais demonstram indícios de subversão e elementos do Grupo CARATINGA foram citados como conhecidos ou frequentadores do apartamento vasculhado. Acrescia o fato de que, ali, também morava JOSÉ AURELIO DE OLIVEIRA MICHILES, recentemente preso pela DIS/COMZAE 6, por viajar com nome trocado em avião da FAB, de MANAUS para BRASÍLIA, e dono de parte do material apreendido. (Ibid)

Aurélio Michiles já havia sido preso alguns dias antes do desenrolar das prisões e é mencionado algumas vezes ao longo do documento. Foi preso quando chegava a Brasília vindo de Manaus após pegar uma carona com a Força Aérea Brasileira, segundo seu depoimento:

[...]e vai se juntando essas pessoas acaba que nós vamos para essa viagem que durou, como te falei de janeiro até início de maio, ou final de abril, eu não sei mais te dizer exatamente, mas eu sei que eu e Armando Rollemberg nós viemos por Bogotá de avião, fomos até Manaus, quando chegou em Manaus, eu sou de Manaus, eu fiquei em Manaus algum tempo e o Armando voltou para Brasília. Acho que um mês depois eu vou para Brasília, eu sou preso, praticamente dentro do avião. Eu tinha pego uma carona com a FAB, e quando chego em Brasília, eu vejo que tem dois caras embaixo da, daquela escadinha [...] E eles chegam lá embaixo eles estão armados, com metralhadora, e eu acreditei assim que não era pra mim, tenho corpo vacinado, não fiz nada, mas na verdade o alvo era eu mesmo... (MICHILES, 2015)

De acordo com o relatório, tinha sido preso por viajar com nome trocado. Aurélio nega essas acusações e aponta para incongruências no relatório e em seu *Habeas Data*:

Então, pois é, tudo isso é mentira porque inclusive nesse documento eles falam que eu fui preso em outubro. Entendeu? Outubro é mentira porque em setembro quando houve o golpe do Allende eu já estava foragido, eu estava no Rio [...] Quer ver uma incongruência assim? Agora eu to olhando, eles falam no Habeas Data que eu pedi que eu fui preso em outubro, 73. Esse relatório final: Brasília, 10 de setembro, um dia antes de 11 de setembro, o golpe no Chile, 73. E a minha prisão, aqui já tá falando da minha prisão aqui, antes do dia 10 de setembro [...] Enfim, eles mentiram nas datas eu tenho a impressão para criar uma confusão. Eu acho, não sei, porque eu entrei com habeas data lá no ex-SNI, e as datas não batem, entendeu? Em outubro eu estava que nem um louco, eu estava foragido, morando clandestinamente em São Paulo, morava num porão na casa da mãe da atriz Maria Alice Vergueiro [...]. Que nem existe mais essa casa lá na, aqui na alameda Itu, é uma casa... o porão eu fiquei morando meses, seis meses ali. Mas enfim, quando eu volto para, quando eu sou preso, que eles me levam para o estacionamento, me põem o capuz e me jogam naquele carro, naquele camburão típico da repressão daquela época, eles me levam para um lugar... (Ibid)

Segundo Aurélio Michiles, ele conseguiu uma passagem pela FAB com um coronel em Manaus:

o que eu posso dizer é que... eles me levaram, eu fiquei preso e primeiro uma tortura



psicológica, dizendo que eu tinha viajado clandestino, que eu tinha não sei o quê, e era mentira porque eu tinha um documento do Coronel Jorge Teixeira, que era o comandante da repressão no Amazonas, na época tinha uma relação com a minha família [...] E ai ele me deu essa passagem pela FAB, uma carta inclusive me apresentando e tal, como andante da FAB no aeroporto de Ponta Pelada em Manaus, e eu embarquei. Ai eles dizem que eu viajei clandestino, você entendeu como é que eu me envolvi? Foi meio kafkiano, entendeu? E ai, quando eles abrem a minha mala, eles veem um monte de documentos. (Ibid)

Como vimos anteriormente, Aurélio foi escrevendo ao longo da viagem pela América Latina. Segundo ele, no mês que passou em Manaus, datilografou tudo, pois estava escrevendo um livro:

Em Manaus, eu tive um mês que eu fiquei em Manaus, eu datilografei muita coisa, entendeu? Numas folhinhas de papel seda. Então eles achavam que aquilo era uma coisa profissional de militante, entendeu? Pra ser publicado no exterior... sei lá, eles grifavam assim umas frases e queriam que eu explicasse que frase é essa, quer dizer o que, pra quem. Aí era uma frase poética, metafórica. "Isso quer dizer o que!? É um código", sabe? "Porra, merda, vai..." e começava a porrada, entendeu? Até você ficar fora de si, e eu não tinha o que falar porque aquilo que eu tava escrevendo, eu tentei escrever um livro! É uma situação kafkiana isso, mas eles nunca perguntaram nada sobre meu apartamento, sobre a (...), sobre... por isso que eu falo, tudo aconteceu depois, eles deviam estar vigiando mas comigo eles não questionaram nada, entendeu? (Ibid)

Segundo o relatório (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 1), confirmada a presença do "Grupo Caratinga", o "CODI/CMP-11ªRM passou a coordenar as operações", recebendo da SR/DPF/DF as 10 pessoas presas até então, listados no documento. Da SQN 408, a operação se expande para mais uma república, na SQN 312:

Considerando os primeiros depoimentos tomados e a documentação apreendida o CODI/CMP – 11ª RM prosseguiu na operação, **agora com o objetivo de, aproveitando as ações da Polícia Federal, desencadear a operação sobre o Grupo CARATINGA**, tendo em vista esclarecer as atitudes suspeitas de alguns estudantes, particularmente os citados nos depoimentos de (...) e (...), presos em setembro de 1972 em CORONEL FABRICIANO/MG. Foram então presos os seguintes elementos, moradores da SQN – 312, Bloco "I", Apt 309. (Ibid, p. 2, grifo do autor)

Segundo Romário Schettino, ele e colegas do secundário tinham um grupo de estudos em Caratinga. Após dispersarem-se para ir estudar, trocavam correspondências e livros entre si:

Mas o que... Assim, por que eu cheguei aí, por que fui envolvido nesse processo? Minha origem é de Minas Gerais, eu sou mineiro de Caratinga. Em Caratinga eu era estudante do segundo grau e tinha um grupo de estudos com colegas do curso noturno da escola pública, e a gente tinha o hábito de reunir, de discutir política, de questionar o sistema, questionar o regime e tal. E fazíamos, comprávamos muitos livros, adquiria livros pra ler. E tinha muita... muita vontade de apreender e contestar o sistema. A gente nunca... fazia as coisas sem... nada vinculado a nenhum partido político, a gente não tinha vinculação partidária. Só que isso foi se esgotando, assim, a cidade muito pequenininha, não tinha muito o que fazer. Aí nós resolvemos mudar de Caratinga. Aí uma parte foi pra Vitória no Espírito Santo, a

outra foi pra Belo Horizonte, e uma outra veio pra Brasília. [...] E eu vim pra Brasília acompanhado de uma amiga, uma companheira lá de Belo Horizonte, cuja a irmã já estava aqui na sociologia da UnB. Então, quando nós chegamos em Brasília, nós estávamos num ninho de intelectuais, pessoas que já estavam bem mais avançadas que a gente nos estudos, e eram militantes da esquerda, uma delas inclusive militou na VAR-Palmares parece. Então tinha uma vinculação de guerrilheira, urbana, mas já afastada, num processo de afastamento, porque a repressão de 60, nos anos 70 já tinha liquidado muita gente. Tinha matado muita gente, tinha prendido muita gente, tinha expulsado muita gente. Então esse resquício de gente que tinha militância partido-política tava recolhida. Então nós criamos na 312 norte uma república que juntava gente de todo tipo, tinha filho de delegado, tinha estudante de sociologia, tinha ex-guerrilheira que tava escondida. (SCHETTINNO, 2013)

Seis nomes são listados, dentre eles, Romário Cesar Schetino e Zuleica Maria de Souza Porto, na época, moradores dessa mesma república. Apesar de na época morarem no mesmo apartamento, suas prisões se deram em momentos diferentes. Segundo Zuleica, em seu depoimento:

Aí foi aquilo que eu contei, fomos tomar banho e se preparar pra ver o festival de cinema, de documentário que tava passando, Festival de Oberhausen. Aí bem, quando a gente tava terminando, todo mundo já tinha de se arrumar, batem na porta assim muito forte, um soco na porta. Aí alguém abre, eram dois camaradas sem identificação nenhuma, não tinha uniforme. Eu não lembro, um eu lembro que era uma pessoa um pouco de mais idade, pra mim era velho, mas [risadas], daquela idade qualquer pessoa era velha. e ele tinha um, o que foi mais assustador pra mim é que ele tinha uma coisa embrulhada num saco, num saco de pano, como saco de farinha, e era uma metralhadora. E eles iam quarto por quarto dizendo: "quem é que mora aqui? Pegue tudo que é seu, pegue tudo que é seu, pegue tudo que é seu!" Eram os livros, eram as cartas, eram documentos, você tinha que pegar e mostrar pra eles. (PORTO, 2014)

De acordo com o trecho que destaquei anteriormente, já havia uma operação em preparação pelo CODI/CMP – 11ª RM a ser desencadeada sobre um grupo de estudantes tidos como suspeitos, denominados de "Grupo Caratinga". Segundo Romário, em seu apartamento morava todo tipo de gente, desde filho de delegado até uma ex-militante da VAR-Palmares<sup>112</sup>. Apesar de seu grupo de estudos não ter vinculação partidária, individualmente duas delas passaram a militar no Pc do B e foram presas, desencadeando outras prisões e destas, para as prisões na sua república:

Essa república né, "comunista", que tinha na 312 norte, não tinha militância política mas tinha gente que já militou e tava fazendo alguma coisa, ou individualmente, ou coletivamente, mas a residência não era um foco, não era um aparelho. A gente tava ali porque precisava morar junto, porque era muito caro viver em Brasília, dividia despesas. Só que enquanto nós estávamos aqui vivendo isso e fazendo discussões políticas, e acompanhando o desenrolar da ditadura, uma pessoa que saiu de Caratinga e foi pra Vitória no Espírito Santo, é a (...) e ela casou com um militante do PC do B, o (...). Então, a (...) e o (...) eles tinham vínculo, eles tinham vínculo partidário mesmo e tinham uma militância. E tinham um contato com a gente, ou por correio, troca de correspondência; ou troca até de

---

112 Vanguarda Armada Revolucionária – Palmares ou VAR-Palmares (em homenagem ao maior quilombo da história da escravidão) surgiu em 1º de julho de 1969. Seu programa reproduziu a análise da sociedade brasileira comum às organizações com influência trotskista-luxemburguesa, combinando a prioridade da guerrilha rural com a construção do partido de vanguarda do proletariado. Assim sendo, formulou a diretiva da luta de massas em todas as frentes, valorizou o trabalho político e salientou a atuação nas cidades. (GORENDER, 1987, p. 135-137).

alguns livros, mandava um livro pra lá, um livro pra cá. Uma vez, assim, muito, uma única vez o (...) já como militante do Pc do B foi lá em Caratinga conversar com a gente e tal, aquelas, devaneios do Pc do B da guerra, da revolução, da guerrilha. Mas não aconteceu nada assim, nós não tivemos nenhuma relação concreta. Só que ela foi presa e ele foi preso, eles foram presos em Vitória. Ficaram um tempo grande na cadeia. E foram processados, julgados. Quando a polícia, o Exército começou a juntar as coisas e um menino foi preso em Minas Gerais com uma correspondência minha, e aí começou a ligar: Ah! Então tem um foco em Vitória, tem um foco em Belo Horizonte, tem outro em Brasília, esses caras tão aprontando alguma coisa [risadas], né? E aí foram cercando, e aí eu comecei a ser investigado, interrogado, e procurado. E eu já tinha feito concurso pro Banco do Brasil, era funcionário cedido pro Banco Central e tava levando minha vida assim: eu estudava na UnB de manhã, de tarde ia pro banco trabalhava até umas 7 horas da noite e tal, tinha um fusquinha, comprei um carrinho. Aí um dia eu estou descendo do meu trabalho e entro no fusca, e aí eu sou cercado, assim, por um contingente de policiais armados de metralhadora e tal. (SCHETINNO, 2013)

Outro nome é listado isoladamente, também preso por "ter sido citado como membro do grupo de CARATINGA" (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 2), sem nenhuma menção de endereço ou vínculo com as repúblicas mencionadas até então. Encerrada a parte sobre o "Grupo Caratinga", outro endereço e dois nomes são mencionados, república que segundo o relato já estava sob vigilância:

Por estar o endereço da Av W/3 – Q – 513 – Sul, bloco B, Loja 27 onde reside, sob vigilância – endereço do grupo até há pouco tempo e, considerando os antecedentes subversivos e envolvimento com tóxico, foi detido para averiguações:

– (...) – PCB.

Por residir com (...) e ter sido surpreendido conduzindo tóxico foi autuado pela SR/DPF/DF que instaurou Inquérito e depois encaminhado ao CODI/CMP – 11ª RM: (...). (Ibid)

O motivo apontado é seu antecedente subversivo de vinculação com PCB e o "envolvimento com tóxicos", aproximando seu caso com a primeira prisão relatada. Em seguida, outros quatro nomes são citados, em situações semelhantes. Estavam, digamos assim, no lugar errado e na hora errada:

Por ter ido ao Apt 203 – Bloco "F" da SQN – 408, quando estava sendo vistoriado, foi preso:

– (...)

Por se encontrarem em atitudes suspeitas nas proximidades da SQN – 312, Bloco "I" que estava ocupada para diligências, e ter seu carro anotado pouco antes nas proximidades do Bloco "F" da SQS – 409 (R.C.) foram igualmente detidos: (...). (Ibid, p. 2-3)

Será que esses quatro citados tentavam observar o que acontecia nas repúblicas? Ou era pura coincidência? Importa perceber a prática comum de prisão daqueles que vão ao endereço (ou

proximidades) sob diligência, onde a partir de uma suspeita generalizada e mal formulada, todas as pessoas são presas, seguindo-se a estratégia de ampliar ao máximo a margem de suspeita para nada ficar de fora. Segundo Joffily (2008, p. 157), havia outras duas estratégias na coleta de informações com os interrogados. Elas tinham por objetivo obter mais informações sobre indivíduos citados e situá-los do ponto de vista de sua participação dentro de uma organização e, por fim, identificar diligências e lideranças.

Em seguida, mais três pessoas e uma nova república são citadas, completando assim as cinco repúblicas estudantis descritas no relatório: "Em decorrência de informações colhidas de que em SOBRADINHO havia um grupo que se reunia para discutir política ideológica de esquerda e fumar maconha e terem sido encontrados no referido local, foram detidos: (...)" (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 3). Dessa vez o motivo aparece como sendo "discutir política ideológica de esquerda e fumar maconha", fazendo um primeiro pareamento dessa relação entre essas duas práticas (fumar maconha e discutir política) mais diretamente. Importante observar que essa ligação ("envolvimento com tóxicos", "atitudes suspeitas" e "suspeita de subversão") vai sendo traçada desde o começo do relato: na primeira república (SQS – 409) temos uma "boca de fumo" em que é encontrado "material subversivo remetido do exterior", na quarta república (Av W/3 – Q – 513 – Sul) temos um indivíduo com "antecedentes subversivos e envolvimento com tóxico", por fim na quinta república em Sobradinho "havia um grupo que se reunia para discutir política ideológica de esquerda e fumar maconha" (Ibid, p. 1-3).

Em seguida outros três nomes "no aprofundamento de informes prestados pelos elementos já presos, foram ainda detidos, por suspeita de subversão". Um estudante citado "foi ouvido ainda na 2ª Sec/CMP – 11ª RM, onde se apresentou por ser morador do Apt 309, Bloco "I", da SQN – 312". Por fim, outros dois "detidos com (...)" na 513 – Sul. (Ibid, p. 3).

Ao término dessa introdução, algumas questões se levantam. Há um vínculo anterior com outros depoimentos do ano anterior e citações em torno dos estudantes que supostamente comporiam o "Grupo Caratinga". Há também presos por "envolvimento com tóxicos", "atitudes suspeitas", "suspeita de subversão", sem falar naqueles detidos por aparecerem ou estarem no local ou proximidades enquanto os endereços estavam sob diligência. O que exatamente seriam essas "atitudes suspeitas" e "suspeita de subversão" para aqueles que executaram a operação?

### **3.3 - Apreciação sobre os(as) presos(as)**

A segunda parte do relatório segue com uma descrição "visando permitir uma melhor compreensão das conclusões chegadas ao fim das investigações e fornecer aos órgãos de

Informações dados sobre os elementos presos" (Ibid, p. 3). Ao todo 33 pessoas são descritas individualmente em cada numeração, seguindo a ordem de citação apresentada na introdução. Cada ficha, digamos assim, começa com um primeiro item mais objetivo "a) Qualificação" descrevendo filiação, data e local de nascimento, residência a época da prisão, residência atual, formação escolar/acadêmica e empregos (anteriores e atuais).

Em seguida outros itens apontando dados relevantes para as conclusões da investigação, em geral um breve histórico recente, ou apontamento de comportamentos, ou de relações pessoais e contatos, descrevendo o indivíduo e seu envolvimento na investigação. Enfim, são dados que podem nos mostrar o que esses investigadores estavam apontando como *atitudes/atividades suspeitas* e *suspeita de subversão*, conceitos descritivos do relatório. A *suspeita de subversão* é mais específica, concreta e ligada a "algo político", diga-se de passagem, "marxismo" e "organizações de esquerda", antecedentes em movimento estudantil, relações (quaisquer que sejam) com outras pessoas enquadradas como subversivas. A *atitude/atividade suspeita* é mais difusa, singular e particular. Envolve tudo aquilo que levantou uma suspeita para além da *suspeita de subversão*, seja estar nas proximidades de endereços investigados, a atividade teatral e fotográfica, a sexualidade e as relações afetivas, mesmo uma ida a uma embaixada como veremos.

Na 1ª **ficha** temos:

b) Em 1969 foi estruturada numa base para estudo do marxismo orientada por (...) que agiu por cerca de três meses ficando depois desativada pela prisão do orientador que responde processo na Justiça Militar. Os elementos aos quais estava ligada indicam uma possível vinculação com a ALA VERMELHA do PC do B. (Ibid, p. 3)

É interessante notar que a expressão "base", utilizada para denominar um lugar de estudo, tem uma semântica que se aproxima de "ponto" ou "aparelho", termos também utilizados para se referir aos locais de encontro ou moradia e abrigo de guerrilheiros urbanos. Uma "base" de estudos, em vez de um grupo ou local de estudos, cujo encerramento das atividades se deu pela prisão de seu orientador. É apontada uma possível vinculação com a Ala Vermelha<sup>113</sup>, embora mais nenhum dado seja apresentado corroborando com essa teoria, para além de "elementos aos quais estava ligada". No item seguinte, vínculos "subversivos" (pessoais e acadêmicos), "envolvimento com tóxicos" e *atividades suspeitas* são apontadas:

c) A sua residência, na SQS-409, tornou-se ponto de reunião de universitários viciados em maconha e conhecidos como de ideias subversivas. As revistas e os livros de cunho subversivos ali existentes – alguns recebidos do exterior – eram manuseados pelos

---

113 A Ala Vermelha surgiu em 1967 em dissidência ao PC do B (que seria a Ala Branca) em divergências acerca de questões de direção e a da luta armada imediata. (GORENDER, 1987, p. 109)

visitantes. O gabinete fotográfico era usado por vários de seus amigos e colegas. Por outro lado, a atividade fotográfica, exercida nos cursos de Universidade, era deturpada para a exploração dos ambientes de miséria – álbum GURUPI – e para a corrupção dos costumes, sob o pretexto de expressão corporal, para ilustração de livros. Sintomática a constatação de que seu monitor, no curso de Fotografia na UnB, fora (...) elemento já conhecido dos OI da área, ex-integrante do PCB, viciado em maconha e homossexual. O grupo que trabalhou em GURUPI era dirigido pelos professores (...) e (...) da UnB. (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 3-4)

Alguns dos lugares, atividades e materiais tidos como subversivos aparecem aqui. Sua residência como um todo, por ser "ponto de reunião de universitários viciados em maconha e conhecidos como de ideias subversivas", e seu gabinete de fotografia em especial, por ser "usado por vários de seus amigos e colegas". A atividade fotográfica "deturpada para a exploração dos ambientes de miséria... e para a corrupção dos costumes, sob o pretexto de expressão corporal" é tida como subversiva. Quanto aos materiais de "cunho subversivo", revistas e livros em geral; e, em especial, um álbum de fotografia denominado de GURUPI que, para além dos ambientes de miséria, chamou a atenção por ter sido um projeto dirigido por dois professores da UnB.

Nesse trecho, aparece pela primeira vez um conceito que será utilizado ao longo do relatório, a "corrupção dos costumes". Até aqui ela aparece como uma deturpação da fotografia "sob pretexto de expressão corporal". Seu monitor do grupo de fotografia é mencionado como "já conhecido dos OI da área, ex-integrante do PCB, viciado em maconha e homossexual" (Ibid). Se o "envolvimento com tóxicos" até aqui se resume ao consumo de maconha, a "corrupção dos costumes" tem a ver com a sexualidade, no caso, a homossexualidade de seu monitor. No próximo item, números e cálculos sobre cursos, vinculações com a AV são feitas:

d) Citou cerca de 50 (cinquenta) pessoas das suas relações desde 1969. Cumpre salientar que, no presente, suas ligações eram na maioria com alunos da UnB – apesar de estar com matrícula trancada naquela Universidade – na seguinte estimativa: 6 de Comunicações e 14 de Arquitetura. Cerca de 20 dos elementos citados pertenciam às ligações do período em que participou das reuniões com o grupo da ALA VERMELHA, o que equivale dizer, 2/3 dos frequentadores do seu apartamento eram da UnB e, cerca de 50%, da Faculdade de Arquitetura. (Ibid, p. 4)

Importante notar que ao longo de sua ficha, suas *atividades suspeitas* e a *suspeita de subversão* se dão principalmente de forma indireta, através de suas relações pessoais e acadêmicas, e pessoas com quem esteve vinculada quatro anos antes. Apesar de esse último trecho afirmar que "participou das reuniões com o grupo ALA VERMELHA", isso é diferente de afirmar "pertence à Ala Vermelha", mantendo-se a afirmação de apenas uma possibilidade, como anteriormente registrado. Outro detalhe desse trecho é o registro de que sua matrícula encontrava-se trancada. Seria isso um fator importante para o relato da investigação? Um julgamento moral? Uma cobrança

da Universidade? O que importa agora é perceber que também foi registrado no relatório.

Na 2ª ficha o "envolvimento com tóxicos" inicia os *itens implicativos*:

b) Frequentava a casa de (...) (SQS-409) onde tinha contato com colegas que fumavam maconha. Reunia-se, no ano passado, no Apartamento de (...) seu colega de Comunicação da UnB, com vários outros, onde fumavam maconha e discutiam política marxista (SQS-206- Bloco J). Desse grupo fazia parte (...), filho do Ministro (...), que fazia parte da direção do jornal TRIBO e que recentemente viajou pela AMERICA LATINA junto com outros estudantes da UnB. (...) também frequentava as reuniões do grupo de (...) na redação do jornal onde também estava presente o binômio "maconha – discussão política". (Ibid)

A viagem pela América Latina é tida como uma *atividade suspeita*, também aparece na ficha 22 (Ibid, p. 16). O jornal *Tribo* é mencionado pela primeira vez no relatório e é também um item implicativo da ficha 28 (Ibid, p. 19). A produção do jornal chama atenção e suspeita, bem como fumar maconha e discutir "política marxista". Essa relação, que vem sendo apresentada desde o começo, é agora conceituada no binômio: maconha – discussão política, outro conceito que será utilizado ao longo do relatório.

c) Em seu depoimento, citou ainda, (...) e (...) que estavam se reunindo em SOBRADINHO, sob a capa de atividade teatral com o nome de GLUPUS onde, na verdade, havia o estudo de uma técnica para difundir o marxismo, subliminarmente, dentro da atividade teatral. (Ibid, p. 4)

Nesse item, atividade teatral do grupo GLUPUS é apontada como subversiva e tida como uma técnica de difusão subliminar do marxismo. O teatro, enquanto item implicativo, volta a aparecer nas fichas 4, 6, 7, 25, 26, 27 (Ibid, p. 5-7, 18), parecendo ser uma atividade suspeita por si só. Nas fichas 7 e 26, e especificamente em relação ao GLUPUS, temos uma definição:

[Ficha 7]

e) Definiu os componentes do GLUPUS como marxistas que utilizavam o tema da literatura de CORDEL para fazer teatro, reuniões, exposições, etc, dando ênfase ao aspecto social do Nordeste, explorando as deficiências da estrutura existente e aproveitando para fazer trabalhos de massa defendendo – de maneira encoberta – a ideologia marxista. Já haviam feito uma exposição na UnB com o apoio da Reitoria.

(...)

[Ficha 26]

c) Componente do grupo teatral denominado GLUPUS que vive em uma "república" em SOBRADINHO. Fuma maconha e nega que houvesse intenções políticas com a exploração do tema da literatura de CORDEL, fato confirmado por outros" (Ibid, p. 7, 18).

A atividade teatral torna-se uma *suspeita de subversão* a partir do elemento subliminar, "encoberto", sempre reiterado no relatório e ligando o teatro ao que é denominado de "ideologia marxista". Ao final do trecho da ficha 7, mais um registro interessante: do apoio da Reitoria da UnB

para uma exposição que até "já haviam feito". Um tom meio acusativo de desleixo, cobrando uma postura? Seria diferente se o trecho tivesse sido escrito sem o advérbio "já"<sup>114</sup>, que introduz uma certa intensidade, como se a Reitoria já tivesse se deixado enganar pela tática de subliminaridade do grupo GLUPUS, que conseguiu seu apoio para a exposição.

O elemento da subliminaridade é essencial na definição do conceito de subversão, parece ser nele que reside a sua essência. Numa das apostilas utilizadas no Curso de Segurança e Informação ministradas pela DSI/MEC<sup>115</sup>, denominado de Contra-subversão, ela se define da seguinte forma:

Subversão – é o conjunto de atividades de caráter predominantemente psicológico, que buscam, de maneira lenta, progressiva e insidiosa, a conquista física e espiritual da população, através da destruição das bases fundamentais da comunidade que integra, da decadência e do desprezo às instituições vigentes, levando-a a aspirar uma forma de comunidade totalmente diferente, pela qual se dispõem ao sacrifício.

Ela se concretizará, então, quando se processar:

- a destruição dos valores, da vontade e dos sentimentos da coletividade
- o aparecimento dos valores, da vontade e dos sentimentos da nova sociedade, e
- o instilamento do ódio, repulsa ou indiferença aos antigos padrões de julgamento ou filosofia de vida.

Estes são, pois, os objetivos da subversão. (Ibid, p. 56)

A subversão seria, para os órgãos de segurança e informação, um conjunto de atividades de caráter psicológico que buscam de maneira secreta e gradual a conquista física e espiritual da população, destruindo as bases, os valores e os sentimentos da comunidade, e desprezando as instituições vigentes; por meio do instilamento do ódio, repulsa ou indiferença aos antigos padrões de julgamento e filosofia, aos quais trocaria por outros valores, vontade e sentimentos de uma nova sociedade. Indiferença e desprezo pelos antigos valores é uma descrição que poderia enquadrar o *desbunde*, fazendo dele uma das muitas formas de subversão. Outro detalhe desse trecho é a quase promessa de que "ela se concretizará" para descrever seus objetivos.

O grupo teatral *Glupus* é caracterizado como "marxistas que utilizavam o tema da literatura de CORDEL para fazer teatro, reuniões, exposições, etc" (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 7) e "onde, na verdade, havia o estudo de uma técnica para difundir o marxismo, subliminarmente, dentro da atividade teatral" (Ibid, p. 4), em supostas citação e definição de investigados próximos ao grupo. No entanto, como em outras partes do relatório, as vozes entre interrogador e interrogado se misturam, criando admissões e definições que também se misturam.

---

114 Sem o advérbio: "Haviam feito uma exposição... com apoio da reitoria".

115 "Ofício elaborado pelo Chefe da Assessoria Especial da DSI/MEC, Diógenes Catuto Carneiro, e destinado para Assessoria Especial de Segurança e Informações da UnB, no qual solicita à Diretoria de Documentação e Divulgação, a inclusão dessa Assessoria para que receba regularmente as publicações do MEC sobre Educação, Cultura, Administração e Legislação. Segue anexada a documentação e apostilas distribuídas no último Curso de Segurança e Informações ministradas pela DSI/MEC nos quais contam explicações sobre os procedimentos adequados para a remessa de documentos com diversos graus de censura" 13/03/1972. Arquivo Nacional, Fundo ASI-UnB. (BR DF AN BSB AA1 0 LGS 7)



Segundo Joffily (2008, p. 118-120), essas declarações são adaptadas ao quadro discursivo próprio da repressão. No ato de transcrição, a escuta da fala do interrogado é impregnada pela percepção dos interrogadores e isso acaba por reapropriar a fala do outro em outro contexto, provocando uma mescla de universos linguísticos. Nos depoimentos, temos o registro sobreposto de duas situações comunicativas, entre interrogador e interrogado na forma de pergunta e resposta; por fim, entre interrogador/registrator e os agentes repressivos, contribuindo cada uma dessas situações para modelar o discurso que lemos ao final.

Muito provavelmente a gênese da definição do Glupus na 7ª ficha "utilizavam o tema da literatura de CORDEL... dando ênfase ao aspecto social do Nordeste, explorando as deficiências da estrutura existente", já foi suficiente para serem identificados como marxistas que estariam "aproveitando para fazer trabalhos de massa defendendo – de maneira encoberta – a ideologia marxista" (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 7). Na 26ª ficha, outra integrante do grupo supostamente nega a versão dos investigadores quando "nega que houvesse intenções políticas com a exploração do tema da literatura de CORDEL" (Ibid, p. 18), o que pareceu ficar registrado apenas para mostrar que ela está errada ou mentindo, já que era um "fato confirmado por outros" (Ibid, p. 18).

O teatro, neste relatório, aparece como uma atividade suspeita por si, tornando-se subversiva quando entendida como uma atividade de caráter psicológico para destruir valores e vontades da coletividade, instilar ódio, violência aos antigos padrões de julgamento e filosofia de vida, gerando o aparecimento de novos valores e vontades coletivas. Mas o que querem dizer exatamente com isso? Como percebiam a atividade teatral enquanto subversiva? Num dos anexos do material didático endereçado a AESI-UnB intitulado *Como eles agem*<sup>116</sup> encontramos algumas respostas possíveis para essas perguntas:

A exemplo do cinema, o teatro é também utilizado como poderosa arma ideológica e de dissolução dos bons costumes. Nos últimos anos tem havido uma grande proliferação de peças teatrais, onde se faz presença a exploração do sexo, da pornografia e do erotismo, o que vem contribuindo, em grande escala, para a decadência moral da sociedade. Como exemplo citamos as peças "Oh, Calcutá" e "Hair" (esta já exibida no Brasil) que retratam perfeitamente esse processo de degradação moral.

---

116 Como eles agem: "O documento 'Como eles agem', demonstra como as organizações esquerdistas tentam conquistar o apoio popular através da identificação dos seus fins com as necessidades e aspirações do povo. Segundo o documento, na área da educação tentam conquistar o corpo discente, através de panfletos com críticas ao governo, incitação ao uso de drogas e infiltração de professores adeptos da ideologia comunista nas universidades. Na área da cultura, o cinema, é utilizado para a promoção do comunismo, sendo citados os nomes dos cineastas Glauber Rocha e Rui Guerra. No campo do teatro, é citado o 'Grupo Teatro Oficina Sociedade Civil Ltda', por divulgar mensagens comunistas. Na área de música, Chicho Buarque de Holanda é acusado de compor músicas contra o governo. Imprensa e religião também estão incluídos como meios de divulgação do comunismo. Anexo calendário enviado pela UIE à direção dos estudantes secundaristas do Brasil, com datas de interesse para a programação de agitações no meio estudantil" Arquivo Nacional, Fundo ASI-UnB. (BR DF AN BSB AA1 0 LGS 2)

A técnica por eles empregada chega a levar até pessoas com certo grau de maturidade a ficarem completamente hipnotizadas e embevecidas diante das cenas desenvolvidas no palco.

No Brasil, há vários grupos teatrais que acobertados sob o rótulo de "Arte", movimentam-se no sentido de disseminar a ideologia comunista através de suas peças.

O "Grupo Teatro Oficina Sociedade Civil Ltda", de São Paulo, tem promovido várias caravanas para o interior do País, onde vem divulgando suas mensagens, principalmente no meio estudantil. De volta aos grandes centros, procura levar aos estudantes uma peça-resumo das experiências adquiridas nessas apresentações. Geralmente convida os estudantes para participarem do "Ensaio Geral", podendo o texto e a montagem da peça ser alterados conforme a reação dos mesmos, a exemplo do que ocorreu com a peça "Selva da Cidade".

A peça "Onde Não Houver Inimigo Urge Criar Um", apresentada pelo Teatro Universitário Independente, versa sobre um suposto interrogatório feito a um guerrilheiro norte-americano por um Capitão brasileiro. Há utilização de palavras pornográficas e de gestos obscenos, e distorção dos métodos de interrogatório usados pelas Forças Armadas.

O produtor da peça "O interrogatório" lançou o concurso Peter Wers, com o objetivo de ampliar o diálogo com a plateia estudantil, estabelecendo dois prêmios, de Cr\$ 500,00 cada, sendo um em nível secundário e outro em nível universitário, para as duas melhores críticas sobre a referida peça.

A peça, considerada altamente subversiva, visa o condicionamento inicial do expectador para correlacionar fatos da II Guerra Mundial (mortes, violência e torturas do regime nazista) com a situação atual do País onde a peça está sendo encenada.

Há várias peças exibidas no exterior apresentando fatos distorcidos sobre o Brasil, versando sobre torturas, espancamentos e assassinatos nas prisões brasileiras. Citamos como exemplo a peça "25 anos depois", de Pedro Viana, apresentada no Teatro Chileno. (Ibid, p. 8-9)

Assim, o teatro e o cinema eram vistos como uma poderosa "arma ideológica e de dissolução dos bons costumes". Por um lado, promoveria a dissolução dos "bons costumes" e a "degradação moral" pela exploração do erotismo, associada no trecho com sexo e pornografia. Por outro, seria uma "arma ideológica", pela "distorção" dos métodos de interrogatório usados pelas Forças Armadas, alusões sobre as torturas nas prisões brasileiras e na associação do regime brasileiro com o regime nazista. Mas também por abordar a questão da miséria, como indica um dos trechos sobre o cinema: "O próprio Glauber Rocha diz: 'O Cinema Novo do Brasil só terá sentido se estiver na vanguarda da mais agressiva e imediata luta, sem reconciliação. Temos de fazer o cinema da miséria, na cultura da fome' (Ibid, p. 8). Outro detalhe importante desse trecho sobre teatro, é o pareamento que o autor faz entre o teatro e os "tóxicos", quando menciona que as técnicas teatrais deixam as pessoas "hipnotizadas e embevecidas".

Assim, era a própria censura do erotismo, da repressão e da miséria no Brasil que estava agindo e enquadrando como subversiva as menções a esses temas na cultura. Transformando assim o grupo de teatro *Glupus*, que versavam sobre miséria no Nordeste, num grupo subversivo e perigoso.

Na **3ª ficha** temos:

- b) Veio de MANAUS para fazer vestibular na UnB e foi morar no Apt 203, bloco F da SQN-408. O clima de subversão, e depravação ali existentes e o uso de maconha, acabaram desviando-o do seu objetivo e pouco se dedicou aos estudos para os exames.
- c) Muito jovem e, não querendo ficar "por fora" das conversas políticas, passou a estudar marxismo com prejuízo da sua preparação para o vestibular. (...), (...), (...) e (...) eram seus companheiros de apartamento e que lhe davam "explicações".
- d) Em pouco tempo já achava que o marxismo era a solução para os problemas do BRASIL; usar a maconha era coisa natural, pois na INGLATERRA nem era proibida; e, o homossexualismo – tivera relações sexuais com (...) – era normal numa sociedade "aberta".
- e) Após a sua liberdade, regressou a MANAUS e está trabalhando com o Pai. (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 5)

As *atitudes suspeitas* e a *suspeita de subversão* giram em torno de "depravação ali existentes e o uso de maconha" em sua república. O citado é descrito como "muito jovem", um iniciado nas "conversas políticas" e no "clima de subversão", que se desviou do seu objetivo de estudar na UnB para "estudar marxismo". É retratado como uma pessoa de opinião fraca, que não quer "ficar por fora". Esse registro tem a função de tanto invalidar sua opinião (de que fumar maconha e homossexualidade é algo normal) como fazer uma conotação em torno de sua pessoa enquanto inocente e submisso para com os outros companheiros de apartamento que "lhe davam explicações".

Aqui aparece pela primeira vez o perfil do "iniciado". Geralmente retratado como jovem que se desvia do seu objetivo de estudos para se iniciar nas conversas políticas ou no "clima de subversão", como aparece sem seguida na **4ª ficha**:

- b) Foi preso na SQS-409, quando ia usar o gabinete fotográfico de (...) tendo conhecido-a por intermédio de (...)
- c) Frequentava o Aptº 203 do Bloco F da SQN – 408 onde declarou haver fumado maconha por várias vezes e conversado sobre teatro, sexo e música.
- d) É estudante pré-universitário e, já estava integrado num meio tomado por tóxicos, subversão e corrupção de costumes. Como quase todos os interrogados, estava afastado da família. Seus pais que residem em BRASÍLIA, julgavam-no trabalhando num sítio em PETRÓPOLIS/RJ. Não demonstrou ter problemas financeiros. Simplesmente, relaxou nos estudos por haver se entrosado num esquema de diversão e "dolce vita". (Ibid)

Ligada ao "envolvimento com tóxicos", a *atitude suspeita* desta vez não é a discussão política, a discussão e/ou estudo de "política marxista" como aparece anteriormente, mas as conversas sobre "teatro, sexo e música". A explicação para sua postura perpassa a distância do ambiente familiar e resume-se a um suposto relaxamento nos estudos como consequência de "haver

se entrosado num esquema de diversão" em um ambiente permeado por "tóxicos, subversão e corrupção de costumes". Aqui, pela primeira vez, a tríade aparece numa mesma sentença com os mesmo termos que serão utilizados posteriormente ao longo do relatório. Na **5ª ficha** esse pareamento entre "tóxicos e subversão" já é tido como necessário:

b) Foi indiciado pela SR/DPF/DF por posse de maconha encontrada em seu apartamento. É casado e tem uma filha. Nada ficou apurado quanto as suas ligações subversivas porém, é muito conhecido pelo pessoal viciado. Vende maconha na SQN-312 e frequentava o apartamento de (...). Sua mulher (...) Costuma acompanhá-lo quando fuma. (Ibid, p. 6)

Apesar de nada ter sido apurado quanto a isto, é pressuposto que possui "ligações subversivas" porque "é muito conhecido pelo pessoal viciado". Outro ponto importante desse trecho é mostrar que mais endereços foram vasculhados além das cinco repúblicas mencionadas detalhadamente na parte "C)" do relatório. De onde vem esse pressuposto de que o uso de "tóxicos" é subversivo? Segundo o material didático *Como eles agem*:

A toxicomania é uma das mais sutis armas do variado arsenal do Movimento Comunista Internacional. Ela vem sendo utilizada, em escala crescente, consubstanciando na prática os ensinamentos de Lenine e Mao Tse Tung para a escravidão da humanidade.

O degradante processo que incentiva a juventude ao uso dos tóxicos tem como objetivo corromper a mente dos jovens e torná-los dependentes dos traficantes, contribuindo assim para os cofres do comunismo internacional, de acordo com a Resolução aprovada na Conferência Tricontinental de Havana, que determinou:

"Apoiar resolutamente a campanha em favor das drogas, baseando-a no princípio do respeito aos direitos individuais. Manter completamente separados os quadros do partido dos canais de tráfico de narcóticos, de maneira que essa fonte de receita não possa ser vinculada à ação revolucionária, entretanto, devemos combinar a insuflação do medo à guerra atômica com o pacifismo e com a desmoralização da juventude através do estímulo ao uso de alucinógenos" (BR DF AN BSB AA1 0 LGS 2, p. 5)

O tráfico e o uso de psicotrópicos, em especial os alucinógenos, seriam armas do Movimento Comunista Internacional como fonte de receita para os cofres do comunismo internacional e desmoralizadores da juventude, junto ao princípio de direitos individuais, o pacifismo e o medo à guerra atômica. A citação de uma falsa resolução secreta vem acompanhada para conferir veracidade ao que se identifica a uma *teoria da conspiração*. O imaginário e a propaganda anticomunista, bem como os órgãos de segurança e informação, silenciavam sobre as divergências entre os países comunistas, bem como as divergências entre as diferentes organizações de esquerda. Ao invés de ser apontados como concorrentes, chineses e cubanos eram apontados como auxiliares da conspiração mundial promovida pela União Soviética (MOTTA, 2000, p. 82). De onde veio essa citação e essa teoria da conspiração? Noutro material endereçado a AESI-UnB,

intitulada *Levantamento sobre o movimento estudantil*<sup>117</sup>, uma leitura é recomendada: "Para maior esclarecimento da matéria, sugerimos seja lida a publicação "Os Subversivos" de J. Bernard Hutton, que poderá ser adquirido ostensivamente em qualquer livraria, edição da Editora Artenova S/A, rua Prefeito Olímpio de Melo, 1974, São Cristóvão, Rio/GB" (Ibid, p. 2).

O livro *Os Subversivos* (HUTTON, 1975), tem como chamada na capa: "A primeira revelação mundial do plano comunista de conquista do mundo ocidental" (Ibid). Publicado originalmente com o nome de *The Subverters of Liberty* em 1972 e lançado no Brasil no mesmo ano, o livro tem autoria atribuída a J. Bernard Hutton. Segundo a apresentação da edição brasileira da Biblioteca do Exército ele:

É natural da Tchecoslováquia, tendo estudado na Alemanha, onde residiu durante treze anos, até que o nazismo chegasse ao poder, em 1933, forçando-o a abandonar o país. Antigo membro do Comitê Central do Partido Comunista Tcheco, renunciou ao comunismo, passando a militar contra o marxismo como jornalista e escritor, com o mesmo ardor que o motivara nas lutas partidárias do PC, conforme demonstra nos capítulos desse livro. Foi, também, oficial de Gabinete do governo Jan Massaryk no exílio e jornalista em Berlim, Praga, Moscou, Paris e Londres, tendo escrito quase duas dezenas de obras. É, portanto, um homem indicado para falar de subversão, pois não apenas a conheceu por dentro, como dedicou-se, posteriormente, ao estudo desse importante instrumento de guerra revolucionária comunista. (HUTTON, 1975, Apresentação)

Ou seja, para os editores, essa obra seria a mais indicada para falar de subversão, dado o histórico do seu suposto autor<sup>118</sup>. Segundo o livro (HUTTON, 1975), todas as conturbações pelas quais passavam o mundo naquela época, desde o IRA (Exército Revolucionário Irlandês), aos movimentos negros e o assassinato de Martin Luther King, Maio de 68, o aumento do consumo de drogas, movimentos sindicalistas, dentre outros; seriam parte de um plano comunista global em andamento coordenado por Pequim e Moscou. Ao longo da obra, o autor "transcreve" vários "documentos secretos", que denunciam sua falsidade no próprio gênero discursivo anticomunista. Como acontece, por exemplo, nesta suposta instrução secreta do Kremlin de 1968 transmitida para todos os chefes subversivos no "mundo livre":

---

117 Levantamento sobre movimento estudantil: "Dossiê destinado à UnB e elaborado pela DSI-MEC no qual constam informações sobre as ações e estimativas do Movimento Estudantil em todo país" 31/5/1973. Arquivo Nacional, Fundo ASI-UnB. (BR DF AN BSB AA1 0 LGS 8)

118 Na edição brasileira, a autoria é atribuída apenas a J. Bernard Hutton, não sendo mencionado seu nome nem mesmo na apresentação ou nas informações editoriais. Ao pesquisar na internet, verifica-se que sua autoria é de Joseph Bernard Hutton. Acredito que a omissão do primeiro nome funciona como um pseudônimo, de forma a tentar validar sua narrativa e omitir sua identidade. Temos poucas referências a esse nome na internet, apenas ligadas aos seus livros. Segundo Nigel West (2008, p. 400), J. Bernard Hutton é o pseudônimo de Joseph Heissler, um embaixador checo que pediu asilo político em Londres em 1948, exatamente devido a tomada de poder na Tchecoslováquia e o ingresso do país no bloco soviético, sendo então falso ou distorcido o histórico apresentado no livro. Outra mentira da apresentação citada é de que tinha escrito quase duas dezenas de livros. Pelo que pesquisei, até 1972 tinha autoria de 9 obras, entre elas literaturas de espionagem, gênero que se difundia naquela época. Ao que parece apenas *The Subverters of Liberty* foi traduzido para português e lançado no Brasil.

Atividade intensificada de parte de todos os chefes subversivos e a aceleração de recrutamento para novos subversivos e decididos agitadores clandestinos para as redes, que deverão se alistar nos sindicatos, nos movimentos religiosos, esportivos e políticos. Os agitadores clandestinos deverão infiltrar-se profundamente em todas as esferas das atividades sociais, políticas e físicas dentro do mundo ocidental. (Ibid, p. 174)

Em outro desses "documentos secretos", o autor descreve o que seria a "Operação Drogas", lançada pela "divisão especial de subversão de Moscou":

Setembro, 1969

SECRETO! MEMORIZAR! DEPOIS QUEIMAR!

A distribuição de drogas e a sua fiscalização por nossos quadros subversivos clandestinos está deixando a desejar. As instruções seguintes devem ser lidas com cuidado para serem obedecidas.

1. Todas as drogas deixadas nos esconderijos devem ser retiradas dentro de segundos depois de haverem sido ali depositadas. Cada minuto que passa sem serem retiradas aumenta a possibilidade de sua descoberta. Recentemente, uma grande quantidade foi descoberta por acaso depois de haver ficado depositada durante horas sem haver sido procurada. É preciso que isso não torne a acontecer!
2. Os fornecimentos vão ser gradativamente aumentados durante as semanas e meses que virão. É preciso que haja uma eficiente distribuição de toda quantidade. Levaremos em consideração as sugestões que foram apresentadas para novas formas de contrabandear para o seu país.
3. É preciso exercer um rígido controle sobre todos os distribuidores. Já se acostumaram ao aumento dos fornecimentos e contam com eles. Qualquer distribuidor que não cooperar deverá ter diminuída a sua quota.
4. Os distribuidores e todos os seus agentes devem ser considerados como sacrificáveis. É preciso convencê-los a usarem também a droga. Poderemos fornecer **grátis** as quantidades para seu uso pessoal. É preciso estar sempre atento. Nenhum subversivo clandestino deve ter um contato **direto** com os vendedores de drogas. (Ibid, p. 179-181)

Essas supostas instruções secretas são simplistas, simplórias, manipuladoras e cínicas. Pois são ingênuas, quer dizer, que tipo de instrução secreta é facilmente compreensível para qualquer leitor? Que tipo de operação secreta envolvendo tráfico de drogas se chamaria "Operação Drogas"? Seriam ridículas do ponto de vista do segredo. São instruções insignificantes e repletas de um vocabulário anticomunista que denunciam o verdadeiro autor, tais como "nossos quadros subversivos clandestinos", "divisão especial de subversão de Moscou", "chefes subversivos", "agitadores clandestinos".

Oficiais do regime soviético não se denominariam de "subversivos" e nunca denominariam um setor de informação e contrainformação ou de sabotagem como "divisão especial de subversão", sobretudo em instruções e documentos oficiais, mesmo que secretos. Assim como a ditadura nunca denominaria seus órgãos de segurança e informação de "órgãos de repressão" em instruções e documentos oficiais, mesmo os secretos; e não denominou a DSI/MEC de "Divisão de Espionagem" do MEC, ou a AESI-UnB de "Assessoria Especial de Espionagem" da UnB.

E mais, supondo que o autor teve contato com documentos secretos verdadeiros e importantes que revelam um problema real encoberto, e que procura divulgá-los de maneira persuasiva e convincente ao público. Por que o autor não reproduziu nenhuma imagem ou fotografia desses documentos no livro? Por que preferiu transcrevê-los, sem nenhuma imagem exemplo? Lembrando que o livro reproduz algumas imagens e fotografias, esses documentos secretos não teriam prioridade em ser reproduzidos no livro?

É com esse tipo de referência bibliográfica e dinâmica de falsificações que o DSI/MEC elaborava seus materiais. Falsificações grosseiras e teorias de conspiração comunista mundial. Para essa percepção, como também aponta Patto Sá (2000, p. 96), os "tóxicos" seriam armas do Movimento Comunista Internacional.

Na **6ª ficha** temos:

b) Outro jovem que veio para Brasília com o objetivo de prestar exames na UnB, atraído pelos colegas de MANAUS que já moravam aqui. Como ocorreu com (...), provavelmente o exame seria colocado em segundo plano, dado o seu envolvimento com o grupo existente no Apt 203 – Bloco F da SQN – 408. (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 6)

É comparado com o perfil da 3ª ficha, onde provavelmente (novamente no campo da hipótese, da possibilidade) o "clima de subversão, e depravação ali existentes e o uso de maconha, acabaram desviando-o do seu objetivo" (Ibid, p. 5). Hipótese essa que entra em contradição com o próximo item, onde é afirmado que já participou de manifestações de rua (*suspeita de subversão*) e começou a fumar maconha ("envolvimento com tóxicos") antes de se mudar para Brasília e para a república estudantil:

c) Em MANAUS participou de manifestações de rua no meio estudantil e lá começou a fumar maconha. É interessante a sua observação que "a partir de 1970 dedicou-se ao teatro e então deram-lhe livros para ler, principalmente sobre MARX! Nenhum livro sobre teatro foi encontrado em seu poder, apenas, publicações marxistas. (Ibid)

O trecho acima possui uma peculiaridade gramatical, uma citação direta iniciada por aspas que não são fechadas e nem conjugadas com a primeira pessoa. Apenas um erro? Ou uma tentativa de "botar palavras na sua boca"? Trata-se de "intervenções do interrogador, assinaladas ou não, dentro da fala do depoente, sem marcas distintivas dessa interferência, como se entre a fala do depoente e a do interrogador as fronteiras fossem permeáveis" (JOFFILY, 2008, p. 138). Aqui as aspas parecem apontar ou para um erro de transcrição ou um indício de interferência na fala, como se os próprios interrogadores e relatores falassem misturando a declaração de dedicar-se ao teatro com o fato de supostamente nenhum livro de teatro ter sido encontrado em seu poder, mas sim

"publicações marxistas".

Segundo Joffily (Ibid, p. 140-141), essa apropriação do discurso apaga a distinção de vozes entre interrogador e interrogado, instrumentalizando a fala do outro por um padrão específico de regras não explícitas. Esses documentos transmitem sistematicidade e rigor, longe de apresentar desleixos em sua produção, revelam uma manipulação não total das transcrições, onde certa visão de mundo e *modus operandi* compunham sua produção.

Na **8ª ficha** temos novamente uma particularidade gramatical, que parece indicar um erro ou um indício de interferência na fala, ou atribuição de fala:

b) Veio transferido de MANAUS onde havia estudado Direito na Fundação Universitária do AMAZONAS e onde recebeu as primeiras influências marxistas. Chegando em BRASILIA em 1972 conheceu (...) irmão dos subversivos (...) e (...). Foi apresentado a (...) por (...) conhecido esquerdista irmão do subversivo (e seu amigo desde a infância em MANAUS. Por outro lado seu Pai – Funcionário do Banco da AMAZÔNIA – era simpatizante (Sic) do "Partidão" até 1964. C.A. era assíduo frequentador do seu Apt na SQN-408. (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 7)

Interessante notar a utilização do "(Sic)" em meio à sentença "simpatizante do Partidão", uma vez que não há claramente um erro de escrita, mas um recurso de escrita para enfatizar a referência na suposta fala do outro, aqui, no caso, o termo "Partidão". Nesse trecho a *suspeita de subversão* decorre de relações familiares, sendo sua implicação sempre indireta, primeiramente, por conhecer um irmão de "subversivos" em Brasília. Depois, pela amizade de infância com o "conhecido esquerdista" que os apresentou, também irmão de um "subversivo". Por fim, por seu pai ter sido simpatizante do "Partidão"<sup>119</sup> até 1964. Também é retratado enquanto iniciado, que recém "recebeu as primeiras influências marxistas" antes de se mudar. Esse tema é explorado no próximo item:

c) O pouco tempo que está em BRASILIA não chegou a ser suficiente para um maior envolvimento, porém, já estava sendo comprometido e aproximado, chegando (...) a lhe entregar um clichê de identidade do Instituto FELIX PACHECO – GB para reprodução.

d) Caracterizou os moradores da SQN-408 – Bloco F – Apt 203 como simpatizantes de ideias vermelhas e fumantes de maconha adquirida muitas vezes no próprio Campus da UnB. Acrescentou que (...) e (...) eram os mais politizados do grupo. (Ibid)

Ele seria um iniciado em evolução que não teve tempo "suficiente para um maior envolvimento, porém, já estava sendo comprometido e aproximado". Envolvimento, comprometimento, aproximação com o quê? As "influências marxistas"? A "subversão"? O "envolvimento com tóxicos e corrupção dos costumes"? É interessante o uso da expressão "ideias

---

119 Partido Comunista Brasileiro (PCB).



vermelhas" com qual supostamente teria classificado seus demais colegas de república. O termo evidentemente parte da repressão, a princípio numa referência do vermelho ao comunismo. Haveria assim alguma diferença de sentido, talvez de alcance ou gradação, entre os termos "ideias vermelhas" e "ideias subversivas" (Ibid, p. 4) utilizado anteriormente na 1ª ficha? Bem como entre "esquerdista" e "subversivo"?

Outro ponto importante do trecho é a menção da maconha "adquirida muitas vezes no próprio Campus da UnB", indicando talvez um tom de repreensão ou acusação de desleixo que o uso do adjetivo "próprio" introduz na sentença<sup>120</sup>. No último item uma observação: "e) Manteve relações sexuais com (...) por várias vezes" (Ibid, p. 7-8). Além do registro de suas relações sexuais homo afetivas, é interessante o detalhe do registro de que foram por "várias vezes". Talvez um registro de que a pessoa em questão manteve relações homo afetivas por várias vezes, isto é, sem culpa, vergonha ou arrependimento? Qual o interesse da polícia política com isso?

Seguindo Benjamin Cowan (2014, p. 28), nos anos imediatamente após do Golpe de 1964, ativistas direitistas de envergadura nacional, recorrendo a uma tradição reacionária já presente desde os tempos do Integralismo, associaram e condenaram a homossexualidade enquanto subversão, entendida como tática da *guerra revolucionária*, nome doutrinário que teóricos da contrassubversão deram à guerra teorizada dos comunistas com o Ocidente. Essa perspectiva ganhou mais força e representação no início da década de 1970, quando estudantes e conferencistas reunidos na Escola Superior de Guerra (ESG) enquadraram a homossexualidade como uma ameaça patológica à segurança nacional, como parte de uma "crise da adolescência moderna", que unia delinquência juvenil, segurança na Guerra Fria e desvios morais e sexuais (Ibid, p. 35).

Segundo James Green e Renan Quinalha (2014, p. 301-303), a discriminação contra pessoas LGBT remonta a períodos muito anteriores à ditadura manifestando-se no discurso médico legal, que as consideravam doentes; no discurso religioso, que as condena como pecadoras; em criminologias conservadoras, que as associavam a um perigo social; e no discurso moralista tradicional, considerando-as pessoas anormais, instáveis e degeneradas, bem como um atentado à família. Não houve uma política de estado formalizada no sentido de exterminar homossexuais, como houve com a luta armada, no entanto, a ideologia homofóbica do regime que associou homossexualidade e subversão, legitimou a violência direta contra as pessoas LGBT.

E mais, diria que essa política não se formalizou porque não foi necessário. Vemos que, de certa maneira, pelo menos nesse contexto dos anos de 1972 e 1973, a subversão e a homossexualidade faziam parte de uma coisa só, como uma tática subliminar e gradual de degradação e destruição de valores e instituições "antigas" e, como veremos, de doenças. Não

---

120 Sem o adjetivo: "Fumantes de maconha adquirida muitas vezes no Campus da UnB".

haveria porque, nesse período, de se formalizar uma política para o que já era incluído dentro do combate à subversão. O extermínio da homossexualidade não se limita apenas à ideia do assassinato de uma pessoa, mas na própria tentativa de "regenerar" homossexuais e outros enquadrados por subversivos. Em fazê-los deixar de manter suas convicções e "colaborarem" com a repressão. Assim como ocorreu com militantes de esquerda e demais subversivos.

Na 9ª ficha a questão sexual e os diferentes termos empregados para se referir às ideias opositoras ao regime voltam a aparecer:

b) Veio para BRASILIA em março de 1972, por influência do seu irmão (...). Pode constatar logo que chegou aqui que o apartamento em que iria morar era bastante "transado" por pessoas que estudavam na UnB. Ideias esquerdistas, maconha e uma certa liberdade sexual. (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 8)

Mais uma vez a tríade "tóxicos, subversão e corrupção de costumes" aparece, agora como maconha, ideias esquerdistas e "uma certa liberdade sexual". Mais um novo termo "ideias esquerdistas" é utilizado em vez de "ideias vermelhas" (Ibid, p. 7) e "ideias subversivas" (Ibid, p. 4). Significariam a mesma coisa? Ou marcariam uma diferença, talvez de gradação? Que vai do "simpatizante" ou iniciado até o "subversivo" ou comunista? Outro ponto importante é a maneira como a "corrupção de costumes" é entendida. Inicialmente relacionada com expressão corporal e sexualidade e/ou homossexualidade, depois com depravação, agora com "uma certa liberdade sexual".

O sexo, enquanto ato, é explicitado no próximo item: "c) As pessoas por ela citadas como frequentadoras do apartamento estão dentro no esquema acima citado: tóxico-subversão – sexo. (...) que depois foi morar com (...), ia ao seu apartamento fumar e discutir política" (Ibid, p. 8). A "corrupção dos costumes" figura nesse e no item anterior como liberdade sexual e sexo.

Há uma diferença de gênero em relação à sexualidade e ao ato sexual na maneira como a "corrupção de costumes" é vista nos investigados e investigadas. Por um lado, para o gênero masculino ela é relacionada à homossexualidade. Noutro, no gênero feminino ela identifica-se com "uma certa liberdade sexual" ou com "sexo" enquanto ato. Se a "corrupção" sexual do homem é apontada em manter relações homossexuais ou ser homossexual, a da mulher é ser "livre", isto é, ter mais de um parceiro, ou manter relações sexuais fora ou sem casamento e mesmo não ser virgem. Na ficha 14 temos mais um exemplo: "d) É ligada intimamente a (...) e admitiu que fez uso da maconha várias vezes o que é comum no meio universitário" (Ibid, p. 12).

Qual seria a finalidade desse e de outros relatos do gênero em um documento oficial? De que é intimamente ligada a uma pessoa? Com uma pessoa que também já havia sido presa e interrogada? Posterior às operações já desencadeadas? No último item da ficha 9, mais uma

vinculação da "corrupção dos costumes" feminina, dessa vez com uma relação de adultério registrada:

d) Ressalta-se a citação a dois Monitores de Física que lá compareciam: (...) com antecedentes na 2ª Sec/CMP-11ª RM e (...), amante de (...) (citada por (...) como elemento da base coordenada por (...)), aluna da UnB que também fumava maconha, e tinha ideias de esquerda". (Ibid, p. 8)

Na **10ª ficha** a questão da vida sexual livre aparece como um trabalho de massificação de conceitos:

b) Como sua irmã, veio para BRASÍLIA/DF, influenciada pelo irmão (...) com o objetivo de fazer vestibular na UnB. Aqui chegando foi morar na "república" da SQN-408.

c) Muito jovem e, não querendo parecer despreparada intelectualmente perante seus colegas de apartamento e, sob a influência da imagem do irmão – 1º lugar no Vestibular da UnB – considerado inteligente e "culto", logo começou a ler os livros sobre marxismo, existentes em profusão na Biblioteca daquela residência.

d) Imatura, procurou impressionar, falando sobre a "injustiça social", "miséria", "estruturas" e outros chavões conhecidos. Seu irmão (...) e seus colegas (...) e (...), são responsáveis pelo início de sua massificação e conceitos de vida sexual livre, já iniciada. (Ibid)

É também retratada como uma iniciada por seu irmão e colegas "responsáveis pelo início de sua massificação". Esses são caracterizados como politizados, inteligentes que influenciaram demais familiares e amigos mais novos. Ela é tida como imatura que "procurou impressionar" e iniciada em "conceitos de vida sexual livre" à sombra ou como fruto da influência de seu irmão. Interessante notar que a república da 408 norte era, em sua maioria, composta de irmãos e irmãs que vieram de Manaus para estudar e morar juntos.

Essa diferenciação entre mais politizados(as) e iniciados(as) advém da própria maneira como a repressão pensava os movimentos de esquerda e classificava a militância. Segundo Joffily (2008, p. 197-198), distinguia-se o universo dos militantes em duas categorias: o "fanático", indivíduo estruturado, "frio" e rancoroso; e o "inocente útil", jovens que foram iludidos e manipulados pelos mais experientes. Em ambas as adjetivações, estava imbricada a ideia de desestruturação familiar, uma explicação dos agentes repressivos do por que filhos da "boa sociedade" se envolviam com preocupações que não lhes diziam diretamente respeito.

Sendo assim, há pouco espaço para um livre-arbítrio. Nessa lógica de pensamento só haveria iniciados, que são inocentes úteis usados por politizados. Esses são tidos como fanáticos, e ambos são associados à desestruturação familiar e a algum transtorno, já que se envolveriam com preocupações que não lhes diziam diretamente respeito. Segundo Patto Sá (MOTTA, 2000, p. 78-

79), uma das caracterizações do comunismo como maléfico referencia-se na associação com as doenças, sendo um tema constante no imaginário anticomunista com pouca alteração de intensidade ao longo do tempo. Além da analogia do comunismo como uma doença infecciosa, muitas vezes afirmava-se que os comunistas eram doentes e que essas enfermidades os levavam às posições revolucionárias. O "politizado", nessa concepção, seria um fanático fruto de desestruturação familiar, doente, com transtornos que o levariam apaixonadamente a assumir posições ideológicas revolucionárias.

Na **11ª ficha**, temos um perfil de "tido como mais politizado":

b) Irmão de (...) e (...). Veio para BRASÍLIA em 1968 e aqui foi estudar no ELEFANTE BRANCO. De tendências marxistas logo se juntou aos grupos ligados ao Movimento Estudantil de BRASÍLIA e dele participou, citando as manifestações de protesto pela morte de EDSON LUIZ na GUANABARA. (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 9)

A *suspeita de subversão* recai sobre sua precedente participação do movimento estudantil enquanto estudava no Elefante Branco, ao qual se juntou por ter "tendências marxistas". O colégio era tido como subversivo, devido a certo engajamento político de professores e estudantes, sobretudo após os protestos secundaristas de 1968 e a deflagração de um território livre no colégio, que foi interpretado como uma preparação para luta armada (CATMV, 2015, p. 124). Importante lembrar que a morte de Edson Luís provocou uma série de manifestações em diferentes cidades do Brasil em 1968, incluindo manifestantes que não necessariamente eram ligados ao movimento estudantil até esse momento do assassinato e à última eclosão de movimentos nas ruas antes do recrudescimento da repressão.

c) Nega qualquer vinculação com alguma organização de esquerda, porém seu círculo de amizades estava dentro da cúpula estudantil que provocou agitações em BRASÍLIA. Foi representante de sala junto ao GREMIO do ELEFANTE BRANCO e na Universidade, dirigente do Centro de Estudos de Física. É aluno brilhante tendo sido 1º colocado no vestibular da UnB. Os livros que deixou em BRASÍLIA, no apartamento onde morava, eram todos de linha marxista e, no RIO, adquiriu outros com a mesma tendência. (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 9)

A suspeita em torno de sua figura decorre de seu círculo de amizades e seus precedentes enquanto representante de sala e dirigente de centro de estudos. Tido como aluno brilhante (1º lugar no vestibular), estudante de física, ele seria uma exceção à regra (imaginada) do estudante que se perde com o marxismo? Ou a reiteração de como o "marxismo" estava desviando a juventude de "seus objetivos", mesmo estudantes brilhantes?

d) Admitiu ter sido aliciado (Sic) para o Movimento Estudantil pelos seus colegas: (...)

(GTA/ALN), (...) (ALA VERMELHA/PC do B, (...) (AP), (...) (ALA VERMELHA/ PC do B), (...) (PORT/Comdo Reg), (...) (PORT/Comdo Reg), (...) (ALA VERMELHA/PC do B), tendo participado de várias reuniões nessa época. (Ibid)

Nesse trecho, a utilização do "(Sic)" em meio à sentença "aliciado para o Movimento Estudantil" não registra um erro de escrita, como anteriormente na 9ª ficha, mas um recurso de escrita para enfatizar a referência na suposta fala do outro, aqui no caso, o termo "aliciado". Diferentemente da primeira situação onde o "(Sic)" relaciona-se com o termo "Partidão" (Ibid, p. 7), e a uma semântica da resistência e/ou movimentos sociais; desta vez ele se relaciona com "aliciado" (Ibid, p. 9), e a uma semântica da repressão, enfatizando a admissão de que haveria sido (nas suas supostas próprias palavras) aliciado (e não convidado, ou ingressado de livre vontade) para o movimento estudantil.

Segundo Joffily (2008, p. 129), militantes e agentes repressivos utilizavam uma terminologia particular para se referir às atividades clandestinas. Alguns termos, por exemplo, *ponto* e *aparelho*, eram empregados indistintamente por ambos. Outros eram utilizados de forma bastante diferenciada e em oposições binárias, tais como *subversivo/militante*, *terrorista/guerrilheiro*, *aliciamento/recrutamento*, *doutrinar/conscientizar*.

Sendo assim, nessa sobreposição de vozes no relatório, a utilização do "(Sic)" em meio a uma sentença de admissão enfatizando novamente a visão de que foi aliciado, é uma imposição da ordem discursiva repressiva no registro, onde suas falas são apropriadas e moldadas de acordo com a visão dos interrogadores e analistas. Parece nesse trecho tanto justificar o porquê de um bom estudante se envolver com "marxismo" e ao mesmo tempo enfatizar os "desvios de seus objetivos" enquanto estudante.

e) Na UnB, quando dirigiu o Centro de Estudos de Física – Faculdade que cursou inicialmente – manteve contatos com os dirigentes do CE de Matemática: (...), (...), (...), (...) e (...). Esses elementos foram citados em 1972 por (...) e (...) como vinculados a AP.

f) Admitiu ter conhecimentos através de (...) que todo o movimento estudantil da época, e do qual participava, estava orientado pela AP e pelo PCB.

g) Em sua bolsa, junto com os seus documentos foi encontrado o endereço atual de (...) no RIO/GB (Av ATAULFO DE PAIVA – 1174/605) o que indica estar (...) ainda ligado as suas amizades de 1968. (...) está respondendo processo na 11ª CJM. (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 9)

Novamente a suspeita recai sobre contatos, ligações e amizades, numa rede de citações que vai implicando sua pessoa. Mais uma suposta admissão, agora da ciência da orientação da AP e PCB ao movimento estudantil que participava, o que parece ser uma tentativa de chamar a atenção dos leitores para essas organizações. No trecho seguinte é apontado como politizado, numa fórmula

com semelhanças, encontrada na ficha 7ª:

[Ficha 7]

d) Pelos depoimentos dos outros moradores (...) é considerado, juntamente com (...) e (...), como de bom nível de politização pela participação ativa nas conversas sobre política. É ligado ao GLUPUS e cita nos seus depoimentos como conhecidos, os estudantes da UnB já levantados como ligados aos tóxicos e ao estudo do marxismo. Dos moradores da SQN-408 é o que estaria mais próximo de uma organização subversiva.

(...)

[Ficha 11]

h) Os seus colegas de residência até Dez 72 aqui em BRASILIA são unânimes em situá-lo – inclusive suas irmãs (...) – como um elemento de muito bom conhecimento de marxismo e, sempre, estava nas conversas sobre política. Influenciou suas irmãs ao estudo do marxismo e no seu apartamento, o uso da maconha era comum, trazida principalmente de MANAUS, de onde se originaram quase todos os que ali moravam e frequentavam. (Ibid, p. 7-10)

Ambos são apontados como "politizados" e hierarquicamente superiores numa relação de influenciar os(as) demais moradores(as). No entanto, quem está apontando isso? Interrogados(as) diretamente nessas falas situando como "de bom conhecimento de marxismo" ou os interrogadores já numa análise de suas falas? Na ficha 7ª, o preso é apontado como mais próximo de uma organização subversiva, no entanto, mais nenhuma outra informação é relatada para além de ser ligado ao grupo teatral GLUPUS. No final da ficha 11 temos algumas características de sua personalidade:

i) É um elemento frio, irônico e muito fechado. Estendeu-se em considerações quando lhe dada a oportunidade para criticar a Universidade onde completou o seu curso e onde sempre foi muito conceituado. Criticou a "pouca liberdade existente nos Centros de Estudos que eram manifestações puras de cultura". Defendeu com ironia os Direitos Humanos e a Constituição, a falta de abertura política e citou como exemplo de liberdade, o CHILE de ALENDE, onde declarou que "está melhor do que no BRASIL".

j) Estuda gratuitamente no IMPA e recebe uma bolsa de manutenção de Cr\$1.000,00 (mil cruzeiros) mensais do Governo Federal. Em BRASILIA, lecionou no Colégio Pré-Universitário, sendo amigo do Diretor (...) com quem conseguiu uma bolsa para a sua irmã (...). (Ibid, p. 10)

O interrogado é retratado como frio, irônico e ingrato, e isso se liga às suas considerações. Primeiro, em sua crítica da "Universidade onde completou o seu curso e onde sempre foi muito conceituado". Depois pela defesa irônica dos "Direitos Humanos e a Constituição" e na comparação do Brasil com o Chile. Não por acaso, o último item é uma observação dos usufrutos de estudo e bolsa pagos pelo Governo Federal. Esse último item, como outros semelhantes no relatório, além disso, parece demonstrar a preocupação com a infiltração nos meios educacionais.

A ideia da infiltração vem da associação do comunismo como enfermidade, e desde 1930 surgem referências a essa ideia como, por exemplo, da infiltração comunista nos sindicatos, meios

educacionais e na Igreja. No entanto, foi nos anos 1960 que a ideia da infiltração comunista ganhou posições de relevo no imaginário anticomunista, sobretudo com manuais anticomunistas de inspiração estadunidense (MOTTA, 2000, p. 80-81), como aqueles formulados pelo DSI/MEC. O tema da infiltração comunista ganhou relevância nos anos 1960 ao mesmo tempo em que o imaginário da ameaça estrangeira deslocou-se de uma concepção xenófoba arraigada dos anos 1930<sup>121</sup> para uma concepção do imperialismo soviético de inspiração estadunidense (Ibid, 2000, p. 88).

Essa noção de infiltração tem uma profunda correlação do imaginário patológico, tanto na concepção do comunismo enquanto uma "doença social" que se difundia, quanto na concepção de que no fundo, militantes e revolucionários seriam doentes. Nesse sentido, a maneira como os agentes repressores pensavam e agiam guarda uma profunda correlação com sanitarismo e higienismo. Partindo dessa analogia com a patologia, os agentes repressores diferenciavam as tendências "esquerdistas" em dois estados: o passivo e o latente (JOFFILY, 2008, p. 158).

Talvez por isso, ao longo do relatório, utiliza-se de diferentes termos para designar ideias – esquerdistas, marxistas, subversivas e vermelhas – bem como para designar as pessoas – esquerdistas, marxista, subversivo – delimitando assim graus de passividade e latência do comunismo e subversão. Assim, o que estava em questão para a repressão não eram apenas o controle e punição de delitos, mas um controle e punição das próprias convicções das pessoas, enquadradas como doentes, por meio da tortura e de um processo de destruição da individualidade. Segundo Aurélio Michiles: "Como eles destruíram o (...). O (...) quando ele foi preso e saiu, ele pirou. Foi internado, passou anos e anos internado" (MICHILES, 2015). Segundo Armando Sobral, em depoimento:

O (...) ele pirou, você sabe que ele surtou. E ele é um gênio o (...)! (...) era um gênio o (...)! É um gênio da nossa geração, no sentido da matemática e tudo, era um cara considerado assim, entendeu? Apanhou tanto coitado... E nem tinha nada! Só por morar! Inclusive era isso, ele era um desses gênios, desligadões! Não tinha nenhum vínculo com política, que eu me lembro. O Aurélio era mais ligado a ele, que eles são amazonenses, vieram juntos e tal. Mas a minha referência do (...) era um cara descoladão no sentido da genialidade dele, ele tava pensando na matemática, nas equações, nos teoremas. E de repente assim ó [*gesto de socar a palma da mão*]. Então, era um grupo de doído e vivendo aquela fase que eu disse a você também, liberdade sexual. De fato pros moralistas aquilo é um "Oh! Imagina! Sexo livre!", era um pecado mortal! Hoje as pessoas já tratam isso com outra... Mas você imagina naquela época, imagina os militares. (ROLLEMBERG, 2017)

Na **12ª ficha** o "Grupo Caratinga" mencionado no começo do relatório e, a princípio, objetivo da operação desencadeada., volta a ser descrito a partir dessa ficha. Era um grupo de estudos em realidade, como mesmo os itens do relatório indicam:

121 Nas décadas de 30 e 40, a onda anticomunista coincidiu com uma forte corrente imigratória. As tensões causadas por esta transformação contribuíram para o temor e o imaginário anticomunista, que viam nos estrangeiros um elemento perturbador da velha ordem. (Ibid, p. 54).

b) Iniciou sua participação no Movimento Estudantil quando ainda em CARATINGA/MG, em um grupo de estudos organizado por um estudante da GB conhecido como (...) que levou material para estudo e discussão.

c) Em BRASÍLIA, foi trabalhar na Secretaria de Sociais – Invasão do IAPI onde conheceu (...) seu Chefe de Seção. Segundo declarou, seu Chefe convidou-a para uma viagem ao exterior a fim de acompanhar um amigo que precisava se afastar do País por problemas políticos – (...). Ao mesmo tempo aproveitariam a oportunidade para uma aventura amorosa já que, (...) era casado e tinha receio de se encontrar com ela em BRASÍLIA. Viajou até ASSUNÇÃO/PARAGUAY em 1970 e, no regresso foi presa pela Polícia Federal. (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 10)

*A atividade suspeita* aqui é a viagem para o exterior com seu chefe, no acompanhamento de um amigo que se afastava do país. Destaque para o registro da oportunidade aproveitada para uma "aventura amorosa" entre ela e seu chefe que era casado. A "corrupção dos costumes" parece se manifestar de novo, ligada novamente à questão do adultério. Novamente, qual seriam a importância e função desse registro em um documento oficial?

d) Residiu algum tempo com um casal amigo que conheceu aqui, (...) e (...) que era de CARATINGA, que é de esquerda, porém não pertence a nenhuma organização por receio de se envolver com as autoridades. (...) trabalha no INCRA e (...) é professora no CEUB e também trabalhava no INCRA. Nessa residência, conheceu (...) pertencente a AP, casado com (...) e que a convidou para abandonar a UnB e ingressar na AP com que não concordou.

e) Foi professora por algum tempo no Instituto Brasileiro de Estudos Sociais (IBES) na L/2-Sul tendo perdido o emprego por haver sido presa em 1970. (Ibid)

Até aqui, as suspeitas giram em torno de sua precedente participação num grupo de estudos em Caratinga, e nas suas relações pessoais. Destaque para o convite para "abandonar a UnB e ingressar na AP com que não concordou". De onde essa informação vem? Declarações suas, de (...), ou dos próprios relatores fazendo uma síntese?

Diferentemente de trechos anteriores em que é ressaltada a admissão ("admitiu que"), afirmação das próprias palavras através de recursos textuais (sejam aspas ou o "(Sic)"), aqui nada é apontado, bem como o termo "convidou" é utilizado em detrimento de "aliciou", utilizado até então para esse tipo de sentença. Isso marca uma diferença na forma como todas as "admissões" anteriores foram registradas, onde aqui não há nenhuma sentença na forma "admitiu que", conseqüentemente uma diferenciação em torno da sua pessoa, enquanto militante e subversiva e não uma inocente útil. Segundo Zuleica Porto: "(...) levou choque, entendeu? Levou choque... nos genitais, entendeu? Ela teve muita seqüela depois, teve muito problema de saúde depois" (PORTO, 2014).



f) A ligação com (...) deu-se através de sua irmã (...) com quem convivera em CARATINGA/MG. (...) escreveu-lhe de VITÓRIA relatando os trabalhos que lá estavam sendo realizados no movimento estudantil e a organização da Regional do PC do B que acabou sendo desbaratada em fins do ano passado com a prisão de (...) e outros, entre os quais conhecia (...) e (...).

g) Recebeu exemplares do jornal CLASSE OPERÁRIA enviados por (...) os quais, depois de lidos pelos moradores da SQN-312, Bloco I – Apt 109, eram destruídos. (...) também se queixava do grupo que em BRASÍLIA, não estava realizando "nada de concreto". (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 10-11)

*A suspeita de subversão* se funda em sua ligação e correspondência com uma pessoa de Caratinga, que lhe escreveu de Vitória e enviava exemplares do jornal Classe Operária<sup>122</sup> e se queixava de que não estava realizando "nada de concreto". Mais uma vez a questão: quem fala essas informações? A interrogada ou a correspondente, a correspondência entre as duas ou os interrogadores e analistas? Detalhe para a tática de destruição após a leitura dos jornais, fazendo uma associação com uma técnica de espionagem, como se estivessem recebendo instruções individuais para ações através de um semanário clandestino, que em realidade, tinha um intuito de comunicação muito mais amplo.

O grupo de estudos continua a ser abordado na **13ª ficha**:

b) Iniciou seus contatos com a literatura marxista, ainda no curso médio organizando um Grupo de Estudos em CARATINGA/MG no ano de 1970. Após um ano o grupo dispersou-se, porém pode-se concluir que as reuniões deram fruto. (...) foi para BELO HORIZONTE onde já foi preso por subversão. (...) filiou-se ao PC do B em VITÓRIA e responde processo; (...), (...), (...) vieram para BRASÍLIA e continuaram a ler obras marxistas e se aprofundaram na doutrina subversiva numa atividade mais adequada com as suas personalidades; apesar de instigados por (...) não haviam, ainda, decidido filiar-se a uma organização. (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 11)

*A suspeita de subversão* em torno de sua pessoa decorre do que o relator chamou de "Grupo Caratinga", um grupo de estudos organizado em Caratinga três anos antes (do relatório) que durou um ano antes de sua "dispersão". Apesar da dispersão, é concluído pelo relator que o grupo de estudos "deu fruto" porque outros dois participantes teriam sido presos em face de atividades "subversivas" em diferentes estados; mas, também, porque o interrogado e seus colegas, ao virem para Brasília e continuar a estudar "literatura marxista", planejadamente "se aprofundaram na doutrina subversiva numa atividade mais adequada com suas personalidades". Qual atividade mais adequada seria essa? O próprio estudo? É o que fica sugerido por hora. Ao final do item, um último detalhe, a utilização do advérbio "ainda"<sup>123</sup> que introduz na sentença uma projeção do que ainda

122 Semanário clandestino do PCdB. (KUCINSKI, 1991, p. 22)

123 Sem o advérbio: "apesar de instigados por (...) não haviam decidido filiar-se a uma organização", ou "apesar de instigados por (...), não filiaram-se a uma organização".

está por vir: "filiar-se a uma organização", uma espécie de propensão à subversão e remetendo à ideia de passividade e latência subversiva.

c) Em BRASÍLIA, (...) ligou-se a homossexuais e viciados em tóxicos e, em pouco tempo formou amplo círculo de amizade. Visitava os moradores da SQN-408 – Bloco F – Apt 203 onde o ambiente era caracterizado pela presença do tóxico, das ideias subversivas e corrupção de costumes; íntimo de (...) (PCB) e seus amigos homossexuais na Q-513 da W/3-Sul; conhecia de perto os componentes do GLUPUS que residiram antes na SQN-408 e que depois haviam alugado uma casa em SOBRADINHO onde desenvolviam um trabalho de TEATRO, estimulado pela maconha e visando difundir o marxismo subliminarmente. (Ibid)

Novamente a tríade explicativa "tóxico-subversão-corrupção dos costumes" em sua íntegra e o registro de relações "íntimas". Até aqui essa preocupação fez-se constante ao longo do relatório, onde a corrupção dos costumes é a homossexualidade masculina e a liberdade sexual da feminina, especificamente, o sexo fora ou sem casamento. Parte essencial do imaginário anticomunista fundou-se na defesa da moral cristã tradicional (MOTTA, 2000, p. 89), onde os comunistas passaram a ser representados como destruidores da moral e imorais, conseqüentemente, como "dissolutos, sedutores, corruptos, mentirosos, cínicos, caluniadores e assassinos, dentre outros atributos" (MOTTA, 2000, p. 89).

Algumas medidas adotadas pelo regime soviético como divórcio, libertação da mulher do ambiente doméstico, educação sexual e aborto, ajudaram a consolidar essa ideia de que os comunistas buscavam destruir a família e solapar a moral. Arraigada na moral cristã tradicional, o anticomunismo parte de uma concepção religiosa de família tradicional fundada na hierarquia entre homem e mulher, concebida como natural. Segundo eles, os comunistas investiam contra essa hierarquia questionando o poder patriarcal dentro do núcleo familiar e o papel do homem na sociedade, assim como pretendiam "libertar a mulheres" de sua tradicional submissão e função doméstica, incentivando-as a se igualarem aos homens (Ibid, p. 92-93).

Sendo assim, a base da ideia de destruir a moral cristã e a família tradicional é a ideia do rompimento das hierarquias e a igualação entre homem e mulher. Se na década de 1930 esse discurso voltava-se preferencialmente contra o divórcio e a "socialização da mulher" (Ibid, p. 92), na década de 1960 a defesa da família e moral cristã tradicional adapta-se, mas permanece forte, sofrendo poucas alterações ao longo do tempo (Ibid, p. 95).

Ao adentrar na década de 1960, a dimensão da sexualidade e o imaginário da devassidão comunista<sup>124</sup> ganham força, não por acaso, lembrando, que foi também sob esses aspectos que o

124 "Os bolcheviques foram acusados de transformar a velha Rússia num espetáculo de degradação de costumes e excessos sensuais pior que o mundo pagão ('Roma pagã não baixou tanto no nível da corrupção e da degenerescência'), e temia-se que se chegassem ao poder em outros países o mesmo iria acontecer. Foram responsabilizados pela ocorrência de orgias, estupros, incestos e até mesmo pela 'socialização de mulheres'." (Ibid,

jornal *O Globo* difamou a Universidade de Brasília, pouco tempo depois de sua invasão por forças policiais-militares, em agosto de 1968. No relatório e no tocante a sexualidade, o que parece unir ambas as corrupções de costumes, parece ser a ideia da dissolução da hierarquia tida como natural pela concepção cristã tradicional e a igualação entre os gêneros.

Nessa concepção, a mulher iguala-se ao homem na questão da liberdade sexual, que já era um privilégio masculino: não ser virgem e fazer sexo fora ou sem casamento, manter relações desvinculadas da ideia de matrimônio, ter mais de um(a) parceiro(a) e ter amantes. Por outro lado, o homem se iguala a mulher por manter relações sexuais e afetivas com outro homem, o que também seria uma quebra com a hierarquia e papéis tidos como naturais. E em ambos os lados, o sexo enquanto ato é derivado do desejo e do prazer e não da reprodução (outro princípio da moral cristã tradicional).

Depreende-se do item c da ficha 13 que a pessoa é um elo entre todas essas repúblicas, uma vez que "visitava" a SQN 408, era "íntimo" da Q-513, e "conhecia de perto" o GLUPUS e sua casa em Sobradinho. Essa questão é aprofundada:

d) Durante suas viagens para visitar a família em CARATINGA, aproveitava as oportunidades para os contatos com os ex-colegas e levar livros marxistas. Como ele mesmo declara era adepto de um trabalho menos perigoso: "difundir e discutir as ideias comunistas, sem ingressar numa organização".

e) Mantinha contato com (...), que lhe mandava o jornal CLASSE OPERÁRIA e cujo contato foi interrompido face às prisões ocorridas no ESPIRITO SANTO. (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 11)

A *atividade suspeita* aqui é ser uma espécie de comunicador, difusor de livros, jornais e ideias, em meio a seu elo entre as repúblicas e seus contatos com ex-colegas. Ao final do penúltimo item, mais uma suposta auto declaração (lembrando, obtidas com tortura e outras coerções), onde a fórmula "como ele mesmo" e as aspas criam um efeito de enfatizar que declara ser "adepto de um trabalho menos perigoso", apesar desse trecho não entrar nas aspas de sua suposta citação: "'difundir e discutir as ideias comunistas, sem ingressar numa organização'" (Ibid). É a primeira vez em que o termo "ideias comunistas" aparece. Interessante observar também que apesar das inúmeras menções a não ingressar, filiar-se a uma organização, seu antigo grupo de estudos é desde o começo do relatório retratado como tal.

Os interrogadores, mesmo que não se dando conta disto, enredavam parte de suas convicções ideológicas no ato de transcrição da fala do depoente, sobrepondo os discursos e fazendo com que seu *ethos* discursivo, em alguns momentos, substituísse o *ethos* do discurso do

interrogado. A imposição da ditadura e do seu ideário se fazia não somente pelas coerções físicas, psicológicas e morais, mas também na ordem do discurso, impondo uma única fala autorizada e aniquilando a alteridade e seu discurso (JOFFILY, 2008, p. 141).

Na **14ª ficha** temos:

b) Veio para BRASILIA em 1971 indo estudar no ELEFANTE BRANCO e ingressado na UnB no ano seguinte. Em 1972 foi morar com (...) e (...) e (...) na SQN-405. (...) Esteve envolvida no IPM da APML (1971).

c) Depois das férias do fim do ano de 1972 juntou-se na W/3 aos elementos oriundos de CARATINGA, motivo pelo qual passou também a ser acompanhada. (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 12)

Seus itens descritivos são poucos e breves. A suspeita recai pelas suas companhias de república, através de sua ex-colega de moradia que esteve em Inquérito Policial Militar da APML<sup>125</sup> e das pessoas de Caratinga com qual passou a morar, "motivo pelo qual passou a ser acompanhada". Depreende-se desse trecho que a república da SNQ-312 estava sendo vigiada desde fins do ano anterior, ou pelo menos algumas pessoas que lá moravam. Esse indício aparece também na **15ª**

**Ficha:**

b) Ingressou na UnB em 1972 (1º semestre), com a mudança dos pais para TAGUATINGA/DF passou a morar em casa de conhecidos, alugando quartos, até que, em janeiro de 1973, foi morar na "república" da Av W/3 – Q-513 – Bloco B – Loja 27. Como lá residiam, elementos oriundos de CARATINGA que estavam sendo investigados, ela passou também a ser acompanhada. Em Mai 73 foi morar na SQN-312 com (...), (...), (...), (...), (...) e (...). Antes havia residido, na SQN-405 – Bloco 52, Apt 305 num quarto alugado e em companhia de (...) (envolvida no IPM da APML). (Ibid)

Como as demais pessoas envolvidas mais jovens, é retratada com a mesma narrativa da estudante que se afasta do ambiente familiar e é "aliciada" e iniciada na "subversão, tóxicos e/ou corrupção dos costumes", por uma pessoa "politizada", "por dentro das discussões políticas" e, logo, (segundo o esquema do relatório) hierarquicamente superior:

c) Através de (...) conheceu (...) que convidou-a para participar de reuniões clandestinas numa "base", formada por ela, sua irmã (...) (compareceu apenas a uma reunião), (...) e (...). Houve reuniões na VILA PLANALTO (casa de (...)), na casa do (...) e uma na SQN-312 cerca de 4 reuniões de novembro até a presente data.

---

125 Em 1971, a AP formalizou o processo de marxistização e proclamou-se partido, com a denominação de Ação Popular Marxista-Leninista (AP-ML). No *Programa Básico*, propôs ao PCdB e a outras forças de inspiração marxista-leninista a conjugação de esforços e formação de um partido proletário inteiramente novo. O PCdB deu uma resposta negativa ao *Programa Básico* e reagiu sobretudo à pretensão de organizar um novo partido do proletariado. Na medida em que avançou por duas linhas doutrinárias, a maioria da AP-ML evoluiu no sentido da aproximação ao PCdB e da aceitação de sua legitimidade como único partido revolucionário da classe operária brasileira. (GORENDER, 1987, p. 116).

d) A documentação apreendida, indica tratar-se de uma base em formação da APML ou PC do B (Exemplares de VERDADE POPULAR, TEMA V – Linha de Massa, Carta a um Deputado Federal e Dialética) sob a orientação de (...), que fugiu quando soube das prisões dos componentes do seu grupo. (Ibid)

A utilização do termo ‘convidou-a’ em detrimento de ‘aliciou-a’, como na ficha 12, parecendo marcar uma diferença desta presa. A sentença no primeiro item é confusa, relatando que conheceu uma pessoa que a convidou para participar de uma base formada por ela, misturando sua fala com uma análise dos interrogadores.

A república da SQN 312 é apontada assim como uma "base" (com aspas no item c e sem elas no item d) em formação da APML ou PC do B, devido à documentação apreendida. O termo aqui escolhido se aproxima semanticamente de "ponto" e "aparelho", como anteriormente na 1ª ficha. Apesar de seu orientador, "que fugiu quando soube das prisões", figurar como uma pessoa "politizada", que a convidou para reuniões clandestinas, tudo isso seria, em origem, um plano deliberado de sua ex-colega de apartamento, envolvida no IPM e mencionada, também, na ficha anterior:

e) Há evidências de que (...), depois de conviver com (...) e (...) as tinha apresentado ao (...) com intuito deliberado de formar a base apesar de (...) haver declarado que (...) nunca falou em política com ela ou com a sua irmã. Através de (...) ainda conheceu (...), (...) e (...) todos com vinculação direta ou indireta, com a APML. (Ibid, p. 12-13)

Apesar de seu orientador ser apontado como quem a convidou e responsável pela suposta formação de uma base em sua república, é principalmente através de sua ex-colega de apartamento envolvida no IPM que os interrogadores estabelecem as ligações da presa com as pessoas vinculadas à APML, por mais que supostamente nunca tivessem conversado sobre política. A *suspeita de subversão* em torno da sua figura parte de suas relações em meio à rede de citações de suspeitas/indiciamentos e na participação em reuniões clandestinas. No último item, uma interessante narrativa sobre a aproximação feita por seu orientador:

f) Vale a pena comentar a inteligente aproximação feita por (...). (...) sentia-se muito inferiorizada perante o grupo de colegas na Universidade, particularmente porque não havia lido nada sobre "materialismo" ou "marxismo". Em casa também, não tinha muita oportunidade para falar e ainda "chorava por causa de namorado" o que era uma heresia perante os colegas "intelectualizados". (...) encontrava-se com ela durante os intervalos na UnB e iam conversar na grama, dava-lhe toda a atenção, arranhou-lhe emprego no SESC e ela se sentia a vontade. (...) tem cerca de 30 anos e viu que (...) seria presa fácil. Quando lhe passou um documento clandestino ela exultou pela confiança que lhe depositava o amigo. Foi mais difícil para ela, admitir que havia sido enganada em sua boa fé de que contar tudo sobre as reuniões clandestinas, seus participantes, locais e documentação distribuída, prova evidente da sua imaturidade. (Ibid, p. 13)

Em resumo, a narrativa é a mesma: o "politizado" mais velho que se aproxima da jovem com baixa autoestima, uma "presa fácil", dando-lhe "toda a atenção". Num trecho que mistura vozes da interrogada e deduções do interrogador/relator, ao final é ressaltada sua "evidente imaturidade" pela dificuldade em admitir que tivesse sido enganada. Admitir que estivesse sendo enganada quando? Durante os interrogatórios sob tortura ou outros métodos coercitivos? Para quem? Para os interrogadores ou para si mesma? O que estava em questão para a repressão era controlar e punir as próprias convicções do indivíduo, inclusive induzindo "o depoente a assumir para si o ônus da situação de violência enfrentada nos órgãos de repressão" (JOFFILY, 2008, p. 143-144).

Segundo Joffily (Ibid, p 146), a atribuição de toda a culpa da situação aos interrogados reafirmava a convicção de "justeza" dos perpetradores. Para eles, eram operadores de um processo de conversão de subversivos em cidadãos inofensivos e apolíticos, e estariam "reabilitando-os" ao convívio social. Na perspectiva da repressão, os perpetradores cumpriam uma função "educativa", pois estariam enquadrando os "iludidos" e "manipulados" na sociedade. Legitimavam assim, para si mesmos, a violência como meio para se atingir um fim: fazer os(as) interrogados(as) se darem conta do seu erro e perceberem o absurdo de suas convicções. Já aquelas pessoas que não se arrependiam e mantinham suas convicções, normalmente aquelas que têm enfatizada sua subversão ou são qualificadas como líderes e dirigentes no registro dos depoimentos, "mereceriam" tudo pelo que passaram e "mostravam-se casos sem solução" (Ibid).

Na **16ª ficha** temos:

b) Irmã de (...). Ingressou na UnB junto com a sua irmã (...) (ver letras "b" a "e" do item anterior).

c) Compareceu a apenas uma reunião na VILA PLANALTO e desligou-se do grupo. (...) tentou evitar o seu afastamento, entregando-lhe documentos e procurando-a certa vez na Av W/3 quando conversaram por cerca de 30 minutos. Nessa ocasião (...) procurou motivá-la para uma participação efetiva no grupo apelando para seu "senso de responsabilidade".

d) (...) lhe foi apresentado por (...) na Universidade no dia em que se deu a primeira reunião na VILA PLANALTO. (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 13)

Em narrativa semelhante com a de sua irmã, a suspeita se constrói em cima das relações e da participação na já mencionada reunião na Vila Planalto. Diferente de sua irmã, parece ser retratada como alguém que foi aproximada de um círculo "subversivo", mas logo se afastou, apesar da insistência de seu "aliciador", que lhe procurou apelando "para seu 'senso de reponsabilidade'".

e) Tendo perdido uma prova de semestre, foi procurar a Professora da matéria – (...) que lhe deu como trabalho, para ser feito em casa, e de cujo resultado dependeria a sua aprovação, um estudo sobre o Manifesto do PC. A aluna em questão passou uma semana estudando o referido manifesto tendo conseguido o grau necessário para aprovação. (Ibid)

Por fim, essa última observação a respeito da perda de uma prova e da suposta ajuda e má influência da professora, que teria passado como avaliação substituta um estudo sobre o Manifesto do Partido Comunista. A questão que se faz por hora é: o que se passava nessas reuniões na Vila Planalto que chamou tanta atenção?

As **fichas 17 e 18** repetem as mesmas acusações de envolvimento com o grupo de Caratinga e as reuniões na Vila Planalto. Algumas das leituras dos grupos são apontadas, bem como mais algumas características dos iniciados na "subversão":

*[Ficha 17]*

b) Veio para BRASÍLIA a convite de (...) que lhe arranhou emprego no CORREIO BRAZILIENSE. Em CARATINGA fez parte do grupo de estudos com (...), (...) e (...), para discutir "assuntos escolares" e obras de JORGE AMADO, GRACILIANO RAMOS e outros autores.

[...]

d) Tímido, introvertido, e do tipo facilmente influenciável, confirmou que (...) mantinha correspondência com VITÓRIA.

[...]

*[Ficha 18]*

d) Recebeu um exemplar do jornal "VERDADE POPULAR" e instruções para estudar História do Brasil de CAIO PRADO JR. Recebeu também uma apostila sobre o colonialismo.

e) É tido pelos colegas como elemento revoltado. É muito fechado e sempre conversa na defensiva. Apesar de já estar esclarecida a organização da base com fins subversivos e os seus componentes terem prestado depoimento procurou justificar-se dizendo que as reuniões tinham a finalidade de estudar "História do BRASIL". (Ibid, p. 14)

São retratados como tímido, introvertido, revoltado e "facilmente influenciável". Os investigadores entendem as reuniões na Vila Planalto como "organização da base com fins subversivos" da APM, conclusão essa que chegaram através de outros depoimentos. No entanto, a "justificativa" na ficha 18 para participar das reuniões também nos leva a crer que se tratava de mais um grupo de estudos cuja finalidade era estudar "História do Brasil", uma vez que esses "fins subversivos" para o qual a suposta "base" era implantada nunca são mencionados, para além do estudo de "literatura marxista" e do "aliciamento" de "iniciados".

Na **19ª ficha** temos:

b) Estudante de Arquitetura, viciado em maconha, obtida dentro da UnB de um ex-aluno da Engenharia conhecido pelo apelido de "PODES CRER" e que possivelmente se trata de (...), e fazia ponto próximo ao "Campus Bar".

c) Face seu interesse pelo tóxico, circulava em BRASÍLIA e visitava o Apt de (...) na SQS-409 (face sua amizade com a (...)), a república da SQN-408 e o Apt de (...), tendo vasto círculo de conhecidos e amigos, particularmente da UnB e adeptos da maconha.

d) Não houve nenhuma evidência quanto a subversão. Foi detido por estar em atividades suspeitas próximas a SQN-312, Bloco I que estava sob vigilância e o carro em que estava haver sido encontrado antes próximo ao Bloco da SQS-409 onde residem (...) e (...). Estavam em sua companhia (...) e (...). (Ibid, p. 14-15)

Face à falta de "evidência quanto à subversão", sua descrição se limita ao seu "envolvimento com tóxicos" e em apurações a respeito de quem fornecia maconha e seu uso dentro da UnB. Tido como viciado em maconha, a *atividade suspeita* em torno de sua pessoa também decorre do fato de que "circulava em BRASILIA e visitava" quase todas as repúblicas investigadas, "tendo vasto círculo de conhecidos e amigos". Nas fichas 20, 21 e 22 (Ibid, p. 15-16) as acusações se repetem com pequenas variações, onde os itens descritivos basicamente fazem apurações e mapeamentos do uso e venda de maconha.

Na **23ª ficha** temos a última pessoa envolvida por ser de Caratinga:

b) Foi Presidente do Centro dos Estudantes de CARATINGA em 1968 a época em que (...) iniciou contatos com (...) para realizar um trabalho político junto aos estudantes. Cooperou com o jornal escrevendo artigos, mas não comparecia às reuniões. Não foi citado por (...) nem por (...).

c) Durante o tempo em que o grupo esteve sob investigação, não foi visto fazendo contato com nenhum dos elementos de CARATINGA. Sua única atitude suspeita foi a ida a Embaixada da TCHECOSLOVAQUIA que ele explicou como "tentativa de conseguir uma bolsa de estudos".

d) Elemento de bom nível cultural, não foi citado como viciado em tóxicos. Confirmou haver fornecido livros a (...). (...) no início de 1972. (Ibid, p. 16-17)

Apesar de alguns precedentes de participação em movimento e representação estudantil, e sua origem de Caratinga, o que ficou registrado como sua única *atitude suspeita* foi sua ida à embaixada da Tchecoslováquia. Em outras fichas, os mesmos precedentes apontados nesta ficha em geral enquadram as pessoas interrogadas em *suspeita de subversão*. O quê influenciou nesse enquadramento? Acredito que por ser tido como elemento de bom nível cultural por seus interrogadores e analistas, bem como não ser citado como viciado em tóxicos e não haver nenhuma relação à corrupção de costumes. Vemos que mesmo o enquadramento em *atitudes suspeitas* e *suspeita de subversão* também está imbuída dessas questões.

Na **24ª ficha**, segundo a introdução do relatório seu endereço já era vigiado e foi preso "considerando os antecedentes subversivos e envolvimento com tóxico" (Ibid, p. 2). Em sua qualificação ainda é mencionada uma nota importante: "Atingido pelo Dec. 477 em Jul 73 na UnB por ser membro estruturado do PCB em BRASILIA e está indiciado em IPM que está em processamento na 11ª CJM" (Ibid, p. 17). Ou seja, até então é único dos apreciados individualmente que passou por um processo legal, ou pelo menos o teve mencionado em sua ficha.



b) Viciado em tóxicos, pederasta passivo e subversivo. Elemento já preso por várias vezes por envolvimento em tóxicos e arruaças de grupos de pederastas na área da Estação Rodoviária. Vive atualmente em companhia de (...), (...) e (...) viciados, pederastas e estudantes da UnB.

c) A sua residência é frequentada por garotos que são levados a se iniciarem nos tóxicos e na pederastia. Trabalha no Jornal de Brasília como fotógrafo. (Ibid)

Nesse caso não há necessariamente um registro de *atividade suspeita e suspeita de subversão*, uma vez que já era "conhecido dos OI da área, ex-integrante do PCB, viciado em maconha e homossexual" e foi "preso por várias vezes por envolvimento em tóxicos e arruaças de grupo de pederastas", apenas o registro de sua presença em meio à operação. Existe ênfase da sua "subversão" e homossexualidade e um certo tom de raiva com que a tríade "tóxicos-subversão-corrupção dos costumes" é descrita como "Viciado em tóxicos, pederasta passivo e subversivo" (Ibid), aparecendo o termo pederasta três vezes nesse breve item. A escolha dos termos poderia ter sido outra como, por exemplo, "envolvido em tóxicos" e "homossexual", já utilizados anteriormente no relatório.

Segundo Natanael Silva (2016, p. 9-10), na década de 1970 predominava o modelo assimétrico das sociabilidades homoeróticas que dividia e hierarquizava homossexuais em "ativos" e "passivos", diferenciando homens em "bichas" e "bofes", e as mulheres em "sapatões" e "mulheres" ou "ladies". O modelo que enfatizava a igualdade de orientação e utilizava as categorias "homossexuais", "gays" e "lésbicas" independente de atribuições associadas ao feminino e masculino, bem como a atividade ou passividade sexual das pessoas se restringia à classe média.

O modelo assimétrico de sociabilidade elaborado pela heterossexualidade compulsória impõe uma hierarquia entre masculino e feminino, donde o estigma em torno da passividade parte de uma associação da atividade à dominação masculina e da passividade à subordinação feminina<sup>126</sup>. Assim, o estigma do passivo sexual decorre de uma associação com uma função sexual heterossexual feminina já estigmatizada, pois o órgão genital masculino porta significado de "prestígio" em nossas sociedades patriarcais, enquanto que o genital feminino constitui símbolos de estigma. Assim, a "normalidade" do homem é associada ao estereótipo de "ativo", por corresponder a uma função sexual heterossexual masculina, enquanto que o homem estigmatizado é associado ao estereótipo de "passivo" (Ibid).

Há uma gradação com que a homossexualidade é estigmatizada ao longo do relatório.

---

126 A oposição entre heterossexual e homossexual é um operador hierárquico das relações entre os homens. O uso de termos como "atividade" e "passividade" agencia signos, atributos de 'dominação e submissão', sedimentando uma relação hierárquica. O poder masculinizado é associado àqueles que têm interesse em naturalizar e perpetuar seu domínio, incluindo a capacidade de feminilizar os subordinados. (Ibid, p. 11).

Primeiro ela aparece como "tivera relações sexuais com". Depois como "Manteve relações sexuais com (...) por várias vezes". Por fim, como "pederasta passivo e subversivo" (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 5-8, 17). O preso é retratado como um iniciador e aliciador de "garotos" que "são levados a se iniciarem nos tóxicos e na pederastia" (Ibid, p. 17) e também como um elo entre as repúblicas:

d) Frequentava com assiduidade a residência de (...), onde fumava maconha em companhia de vários amigos que sempre encontrava lá. Conhecia os moradores da SQN-408, Bloco F-Apt 20. Trabalhou com (...) na ilustração de capas de um trabalho que seria vendido aos pais dos alunos do Colégio Marista, onde (...). Era professor.

e) Conhecia os moradores da SQN-312 – Bloco I – Apt 309, principalmente (...) com quem mantinha relações homossexuais. (Ibid)

Seu trabalho como fotógrafo do Jornal de Brasília e ilustrador de "capas de um trabalho que seria vendido aos pais dos alunos do Colégio Marista" chamaram a atenção sendo digna de nota. Já identificado como um "subversivo", toda sua produção passada passa a ser suspeita também. Essa ficha marca uma diferença na ênfase da homossexualidade e da subversão. Ele é duplamente estigmatizado, como passivo e "um homem não normal", mas também como perigoso por ser um eixo de ligação e aliciador de garotos. Tudo isso marca uma diferença para essa ficha.

Segundo Joffily (2008, p. 218): "Selecionar os 'presos recuperáveis' e evitar que o convívio com os 'insensíveis à recuperação'" parece ter sido uma preocupação constante dos órgãos repressivos, donde a estratégia fazia-se em "circunscrever os 'irrecuperáveis', isolando-os da sociedade para evitar a propagação das ideias subversivas" (Ibid, p. 199). A repressão queria controlar e moldar a convicção das pessoas e no tocante a esta pessoa da ficha 24, sua classificação enquanto irrecuperável liga-se também a sua orientação sexual.

O estigma e o ódio, tudo isso se soma para que ele fosse torturado. Segundo Zuleica Porto, em seu depoimento: "eu tenho a impressão porque era homossexual assumidamente, não sei, era comunista também, ele era ligado ao Partidão, não sei... É difícil entender, é difícil entender, acho que era uma coisa de ter raiva da pessoa, sabe, assim..." (PORTO, 2014). Não apenas por sua orientação sexual, mas também por ser pobre e negro. Segundo o depoimento de Aurélio Michiles:

Mas ele sofreu muito porque ele era gay, explicitamente gay, bem afeminado, negro, pobre e membro do Partido Comunista. Ele fazia arquitetura, era mais avançado que eu na arquitetura. E ele, sofreu muito, acho que o (...), falaram que tentaram destruir ele. (MICHILES, 2015)

Membro do Partido Comunista, gay, negro e pobre. Todos os estigmas para além do político: de orientação sexual, etnia e classe. Tudo isso alimenta o processo hierárquico de alteridade onde o

torturador se coloca acima da condição humana enquanto que o torturado é desumanizado (JOFFILY, 2008, p. 259). A desumanização, a tortura e o extermínio das classes menos favorecidas e de não brancos(as) remonta à escravidão africana, ao extermínio dos povos indígenas e ao controle das classes baixas, pertencendo a esses seguimentos menos favorecidos a grande parte das vítimas de tortura e extermínio por parte da polícia, que se inscreve dentro do paradigma racista e de exclusão social da sociedade brasileira.

Para a classe média, esse processo de desumanização decorre da doutrinação ideológica dos imaginários anticomunistas e pela construção social do sujeito subversivo ou terrorista, aos quais se atribui periculosidade enquanto destruidores da nação, família e valores. A atribuição de periculosidade é o que destrói a imunidade da classe média à tortura. Na perspectiva da contenção social dos menos favorecidos, em que esses representam uma ameaça aos privilégios dos demais, a aliança de classes entre setores médios e a elite estaria rompida, já que alguns desses indivíduos estariam combatendo ao lado dos menos favorecidos e voltando-se contra o que seria seu próprio interesse: a manutenção da ordem social e dos privilégios (Ibid).

A perda da imunidade da classe média à tortura e a rotina da prática de tortura pelos órgãos repressores das Forças Armadas foram as duas inflexões da ditadura que se deu com o recrudescimento do regime em 1968 (GORENDER, 1987, p. 227), consolidando a cultura do medo face ao risco real de prisão e conseqüente tortura, promovidas não mais somente pela polícia e não mais limitada às classes baixas (JOFFILY, 2008, p. 263).

Na **25ª ficha** temos:

- b) Está sendo processado pela Polícia Federal por ter sido preso em flagrante conduzindo uma "trouxa" de maconha em 20 de julho de 1973, adquirida no CHAPLIN de um indivíduo de nome (...).
- c) Reside em companhia de (...), (...) e (...), todos estudantes da UnB, numa "república". Todos são viciados e pederastas.
- d) É coordenador do Grupo de Teatro do SESC. (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 17-18).

Não há nenhuma menção direta à "subversão", apenas à "corrupção dos costumes" – uma vez que na república onde moravam todos eram "viciados e pederastas" (note que diferente de outras fichas, ele não é apontado diretamente como homossexual, mas sim junto a todos) – e ao seu "envolvimento com tóxicos", onde além de ser enquadrado como viciado, já havia sido "preso em flagrante conduzindo uma 'trouxa' de maconha". Vale lembrar que havia sido preso adquirindo a trouxa de maconha, e não vendendo ela, como fica registrado no item c. Foi processado pela Polícia Federal pelo flagrante e encaminhado para CODI/CMP – 11ª RM. Um súbito interesse em um

viciado por parte da polícia política no DF? Ou os protocolos da operação já passavam por investigar todos que residiam com "conhecido dos OI da área" (Ibid, p. 4)?

No ano de 1972, Richard Nixon declarava "guerra às drogas"<sup>127</sup> consolidando um projeto de política externa que remonta aos finais do século XIX. No tocante aos fatores da longa duração para o proibicionismo, temos elementos sócio culturais essenciais e definidores para a dinâmica da proibição no século XX. Segundo Jonas Carlos de Carvalho (Ibid, p. 5), a busca de monopólio do controle, refinamento e comércio de substâncias pela indústria farmacêutica; a ascensão da classe médica e de seu controle da ordem do discurso, rechaçando tudo que é caracterizado como curandeirismo ou xamanismo; e a campanha moralista, difamatória e repressora de minorias e imigrantes<sup>128</sup> são três dos elementos centrais, também definidores no proibicionismo brasileiro.

Com o retomar das conferências internacionais na década de 1920, década da *Grande Proibição*<sup>129</sup>, o Brasil, cumprindo seus compromissos internacionais e sob influência estadunidense (Ibid, p. 9), sanciona em 1921 sua primeira lei específica para drogas<sup>130</sup>. Vale a pena lembrar aqui que a *cannabis* só veio a ser proibida no Brasil na década de 1930, quando a repressão ao seu uso começou a ganhar força<sup>131</sup>. Seguindo o paradigma estadunidense, que abandonou a conferência de Genebra em vistas à consolidação de uma política internacional de repressão ao tráfico de drogas e de uma maior coerção de vendedores e consumidores<sup>132</sup>, o Brasil criou a Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes (CNFE) em 1936 e aprovou a *Lei de Fiscalização de Entorpecentes*

---

127 A produção de leis sobre drogas no Brasil ligava-se às sucessivas convenções e conferências ocorridas no início do século XX, entre elas a Conferência de Xangai (1909) e a Convenção de Haia (1912). Surgem como resultado da guerra do ópio, conflito entre a Inglaterra e a China, e são fruto da disputa imperialista na Ásia. Patrocinadas pelos Estados Unidos, as convenções tem inicialmente o objetivo de controlar o comércio do ópio e seus derivados, onde os países signatários se comprometeram a coibir o uso de opiáceos e cocaína caso tais usos não obedecessem às recomendações médicas. Após as duas grandes guerras, a "guerra às drogas" foi anunciada. (CARVALHO, 2011, p. 4)

128 Com a proibição do ópio começaram as primeiras campanhas de amedrontamento da população norte-americana com relação aos "perigos" da droga, correlacionados a específicos grupos étnicos, vistos como "ameaçadores". A reprovação moral ao uso de substâncias psicoativas era acompanhada pela associação entre determinadas drogas e grupos sociais. (Ibid)

129 Entre 1920 e 1930, década da *Grande Proibição*, houve três encontros internacionais promovidos pelas Nações Unidas. Ampliava-se o conceito de substâncias entorpecentes e tornava realidade os dispositivos da convenção de Haia. (Ibid)

130 O decreto objetivava, penalizar com multas quem vender, expor á venda ou ministrar "substâncias venenosas", sem legitima autorização. Caso as "substâncias venenosas" contivessem qualidades entorpecentes, a pena era quatro anos de prisão. Quanto ao álcool, o decreto penalizava com multas quem se apresentava publicamente em estado de embriaguez causando escândalo e desordem, ou pondo em risco a segurança própria ou de terceiros. (Ibid, p. 8).

131 Na década de 1930, a maconha continuou a ser citada nos compêndios médicos e catálogos de produtos farmacêuticos, mas foi nessa década que a repressão ao uso da maconha ganhou força no Brasil. (CARLINI, 2006, p. 315-316)

132 Os EUA abandonaram a conferência de Genebra em 1925 e entre 1931 e 1936 organizaram outras duas convenções que mudam o curso das políticas de restrição às drogas, pois contribuíram para o fortalecimento de uma política internacional de repressão ao tráfico de drogas. Em 1961 foi dado outro passo significativo, a criação da *Convenção Única de Nova York sobre Entorpecentes*. A ONU passou a ter atribuição legal na fiscalização internacional de entorpecentes, contando com a participação de todo seus membros. A convenção revogou as anteriores, sendo promulgada no Brasil pelo decreto 54.216 de 17 de agosto de 1964. (CARVALHO, 2011, p. 6)

em 1938.

A lei estabelecia as substâncias consideradas entorpecentes e as dividia em dois grupos. O primeiro relacionava o ópio bruto, o medicinal e suas preparações, e incluía também a cocaína e a cannabis. O segundo grupo era composto pela etilmorfina e metilmorfina, bem como seus derivados (Dionina e Codeína). Saindo de uma dimensão fiscal para uma dimensão hospitalar, a inovação dessa lei é a internação compulsória. A lei considerava a toxicomania ou o uso habitual uma doença compulsória e estabelecia para os enquadrados nessas categorias a internação em caráter reservado à autoridade sanitária local. Para os enquadrados como psicopatas ela estabelecia a internação em hospitais oficiais ou estabelecimentos hospitalares submetidos à fiscalização oficial (Ibid, p. 11). Note que essa classificação também obedece a um princípio de gradação entre recuperáveis e irre recuperáveis.

Durante a década de 1940 e 1950 a CNFE criou comissões estaduais e realizaram mapeamentos, estudos, fiscalizações, fichamento de "viciados" e vendedores, experimentos em animais e humanos, onde concluiu que o uso de maconha se limitava a classe baixa, desamparados sociais e "maloqueiros"(Ibid). O fator social e racial foi o que dinamizou a consolidação do projeto nacional.

Segundo Carvalho (Ibid, p. 14), o início da consolidação de um projeto nacional se dá nessas épocas. Na prática, a maioria dos estados brasileiros não chegou a dinamizar suas comissões de fiscalização, contudo, a classe médica não cessou de militar junto a alguns políticos pela aprovação de leis mais repressivas. Alguns representantes da classe médica enxergavam as drogas como um problema mundial de longo tempo e um desafio para a "eugenia da raça", enquanto outros temiam a disseminação delas no país como um efeito do pós-guerra, uma avalanche de toxicômanos e traficantes que iriam se disseminar pela Terra, fenômeno esse que segundo eles teria acontecido em guerras anteriores.

A consolidação dessa política e fiscalização nacional uniforme e rigorosa só viria ocorrer com a ditadura, com a criação da Lei nº 4.483 de 16 de novembro de 1964, que reorganizava o Departamento Federal de Segurança Pública e instituíu o Serviço de Repressão a Tóxicos e Entorpecentes (SRTE). O paradigma médico/policial da política criminal dos entorpecentes, em que usuários, dependentes e experimentadores não eram criminalizados, foi então substituído por um paradigma de criminalização e belicismo. *Repressão às drogas* passa a ser a terminologia usual e as drogas passam a ser associadas à subversão. A Guerra Fria justificava o aumento do aparato repressivo e a Doutrina de Segurança Nacional possibilitou a política de repressão integrada e a otimização de um projeto transnacional de guerra às drogas (Ibid, p. 15).

A consolidação da guerra às drogas foi concomitantemente ao combate à "subversão

política", consolidando no continente americano uma política externa global dos Estados Unidos. Combate à subversão e guerra às drogas são parte de uma mesma política externa. Assim, algumas pessoas com envolvimento com psicotrópicos também caíam na malha fina dos órgãos de repressão, seja por morar junto, estar nas redondezas, conhecer determinada pessoa, mesmo quando não havia qualquer indício de "ligações subversivas" como vimos anteriormente. O que significava responder também perante os DOI/CODI, como acontece com alguns dos presos descritos nesse interrogatório. Tinham sido presos por envolvimento com "tóxicos" pela Polícia Federal e, segundo a legislação, deveriam responder perante ela e não ao CMP-11<sup>ª</sup>RM.

As acusações da ficha 25 se repetem nas fichas 29 e 30 num item implicativo idêntico em ambas às fichas:

b) Foi preso pela SR/DPF/DF em 20 Jul 73 em companhia de (...) e (...) cerca das 19:00h nas proximidades da residência de (...) na Av W/3-Sul – Q-513. Em poder de (...) foi encontrado uma "trouxa" de maconha adquirida para ser usada num acampamento que iriam fazer naquele fim de semana. (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 19-20)

Um detalhe que podemos notar está na diferença de idade entre os interrogados das fichas 29 (20 anos) e 30 (19 anos) para com os da ficha 24 (25 anos) e 25 (24 anos), e na possível ligação com o outro dado relatado de que "sua residência é frequentada por garotos que são levados a se iniciarem nos tóxicos e na pederastia" (Ibid, p. 17). Seriam os interrogados 29 e 30 exemplos ilustrativos desses garotos (que não são mais garotos, mas maiores de idade) para conferir verossimilhança na história de aliciamento e periculosidade desses indivíduos? Lembrando que todos os dados relatados na apreciação sobre os presos visam permitir uma melhor compreensão das conclusões, porque o registro de que a "trouxa" de maconha tinha sido adquirida para ser usada num acampamento que iriam fazer naquele fim de semana? Parece-me que aqui há uma ilustração de um ritual de iniciação à subversão, tóxicos e corrupção de costumes, o que também parece conferir certa "justeza" nas convicções dos interrogadores e relatores, por terem prendido eles antes que esse fim de semana chegasse e o uso de maconha fosse feito.

A **26<sup>a</sup> ficha**, como mencionado anteriormente é de uma integrante do GLUPUS:

c) Cursa Antropologia e teve como uma das matérias do Curso a Teoria Sociológica quando então tomou contato com a doutrina marxista que faz parte do currículo. Os professores de Sociologia indicam vasta bibliografia sobre o assunto, segundo as suas declarações.

[...]

e) Sugeriu a (...) que lesse livros socialistas, a exemplo do que já estava fazendo o (...) (Ibid, p. 18)

Em mais uma dessas declarações em que as vozes se misturam, segundo a interrogada, a

"doutrina marxista... faz parte do currículo" do seu curso, que a fez tomar contato com "vasta bibliografia sobre o assunto", constituinte da matéria Teoria Sociológica. O que está sendo indicado aqui é claro: um "doutrinamento" que partiria da própria Universidade. Para além dos "tóxicos" e da *atividade suspeita* teatral, não há muito que indique uma *suspeita de subversão* em torno dela, talvez por sugerir "livros socialistas" a outro integrante do GLUPUS. Na **27ª ficha** temos:

b) É ligada ao grupo Teatral GLUPUS, residindo próximo à república do Conj C – Lote 16. Como estudante de Medicina diz que a maconha é menos prejudicial do que a bebida. Defendeu essa ideia durante o interrogatório, na presença de dois colegas que estavam detidos.

c) A maneira como falou sobre o uso da maconha demonstrou que pode influenciar seus colegas, já que se trata de estudante de Medicina. Não se pode apurar se assim fazia para justificar sua atitude pessoal ou se com o objetivo de favorecer a disseminação do tóxico no meio em que vive.

d) Nega qualquer vinculação política ou tendência esquerdista, porém indicou a (...), livros socioeconômicos de esquerda para que iniciasse seus estudos. (Ibid)

A interrogada supostamente teria defendido a ideia de que "a maconha é menos prejudicial que a bebida", demonstrando aos interrogadores que "pode influenciar seus colegas, já que se trata de estudante de Medicina". A argumentação dela não tem espaço para ser uma justificativa de uso pessoal ou sua opinião enquanto estudante de medicina, sendo concebida pelos interrogadores como um plano de "favorecer a disseminação do tóxico no meio em que vive", por mais que nada se apurou em relação a isso, como ficou registrado.

Apesar de negar qualquer envolvimento político, ainda ficou registrado ao final que indicou "livros socioeconômicos de esquerda" ao mesmo integrante do GLUPUS mencionado na ficha passada "para que iniciasse seus estudos". Quais livros seriam esses? Teriam sido os mesmo "livros socialistas" indicados pela interrogada da ficha anterior? Talvez uma leitura em comum do grupo de teatro? Nada é mencionado sobre quais seriam esses livros. Na **28ª ficha** temos o último integrante do GLUPUS relatado, a quem recomendaram leituras:

b) Seus contatos na UnB levaram-no para o uso da maconha e a leitura de obras esquerdistas. Iniciou-se num grupo onde estavam (...) e (...) e os conheceu por usarem tóxicos e terem ideias esquerdistas.

[...]

e) Estava começando a ler livros de esquerda, indicados por (...) e (...) que lhes falaram sobre (...) um dos que estavam também começando a estudar tais assuntos. (OBS: (...) era residente na SQN-408, Bloco F Apt 203 estava se preparando para o vestibular na UnB).

f) Conhece os componentes do GLUPUS, particularmente (...), (...) e (...), que compareciam "as rodas de fumo". (Ibid, p. 19)

É retratado como um "iniciado" em um sentido que é reiterado ao longo das outras fichas: o "envolvimento com tóxico" que levaria à "subversão", no caso a "leitura de obras esquerdistas" e possivelmente à "corrupção dos costumes". Confirmando o sentido da teoria que era elaborada pelo relatório, o "envolvimento do tóxico", aqui no caso comparecer "as rodas de fumo", levaria à "subversão", no caso estar "começando a ler livros de esquerda".

Um detalhe também é a relação feita com o interrogado da ficha 3 através da menção de que "(...) e (...) que lhes falaram sobre" ele, que começava a estudar tais assuntos. É enfatizada pela observação em parênteses remetendo ao seu caso: do estudante se preparando para o vestibular que se perdeu em sua república com "clima de subversão, e depravação ali existentes e o uso de maconha" (Ibid, p. 5). A comparação não parece casual, uma vez que ambos seriam de uma mesma categoria imaginada, a dos "iniciados". Parece indicar a próxima fase (na teoria formulada) de "corrupção dos costumes" pela qual iria passar ao entrar em contato com preso da ficha 3, uma vez que esse último, segundo o relatório, tivera relações sexuais homo afetivas e achava que "era normal numa sociedade 'aberta'"(Ibid).

A partir da **31ª ficha**, as apreciações individuais relatam sobre um grupo de ex-seminaristas, destoando de todos os grupos e perfis relatados antes. Como é o caso deste interrogado, natural de Coromandel/MG, na época com 31 anos de idade, funcionário do Banco Regional de Brasília, estudando Inglês no Ed. Pioneiras Sociais, ex-seminarista (11 anos de Seminário) e ex-professor do Colégio Marista. Foi preso "no aprofundamento de informes prestados pelos elementos já presos... por suspeita de subversão" (Ibid, p. 3), assim como os demais ex-seminaristas que veremos adiante.

b) Em 1969 participou de um curso para formação de líderes em GOIÂNIA, ministrado pelos padres (...) e (...) e em 1972 fez um curso de Complementação Filosófica na Faculdade MOGI DAS CRUZES/SP.

c) Em 1969 durante uma semana, estudou com (...) e Irmã (...) sobre a "Dialética" e "Modos de Produção". Irmã (...) foi para o ESPIRITO SANTO onde deixou o hábito e foi presa por subversão. Participou de uma reunião na casa do Padre (...) (HOLANDEZ) – posteriormente preso por subversão e expulso do país – no IBES, na qual compareceu (...) que diziam trabalhar com o (...) na cidade DO CABO em PERNAMBUCO.

d) Foi a BELO HORIZONTE em 1969 onde manteve contato com vários padres, ex-colegas de seminário (Pe (...), Pe (...), Pe (...), e Pe (...)) e trouxe um discurso de (...) – que havia sido paraninfo da turma de engenheiros – combatendo o capitalismo e defendendo o socialismo. Esse discurso foi datilografado pelo Centro Acadêmico do Instituto Filosófico de BELO HORIZONTE. (Ibid, p. 20)

A participação em seminários e os contatos que estabeleceu são o que fundamentam a *suspeita de subversão* do preso. A participação nos cursos de formação de líderes (1969) e Complementação Filosófica (1972) chamou a atenção dos investigadores. Sua periculosidade, no



entanto, parece ser atribuída indiretamente, através dos contatos com uma freira presa por subversão e um padre holandês preso e expulso do país. Mais cinco padres são citados, ressaltando sua periculosidade e também expandindo a margem de suspeitos e, ao final do item d, o fato de ter trazido para Brasília um discurso de um paraninfo de uma turma de engenheiros "combatendo o capitalismo e defendendo o socialismo" datilografado por um centro acadêmico de filosofia de Belo Horizonte termina por enquadrá-lo como subversivo. Há uma narrativa nesses itens que vai construindo uma evolução da sua periculosidade entre os anos de 1969 e 1972.

e) Em 1972/73 compareceu à reunião na casa de (...) (...) na Vila Planalto para "doutrinar" (...), (...) e (...). Posteriormente organizou uma reunião em sua casa. Recebeu exemplares do jornal clandestino VERDADE POPULAR e forneceu documentos para estudos dos companheiros: "TEMA V – Linha de Massa" e um polígrafo sobre "Dialética", que havia recebido de (...) em 1969. Contribuiu financeiramente (Cr\$30,00) para impressão do jornal. (Ibid)

É retratado aqui como um "doutrinador", onde sua participação nas reuniões, anteriormente mencionadas, na Vila Planalto, teria essa finalidade. Relembrando, essas reuniões feitas na Vila Planalto, na república da SQN-312 e em sua casa, orientadas pelo suposto aliciador que fugiu (Ibid, p. 12); teriam por finalidade, segundo o relatório, o estudo de "literatura marxista" e o "aliciamento" de "iniciados". Segundo o interrogado da ficha 18 "as reuniões tinham a finalidade de estudar "História do BRASIL" (Ibid, p. 14). Base de "doutrinação" ou grupo de estudos de História do Brasil? Por hora, importa notar que existe uma diferenciação entre a figura do "aliciador" e a do "doutrinador".

f) Elemento teórico, com curso superior, trabalhou em grupos ligado a Igreja, provavelmente devido a sua formação seminarista. Admitiu ser marxista e que aproveita todas as oportunidades para difundir as ideias nas quais acredita. Quando ingressou no Colégio Marista com (...), estavam todos dispostos a aproveitar qualquer oportunidade para "esquerdizar" os alunos. Combinaram que todas as "dicas" seriam aproveitadas. O (...) pouco pode fazer por ser professor de matemática; ele, apesar de lecionar História, nada fez porque o livro texto era muito rígido e preso aos fatos; (...) que lecionava Geografia e Moral e Cívica, conseguiu lançar alguns temas que deram chance para a difusão de pensamentos marxistas. (Ibid, p. 20-21)

O "doutrinador" é um "elemento teórico, com curso superior" que "aproveita todas as oportunidades para difundir as ideias nas quais acredita", muito embora através de uma tática combinada com outros professores para "lançar alguns temas" que dão "chance para a difusão de pensamentos marxistas", segundo suposta admissão do interrogado. Talvez por isso, a outra pessoa citada como "doutrinadora" nesse relatório, seja a professora de matéria em que "a doutrina marxista [...] faz parte do currículo" (Ibid, p. 18). Essa professora também teria passado como prova substituta "um estudo sobre o Manifesto do PC" (Ibid, p. 13) para uma das presas, a qual também

estaria sendo doutrinada pelo interrogado desta ficha, estabelecendo assim uma ligação entre eles três.

g) A sua tendência esquerdista fez com que atendesse prontamente ao convite do (...) para reuniões de "estudo" com (...) e (...). Como técnica para melhor desenvolvimento das discussões apresentava-se como iniciante e elemento sem base marxista, para não provocar inibição nos outros a serem doutrinados. Entretanto, parte da documentação usada, estava em seu poder desde 1969. (Ibid, p. 21)

Por fim, mais um elemento que nos permite diferenciar a atuação da figura do "doutrinador" e a do "aliciador". Apesar de ser um elemento teórico com curso superior (e aparentemente com mais idade), "apresentava-se como iniciante e elemento sem base marxista, para não provocar inibição nos outros a serem doutrinados" como "técnica para melhor desenvolvimento das discussões".

Segundo a teoria elaborada pelo relatório, o "doutrinado" apresenta-se como sem base, escondendo sua real formação e objetivo e, subliminarmente, "doutrina" os "iniciados". Esses, por sua vez, em geral são jovens, a matéria prima da "massificação" e "presas fáceis" dos "aliciadores". Os "aliciadores", que são indivíduos tidos como "politizados" e participantes ativos nas conversas políticas, fazem essa captação/sedução/introdução à "subversão".

O "aliciador" teria assim uma função de iniciação, portanto apresentar-se-ia como "politizado", "inteligente", "esclarecido", buscando certa atenção do alvo a ser seduzido. Já o "doutrinador" teria uma função de formação e/ou difusão, atuando de maneira mais discreta e/ou subliminar, apresentando-se como "iniciante sem base" e aproveitando brechas para lançar temas que dão chance para a difusão de "pensamentos marxistas". O doutrinador seria assim, gradativamente mais "subversivo" pela sua ação subliminar, muitas vezes dando aula em colégios e universidades, mas também não se ligando a nenhuma organização e difundindo livros, revistas, jornais e "ideias comunistas".

Ou seja, partindo da teoria elaborada ao longo desse relatório, não há escapatória do enquadrado no rótulo de subversivo. As pessoas mais jovens são enxergadas todas como "subversivas" em potencial: "iniciados", "inocentes-úteis" "manipulados" e "iludidos". Aqueles que são mais sociáveis, ou são politizados ou tidos por outros como politizados, transformam-se em aliciadores. Se estudar ou dá aulas e é mais introspectivo, ou não se posiciona politicamente, vira um doutrinador. Para que a pessoa seja categorizada num desses enquadramentos subversivos, basta apenas que a suspeita seja levantada de alguma forma e se faça uma conexão de seu nome com a rede de citações dos órgãos de segurança e informação (em contínua expansão).

Na **32ª ficha**, o interrogado tinha 26 anos de idade, ex-seminarista, ex-professor do Colégio

Marista:

b) Em 1963 encabeçou uma chapa para a Presidência da União Democrática dos Estudantes de Brasília (UDEB) em que combatia as ideias da União Metropolitana dos Estudantes Secundários de Brasília (UMESB). Não houve atuação positiva da sua organização.

c) Ligou-se ao Padre (...) em 1966 e passou a frequentar cursos de liderança cristã em BRASÍLIA. Frequentou o 3º Cursilho da Cristandade em GOIÂNIA e conheceu o Padre (...), amigo do Padre (...). Num dos cursos em GOIÂNIA conheceu (...) (VAR-PALMARES). Ministrou cursos de "EXTENSÃO CULTURAL" em BARRETO/SP, RIBEIRÃO PRETO/SP e na Capital, fornecendo diplomas da Universidade Católica de GOIÁS por sugestão dos padres acima citados. Os alunos eram padres e freiras. Ligou-se ao Movimento Universitário de Desfavelamento (MUDES) em São Paulo e procurou fazer um programa idêntico em BRASÍLIA que não foi avante. (Ibid, p. 21)

*A suspeita de subversão* também decorre de participação em cursos e contatos estabelecidos, em que teria conhecido um membro da VAR-Palmares e alguns padres possivelmente também investigados e suspeitos de subversão (incluindo os outros seminaristas interrogados e relatados neste documento). Tendo participado de movimento e representação estudantil, e com formação em cursos de liderança cristã como o "3º Cursilho da Cristandade em GOIÂNIA", é retratado como um elemento ativo, que ministrou cursos, fornecendo diplomas e ligado a um movimento de desfavelamento que tentou trazer para Brasília, mas "não foi avante".

d) Em 1968 conheceu (...) que era professor em COROMANDEL e, ao qual, se ligou até 1971.

e) Foi influenciado pelos padres espanhóis (...) e (...) e outros, a quem atribui sua "massificação" e tentativa de torná-lo um marxista.

f) Foi lecionar no Colégio Marista em 1971, Geografia e Moral e Cívica e em 1972 assumiu a coordenação Pedagógica do Colégio. Segundo (...), (...) Usava todas as oportunidades para lançar temas que favorecessem conclusões sob o ponto de vista marxista. (Ibid)

Nesse percurso, teria entrado com contato com dois padres espanhóis "a quem atribui sua 'massificação' e tentativa de torná-lo um marxista". Interessante notar, segundo o trecho, que supostamente teria sido "massificado", mas não teria se tornado "um marxista", limitando-se à tentativa<sup>133</sup>. No entanto, também é caracterizado como um "doutrinador" segundo suposta admissão de seu colega, o interrogado da ficha 31. Haveria a possibilidade de um "massificado" não ser um marxista na lógica desenhada pelo relatório? Ou mais, um "doutrinador" não ser "marxista", ainda que "subversivo"? É o que o trecho parece indicar.

---

133 O trecho poderia ter sido escrito diferente, algo como "... a quem atribui sua 'massificação' e iniciação marxista" ou "... a quem atribui sua 'massificação' e doutrinação marxista", termos e construções linguísticas por mais que utilizados até o momento neste relatório.

g) Os panfletos TEMA V – Linha da Massa e DIALÉTICA que (...) forneceu a (...) para estudo com a base da VILA PLANALTO, foram entregues por (...) a (...). Em 1969. A LINHA DE MASSA veio do RIO em uma fita gravada trazida por um colega da UnB, (...) (Medicina). Tais documentos foram usados no curso de JATAÍ/GO, sob a direção do Padre (...) e do qual participaram (...) (irmão de (...) – PORT/DF), (...) (Movimento Estudantil de BRASÍLIA no ano de 1968 e colega de apt atualmente no RIO, de (...)), (...), (...) e, o próprio, (...).

h) Esteve em reunião de discussão política sob a orientação do Padre (...) em que conheceu (...). (...) e (...) também faziam parte do grupo.

i) (...) é um elemento que se ligou a membros da Ala Socialista da Igreja Católica participando de vários cursos, seminários e retiros no seio desse grupo. Preparado, passou a lecionar em cursos de Liderança, Cursos Comunitários e outros nomes inventados para encobrir a subversão desenvolvida pelos padres aos quais estava ligado. Nos últimos 4 (quatro) anos esteve em contato com (...), (...) e (...). (Ibid, p. 21-22)

Novamente a menção à "base" de grupo de estudos na Vila Planalto, onde (...) teria fornecido documentos também usados em um curso em Jataí. Ao final o relator exprime sua opinião sobre os cursos que o interrogado participou e ministrou como "cursos de Liderança, Cursos Comunitários e outros nomes inventados para encobrir a subversão desenvolvida".

A 33ª ficha, e última, o interrogado tinha na época com 27 anos de idade, ex-seminarista e professor no Colégio Marista:

b) Chegou em BRASÍLIA em março de 1970 depois de deixar o seminário franciscano.

c) Reencontrou (...) que havia sido seu colega de seminário. Participou de reuniões com (...), (...), (...) e (...). As reuniões eram feitas na Escola ESTELA MARIS em TAGUATINGA a noite (cerca das 20:00 horas), durante o ano de 1970. Tratavam de assuntos gerais inclusive políticos.

d) Segundo (...), houve debates de textos marxistas, inicialmente baseados em um livro adquirido por ele (...), "Princípios Fundamentais de Filosofia". (Ibid, p. 22)

A *suspeita de subversão* parte principalmente de seus contatos e relações pessoais. No entanto, diferentemente dos outros ex-seminaristas, não há descrição e ênfase da sua formação, apenas a menção do seminário franciscano de onde vinha. Reencontrou alguns colegas em Brasília e participou de reuniões de noite, uma *atividade suspeita*, onde "assuntos gerais inclusive políticos" foram debatidos. Segundo o interrogado da ficha 32 (é estranho isto não aparecer na sua ficha, mas indiretamente nesta), houve debates de textos marxistas, inicialmente baseados em um livro adquirido pelo próprio interrogado da ficha 32: "Princípios Fundamentais de Filosofia". Muito embora não saibamos qual livro é esse, de qual autor ou conteúdo, provavelmente a própria discussão de textos de filosofia fora de seu espaço e de noite foram suficiente para torná-los "marxistas", devido à suspeita generalizada.

e) Segundo (...), (...), também estava na disposição de, como professor do Marista, aproveitar as oportunidades que aparecessem para lançar temas que favorecessem a disseminação do marxismo.

f) Compareceu ao 5º Curso em JATAÍ/GO orientado pelo padre (...) onde ficou uma semana em companhia de (...), (...) e (...).

g) É um elemento que vive problemas de família, dificuldades financeiras e chegando em BRASÍLIA, reencontrou ex-colegas de seminário que estavam ligados a linha subversiva da Igreja. Participou de reuniões com Irmã (...) que, segundo (...), deixou o hábito e foi presa no ESPIRITO SANTO por subversão. O Padre (...) (Holandez) teria sido expulso do país, também por subversão. O Padre (...) era o Diretor do IBES que foi fechado entre 1970/71.<sup>134</sup>

Ainda segundo o interrogado da ficha 31, também estava disposto "a aproveitar qualquer oportunidade para 'esquerdizar' os alunos", apesar de que "pouco pôde fazer por ser professor de matemática". Sua participação no já mencionado curso em Jataí também foi digna de nota, indicando certa importância desse curso para os investigadores. Ao final é interessante a relação feita entre "problemas de família, dificuldades financeiras" e seu reencontro com colegas e aproximação com a linha "subversiva" da Igreja. Novamente a ideia de problemas familiares, dificuldades financeiras e a aproximação subversiva.

A esquerda católica foi um dos grandes temores da repressão. Esse temor decorre devido a sua percepção de que a Igreja, um dos alicerces da ditadura, estava sendo infiltrada por comunistas; mas principalmente devido aos trabalhos de base e movimentos como o *MUDES*, mencionado na ficha 32. Esse temor manifestava-se no material do DSI do ano anterior *Como eles agem*:

O que se evidencia é que a tática geral dos regimes comunistas em relação à Igreja se modificou consideravelmente. Antes, os marxistas-leninistas alinhavam as pessoas religiosas ao lado do capitalismo. Hoje, eles apontam Cristo como baluarte do comunismo, e através desse método, conseguem arregimentar grande número de elementos da classe religiosa.

Diante disso, vemos a Igreja desarticulando-se e sendo desacreditada pelo povo. A subversão aproveita-se dessa confusão para infiltrar-se nos vários movimentos onde a Igreja está presente, difundindo por meios seguros as suas mensagens, inclusive na área da Educação, onde foram constatadas ocorrências no Movimento de Educação da Base (MEB), MOBREAL, Projeto Minerva e outros.

O método mais usado pelos comunistas para combater a Igreja, o chavão: "A religião é o ópio do povo", já caiu em desuso. Mais seguro e mais usado tem sido a infiltração no clero e nas escolas, facilitando a destruição do regime capitalista, através dos valiosos instrumentos de pregação e educação. (BR DF AN BSB AA1 0 LGS 2, p. 11-12)

Para os órgãos repressivos, a esquerda católica e os trabalhos de base eram apenas mais um instrumento e tática do Movimento Comunista Internacional. Essa entidade que orquestrava a infiltração e a subversão pelo mundo. Ao final do manual, o autor faz uma síntese dos objetivos

---

134 Idem, p. 22 e 23.

dessa nova tática:

Dos objetivos e planos de novas táticas de infiltração comunista, resumimos as seguintes:

- degradar todas as formas de expressão artística;
- eliminar dos parques e edifícios toda boa escultura e substituí-la por configurações informes, sem graça e sem significação;
- fazer desaparecer todas as leis que refreiam a obscenidade nos livros, jornais ilustrados, cinema, teatro e TV;
- infiltrar nas Igrejas e substituir a Religião revelada por religião social;
- desacreditar a família como instituição, favorecendo o amor livre e o divórcio fácil.

Os fatos e situações acima apresentados, se tomados isoladamente, pouco ou nada significam de perigo para a Segurança Nacional. No entanto, a análise apurada e profunda dos mesmos, e a interligação de uns com os outros, podem nos dar uma visão global de como se processa a infiltração comunista nos meios educacionais e culturais. (Ibid, p. 12-13)

Observe que ao final do trecho o autor ainda propõe que se faça uma análise apurada e interligada dos "fatos" descritos e abordados ao longo do manual, pois sem essa interligação eles pouco ou nada significam de perigo para a Segurança Nacional. Ou mesmo porque numa primeira leitura, essa conexão não se mostre evidente como o autor aponta. Assim, os objetivos da infiltração comunista seriam degradar a moral para substituir a religião revelada pela religião social.

Ao fim da apreciação das pessoas presas, vemos que por meio de muitas *atitudes/atividades suspeitas* difusas e *suspeitas de subversão* baseadas em geral nos contatos e nas relações pessoais, muitas delas indiretas e que remontam ao ano de 1968 (ano de intensa movimentação no país); em realidade encontramos causas e situações bem desconectadas como um todo e que vão sendo agrupadas como um fenômeno só, ao longo do relatório. Um dos fatores que moldam esse fenômeno único é o elo entre todas repúblicas estabelecido por poucas pessoas que frequentavam todas elas, e estabelecido também por outras pessoas que traziam uma ligação entre uma e outra república.

Outros fatores que fazem essa ligação estão na preocupação e no relato do uso de "tóxicos" (especificamente o uso da cannabis) e da "corrupção dos costumes", entendida como a liberdade sexual como um todo e, especificamente, como a homossexualidade masculina e a liberdade sexual feminina. Nas 33 fichas, apenas em 6 delas a menção direta a esses tópicos não aparece. Os tóxicos são mencionados diretamente em 24 das fichas, e a corrupção dos costumes em 9 delas. Mas o que une tóxicos, corrupção dos costumes e subversão?

Uma boa resposta parece ser que todos guardam uma correlação com a ideia de patologia nesse momento e segundo a ótica repressiva. O imaginário anticomunista atribuiu ao comunismo a conotação de doença, tanto no modo como opera, pela infiltração dos corpos sociais, quanto pela

concepção de que comunistas são doentes. A homossexualidade, por outro lado, apenas na década de 1990 foi retirada da Classificação Internacional de Doenças (CID) <sup>135</sup> e naquele ano de 1973 aconteciam apenas as primeiras iniciativas caminhando nesse sentido, fora do Brasil. Nessa concepção moralista e conservadora – arraigada da religiosidade cristã tradicional e de uma psiquiatria patologizante – não é difícil imaginar também que o sexo feminino sem casamento, o empoderamento feminino e a liberdade sexual fossem também taxadas dos mais variados distúrbios. Por fim, o uso da cannabis, associada aos "tóxicos" e ao vício, é tida como uma doença.

Segundo Foucault (1995, p. 236), o poder do Estado Moderno Ocidental é tanto totalizante quanto individualizante e integrou sob nova forma o poder pastoral: uma antiga tecnologia de poder originada das instituições cristãs. Essa forma de poder tem como objetivo assegurar a salvação individual no outro mundo e cuida, não apenas da comunidade, mas do indivíduo em particular e é uma forma de poder que "não pode ser exercida sem o conhecimento da mente das pessoas, sem explorar suas almas, sem fazer-lhes revelar os seus segredos mais íntimos. Implica um saber da consciência e a capacidade de dirigi-la" (Ibid, p. 237).

O Estado pode ser considerado a matriz moderna da individualização. O significado da salvação passa a ser terreno, associado, por exemplo, à saúde, bem-estar, "padrão de vida", riqueza, segurança e gerando uma série de objetivos mundanos a serem seguidos pelo indivíduo e a comunidade, impostos e dirigidos por esta forma de poder. O poder pastoral tomou novas formas, multiplicando-se nas diversas instituições e numa série de poderes: da família, medicina, psiquiatria, educação, empregadores e polícia, por exemplo. Esse último poder nasceu não só para manter a lei e a ordem, mas também para assegurar a manutenção, higiene, saúde e os padrões urbanos estabelecidos para as emergentes sociedades modernas.

Ao longo dos últimos três séculos que as sociedades disciplinares emergiram e consolidaram-se como uma "anatomia política" e uma "mecânica do poder". Tendo como princípio a analogia do corpo humano enquanto uma máquina, que se modela, treina, adentra e aperfeiçoa; o paradigma disciplinar impõe uma docilidade utilitária nos corpos, ao mesmo tempo aumentando as forças econômicas e utilitárias do corpo e diminuindo suas forças políticas, gerando obediência: "Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada" (FOUCAULT, 2014, p. 136).

Essa forma de poder interioriza a clausura pelo quadriculamento do indivíduo (Ibid, p. 140),

---

135 No ano de 1973, nos Estados Unidos, a Associação Americana de Psiquiatria excluía a homossexualidade da classificação de doença, distúrbio ou perversão, mesmo procedimento adotado dois anos depois pela Associação Americana de Psicologia e dez anos depois pelo Conselho Federal de Psicologia no Brasil. A exclusão da homossexualidade como doença mental foi feita pela Organização Mundial de Saúde (OMS) apenas no dia 17 de maio de 1990, ratificada em 1992. (LEGISLAÇÃO SOBRE PESSOAS LGBT NO MUNDO, 2017)

ou seja, lhe atribuindo lugares funcionais, competências e hierarquias. Atribui classificações, graus de bom e mau comportamento, determinando uma norma e seus "desvios" para cada indivíduo, relativos à posição que ocupa na fila e sua funcionalidade. Através dessa normatização e sujeição, controla os comportamentos através da recompensa e da punição, buscando manter uma ordem em funcionamento pela disciplina (Ibid, 176-178). Estabelece também as divisões binárias de funcionalidade "normal" e "anormal" (louco/não louco, perigoso/inofensivo, doente/saudável), mecanismos dualistas de exclusão, bem como as determinações coercitivas para cada indivíduo (Ibid, p. 193).

Segundo uma concepção organicista e funcional da sociedade, o corpo é concebido como uma máquina funcional a ser adestrada e aperfeiçoada, enquanto que a sociedade é metaforizada num corpo, um organismo social vivo, também a ser disciplinado, sob uma norma que garante uma ordem que visa uma "salvação" e sua reprodução. Qualquer interferência ou dissolução dessa ordem é concebida como uma disfuncionalidade, uma anormalidade, ou seja, uma doença.

Assim como a doença mental pode ser interpretada como uma metáfora, um mito que serve a uma ideologia e uma imposição de um modelo do comportamento humano (Szasz, 1974), a "doença social" é um mito que serve a uma ideologia e uma imposição de projeto de sociedade. A identificação do comunismo com a patologia, imbuída dos diversos imaginários que vimos anteriormente, é um instrumento para excluir toda e qualquer mudança social, uma vez que toda e qualquer alteridade frente à ideologia da ditadura e seu projeto de sociedade – tecnicista, elitista, racista, patriarcal – é rotulada como tal, como "subversiva", perigosa, destruidora da família, da moral e da nação. Através de rótulos como comunista, terrorista e subversivo, atribuem-se periculosidade e uma marca excludente a ser identificada pela população, junto às desinformações. Segundo Romário Schetinno, em seu depoimento:

Eu encontrei uma amiga minha que também foi detida, acho que ela nem chegou a ser detida, mas a polícia bateu na casa dela e num dia que ela tava numa festa, e por acaso ela é irmã de uma pessoa com quem eu tinha uma relação também. Aí ela tava fazendo um aniversário, e tinha umas 7, 8 pessoas, e as pessoas iam chegando para o aniversário. E a polícia entrou, tomou conta do apartamento, e toda hora que a pessoa chegava na festa a polícia prendia. Prendeu um monte de gente no apartamento dela e queria saber onde eu estava. Aí ela falou assim, ela ficou apavorada porque a polícia falava assim: "Não, a gente tá procurando o Romário porque ele acabou de assaltar um banco na W3 e morreu um policial". Aí ela ficou: "Ai meu deus do céu! O quê que o Romário aprontou?" E era uma fantasia, era uma loucura. Eu não sei nem se houve alguém roubar coisa em Brasília nessa época. Mas ela ficou em pânico, ela ficou assim, louca.<sup>136</sup>

Na teoria desenhada pelo relatório, aliciadores estariam iniciando pessoas jovens no envolvimento com tóxicos e na corrupção dos costumes, como parte de uma tática de

---

136 Romário, 2013, 00:57:48-00:58:57



"desmoralização", enfraquecendo-as e deixando-as suscetíveis para a doutrinação comunista e aliciação para atividades subversivas. Embora a operação não tenha encontrado nenhum vínculo concreto com a luta armada, o relatório tem por função justificar a operação. Faz isso criando e alertando uma situação de "perigo" na Universidade de Brasília, que estaria formando pessoas subversivas e potencialmente perigosas para o sistema, pois estaria infiltrada por subversivos. Logo, estaria "doente", disfuncional.

### 3.4 Moldando a infiltração subversiva

A partir do capítulo C (As "repúblicas" estudantis) o fenômeno único denominado ao começo do relatório de *infiltração subversiva* passa a ser moldado, numa "apreciação mais global" da situação nas repúblicas e do *campus* universitário. O capítulo inicia com a seguinte síntese:

Durante as investigações o CODI/CMP – 11ª RM encontrou um quadro deprimente, ao proceder buscas em residências de estudantes no Plano Piloto, constatando que vivem num ambiente de acentuada promiscuidade, onde tóxicos e sexo são misturados com **impregnação** ideológica de esquerda. Os mais antigos, desencaminhando os recém-chegados à BRASÍLIA para tentar o ingresso na Universidade. Os que aqui residem, visitando assiduamente esses "infernhos" e, alguns, deixando a própria casa para residir nessas "repúblicas". Cinco residências de estudantes foram revistas e sendo feita a apreciação que se segue: (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 23, grifo do autor)

Note que o autor fala de uma impregnação ideológica de esquerda. Com isso faz tanto uma analogia a um contágio, quanto um paralelo com o consumo de "tóxicos", como se a ideologia fosse um efeito colateral causado por substâncias psicoativas. Em seguida, cada uma das cinco repúblicas são descritas após uma listagem de todos(as) que ali residiam (incluindo as pessoas que não foram presas, ou não foram presas até então), em geral repetindo as descrições do capítulo anterior e as hierarquias desenhadas entre iniciados e politizados. O relatório, até então, seguia uma ordem das prisões e das repúblicas começando pela SQS-409. Essa ordem é quebrada e, não por acaso, a primeira república descrita é a da SQN-408, enquadrada como mais "promíscua" e "subversiva":

Residiam nesse endereço 7 jovens (2 moças e 5 rapazes) sendo 3 universitários e 4 pré-universitários. Seis deles estavam acostumados à maconha, dedicavam-se ao estudo do marxismo e havia quase uma atividade sexual grupal. Era conhecido de grande número de estudantes como "boca de fumo" e local de reunião para se discutir política, sexo, vida atual etc.

Vasta Biblioteca com predominância de livros marxistas – inúmeros livros constam da bibliografia da UnB – fornecia subsídios para as conversas e estudos sobre o socialismo.

[...]

-A apt da SQN-408 mostrava ainda um triste ambiente de promiscuidade e sujeira, com colchões pelo chão e roupas espalhadas, mais parecendo um cômodo de favelados semi-civilizados. Na verdade, era habitado por jovens filhos de família de classe média, de bom

Esse "quadro deprimente" apresentado acima e fazendo uma associação entre promiscuidade, desleixo, poucos bens materiais e as classes baixas, que são adjetivadas de "semi-civilizadas" de maneira elitista e preconceituosa, descrição esta, apenas da república da SQN-408. Não há outra descrição nesse sentido, nem mesmo da república da W/3-Sul, descrita apenas como "A moradia em foco é um antro de corrupção de costumes e uso de tóxicos para onde são levados garotos ainda no ciclo colegial" (Ibid, p. 25). Na república da SQN-312 inclusive se registrou que "não foram constatados indícios do uso intensivo da maconha" nem "provas de 'festinhas'", e ainda, que "três dos casais ali residentes vivem maritalmente", apenas um morador fugindo "às características do grupo" (Ibid, p. 25-26). A república da SQN-408 é descrita primeiro, pois ela representaria aos olhos da repressão uma espécie de concretização de todas formas de subversão. Ela é um modelo da ligação "tóxico-subversão-corrupção dos costumes", um exemplo que é generalizado ao final do relatório.

Ao final das descrições, temos também um registro da localização dos envolvidos, mostrando que ainda estavam sob vigilância:

-Após terem sido liberados, (...) retornou a casa dos pais aqui em BRASÍLIA, (...) foi morar com uma tia em SÃO PAULO, (...) regressou a MANAUS para trabalhar com o pai e (...) foi para a GB.

-Os restantes, alugaram um Apt no GUARÁ com o firme propósito de mudarem de vida.

[...]

(...) após ser liberada, regressou a casa dos pais desalugando o Apt em que residia.

[...]

Após prestarem depoimentos, foram liberados. (...), (...) e (...) apresentados aos pais (residentes em BRASÍLIA), que se aproximaram do grupo e passaram a dar assistência aos filhos. Já foi feita uma reunião com todos os moradores que assumiram o compromisso de corrigirem de imediato seu comportamento. (Ibid, p. 24-26)

Vemos que há uma preocupação em fazer as pessoas interrogadas voltarem para seu núcleo familiar ou assumirem o compromisso de mudarem de vida. Uma preocupação não só com a comunidade, mas com cada indivíduo em particular. O propósito da operação, segundo o relatório, era investigar e combater uma possível aliança entre essas repúblicas e a luta armada. À medida que a tese inicial da luta armada foi se evidenciando infundada, a questão moral parece ter se tornado mais importante. Quando da posterior formulação do relatório, essa questão parece ter se tornado uma preocupação principal a ser comunicada e controlada.

Mudar a vida que não agrada a ditadura. Não encontramos um trecho similar a esse na descrição da república da W/3-sul, talvez porque foram tidos como "irrecuperáveis", nem da república em Sobradinho, segundo o qual "Os principais elementos do GLUPUS são (...), (...) e (...),

não foram ouvidos por se encontrarem fora de BRASÍLIA à época das operações. É um grupo que necessita ser acompanhado e o assunto ainda será aprofundado" (Ibid, p. 25), apontamento assim qual seriam os próximos alvos a serem interrogados.

No capítulo D (O jornal "Tribo") o nome de nove participantes é listado e ao final encontramos essa mesma fórmula: "Consta que o JORNAL TRIBO não circula mais. O assunto ainda será aprofundado" (Ibid, p. 26), apontando possíveis alvos para interrogatório. Já o final do capítulo E (Ex-Seminaristas) indica que os ex-seminaristas ainda estavam passando pelos interrogatórios naquele momento: "Prosseguem os depoimentos e o assunto será objeto de documento específico" (Ibid).

No capítulo F (Universidade de Brasília), o relatório visando "uma melhor compreensão dos reflexos da ação subversiva que vem sendo desenvolvida no meio universitário de BRASÍLIA e, particularmente, na UnB" (Ibid, p. 27) apresenta 5 tabelas sobre os presos e a documentação apreendida<sup>137</sup>. Apresentado os dados e apontando que a "acentuada presença dos alunos da UnB – uma Universidade Federal – no quadro dos viciados e subversivos, é um problema que merece maior atenção" e "clama por urgentes providências" (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 28) o relator começa a se perguntar:

O que se passará com esses alunos da UnB, atraídos que são pelo marxismo? Jovens que após dez anos de REVOLUÇÃO de 64, consideram-se como vivendo numa ditadura, ouvintes atentos e interessados a todo e qualquer argumento contra o governo? Comparadores que valorizam a situação no CHILE – apesar do caos econômico – porque lá, os trabalhadores e estudantes "participam" do processo democrático? Leitores interessados por qualquer assunto antiamericano e omissos quanto ao resto? (Ibid)

Segundo o relatório, após "horas de depoimentos e longas conversas informais" os "analistas que estudam o assunto" (Ibid) chegaram a três fatores principais para a aproximação estudantil com o marxismo: envolvimento com tóxicos, o aproveitamento da fase de adaptação do calouro e a própria bibliografia marxista presente em cursos da UnB. Finalmente, no capítulo G o relatório começa suas conclusões:

Ao término dos depoimentos prestados e das diligências realizadas, inicialmente pela SR/DPF/DF e no prosseguimento pelo CODI/CMP-11ª RM, em que foram ouvidos 33 jovens (rapazes e moças) na sua maioria estudantes da UnB, pode-se constatar uma insidiosa ação subversiva no meio estudantil – universitário e pré-universitário – com a utilização plena do uso dos tóxicos e da corrupção de costumes, dentro das diretrizes do MCI e consoante a resolução da 1ª CONFERÊNCIA TRICONTINENTAL DE HAVANA – 1966, expressa na letra "f" das suas Resoluções Secretas:  
"Apoiar resolutamente a campanha a favor do viciado em drogas, baseando-se no princípio do respeito aos direitos individuais. Manter absolutamente separados os quadros do PARTIDO COMUNISTA dos canais de tráfico de narcóticos, a fim de que essa fonte de

---

137 Ver anexo 11, p. 196

receita não possa ser vinculada a ação revolucionária do PC, apesar de que, devemos combinar o fomento do medo à guerra atômica com o pacifismo e a desmoralização da juventude por meio do estímulo ao consumo de alucinógenos" (INFO Nº 442/73 de 24/4/73 do CIE). (Ibid, p. 30)

O relatório concluía que o uso de psicotrópicos e a liberdade sexual eram uma ação insidiosa do Movimento Comunista Internacional. É citada a "resolução secreta" que vimos anteriormente, referenciada de um informe do CIE de um mês e 22 dias de antes da operação. A diferença deste trecho para o outro que vimos no manual *Como eles agem*, endereçado à AESI-UnB junto dos outros materiais didáticos em 13/03/1972, é que se escreve "PARTIDO COMUNISTA" onde antes era simplesmente "partido"<sup>138</sup>, e acrescenta-se " do PC" após ação revolucionária, atualizando assim a "resolução secreta".

A incidência do uso dos tóxicos no meio estudantil é um alarmante indício do sucesso parcial já obtido pelo MCI em BRASILIA. As investigações realizadas não tiveram o objetivo de esgotar o problema, tal é a sua amplitude e complexidade. **Foi, entretanto, uma oportunidade aproveitada para se obter uma amostragem** da ligação efetiva tóxico-subversão.

Por outro lado, o baixo índice de higiene em que vivem nas "repúblicas", o aspecto pessoal de muitos estudantes sujos, barbudos e cabeludos – aliado ao relaxamento das convenções sociais e morais, a incidência dos pederastas, a atividade fotográfica, como arte, deturpada para o erotismo e em alguns casos, uma atividade sexual desregrada e quase grupal, demonstra o interesse em utilizar a corrupção dos costumes, como auxiliar do binômio tóxico-subversão.

As medidas globais e necessárias a coibir o desenvolvimento desse quadro, transcendem ao escalão do CMP/11ª RM. (Ibid, grifo do autor)

O documento tenta justificar a operação, que a rigor, não encontrou vínculos concretos com a luta armada, apelando para essa imagem do "tóxico", da "corrupção dos costumes" e da subversão, enquadrando essas repúblicas como ambientes perigosos onde jovens potencialmente revolucionários moravam ou circulavam. Ou seja, o relatório busca legitimar as operações por elas terem revelado esses "problemas" das repúblicas e da UnB, e não devido ao que se concluiu em relação a seu propósito inicial.

O relatório foi também a confecção de uma amostra para a ligação tóxico-subversão dos manuais e informes, um indício (evidência) da tática e do "sucesso parcial" do MCI em Brasília. Mais um dado para circular e compor a teoria da conspiração que explica os hábitos e comportamentos que não agradam a ditadura e a sociedade conservadora, como a uma tática da ação do MCI para degradar o Ocidente. Segundo Aurélio Michiles:

As conclusões do General Vianna Moog é uma obra fantástica de... Você vê em quanto a iniquidade humana pode chegar. Como que uma pessoa que combateu a guerrilha do

---

138 Compare os dois trechos, ver anexo 12, p. 197

Araguaia, um general, consegue escrever tantas e tantas asneiras, né? Tanta... Ele é simplório nas conclusões dele. E na verdade ele é preconceituoso como um pai, porque ele acha que as pessoas são promíscuas, moram com promiscuidade, e pode ser até que seja mas as pessoas eram jovens.<sup>139</sup>

Lembrando que ele se dirige a outras autoridades no comando dessa estrutura de operações, e que precisa justificar uma operação clandestina que envolveu muitos agentes e recursos, faço novamente essa pergunta: como um general conseguiu escrever ou assinar "tantas asneiras"? Asneiras no sentido de que suas conclusões são simplórias, preconceituosas "como um pai" e são simplistas para alguém num alto comando militar? E mais, são grosseiras, mal feitas, como por vezes são as falsificações e desinformações nos manuais de informação, bem como algumas das sobreposições de falas entre interrogado e interrogador no discurso do relatório.

Parte deve-se a própria fragmentação do sistema organizacional repressivo, que servia para mascarar a contribuição e responsabilidade pessoal das violências e seus efeitos (HUGGINS, 2006, p. 40). Isso gerava também uma alienação do trabalho nos operários da violência. Imersos em uma preocupação de tempo integral com a guerra contra a subversão, tendiam a isolar-se da família e amigos não policiais, tornando-se quase que membros de uma seita, pois estavam inscritos dentro de um sistema fechado de trabalho, organizado em torno do sigilo, do anonimato e da violência. Com sua fidelidade a uma autoridade distante, aparentemente onipresente e facilitadora da violência, e um cotidiano mediado e ordenado por funcionários sem rostos, eles também se envolviam na cultura do medo, que junto ao sigilo "lubrificaram a máquina repressiva do Estado" (Ibid, p. 60-61).

Essas "asneiras" e versões fantasiosas moldavam-se em uma dupla dinâmica produtiva das engrenagens da repressão. Primeiro, por manuais e informes que vinham de cima, ou seja, dos altos comandos e dos analistas. E por informes e relatórios que partem de baixo: dos operários da violência aos analistas e relatores, e desses, aos altos comandos. Altos comandos como o general Olavo Vianna Moog, que assumiu o Comando Militar do Planalto entre 1971-1974 e foi diretamente envolvido na repressão à Guerrilha do Araguaia (CATMV, 2015, p. 161). Informes e manuais que vem de cima – como as apostilas que vimos direcionadas para a AESI-UnB mais de um ano antes da operação – e informes e relatos que partem de baixo, dos espões e interrogadores. Esses informes e relatos são analisados e confeccionados em novos documentos, que são endereçados ao alto comando que, por sua vez, confecciona um novo documento como o *Relatório Especial de Info nº 03/73*, atualizando manuais, materiais e análises sobre "subversão" e, por fim, reiniciando o ciclo de informes e de repressão.

No entanto, não se pode falar apenas de exageros e enganos. O anticomunismo não foi

---

139 MICHILES, 2015, 00:11:10-00:11:50

apenas um imaginário, mas uma indústria movida oportunamente por vários agentes que exploraram (e ainda exploram) o temor ao comunismo. Seguimentos do próprio Estado, da imprensa, grupos e líderes políticos, os próprios órgãos de repressão, a Igreja e etc (MOTTA, 2000, p. 203). Essa indústria não nasceu com a ditadura, mas vinha de antes e, ao atualizar e consolidar imaginários anticomunistas da década de 1930 na década de 1950, produziu diversos materiais que serviram como instrumentos de desinformação e amedrontamento da população, elementos essenciais para o sucesso do Golpe de 64.

Segundo Hannah Arendt (2016, p. 309), é notório que a mentira é um dos instrumentos da política ao passo que dizer sempre a verdade em torno da disputa política pode ser contraprodutivo. Quem fala a verdade e quer desempenhar um papel político, portanto ser persuasivo, precisa entrar em digressões consideráveis para explicar o porquê de sua verdade particular atender melhor aos interesses de um grupo. O mentiroso, em contrapartida, não precisa de tal acomodação no palco político, ele de certa forma está sempre em meio a ele, pois:

Ele diz o que não é por desejar que as coisas sejam diferentes daquilo que são – isto é, ele quer transformar o mundo. Ele tira partido da inegável afinidade de nossa capacidade de ação, de transformar a realidade com a misteriosa faculdade que nos capacita a *dizer* "O sol brilha" quando chove a cântaros". (Ibid, p. 309-310)

O mentiroso diz o que não é porque quer transformar o mundo, ou seja, ele tem um projeto e uma forma de agir para realizar esse projeto. Ele tira proveito da capacidade de dizermos o que não é – para a autora, uma das poucas demonstrações que confirmam a liberdade humana – para livremente moldar os "fatos" adequando-os ao seu proveito e prazer, ou às expectativas de sua audiência. Provavelmente sua mentira soará mais convincente do que o que diz a verdade (muitas vezes uma triste verdade que a audiência não quer encarar) e normalmente terá a plausibilidade ao seu lado, pois a imprevisibilidade, a contingência – uma das características essenciais do evento, de que as coisas poderiam ser sido de outra forma – tende a desaparecer de sua exposição, que soará como que mais lógica (Ibid, p. 311)

O desenvolvimento da manipulação em massa de fatos e opiniões é um fenômeno relativamente recente enquanto política governamental efetiva. A tradicional mentira política referia-se a segredos, a dados que não deveriam se tornar públicos, particularidades que não visavam iludir a todas as pessoas, mas apenas inimigos. Em contraste, a mentira política moderna lida com coisas que em absoluto constituem segredos, mas são conhecidas praticamente por todo mundo, criando imagens de todo tipo e onde qualquer fato conhecido e estabelecido pode vir a ser negado. Quer seus autores saibam ou não, essa mentira comporta um germe de violência, pois a

mentira organizada “tende sempre a destruir aquilo que ela decidiu negar, embora somente os governos totalitários tenham adotado conscientemente a mentira como o primeiro passo para o assassinato” (Ibid, p. 311-312).

Enquanto política governamental efetiva, ela tende a transformar uma questão externa em um problema interno, como as inúmeras autoilusões praticadas por ambos os lados da Guerra Fria, e as mentiras desse relatório. Essas imagens criadas pela mentira organizada, contudo, não substituem fatos conhecidos e estabelecidos que se pretenda negar, e elas são constantemente atualizadas para dar conta das contradições que vão se apresentando para aquilo que quer se afirmar. Ou seja, seu resultado não é passar a ser aceitas como verdade, mas um processo de destruição do sentido mediante o qual nos orientamos no mundo, da própria categoria de oposição entre verdade e falsidade (Ibid, p. 316-318).

Assim, para responder a questão "como escreveu tantas asneiras?", pode-se falar de autoenganos, mas deve-se falar também de um projeto de sociedade, falsidades e cinismo. Uma forma de transformar o mundo que faz toda alteridade, discurso ou projeto contrário ao seu ser desumanizado, patologizado e criminalizado, tendo como desculpa a preservação da "ordem" e dos valores "democráticos", seletivos valores liberais, cristãos e nacionais. O general não estava apenas sendo "preconceituoso" e falando "asneiras", mas falando seu projeto de sociedade: uma sociedade púdica, comportada, com a "boa arte", sem LGBTs e liberdade sexual e sem "drogas". Trabalhadora e eficiente. "Deus, pátria e família".

O ambiente aparentemente calmo do meio estudantil em BRASÍLIA longe de definir uma mudança de posição é, na verdade, face aos informes obtidos e processados, anteriormente e agora, uma atitude deliberada e planejada pela cúpula da subversão, no sentido de burlar a legislação revolucionária (ATO INSTITUCIONAL Nº 5 e DECRETO Nº 447) e, permitir aberturas que favoreçam o trabalho de aliciamento e doutrinação. O conhecimento atual dos Órgãos de Informações sobre as organizações subversivas e, o preparo do pessoal especializado no combate as mesmas, tem tornado difícil a proliferação das diversas organizações em seus moldes tradicionais, o que as vem obrigando, a mudança de atitudes sendo, a utilização de GRUPOS DE ESTUDOS MARXISTAS uma dessas atividades, em que os universitários se reúnem e usam a própria bibliografia da universidade. Ainda nas discussões durante as aulas sobre os autores marxistas, as oportunidades são aproveitadas para se fazer a disseminação da doutrina e a seleção – por observação – dos elementos que podem ser explorados nas "reuniões" feitas nas "repúblicas". (BR AN, BSB AA1 0 ROS 33, p. 30 e 31)

Segundo essas conclusões, o ambiente calmo do meio estudantil seria uma atitude deliberada e planejada pela "cúpula da subversão" (o MCI), para favorecer o aliciamento e a doutrinação por meio de grupos de estudos. Essa conclusão decorria "face aos informes obtidos e processados", que transformava o ambiente calmo num encobrimento de uma situação perigosa, onde a subversão estaria se "proliferando" em novas organizações. Como os grupos de estudos marxistas, que

contariam inclusive com a bibliografia da própria universidade, ou seja, a "infiltração" não seria só entre os estudantes, mas também entre os professores. Tudo isso configurava uma situação perigosa aos olhos da repressão porque para ela a questão não é só controlar e punir delitos cometidos dentro do *campus*, mas controlar e punir convicções, ou seja, suspender, censurar e punir a liberdade de pensamento e expressão dos(as) estudantes, professores(as) e da Universidade.

Os quadros estatísticos constantes da fl 27 demonstram a grande incidência dos universitários – particularmente da UnB – no esquema tóxico-subversão e, a documentação apreendida, define o processo de **intoxicação** marxista a que estão sendo submetidos e o esforço que vem sendo feito na UnB em particular, tendo em vista, colocar os estudantes – apesar de todos os esforços do Governo em seu favor – como um grupo hostil à Revolução e aliado – consciente ou não – do MCI e dos brasileiros adeptos que, de qualquer modo, querem implantar no BRASIL, uma revolução marxista.

Se verdadeira as declarações dos implicados quanto ao procedimento dos professores de Sociologia, sem dúvida, tal fato, é uma contrafação aos Objetivos Nacionais instituídos pelo GOVERNO REVOLUCIONÁRIO – agente dos postulados da REVOLUÇÃO DE 1964 – em direção ao desenvolvimento democrático, a Justiça Social e a Soberania Nacional.

Não se entende o governo perseguir objetivos nitidamente firmados – nos campos econômicos, social e político – nas tradições democráticas e cristã do povo brasileiro e, ao mesmo tempo, numa universidade mantida por esse próprio governo, uma mentalidade baseada nos princípios marxistas e fundamentalmente contra a sua política estar sendo desenvolvida. (Ibid, p. 31, grifo do autor)

O relator menciona as estatísticas apresentadas anteriormente como uma evidência da "grande" incidência dos universitários no processo de "intoxicação marxista". Com esse termo faz a união das duas coisas em um conceito só, um só processo. Processo esse no qual os estudantes estavam "sendo submetidos". Ou seja, silencia-se na análise e exclui-se do registro a liberdade de escolha do próprio indivíduo em usar psicotrópicos ou ser marxista, sendo tal fenômeno concebido como uma tática desenhada pela MCI e adeptos.

Há uma cobrança do esforço da UnB em coibir isso, pois ela estaria, conscientemente ou não, colocando seus estudantes contra a "Revolução" militar. Talvez por isso esse documento estivesse na reitoria, onde foi encontrado pela primeira vez. Tal situação é declarada uma "contrafação" – simulação, fingimento, reprodução fraudulenta – aos Objetivos Nacionais instituídos em 1964 e firmados nas tradições "democráticas" e cristãs, pois a Universidade mantida pelo governo estaria formando uma mentalidade baseada em princípios marxistas contrários aos seus objetivos. A Universidade e seus estudantes estariam se "desviando" de seus objetivos funcionais de aperfeiçoamento para a indústria e o mercado de trabalho, pois estaria se "intoxicando com marxismo".

E tudo isso acontece embora esteja o Governo ciente da ação do MCI quanto à utilização dos tóxicos no meio estudantil para degradar a juventude e favorecer a subversão e ainda



que os órgãos encarregados da Segurança Interna já tenham recebido instruções e informes sobre o problema que por suas implicações é considerado da máxima importância para a Segurança Nacional. (Ibid)

O uso de psicotrópicos e tudo que é considerado como degradação da juventude (degradação dos costumes e da cultura), é apontado como de máxima importância para a Segurança Nacional. Ou seja, essas "degradações" não eram um objetivo secundário do combate à subversão, mas primário e de máxima importância.

A desinformação, a manipulação em massa de fatos e opiniões serve para destruir o senso de orientação no mundo, negar o que é conhecido e estabelecido e destruir aquilo que se quer negar. O *Relatório Especial de Info n° 03/73* representa tudo isso. Ele destrói as linhas divisórias entre o que acontecia com os estudantes, as repúblicas e a UnB e as fantasias de conspiração comunista internacional. Ele nega também o conhecido e estabelecido, isto é, que alguns estudantes eram marxistas, opositores ao regime, usuários de psicoativos, homossexuais, hedonistas, eróticos e desviantes do seu "objetivo" de aperfeiçoamento para o mercado de trabalho, por sua livre escolha individual e não devido a uma tática psicologizante e conspiratória que excluí toda a contingência e liberdade dos mesmos, como se quer afirmar. Nega também o conhecido e estabelecido (até entre os órgãos repressores) de que a Universidade de Brasília naquele momento estava "tranquila", não se constituía em um perigo para a Segurança Nacional. Transforma a tranquilidade num encobrimento, mais uma arma, um perigo. Por fim, ele destrói tudo aquilo que se quer negar, ao instituir um único discurso autorizado: o da repressão; e destruir a individualidade das pessoas e sua alteridade.

O documento representa também o que significou o combate à subversão, ou seja, uma caça aos trabalhos de base e aos militantes recolhidos, mas também uma caça aos usuários de psicotrópicos, aos pobres, a não-brancos, às pessoas LGBTs, às artes e a cultura, em suma, a todos(as) que viviam diferente e pensavam diferente do ideário da ditadura e que rompiam com sua cultura do medo. A repressão enquadra tudo isso como subversão, como perigo, transforma-as em um estorvo, um tumor a ser remediado ou removido, isto é, isolado e/ou exterminado.

Numa sociedade engrenada pela guerra e lubrificada pelo medo, pelo sigilo, o isolamento e a atomização; talvez pregar a paz, o amor e a fraternidade entre as pessoas se tornava a maior das subversões, pois rompia com a dinâmica da guerra, tirava os lubrificantes de sua engrenagem. Esses "hereges", a repressão prega na cruz e chama os urubus<sup>140</sup>.

---

140 Referência à música Hino de Duran de Chico Buarque

## Capítulo IV - Hino de Duran

E se definitivamente a sociedade /só te tem desprezo e horror/E mesmo nas galeras és nocivo,/és um estorvo, és um tumor/A lei fecha o livro, te pregam na cruz/depois chamam os urubus [...]//Se pensas que pensas estás redondamente enganado/E como já disse o Dr. Eiras/vem chegando aí, junto com o delegado/prá te levar...<sup>141</sup>

A canção Hino de Duran representa a dinâmica da repressão, que sequestra aqueles que pensam, ou são tidos como um "estorvo", com seus "braços de estivador", ou seja, tratando-os como perigosos objetos ("elementos") desumanizados. Neste capítulo vou expor um pouco dessa dinâmica, bem como apontar para alguns dos lugares para onde as pessoas eram levadas em Brasília.

Após sessões de interrogatórios e torturas ao longo dos dias, Aurélio encontrou um giz onde escreveu uma frase. Segundo seu depoimento:

Achei um pedacinho de, sei lá, um gesso, qualquer coisa assim, e escrevi uma frase na parede da cela. Eu acho que era uma coisa assim: "Eu me sinto uma caneca vazia boiando no rio, no mar", alguma coisa assim, é uma frase... Aí eles me pegaram essa frase, veio um psicólogo, veio um psicólogo, que eu tava meio já, assim... psicologicamente abalado, porque eu tava realmente muito abalado psicologicamente, porque eu não tinha o que falar, esse que é o meu problema. Não adiantava me perguntar que eu não tinha o que falar objetivamente. (MICHILES, 2015)

Essa frase parece representar um sentimento de deriva, isolamento, de não se chegar a algum lugar. Depois que o "psicólogo" atestou que realmente estava muito abalado psicologicamente, foi largado no meio da estrada entre Brasília e Belo Horizonte:

Olha, eu sempre na minha cabeça achei que passei uns 20 dias, eu hoje acho que não passei 20 dias, devo ter passado uns 15. E aí eles me largaram na estrada entre Belo Horizonte e Brasília, num posto de gasolina. Eu tive que pedir carona com uma mala de Manaus, que eu vim de Manaus, pra voltar pra Brasília, fui direto na casa de um grande, de uma família amiga minha de muitos anos[...] (Ibid)

Ficou aproximadamente 15 dias raptado. Sobre o local para onde foi levado, Aurélio tem algumas impressões, segundo seu relato:

Esse meu por exemplo não pode ser o PIC porque ele era muito limpo, parecia que tinha sido recém construído, a cama inclusive era de concreto. A cama era de concreto dava pra ver isso.[...] Comigo eu ouvia muito uma música do Milton Nascimento que ficava tocando o tempo todo e... era uma cela, inclusive ela não era muito velha, você via que ela era recém construída mas já tinha coisas assim, marca de sangue, tinha alguns desenhos, alguma frase

---

141 Trechos da letra da música *Hino de Duran*, 1979. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45134/> . Acesso em: 04/05/2017.

sabe? Coisas que eu acrescentei lá, eu te falei que eu escrevi a minha frase lá e deixei. E depois disso foi motivo de muitos interrogatórios.[...] Eu posso dizer que eu ouvia barulho de avião o tempo todo. Foi em Brasília. Eu tenho a impressão que eu fiquei, isso é uma fantasia minha, mas assim, eu tenho a impressão que eu fiquei no mesmo lugar onde tava preso o Genuíno, porque, aí eu não sei, se ele ficou no Exército, se ele tava na Aeronáutica, ou se eu tava achando que estava na Aeronáutica mas eu tava no Exército, não sei, mas eu fui preso pela Aeronáutica, entendeu? Agora todo mundo que... esse pessoal que foi preso depois de mim, todos foram preso no Exército, foram levados pro PIC. Levaram muita porrada. Eu não sei se me levaram pro PIC, é nebuloso isso... eu fui preso pela Aeronáutica, tá no documento. (Ibid)

A cartografia da ditadura e resistência do relatório da CATMV lista o PIC/Batalhão da Polícia do Exército como o principal lugar de tortura no DF, numa rede integrada de aparelhos; tendo sido inclusive "modernizado, adaptando-se como um centro planejado para torturas" ainda antes de janeiro de 1969 segundo relato de dois estudantes que "inauguraram" o lugar reformado (CATMV, 2015, p. 137). Segundo as impressões de Aurélio, muito provavelmente não foi levado para o Pelotão de Investigações Criminais (PIC), porque ele era muito limpo e parecia ter sido recém-construído com cama de concreto. O barulho de avião o tempo todo talvez indique um lugar próximo ao aeroporto de Brasília.

No caso de Romário, também não houve nenhum processo ou prisão posterior. Segundo seu relato:

Enfim, aí eu fiquei desaparecido 25 dias do banco, da UnB e da república. E os outros todos foram presos, todos. Foram mais de 100 estudantes da UnB presos nesse período aí, durante o mês de setembro. A minha amiga que morava comigo que era uma ex-militante da VAR-Palmares, ela também ficou presa, ficou 30 dias presa e nós dois fomos torturados, terrivelmente torturados. E ela tinha lúpus, ela tinha uma doença, ela sofreu muito. E aí quando eles concluíram que não passava de um... Podia até ter algum sentido a conclusão deles de que era uma conspiração internacional, um comunismo internacional para envolver a juventude brasileira, mas não formalizou nenhum processo, eu não tenho nenhuma, não fui julgado, não fui nada. Eles mandaram a gente embora, devolveram o meu carro, quando eu recebi o carro de volta eu vi que tinha uma placa fria dentro do carro. Eu morri de medo e joguei fora, mas eles usaram o meu carro pra prender outros estudantes, provavelmente algum estudante foi detido, preso e levado pra prisão no meu carro. (SCHETINNO, 2013)

Segundo ele foram mais de 100 pessoas detidas (a maioria foi detida e outras presas) nesse período, ou seja, o número de prisões foi muito maior do que consta no *Relatório Especial de Informação nº 03/73*. O relatório era uma cobrança da UnB, e apenas um relato parcial de todas as prisões que ocorreram no período. Para os que não tiveram algum processo, o mais certo seria denominar tais prisões como sequestros e cárcere privado, já que em realidade, tudo aconteceu clandestinamente e nada se formalizou. Do ponto de vista legal, não foram acusados e julgados por algum delito, mesmo por subversão. Essas pessoas foram sequestradas, raptadas pelo Estado. Romário encontrou placas frias em seu fusca e muito provavelmente foi o mesmo utilizado para levar Zuleica. Segundo

seu depoimento:

E aí essas pessoas que eu estou te falando que iam chegando porque tinha um coral. Naquela noite tinha também além do festival de cinema, tinha um coral da UnB. E muitas pessoas eram do coral, algumas pessoas que moravam na república também cantavam no coral. Então começou a chegar gente de outras repúblicas ali na 312 mesmo, que tinha ido pra passar, vou pegar o pessoal dali pra ir todo mundo pro coral. Essas pessoas que iam chegando, iam ficando. Eles iam segurando, não saía. Eu não sei porque quando eles me levaram, eu não sei se essas pessoas chegaram a ser presas ou se só ficaram ali, o que eu sei é que elas iam ficando, elas não saíam. Era tipo arapuça, que ia chegando e ia ficando, ia chegando e ia ficando. Então tá. Aí quando entrou no fusca eles botaram capuz, e botaram no chão. A gente foi no piso do carro, no piso do carro. E rodou, rodou, rodou, rodou até, bom e aí levaram a gente pro PIC. Eu sabia que era o PIC, eu não sei como é que eu sabia mas eu sabia que era o PIC. Enfim, entramos com capuz, acho que fui saber que era o PIC depois que eu já tava lá dentro, acho que sim, enquanto eu tava indo eu não sabia aonde eu tava indo, que eu tava com capuz (PORTO, 2014).

Como vimos em depoimento anterior, os agentes não estavam identificados, encapuzavam os detidos de forma a não saberem pra onde iam e estavam prendendo os estudantes de forma generalizada, baseados em suspeitas difusas. Seguiam uma estratégia de não deixar nada, ou seja ninguém, de fora da margem de suspeita que era continuamente alargada. Em realidade, as prisões da 312 norte tiveram uma prévia pela Polícia Federal:

Então, um belo dia, como eu já contei, naquele dia te contei, a gente ia felizes e contentes pela W 312 norte, pra tirar, bater retrato 3x4 pra tirar carteira de identidade, a meia, a carteira da UnB. Servia pra o restaurante, pra biblioteca, pra cinema, todo mundo tava doido atrás da carteirinha. A carteira era tirada a cada semestre, não era uma pra vida inteira. E aí, quando a gente tava indo pro ponto do ônibus, ali na W3, parou uma rural, Rural Williams verde e branca parou do nosso lado, e botou todo mundo pra dentro da Rural. [...] Não falaram nada, só “entra no carro, vamo” e fomos. Tavam identificados como policiais e fomos pra Polícia Federal. E chegamos lá, passamos por lá pelo negócio de fichar, todo mundo tirou a roupa, foi todo mundo revistado, esse negócio todo, completamente bem revistado, um negócio horrível pra mim, chocante, super chocante porque, nada né? Só pra você imaginar, o meu estranhamento daquilo tudo é aquela coisa das pessoas tinham que fazer as necessidades, era um absurdo pra mim aquilo, eu nunca tinha visto aquilo. Aí a gente ficou sem saber, eu não entendia nada, ninguém falou nada. A gente ficou uma noite, tava de tarde quando a gente foi levado pra lá e teve essa coisa dessa fila, dessa identificação, de não sei o quê, fotografar, e botaram a gente numa cela. Levaram uma comida, e a gente achava, eu achava que era por causa de maconha, entendeu? Embora a gente nem tivesse. Eu já achava que era porque você fica completamente confuso, confuso, não disseram nada. E aí, no dia seguinte, a gente passou a manhã lá, almoçamos lá ainda, comemos lá, e depois levaram pra uma coisa lá com o delegado. Não foi um depoimento porque ele não perguntou nada, ele não, sabe? Ele só fez um escarcel danado, sabe? Era uma figura... dessa figura eu me lembro muito bem, era uma figura meio histriônica assim, sabe... [...] Ele falou: "Olha aqui! Olha aqui! Olha isso daqui! Isso é pico! Isso é pico!", desse jeito: "Isso é droga! Isso é droga!" Aí olhava o olho assim, saca, fazia assim no olho da gente e falava: "Ficou vermelho! Não sei o quê!". Entendeu? Assim, era um... pra mim era uma encenação aquilo. [...] E depois dessa pantomima toda a gente voltou pra cela, daqui a pouco vieram e levaram a gente embora, soltaram na W3. Tudo isso, até aí, não tinha algema, não tinha capuz, não tinha nada. Normal. (Ibid)

Apesar dessa detenção anterior também ter sido arbitrária, nota-se a diferença entre as duas,

em que os policiais estavam identificados, houve um registro e mesmo alguma acusação. Segundo Zuleica, quando foram levados pela Polícia Federal não lhes falaram ou explicaram nada do porquê de suas detenções. Não houve um interrogatório, mas um "escarcel" incriminador que Zuleica qualificou como uma encenação. Zuleica recorda-se que quando ia ser interrogada era deslocada do PIC. Segundo seu depoimento:

E aí me levaram, de novo, com capuz, pra um lugar que eu não sabia que lugar era; eu sei que viajei de carro de novo, rodei, rodei de carro, sempre de capuz, não sabia onde era. Então, e lá começaram a fazer um monte de pergunta que eu não sabia responder. Começaram a me mostrar um monte de foto, de muita gente. E não era o PIC, no PIC eu nunca fui interrogada. Era sempre em outro lugar. Eu sempre saía de capuz, entrava no carro, rodava, rodava e rodava. (Ibid)

Ficou quase um mês sequestrada<sup>142</sup> nessa dinâmica ser deslocada para ser interrogada. No último dia descobriu para onde era levada, segundo seu depoimento:

O lugar do interrogatório é no último dia, isso que eu vou te falar, no último dia tiraram o meu capuz. Foi a única vez que tiraram meu capuz pra eu ver a pessoa que tava me... não era... era um, eu acho que era uma pessoa graduada lá. Não sei qual era mas tinha na aparência de, sei lá, major, sei lá, uma pessoa aí alta. E eu vi, era uma sala... aí eu já não tava nesse lugar que eu acho que eram os interrogatórios porque esses lugares onde eram os interrogatórios você descia uma escada, tinha um movimento de escada, descia uma escada. E nesse, eles me levaram pra um lugar que eu subi, ao invés de descer eu subi. E aí quando tiraram o capuz eu vi o Ministério da Marinha do lado, vi as persianas azuis do Ministério da Marinha, então era o Ministério do Exército. Claramente eram as persianas do Ministério da Marinha porque elas eram de outra cor, elas eram azuis. Então eu tava na esplanada. Foi aí que eu entendi que eu estava na esplanada. E aí esse camarada falou que, não falou que eu ia sair, ele falou: "Ah! Então você quer dizer que então é isso e isso é tudo, não sei o que" você: "não, é... Isso é tudo, eu não sei", "Então quer dizer que você ficou aqui esse tempo todo por engano?". Isso é foda... "Eu não sei", eu falei: "Eu não sei, eu não sei porque que eu tô aqui, não sei". Bom, e aí fui embora, e aí botou o capuz de novo e foram me levar. E aí no dia seguinte eles me soltaram no Eixão. No Eixão, na altura da 312. Aí não era fusca, era uma camionete dessas camionetonas que era que levava, essas camionetes que tinha na época, não sei a marca, enfim, e disseram: "Corre! Não olha pra trás e corre!". Saí correndo pelo eixo. Fui pra minha casa. (Ibid)

Romário também foi levado para o Ministério do Exército e posteriormente para o PIC, para se recuperar da tortura<sup>143</sup>. Segundo seu depoimento:

PIC é no Exército ali no Setor Militar Urbano. Invés de ir pro Cruzeiro, não tem um

---

142 "E aí eu passei quase um mês, faltou pouco pra completar um mês, acho que faltou dois, três dias pra completar um mês" (Ibid)

143 "Quer dizer, eu não sei nada além do que está escrito nesse relatório. Porque eu não vi as pessoas, eu não vi nenhum interrogador, nenhum torturador, não via quem é que tava me entrevistando, e não sei aonde é que eu fui, onde é que fui parar? Eu hoje, assim, concluo que foi no Ministério do Exército, ali no subsolo do Ministério do Exército, porque eu lembro de olhar por baixo do pano aquelas persiana que são típica de todo ministério. Eu concluo que seja no Ministério do Exército porque o Exército tava envolvido nisso. E o PIC, também teve um período que eu fui parar no PIC pra me recuperar da tortura, porque eu fui bastante torturado então eles deixava a gente de molho assim pra..." (SCHETTINNO, 2013)

negócio assim lá? Aquele negócio é um quartel imenso. Eu suponho que seja lá porque, eu ouvia toque de militar, aquelas cornetas, sempre tocam quando chega um general, ou um coronel. Então, e tive uma crise de rins nesse início que eu passei lá, eu tive que ficar gritando e gritando até aparecer um médico militar. Ele me enfiou uma injeção na veia que me curou, parou a dor pelo menos. Então esse é um período que tem a ver com a cidade aquele momento, e com essa loucura que era estudar na UnB num regime militar autoritário. (SCHETINNO, 2013)

Muitas das pessoas presas nessa operação estavam sob constante vigilância. O enquadramento delas no rótulo de subversivo começa assim, enquanto estão sendo observados por espões, que iam localizando e priorizando alvos de acordo com o que dizia seus informes e manuais. Segundo Zuleica, em seu depoimento:

Sim. Aqui dentro. Sim, tinha. Tinha na sala, tinha na sala porque eu ficava muito, tinha muitas árvores ali na parte de cima, não tinha ainda o IDA, tudo isso eram árvores. E eu ficava muito deitada ali com os amigos depois do almoço, a gente comia no bandeirão, deitava debaixo das árvores e ficava conversando. E eles sabiam, eles sabiam que eu ficava conversando, e isso, queriam saber o que quê se conversava. Era um amigo que eu tinha, gostava de filosofia, ficava falando de Platão! Eu disse: "tava falando de Platão...". O cara não ia acreditar que eu tava falando de Platão. Tinha que tá armando um... né? Sim, sabiam sim. Sabiam onde eu tava, com quem eu tava, por onde andava. Igual o que eu tava te falando: fila do cinema! Fila do cinema? É tão absurdo, né? Dentro do carro, foto dentro do carro, sabe? Não sei, eram equipamentos sofisticados que pegava a pessoa com uma lente, com, eu acho, com tela objetiva. E depois tudo que me ficava passando pela cabeça era assim, como é que po[de]... quanto esforço foi... quanta gente, quanto esforço... pra tanta gente, né? Eles aí falam 35 aí, 34. E aqui a gente dizia, sabia o boato de 150. Quando eu cheguei, o boato que rolava é que 150 pessoas tinham sido... talvez com esses esporádicos. Não dá pra saber mas o boato que rolava era 150, 150 pessoas tinham sido presas da Universidade toda. (PORTO, 2014)

As fotos que lhes foram apresentadas<sup>144</sup> mostravam que eles eram vigiados não apenas no *campus*, como eram seguidos e espionados pela cidade, sendo fotografados enquanto andavam de carro e na fila do Cine Cultura. Segundo Romário Schetinno, em seu depoimento:

E um dos caras que me vigiava, que me prendeu, inclusive comentou assim, durante um depoimento, que andava atrás de mim há muito tempo, que ele sabia todos os lugares que eu ia, que ele me via entrar em todos os apartamentos em Brasília e que eu andava muito rápido de carro [*risadas*], que eu andava muito correndo, que ele tinha dificuldade de me achar [*risadas*], mas eu não sei quem é. Aí vai procurar saber? Pra que? Só pra saber quem é? Aí eu prefiro nem saber. (SCHETINNO, 2013)

Armando Rollemberg estava em seu emprego na Veja quando vieram para buscá-lo. Segundo seu depoimento:

---

144 "Aí é isso, eles começavam a perguntar que agremiação eu fazia parte, eu dizia que não fazia parte de agremiação nenhuma. Se eu conhecia as pessoas, eu conhecia, eles me mostravam as fotos e eu conhecia. Tinha uma menina chamada [...], perguntava muito dessa [...], mas eu conhecia assim, eu não sabia que ela fazia, eu conhecia daqui, da porta do cinema. Então tinha foto. Dentro da sala de aula tinha foto, tinha foto na fila do cinema do Cine Cultura, eu conversando com determinada pessoa. Aí eles queriam saber o que eu tava conversando com aquela pessoa, eu não sei, não..." (PORTO, 2014)

[...]e eu estou fechando minha matéria na Veja, quando recebo um telefonema da portaria, Edifício Central onde funcionava a Veja, era Edifício Central. E aí, o porteiro lá: "Olha, tão lhe chamando aqui embaixo", eu disse: "Manda subir", "Não, não, ele pediu pra você subir, pra você descer". Quando eu desci era a polícia eles **TCHU**, me pegaram. A minha sorte foi que o motorista da Veja tava, e eu ainda tive tempo de dizer a ele: "O Chico! Eu estou sendo preso! Vocês tão me levando pra onde?", "Pra censura!", "Ó! Diz aí pro Pompeu que eu estou sendo levado pra censura". Levaram pra censura porra nenhuma. Me encapuzaram, me jogaram dentro de um porta mala de um automóvel. Só que pra sorte minha, Pompeu estava junto com o Castelinho, e os dois imediatamente começaram a se mobilizar. Ligaram pra quem, pras minhas novas fontes, que já eram minhas fontes, novas mas eram. Thales Ramalho, Francelino Pereira que era presidente da ARENA, Thales era o secretário geral do PMDB e o Francelino era o Presidente da Arena. Então, e os dois começaram ligar pra cá, ligar pra lá, ligar pra, ligaram pra meu pai que era ministro no Supremo Tribunal Federal de Recurso. E aí começaram a se mobilizar. E enquanto isso eu fui levado pra um lugar, que depois nós viemos a checar, aqueles que tinham sido torturado naquela época, pra saber onde é que era, e nós passamos a ter certeza que era na Esplanada dos Ministérios, na Marinha, onde tinha uma sirene que tocava, identificava a sirene e tal. Aí tinha uma, uma descida assim de cimento, uma garagem, e lá me colocaram de pé encostado, tiraram o capuz e botaram um esparadrapo assim na cara, e ouvi os gritos do pessoal sendo torturado, reconheci a voz do (...), que era gay, que é gay, ainda hoje ele... Apanhou pra caralho coitado... Foi muito digno o (...), eu tiro o chapéu pra ele. Porque apanhou pra caralho. E com a firmeza os caras massacrando ele porque ele era gay, pior ainda. (ROLLEMBERG, 2017)

Armando reconheceu a voz de um amigo enquanto estava sequestrado e que foi massacrado, devido sua orientação sexual. Segundo um trecho do depoimento dessa pessoa à CATMV:

“Fui muito torturado. Choque, soco na barriga, varetadas na canela, insultos, tortura psicológica. O tempo todo de capuz. Não podíamos deitar. Eles não nos deixavam dormir. Nos interrogatórios, preocupavam-se em saber quem fazia trabalhos clandestinos, quem fumava maconha e quem era homossexual. Fizeram roleta russa comigo”, afirma o ex-aluno da UnB, que nunca teve uma acusação formal que justificasse a sua prisão. (CATMV, 2015, p. 163)

Essas torturas ocorriam em plena Esplanada dos Ministérios, na garagem e subsolo do Ministério do Exército (Ibid, p. 253), ao lado do Ministério da Marinha. Enquanto estava nesse lugar, Armando ouviu quatro ou cinco pessoas que também estavam sendo torturadas, segundo seu depoimento:

Eu fiquei durante uma hora assim em pé, e quando começaram o interrogatório, me deram uns quatro choques na mão, e começaram a me interrogar e de repente pararam. Eu fiquei mais umas três horas em pé lá. Sem ver nada, só ouvindo os gritos. Tinha um monte de gente sendo torturada lá, umas quatro, cinco pessoas. Aí de repente, já era de noite, era bem de noite, era mais de meia noite, me colocaram num carro, também aliada sem ver nada, me jogaram lá na, umas três quadras da minha casa e me ameaçaram: "Se vazar alguma coisa a gente vai te pegar de qualquer maneira e tal-tal-tal". Aí eu fui caminhando pra casa, cheguei meu pai e minha mãe apavorados, e depois eu reconstitui a história. Quando Castelinho e Pompeu começaram a acionar, ligar pro meu pai, ligar pra Francelino. E o General Bandeira, que era o diretor da Polícia Federal, então, recebeu meu pai. Por interferência direta dos outros. Meu pai me contou "Meu filho! O General abriu uma pasta dessa

grossura com você lá! Filho...", eu disse: "Meu pai, o senhor me conhece, minha vida é de estudante!", "Não meu filho, mas tem lá umas coisas contra você". Um dossiê contra mim [risos]. Tudo misturado, dizia a questão da maconha, da viagem e tal, como se fosse um cara altamente perigoso. Tinha do *Cidade Livre*... não, o *Cidade Livre* ainda não existia, da *Tribo* dessas coisas da UnB, DCEs, ou seja aquela coisa... Segundo meu pai era assim, desse tamanho. Meu pai: "Meu filho como é que você me esconde essas coisas?", "Meu pai, não escondi nada do senhor! Minha vida é essa, você conhece, sabe da minha posição e tal". Bom, foi... nunca vou me esquecer disso. (ROLLEMBERG, 2017)

A mobilização de suas fontes jornalísticas e de seu chefe fez com que a intervenção do diretor da Polícia Federal interrompesse seu interrogatório. Ele depois foi largado perto de casa e ameaçado, coagido a não denunciar e tornar público nada do que se passou. Isso mostra que esses postos mais altos estavam cientes do que acontecia, e quando era preciso ou requisitado por pessoas "certas", era possível se fazer uma intervenção nos interrogatórios clandestinos. Não era algo que acontecia de forma alheia ao conhecimento desses comandos. O general Bandeira mostrou ao seu pai de Armando um enorme dossiê sobre ele, misturando tudo e onde Armando era retratado como altamente perigoso. Era também vigiado desde o ano anterior. Sobre o interrogatório, segundo o depoimento de Armando:

Bom, foi nesse período que também as repúblicas foram todas devastadas e tal, e o pessoal sofreu pra caralho, apanhou pra caralho, muita gente ficou muitos dias preso, tortura correndo solta mesmo, porrada mesmo, mesmo, porrada. Mais de 100. [...] E misturavam tudo, no interrogatório queriam saber de Ana Lúcia. Que aí tinha aquela história que a Ana Lúcia, tinha sido o filho do Buzaid, que depois teria aparecido lá em Londres, teria sido um dos autores do assassinato. Então eles tavam querendo saber de toda maneira, da questão, e eu me lembro, eles fizeram várias perguntas: "Mas eu não sei de nada da Ana Lúcia". Pra além da questão política eles me envolveram essa coisa da Ana Lúcia no meio. [...] Eles me perguntavam muito o que eu tinha feito no Chile, com quem eu tinha encontrado, se eu tinha vinculação, com quem e tal, exílio, Darcy Ribeiro, ficavam assim: "O que! Você teve e tal! Que quê você conversou lá?". E essa coisa. E de repente surgiu: "E Ana Lúcia!? Sabe da Ana Lúcia!?", "Não sei de nada". (Ibid)

No dia 11 de setembro de 1973, Ana Lúcia<sup>145</sup> foi dada como desaparecida e seu corpo foi encontrado às 13h do dia seguinte. Pelo relato de Armando, conclui-se que foi levado para ser interrogado nesse mesmo dia, já que lhe perguntavam onde Ana Lúcia estava. Ou seja, Armando foi levado um dia depois que o *Relatório Especial de Info nº 03/73* foi circulado entre os órgãos de repressão. Ao longo do relatório, Armando é mencionado diversas vezes, construindo-se uma imagem sua enquanto perigoso. Essas coações e perguntas sobre Ana Lúcia poderiam ter sido uma encenação visando responsabilizá-lo pelo crime.

---

145 Ana Lúcia foi sequestrada do Colégio Madre Carmem Sallés, onde seus pais a deixaram às 13:00 do dia 11 de setembro de 1973. Foi torturada, morta por asfixia e estuprada. Seu corpo foi encontrado em um terreno da UnB às 13 horas do dia 12 de setembro. O principal suspeito era Alfredo Buzaid Júnior, filho de um Ministro da Justiça na época. A ditadura militar abafou o caso. Foi reaberto 13 anos depois, mas até hoje não houve um desfecho ao caso e ninguém foi punido pelos crimes. (CASO ANA LÚCIA, 2017)



Percebe-se que em todos os casos relatados há uma dinâmica de criminalização dessas pessoas. E no final das contas foram todas sequestradas, torturadas, devolvidas e coagidas. Elas já eram espionadas desde o ano anterior e não houve propriamente um delito cometido seguido de uma repressão, mas um cerco que foi se fechando. De certa forma os agentes estavam fazendo um estudo dessa juventude, vigiando, observando e fazendo conclusões a respeito dos comportamentos, hábitos e o cotidiano dessas pessoas. Bem como conhecendo suas vidas, suas mentes, seus segredos mais íntimos. Pois sem esses, o poder pastoral (ou governo da individualização) não se exerce, não explora almas. Segundo Aurélio, em seu depoimento:

Eles mostraram pra mim, isso era no final, acho que no penúltimo dia senão me engano. Eles mostram pra mim um organograma da repressão e iam mostrando que eles tinham acabado, dizimando cada uma daquelas organizações, e que nós ali, nós fazíamos parte de um espectro ainda não compreendido, mas que eles tinham certeza que nós merecíamos ser exterminados. [...] No final, depois de terem falado sobre esse organograma, eles começaram a fazer perguntas bobas, sabe? Que eu não entendi, assim: "Ah! Você não é brasileiro, vocês são comunistas, você não sabe nem quantos quilômetros tem o Brasil, quantas", sabe? Coisas desse tipo assim. E isso uma vez por dia. Aí começava toda conversa sobre isso. Falavam: "seu maconheiro, seu filho da puta, seu índio"! Falava índio pra mim: "seu índio, vagabundo, maconheiro". Essas eram expressões mais delicadas que eles usavam. (MICHILES, 2015)

Ou seja, estavam tentando entender essa juventude alternativa de acordo com seus informes e manuais, bem como junto a um organograma de organizações que estavam sendo dizimadas. Em meio a interrogatórios que não faziam sentido aos interrogados, junto de coerções físicas, psicológicas e morais, em que se evidencia racismo, homofobia, moralismo e demais preconceitos.

Os agentes da repressão não estavam apenas punindo delitos ou averiguando a "realidade dos fatos", mas estavam punindo e buscando controlar convicções e vidas. Isso se evidencia com a ida de um coronel ao apartamento 312 depois das prisões. Segundo Romário Schetinho, em seu depoimento:

Um coronel foi lá em casa na 312, depois que nós fomos libertados ele foi lá em casa pra dizer que nós devíamos mudar de vida, que aquilo não era vida que se prestasse [*risadas*], que a gente tinha que ir embora, que isso daqui era Brasília e não era pra gente, não sei o quê. Ficou insinuando assim, se ficasse aqui a gente iria correr algum risco. E aí a pressão aumentou, e aí a paranoia aumentou, toda hora eu ficava andando achando que tinha alguém me vigiando. (SCHETINNO, 2013)

O coronel exerceu um poder que não busca apenas "cuidar" da comunidade (a UnB), mas de cada indivíduo em especial (os moradores da 312). Depois dos sequestros, cativos e tortura, foram coagidos a mudar de vida ou mudar de Brasília, em seu próprio lar. O coronel reforçava também a imposição do silêncio, pois os agentes repressores não queriam que essa história viesse a

público. Segundo Zuleica, em seu depoimento:

Esse momento que você diz que o camarada foi, que você soube, que o camarada foi no apartamento e mandou todo mundo embora, eu não tava. Eu não fui ameaçada de sair, eu queria sair com todo mundo porque era insuportável ficar no começo, mas não fui. Não fui porque tinha minha família, eu era muito ligada com a minha família no Ceará e não tive coragem, tipo assim, não tive coragem, dava vontade mas não me pediram pra ir embora não. E aí quando eu voltei pro meu trabalho no Ministério do Trabalho, o cara me chamou lá também pra dar um sermão. Pra dar um sermão, pra tipo, dizer que agora a vida era outra e não sei o que, sabe? Então de tudo isso eu penso assim: foi um engano? Sabe, eles não tinham nada pra tirar de mim, eles não tinham nenhuma informação pra tirar de mim, nada, nada. A única coisa que eu tinha era a vida que não agradava. Não tinha cara! É claro que eu lia mas e daí? Eu lia... (PORTO, 2014)

Vemos aqui a mesma imposição e cobrança para mudar de vida. Queriam tirar a vida que não agradava, por meio de coerções e posteriores ameaças. Uma imposição de vida junto a um "convite" para se retirar de Brasília. Remediar ou tirar, separando e isolando.

Podemos caracterizar a espionagem e coerções como um instrumento panóptico de poder, onde se induz às pessoas "um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder" (FOUCAULT, 2014, p. 195), em que se tem a certeza de que se é vigiado e, ao mesmo tempo, essa vigilância se torna indecifrável. Isso já ocorria de antes das prisões, com a imposição visual de poder em Brasília por meio de policiais armados nas ruas, tanques de guerra e cachorros. Ao mesmo tempo, nunca se tinha certeza de que se era vigiado, pois isso era feito por espões.

Às pessoas que foram arbitrariamente presas, violentadas e posteriormente ameaçadas, ocorre uma imposição do poder disciplinar por meio da punição. Pois essas pessoas estavam rompendo com o funcionamento do poder com seu estilo de vida, desagradando assim a vigilância e a disciplina, pois tinham uma vida que não agradava e que foi enquadrada enquanto um "desvio" das normas impostas pelo regime. Após a punição, houve um reforço da certeza de que eram vigiados, por mais que poderiam não mais estar sendo, re-automatizando a imposição de poder. Para a experiência dessas pessoas, Brasília revelava-se uma própria distopia panóptica disciplinar. E com muitos recursos sendo gastos para vigiar, prender e punir as pessoas. *Desencantando, quantificando, mecanizando* seus mundos e suas almas com uma *abstração racionalista e dissoludora dos laços sociais*. Segundo Aurélio Michiles:

Aí caía a ficha, é o outro lado da utopia. Você acha que na sua cabeça, na sua utopia você tá liberto, que os caras vão entender a tua liberdade interior. Na verdade os caras tavam cagando e andando pra sua liberdade interior, eles queriam arrancar sua alma, eles queriam ver você sem alma. Naquele momento era um momento barra pesada, eles tavam matando todo mundo, no campo e na cidade. O contexto da nossa prisão é que eles tavam dizimando o Araguaia e dizimando os grupos urbanos. Tá aí o Honestino nesse momento, o Thomaz

Muitas dessas pessoas foram embora de Brasília, pois para elas tornou-se insuportável continuar. Segundo Romário Schetinno:

Assim, na essência pra mim pelo menos mudou, eu acho que pra algumas pessoas houve uma mudança, assim, elas ficaram com muito medo, ficaram aterrorizadas e sumiram, desapareceram. E mudaram inclusive de linha de pensamento, assim, a (...) por exemplo, que era essa menina que estudava comunicação e era uma militante de esquerda, hoje é uma católica absolutamente estranha, esquisitíssima. Casou com um homem riquíssimo em São Paulo e é uma pessoa es... eu não conheço, não reconheço mais. Mas as outras pessoas que foram afetadas por essa operação militar na UnB, sofreram todo tipo de prejuízo, assim, na vida. Primeiro porque elas foram obrigadas a sair de Brasília. Um grupo foi pra Venezuela, outro foi pra Portugal, e outro foi pra França. Eu fui pra França nesse período, em 74 eu já fui embora. E os que ficaram, ficaram, assim, um pouco recolhido, esperando o Geisel desenvolver a tese dele [*risadas*]. (SCHETINNO, 2013)

Essas pessoas sofreram todo tipo de prejuízo possível: dissuasão de engajamentos, de empoderamentos e movimentos; conversão de convicções, dissolução de laços, medo, terror. Segundo Romário Schetinno:

O que me interessa nessa história é o que aconteceu naquele período. Nós temos uma relação muito crítica com a Universidade, que passa por esse momento. Foi um momento muito decisivo pra gente que mexeu com a vida de muita gente, muito estudante, no meio de 73. Foi uma operação militar, do exército, do governo, pra limpar uma área onde eles achavam que tinha muita, ainda alguns focos de subversão, de política. E como eles faziam uma investigação muito, tipo meio que por *voyeur*, eles ficavam vigiando as pessoas, o comportamento individual e coletivo, do ponto de vista mais restrito da individualidade. Então, o relatório do general, que depois eu posso te dar uma cópia, eu não tô com ele aqui não mas posso te dar uma cópia pra você, retrata bem esse momento, assim, no início de uma preparação de uma transição, que houve depois com Geisel, o Geisel foi estendendo lento e gradualmente, mas antes eles jogaram pesado, foi um negócio super violento, quer dizer, não foi uma presença militar de invasão como aconteceu nas outras, mas foi uma intervenção muito forte. E foram mais de 100 pessoas presas... (Ibid)

Essas prisões não se deram de maneira aleatória. Aproveitaram uma prisão para descarregar uma série de prisões e interrogatórios contra pessoas que já estavam sob um cerco de espionagem desde o ano anterior. Durante esse disparo, vários outros estudantes também foram detidos, presos ou sequestrados e violentados, por estarem próximos a essas explosões repressivas. Por mais que nem tudo tenha acontecido de acordo com o que tivesse sido planejado inicialmente, essa operação foi planejada e estudada, sobretudo disparada em um momento muito preciso. Quando as lutas armadas estavam sendo dizimadas e já estavam quase exterminadas, aos prenúncios da abertura política. Sentiu-se uma necessidade de fazer uma grande "limpeza" antes da posse de Geisel. Ao mesmo tempo, era preciso mais medo e violência para lubrificar as engrenagens da repressão. E encontraram o alvo perfeito para ser o inimigo predileto do momento. Segundo Romário Schetinno:

O fato é que essa preocupação com a UnB, desse momento, tava baseado nessas informações que o Exército tinha sobre cada um e sobre as repúblicas que se interligavam. Então o que unia essas repúblicas todas? Muito era maconha, era fumo, todo mundo ia fumar, tomar uma, visitando uns e outros. E eram pessoas que tinham mesmo padrão de vida mais ou menos parecido, mesmo que nas origens elas fossem mais ricas, em Brasília elas se igualavam. Porque moravam em república, eram estudantes, eram jovens, todo mundo tinha 21, 22 anos e tinha o hábito de fumar uma maconha. Tinha um outro viés que era o sexo grupal, eles ficaram extremamente incomodados de ver que esses jovens todos praticavam o sexo grupal, eles tinham uma relação sexual bem desenvolvida [*risada*]. Mas era um clima, Brasília... O mundo convidava. Desde 69, a revolução, a confusão em Paris e etc. E as ideias libertárias que o mundo começou a tomar conhecimento, criava esse caldo. Então, mesmo as pessoas que não era nem muito intelectualizada já se sentia um clima: o mundo tá mudando, essa ditadura não vai resistir, por mais que ela queira matar ou destruir as pessoas isso daqui vai continuar porque ela não tem futuro. (Ibid)

Essa operação foi o que no poema se chama ironia e na vida mortalidade. O brusco rompimento dos ritmos dos versos e das vidas.

Num dos depoimentos se sugere a possibilidade de que houve suicídios cometidos por pessoas que foram atingidas por essa operação pouco tempo depois de sua ocorrência. Por se tratar de uma questão delicada e por não haver nada de conclusivo sobre esses casos, opto apenas por indicar essa possibilidade sem dizer nomes e nem fazer referência específica ao depoente em questão. Faço essa menção apenas para se ter uma ideia do quão forte foi o trauma gerado por essa operação.

Não se pode falar de exageros e enganos. Pode se falar de projetos, falsidade, desumanidade e cinismo, principalmente fascismos. Destroem as linhas do real e do fantasioso, negam o conhecido e o estabelecido e destroem tudo que negam. E é isso que a desinformação faz: um gérmen de violência que desumaniza e destrói. Segundo Zuleica:

Mas aí a ideia que me veio, sabe, assim, quando começou essa marmota aí de [...] a marcha com Deus e não sei o quê, eu pensei assim: Cara! Muitas daquelas mulheres tiveram os próprios filhos depois presos! E mortos e tudo e não sei o quê, né? Então essas mulheres... Nem que seja por interesse **delas**, pessoal, do seu filhinho não sofrer esse tipo de... Entendeu? Porque é isso que eu acho que a desinformação faz. É você pensar que só o outro, só o sacana, só o viado, o comunista, o... (PORTO, 2014)

## Considerações finais

O *desbunde* foi um estilo de vida fundamentado no reencantamento do mundo pela união de vida e arte. Ligado à tradição de ruptura, tradição que nega a si mesma para perpetuar-se e que remonta às vanguardas e ao romantismo, o *desbunde* foi uma sucessão, em forma de manifestação e analogia ao romantismo utópico revolucionário libertário. Uma continuidade de sua estrutura de significados e sentimentos e, sobretudo, de sua visão de mundo autocrítica da modernidade. O *desbunde* foi, também, um reflexo do seu tempo, isto é, inscreveu-se no processo histórico transnacional dos movimentos contraculturais e das transformações políticas, sociais e culturais ocorridas nos anos 1960 e 1970. Herdeiros imediatos da alegoria surrealista da revolta alicerçada na poesia, na liberdade e no amor; esses movimentos se fundamentaram em um conjunto de ideias *underground*, em oposição aos sistemas de pensamentos convencionais de até então.

Esses movimentos foram dinamizados pelo imperativo de colocar toda a imaginação frente ao poder e mostrar tudo o que se pode ser, fazendo com isso, uma afirmação do direito de ser diferente das normatizações e enquadramentos impostos. Também fora fundamentado na recusa libertária a tudo aquilo que separa, fragmenta e domina a vida comunitária, uma espécie de negação e um ataque às deformações e representações mistificadoras, impostas às pessoas, aos efeitos de poder relacionados ao saber, à competência e à qualificação. Em suma, uma grande recusa ao estado de violência econômico e ideológico que ignora quem somos individualmente e busca determinar quem somos por abstrações racionalistas e normatizações que meramente quantificam, mecanizam e sujeitam as pessoas através de uma docilidade-utilitária dos corpos junto à desumanização excludente das alteridades às normas instituídas. Nessa concepção, a revolução parte do indivíduo em direção à sociedade, através do rompimento com as malhas impostas de dominação simbólica, de normatizações de subjetividades produtivas e submissas aos mecanismos de compensação e trabalho.

O *desbunde* e os movimentos contraculturais provocaram disrupções instauradoras de territorialidades menos conservadoras, paralelamente aos princípios da emergência de movimentos identitários – como os movimentos feministas, negros e LGBTs – em um momento em que a própria concepção do que é *político* era atualizada. Os meios *underground* instauraram um espaço público alternativo, em determinado momento de atomização da vida social e de interrupção dos movimentos sociais, aos quais supriram parcialmente uma demanda de espaços para congregar, pensar, dialogar, produzir e comunicar.

Criticando as ortodoxias e autoritarismos das esquerdas – como a censura a comportamentos enquadrados como "pequeno-burgueses" e a censura às artes que não se circunscreviam na estética

do protesto – ao pensar novas formas de política e de ativismo e defendendo a não submissão da estética a um projeto político; o *desbunde* foi rotulado, de maneira tácita e errônea, de despolitizado e indiferente às questões políticas e sociais, por vezes, enquadrado como uma traição e uma tática do inimigo para entorpecer a consciência política. Assim como as demandas dos emergentes movimentos identitários foram julgadas como questões secundárias ou menos relevantes. No entanto, tanto os movimentos contraculturais quanto os movimentos identitários, longe de se restringirem a uma dimensão do individual e da cultura, revelam uma ampla dimensão política e social não percebida ou ignorada, silenciada pela própria limitação do pensamento e da linguagem política, que se atualizava naquele momento.

De um ponto de vista mais amplo, os seguimentos contraculturais partiam da desconfiança em relação ao processo de consolidação das sociedades tecnocráticas e da dinâmica polarizadora, militarista, manipuladora e destruidora da Guerra Fria. Numa perspectiva local, a modernidade criticada e negada pelo *desbunde* se referia à modernização autoritária brasileira promovida pela ditadura, legitimada pela sociedade conservadora e inscrita em um modelo tecnocrático capitalista, militarista e contrário ao Estado de Direito e aos Direitos Humanos. Inscrita numa dinâmica de guerra fundamentada na contrarrevolução política e moral instaurada pelo Golpe de 64 e a Ditadura Militar, essa experiência instaurou um ambiente atomizado e repressivo, alicerçado no medo e no terror. Medo dos sequestros, assassinatos, das torturas, perseguições, cassações e marginalizações. Em suma, medo dos diversos prejuízos possíveis decorrentes dos atos de violência da repressão militar.

O *desbunde* é a antítese da repressão, por dizer sim ao mundo e não ao *não*. Diz sim ao mundo – mesmo esse um mundo sendo incolor, desumano e desencantado – porque parte do princípio de que para que exista outro mundo é antes necessário viver, estar atento e forte e não temer à morte. Seguir sem lenço e sem documento, vendo que tudo é divino e maravilhoso na existência, quando se transforma quadrados em janelas. Quando se fragmenta o espaço em brechas ao sistema e se segue por caminhos tortos de onde se pode ter uma produção e existência ainda livre.

Em um mundo engrenado pelo medo e pelo terror, em que cada liberdade pode vir a ser a última, o *desbunde* e suas janelas também possibilitaram o amor, a última liberdade emocional a ser perdida e um valor de onde se pode reencantar e mudar o mundo. Desejar o bem a outra pessoa que se torna parte de si mesmo. Desejar o bem ao outro que se torna um igual. Em um mundo sem igualdade e sem liberdade, talvez só se possa contar com a fraternidade para reestabelecer os laços e os direitos humanos, pois é a fraternidade que fundamenta as relações humanas.

Diz não ao *não*, não às proibições e estigmatizações, rompe os tratados e "traí" os ritos

instituídos pela violência econômica e ideológica. Quebra a dinâmica da guerra, do medo e da disciplina e se lança no espaço. Diz não ao não viver nesse mundo da maneira que se quer em sacrifício da promessa de um futuro prometido e redentor que nunca chega, pois para sobreviver ao cativo e mudar o mundo é preciso ter uma alma cativante, que inspire um mínimo de liberdade e autonomia face ao ambiente de não-liberdade e repressão.

Por isso tudo, o *desbunde* foi uma antítese à repressão e um antídoto contra o medo, a paranoia, a não-liberdade e a conformação. Pode ser considerado também, como uma forma de romper com a cultura do medo e as normas instituídas pela ditadura e pela sociedade conservadora. Um modo de sentir e fazer o mundo mudar, de sentir que por mais que a ditadura estivesse matando e destruindo as pessoas, ela não iria resistir, pois as transformações e as pessoas iriam continuar, em detrimento da ditadura que não se sustentaria por muito tempo. Uma forma, em suma, de se sentir e ser livre.

Os conservadores e os órgãos de repressão enxergaram o *desbunde*, as transformações na cultura brasileira e as experiências pelas quais parte da juventude passava, como uma ameaça para a segurança nacional e as enquadraram como formas de subversão e mais uma tática do inimigo para desmoralizar e doutrinar a juventude. Parte disso decorre das auto-ilusões provocadas pela desinformação em massa promovida desde antes da ditadura pela indústria anticomunista, que atualizou, a partir da década de 1950, imaginários consolidados desde a década de 1930. Esses imaginários associaram o comunismo a tudo que é tido como "mal". A partir disso os seguimentos anticomunistas rotularam toda alteridade frente às suas matrizes ideológicas como comunismo, com o uso indiscriminado, errôneo e estratégico do termo.

No entanto, não se trata apenas de auto-ilusões e sim de um projeto de sociedade, com falsidades, manipulação e cinismo. Pois a desinformação é um germen da violência, uma forma de transformar o mundo dissolvendo as próprias categorias de verdade e falsidade, negando o estabelecido e o conhecido e destruindo tudo o que se nega. Um instrumento que foi e é utilizado para gerar medo e ódio, para desumanizar e atribuir periculosidade ao outro. Portanto, para separar, subjugar e criminalizar.

A desinformação é um dos alicerces da repressão e foi uma das bases da Ditadura Militar. As auto-ilusões e os cinismos burocráticos dos órgãos de repressão, permeados de doutrinação e imaginários anticomunistas e inscritos em um sistema organizacional fragmentado e alienante, que gira em torno do sigilo, do anonimato e da violência; distenderam o combate à subversão para diferentes dimensões que iam além do combate à luta armada e impactava vidas comuns, de pessoas inofensivas, com um tratamento de choque e de guerra. O que estava em questão, além da caça aos militantes e do extermínio da luta armada, era o próprio controle ideológico da sociedade, pois a

repressão não buscava apenas controlar e punir delitos, mas também controlar e punir convicções e vidas.

O que estava em questão era a conservação, modernização e reprodução de um paradigma excludente, elitista, racista, patriarcal e tecnicista de sociedade, bem como a imposição de seus valores e normas. A imposição desse paradigma da ditadura e por parte da sociedade brasileira traz seus efeitos até hoje. Em certo sentido, foi um sucesso, pois vemos que muito continua o mesmo e a sociedade brasileira no geral continua sendo extremamente racista, machista, homofóbica, transfóbica, elitista e excludente. Estrutura e legitima a segregação social, que gera diversos prejuízos aos grupos menos privilegiados, incluindo-se aí, os frequentes assassinatos de pessoas pertencentes a tais grupos.

Um cerco de espionagem se fechou em torno de algumas pessoas ligadas à UnB entre os anos de 1972 e 1973. A partir de algumas prisões feitas pela Polícia Federal, foi desencadeada uma operação clandestina pelo Comando Militar do Planalto com objetivo de averiguar e coibir um possível vínculo com a luta armada.

Essa operação contou com sequestros, cárcere, prisões e detenções arbitrárias, torturas e coerção de pessoas que estavam sob espionagem e outras em proximidade. Tudo isso se desencadeou quando as lutas armadas estavam sendo exterminadas e aos prenúncios de uma intenção de abertura política. Sentiu-se a necessidade de fazer uma grande "limpeza" antes da posse de Geisel, em meio ao qual se construiu um inimigo de máxima importância e uma "infiltração subversiva" no meio estudantil de Brasília.

Essa operação causou um brusco rompimento na vida das pessoas atingidas e gerou diferentes traumas e prejuízos para elas. Elas tiveram um tratamento de choque e foram coagidas a mudar de vida ou mudar de Brasília. Não se pode falar de meros enganos e exageros por parte dos militares, mas sim da própria imposição da vida que agrada a eles e a eliminação da vida que os desagrada.

Essas construções do conceito de "subversivos", que vimos no relatório, serviram como justificativa da operação e todas as suas ações arbitrárias e seus custos (financeiros, humanos, de tempo e recursos), apelando às imagens correlacionadas de "tóxicos-subversão-corrupção dos costumes", que supostamente teria revelado um ambiente perigoso em torno da Universidade de Brasília. Tornaram-se uma amostragem das teorias baseadas em desinformações e lógicas paranoicas dos órgãos repressores e da Segurança Nacional. Por fim, atualizaram o inimigo que é permanentemente construído, redirecionando alvos e prioridades para os anos que se seguiriam. Afinal, o medo é necessário para a repressão e suas engrenagens.



## REFERÊNCIAS

### FONTES

#### Documentos do Arquivo Nacional, Fundo ASI-UnB

BR AN BSB AA1 0 LGS 02 – Como Eles Agem

BR AN BSB AA1 0 LGS 07 – Ofício elaborado pelo Chefe da Assessoria Especial da DSI/MEC, Diógenes Catuto Carneiro, e destinado para Assessoria Especial de Segurança e Informações da UnB

BR AN BSB AA1 0 LGS 08 – Levantamento Sobre Movimento Estudantil

BR AN BSB AA1 0 ROS 33 – Relatório Especial de Info nº 03/73

#### Depoimentos e entrevistas

MICHILES, **José Aurélio de Oliveira**. **José Aurélio de Oliveira Michiles**: depoimento [jan. 2015]. Teleconferência (Skype) Brasília-São Paulo, 2015. 1 arquivo .mp3 (119 min.). Depoimento concedido em sessão reservada à Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade CATMV-UnB.

PORTO, Zuleica Maria de Souza. **Zuleica Maria de Souza Porto**: depoimento [abr. 2014]. Entrevistador: Daniel Barbosa Andrade de Faria. Brasília, 2014. 1 arquivo .mp3 (96 min.). Depoimento concedida em sessão reservada à Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade CATMV-UnB.

ROLLEMBERG, Armando Sobral. **Armando Sobral Rollemberg**: entrevista [mar. 2017]. Entrevistador: Alexandre Siqueira Lima. Brasília, 2017. 1 arquivo .wav (147 min.). Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado. Acervo pessoal de Alexandre Siqueira Lima

SCHETTINO, Romário Cezar. **Romário Cezar Schettino**: depoimento [mai. 2013]. Brasília, 2013. 1 arquivo .wav (64 min.). Depoimento concedido em audiência pública à Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade CATMV-UnB. O depoente me autorizou o uso de seu depoimento pela assinatura de termo de utilização de som de voz para fins de pesquisa.

SCHETTINO, Romário Cezar. **Romário Cezar Schettino**: Entrevista I [2011?]. Entrevistadores: Carlos Henrique Siqueira e Daniel Barbosa Andrade de Faria. Brasília, ?. 1 arquivo .wav (64 min.). Acervo pessoal de Carlos Henrique Siqueira e Daniel Barbosa Andrade de Faria.

## Jornais e Livro

Jornal Tribo nº 1, 2 e 3, Brasília, 1972 apud (GURGEL, 2011, p. 23-68)

HUTTON, Bernard. Os Subversivos. Tradução de Luiz Corção. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, Artenova, 1975.

## Discursos

MOREIRA, Gilberto Passos Gil. Gilberto Gil ao vivo na USP 1973. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dIwKGsjRqGQ>>. Acesso em 16/04/2017.

VELOSO, Caetano Emanuel Viana Teles. Discurso proferido no Festival Internacional da Canção, 1968. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=4xEz2uva\\_ZE](https://www.youtube.com/watch?v=4xEz2uva_ZE)>. Acesso em 16/04/2017.

## **ARTIGOS E CAPÍTULOS DE LIVRO**

ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In: *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. TELES, Gilberto Mendonça, 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

ANDREW, Kirk. “Machines of Loving Grace”: Alternative Technology, Environment, and the Counterculture. In: *Imagine Nation: The American Counterculture of the 1960's and 70's*. Edited by Peter Braunstein and Michael William Doyle. Routledge, New York, London, p. 353-378, 2002.

APARECIDA, Geralda Dias. Os olhos e os ouvidos da repressão na Universidade de Brasília. Quadrilátero: Revista do Arquivo Público do Distrito Federal. Brasília, v.1, n.1, p.13-26, 1998.

BARROS, José D'Assunção. História das ideias – em torno de um domínio historiográfico. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 13, n. I, p. 199-209, 2007.

BESSA, Karla. Indiferença ao prazer, prazer da indiferença: uma “moral da estória” das moças e moços nus. In: *Indiferenças: percepções políticas e percursos de um sentimento*. Organização de Márcia Naxara, Izabel Marson e Marion Brepohl – São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes, CNPq; Curitiba: Fundação Araucária; Campinas: Unicamp-PPGH, p. 123-145, 2015.

BRETAS, Aléxia. “Todo poder à imaginação!”: Marcuse e a revolução surrealista. Exagium, vol. III, nov. 2008.

CARLINI, Elisaldo Araújo. A história da maconha no Brasil. In: *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, vol. 55, nº 4, Rio de Janeiro 2006.

CARVALHO, Jonatas Carlos de. Uma história política da criminalização das drogas no Brasil: a construção de uma política nacional. Trabalho apresentado na VI Semana de História e III Seminário Nacional de História: Política, cultura e sociedade. Programa de Pós Graduação em

História/UERJ. 17 a 21 de outubro de 2011.

COSTA, Ana Alice Alcântara Costa. O feminismo brasileiro em tempos de ditadura militar. In: *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*, apresentação Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In: *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. Organizadores: James N. Green e Renan Quinalha. São Carlos: EdUFSCae, p. 27-52, 2014.

DINIZ, Sheyla Castro. Desbundados e Marginais: A MPB “Pós-Tropicalista” no contexto dos anos de chumbo. Brazilian Studies Association, 2014, Londres - Inglaterra. Site do evento XII Brasa - Brazilian Studies Association, 2014.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro. In: Tempo. Revista digital de História do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2007

FARIA, Daniel Barbosa Andrade de. O vagabundo *beat* nas ruínas da América: modulações da indiferença em Jack Kerouac. In: *Indiferenças: percepções políticas e percursos de um sentimento*. Organização de Márcia Naxara, Izabel Marson e Marion Brepohl – São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes, CNPq; Curitiba: Fundação Araucária; Campinas: Unicamp-PPGH, p. 101-122, 2015.

\_\_\_\_\_. Sob o signo da suspeita. As loucuras do poder ditatorial. *Antíteses*, v. 8, n. 15 esp., p. 221-240, nov. 2015.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. São Paulo: Forense Universitária, p. 231-249, 1995.

GREEN, James N; QUINALHA, Renan. Contribuições sobre o tema ditadura e homossexualidades para o relatório final da Comissão Nacional da Verdade e Parceiras. In: *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. Organizadores: James N. Green e Renan Quinalha. São Carlos: EdUFSCae, p. 301-320, 2014.

KAMINSKI, Leon Frederico. Interpretações sobre a contracultura: questões espaço-temporais. In: III Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?, 2009, Mariana. Anais do 3º Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?. Ouro Preto: EdUFOP, 2009

LEMOS, Renato do Couto Neto e Lemos. Contrarrevolução e ditadura: ensaio sobre o processo político brasileiro pós-1964. In: *Marx e o Marxismo* v. 2, n. 2, jan/jul 2014.

LONGUI, Carla Reis. Cultura e costumes: um campo em disputa. In: ANTÍTESES, v. 8, n. 15, p. 197-218, jan./jun. 2015.

MAGALHÃES, Maria Brepohl de. Documento: Manual de interrogatório. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 40, p. 201-240, 2004. Editora UFPR.

MARQUES, Ilda Helena Marques. Sartre e o Existencialismo. In: *Metanoia*, São João del-Rei, n. 1.

p. 75-80, jul. 1998.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. HISTÓRIA ORAL COMO FONTE: problemas e métodos. In: *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MATOS, Olgária. Memória e esquecimento: a indiferença heroica. In: *Indiferenças: percepções políticas e percursos de um sentimento*. Organização de Márcia Naxara, Izabel Marson e Marion Brepohl – São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes, CNPq; Curitiba: Fundação Araucária; Campinas: Unicamp-PPGH, p. 235-244, 2015.

MILLER, Timothy. The Sixties-Era Comunes. In: *Imagine Nation: The American Counterculture of the 1960's and 70's*. Edited by Peter Braunstein and Michael William Doyle. Routledge, New York, London, p. 327-351, 2002.

PITTS, Bryan. “O sangue da mocidade está correndo”: a classe política e seus filhos enfrentam os militares em 1968. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 34, nº 67, p.39-65, 2004.

RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. In: *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 1, 2005.

SAMWAYS, Daniel. O que eles dizem, o que eles fazem: a construção do inimigo vermelho e anticomunismo na ditadura civil-militar brasileira. In: *Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades*. LEPCON – Laboratório de Estudos e Pesquisas da Contemporaneidade. UFABC, São Paulo 2013.

SEIXAS, Jacy. [comentário]: Distraídos, pensaremos: comentários sobre a ambivalência da indiferença na contemporaneidade [a propósito de *beats* e de *desbundados*]. In: *Indiferenças: percepções políticas e percursos de um sentimento*. Organização de Márcia Naxara, Izabel Marson e Marion Brepohl – São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes, CNPq; Curitiba: Fundação Araucária; Campinas: Unicamp-PPGH, p. 147-159, 2015.

SILVA, Natanael de Freitas. Masculinidades Hierarquizadas: entre o “gay macho” e a “bicha louca”, performances de gênero nos anos 1970. In: *Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades*, nº 14, maio/outubro 2016.

WOLFF, Cristina Scheibe. O gênero da esquerda em tempos de ditadura. In: *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*, apresentação Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010.

ZAN, José Roberto. Jards Macalé: desafinando coros em tempos sombrios. In: *REVISTA USP*, São Paulo, nº 87, p.156-171, setembro/novembro 2010.

## **DISSERTAÇÃO E TESES**

CAPELLARI, Marcos Alexandre. O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel (c. 1970). São Paulo, 2007. 256 p. Tese (Doutorado em História – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de São Paulo, 2007.

JOFFILY, Mariana. No centro da engrenagem: Os interrogatórios na Operação Bandeirante de São Paulo (1969-1975). São Paulo. 2008. 351p. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 2008.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo, 2000. 368 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de São Paulo, 2000

SANTOS, Tiago Borges. Lira Pau-Brasília – Entre fardas e superquodras: poesia, contracultura e ditadura (1968-1981). Brasília, 2008. 220 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, 2008.

## **BIBLIOGRAFIA**

ARENDT, Hannah. Verdade e Política. In: Entre o passado e o futuro. Tradução de Mauro W. Barbosa. 8ª ed. São Paulo, Perspectiva 2016.

BYFORD, Jovan. Conspiracy Theories: a critical introduction. London, Palgrave Macmillan, 2011

CERTEAU, Michel de. Invenção do cotidiano. 5. ed. Petropolis: Editora Vozes Ltda, 2002

CHIRIO, Maud. A política nos quartéis: Revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade, Relatório I, Setembro de 2015, Universidade de Brasília

FORTES, Luiz Roberto Salinas. Retrato calado: Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

GORENDER, Jacob. Combate nas trevas. São Paulo: Ática, 1987.

GURGEL, Antonio de Pádua. Jornal da Década de 70. Vitória, Es: Pro Texto Comunicação e Cultura, 2011.

HOBBSAWM, Eric J. Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991. Eric Hobsbawn, tradução Marcos Santarrita – São Paulo: Companhia das Letras, 1995

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde (1960/70). 5.ª ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

HUGGINS, Martha. Operários da violência. Policiais torturadores e assassinos reconstroem as

atrocidades brasileiras. Brasília: EdUnB, 2006.

Jornalismo de Brasília: impressões e vivências / (coordenado pelo) Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal. Brasília: Lantana Comunicação, 1993.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalistas e Revolucionários. 1ª ed. Editora Página Aberta Ltda. 1991.

LOWY, Michael. Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade / Michael Löwy, Robert Sayre; tradução Nair Fonseca - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2015.

MACIEL, Luíz Carlos. Negócio seguinte:, Rio de Janeiro: Codecri, 1981

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. As Universidades e o Regime Militar: cultura política brasileira e modernização autoritária. 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar 2014

POCOCK, J. G. A.. Linguagens do ideário político. São Paulo: EdUSP, 2003

RANCIÈRE, Jacques. O ódio à democracia. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2014. Tradução Mariana Echalar.

REICH, Wilhelm. A revolução sexual. 8ª edição, tradução: Ary Blaustein. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história do político. São Paulo: Alameda, 2010.

ROSZAK, Theodore. Contracultura: Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

SALMERON, Roberto. A universidade interrompida – Brasília 1964-1965. Brasília: Editora UnB, 1999.

SKINNER, Quentin. Visões da Política: sobre os métodos históricos. Algés – Portugal: DIFEL 82 – Difusão Editorial, 2002.

SZASZ, Thomas Stephen. O mito da doença mental. Rio de Janeiro: Zahar 1979.

TRAVERSO, Enzo. La historia como campo de batalla: Interpretar las violencias del siglo XX. 1ª ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

VIDAL, Laurent. De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX) / Laurent Vidal; tradução, Florence Marie Dravet – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

WEST, Nigel. Historical Dictionary of Cold War Counterintelligence. *Historical Dictionaries of Intelligence and Counterintelligence*, nº 6. The Scarecrow Press, Inc. Lanham, Maryland, Toronto, Plymouth, UK, 2007.

## ARTIGOS DA WIKIPEDIA

BARBARELLA. In: Wikipedia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Barbarella>>. Acesso em: 16/04/2017.

BRONZE AGE OF COMIC BOOKS. In: Wikipedia. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Bronze\\_Age\\_of\\_Comic\\_Books](https://en.wikipedia.org/wiki/Bronze_Age_of_Comic_Books)>. Acesso em: 27/04/2017.

BURNE HOGARTH. In: Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Burne\\_Hogarth](https://pt.wikipedia.org/wiki/Burne_Hogarth)>. Acesso em: 16/04/2017.

CÁLICE (CANÇÃO). In: Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A1lice\\_\(can%C3%A7%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A1lice_(can%C3%A7%C3%A3o))>. Acesso em: 16/04/2017.

CASO ANA LÍDIA. In: Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso\\_Ana\\_L%C3%ADia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Ana_L%C3%ADia)>. Acesso em: 05/05/2017.

DARCY RIBEIRO. In: Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Darcy\\_Ribeiro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Darcy_Ribeiro)>. Acesso em: 16/04/2017

ERA DE AQUARIUS. In: Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Era\\_de\\_Aquarius](https://pt.wikipedia.org/wiki/Era_de_Aquarius)>. Acesso em: 16/04/2017

FLASH (DC COMICS). In: Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Flash\\_\(DC\\_Comics\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Flash_(DC_Comics))>. Acesso em: 16/04/2017.

FLASH GORDON. In: Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Flash\\_Gordon](https://pt.wikipedia.org/wiki/Flash_Gordon)>. Acesso em: 16/04/2017.

GLAUBER ROCHA. In: Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Glauber\\_Rocha](https://pt.wikipedia.org/wiki/Glauber_Rocha)>. Acesso em: 16/04/2017.

HENRY DAVID THOREAU. In: Wikipedia. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Henry\\_David\\_Thoreau#Politics](https://en.wikipedia.org/wiki/Henry_David_Thoreau#Politics)>. Acesso em: 27/04/2017.

JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA. In: Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Celso\\_Martinez\\_Corr%C3%Aaa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Celso_Martinez_Corr%C3%Aaa)>. Acesso em: 16:04:2017.

JULES FEIFFER. In: Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jules\\_Feiffer](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jules_Feiffer)>. Acesso em: 16/04/2017.

LEE FALK. In: Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Lee\\_Falk](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lee_Falk)>. Acesso em: 16/04/2017.

LEGISLAÇÃO SOBRE PESSOAS LGBT NO MUNDO. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Legisla%C3%A7%C3%A3o\\_sobre\\_pessoas\\_LGBT\\_no\\_mundo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Legisla%C3%A7%C3%A3o_sobre_pessoas_LGBT_no_mundo)> .

Acesso em: 23/04/2017.

*M – EINE STADT SUCHT EINEN MÖRDER.* In: Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/M - Eine Stadt sucht einen M%C3%B6rder](https://pt.wikipedia.org/wiki/M_-_Eine_Stadt_sucht_einen_M%C3%B6rder)> . Acesso em: 16/04/2017.

*MAURÍCIO DE SOUSA.* In: Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Mauricio\\_de\\_Sousa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mauricio_de_Sousa)>. Acesso em: 16/04/2017.

*STAN LEE.* In: Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Stan\\_Lee](https://pt.wikipedia.org/wiki/Stan_Lee)>. Acesso em: 16/04/2017.

## LETRA DE MÚSICAS

*Alegria, Alegria, 1967.* Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/alegria-alegria.html>>. Acesso em: 16/04/2017.

*Besta é Tú, 1972.* Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/os-novos-baianos/besta-e-tu.html>>. Acesso em: 16/04/2017.

*Divino Maravilhoso, 1968.* Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/gal-costa/divino-maravilhoso.html>>. Acesso em: 16/04/2017.

*É Proibido Proibir, 1968.* Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/e-proibido-proibir.html>> . Acesso em: 16/04/2017.

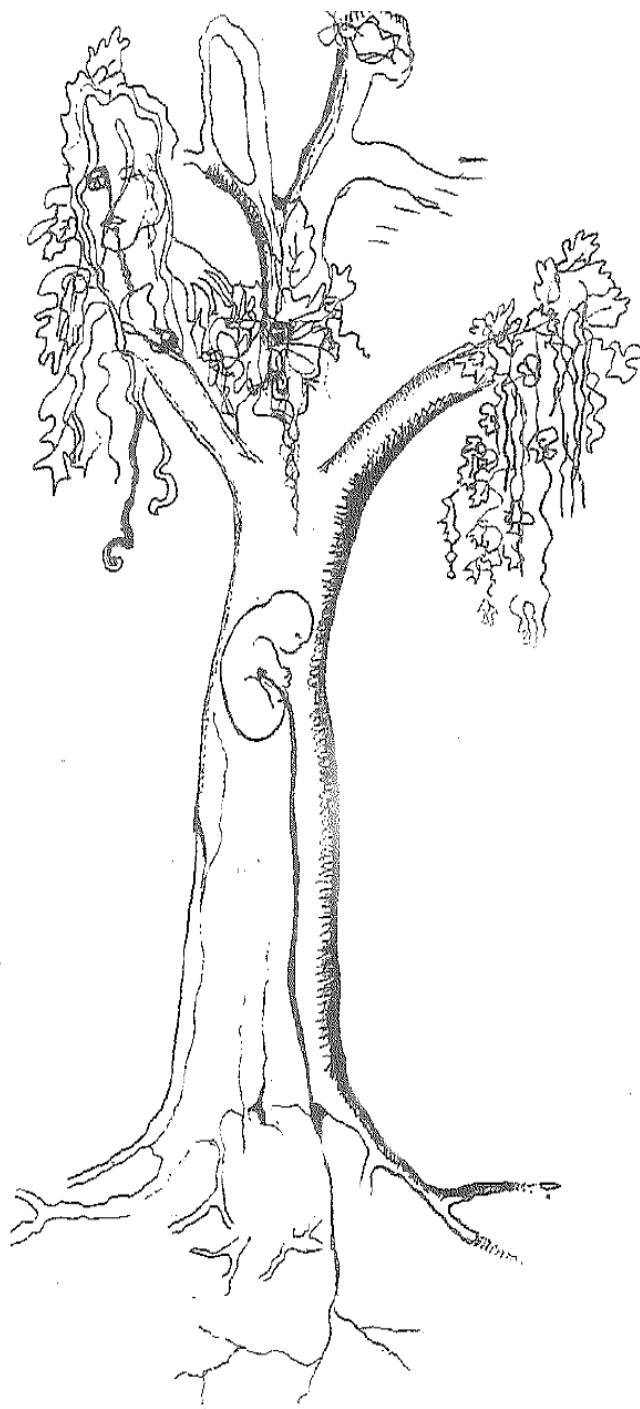
*Hino de Duran, 1979.* Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45134/>> . Acesso em: 04/05/2017.

*Sangue Latino, 1973.* Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/secos-e-molhados/sangue-latino-2.html>> . Acesso em: 16/04/2017.



## **ANEXOS**

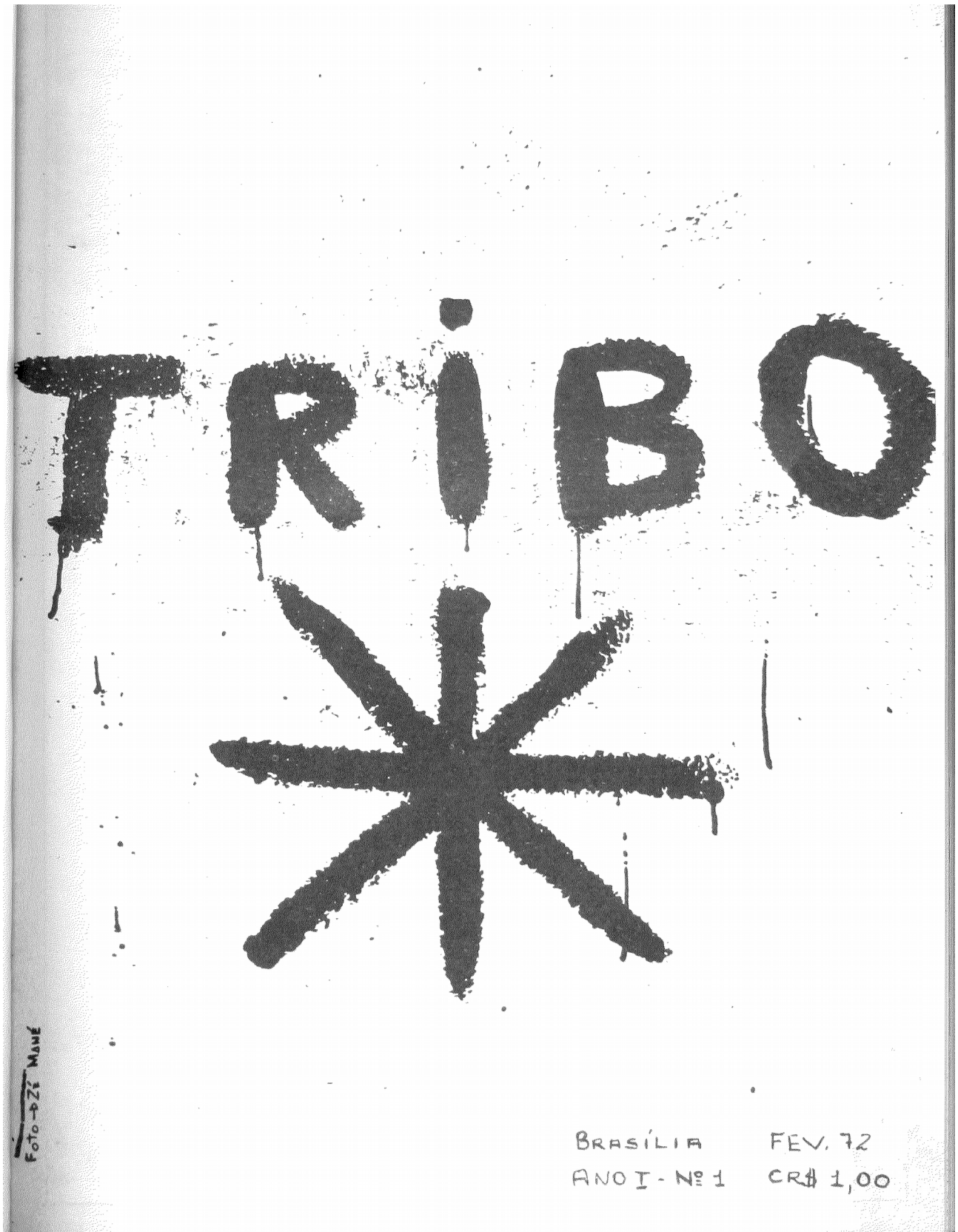
Anexo 1 – Poema Nossa História e desenho de Tetê Dias Leite.



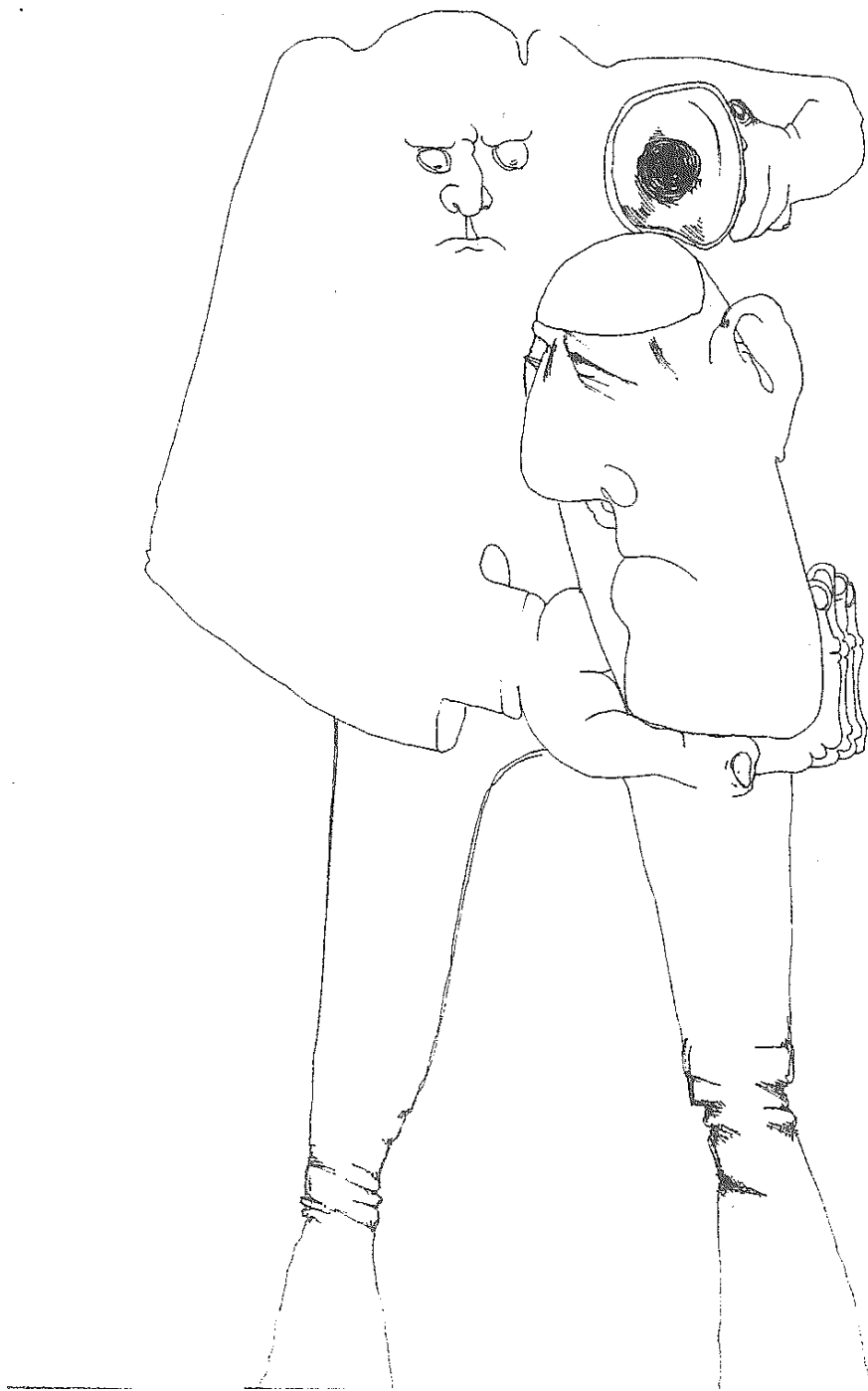
NOSSA HISTÓRIA

E surgiu o homem  
E o homem se protegeu nos outros  
homens  
E casou, e teve filhos  
E os filhos do homem se desentenderam  
E os filhos desentendidos poliram a pedra  
Se armaram de ferro  
Cultivaram a terra  
Cunharam moedas  
E poluíram o ar  
E foram crescendo  
Dominaram a natureza  
E pensam poder entender tudo, sem primeiro  
se entenderem  
E em meio ao desentendimento surgiu um novo  
símbolo  
Anunciando Paz e Amor  
E agora, com o símbolo nas mãos,  
onde vamos?  
E seguiu o novo homem amou os outros  
homens  
E casou e teve filhos  
E os filhos passaram a viver em tribos  
E se entenderam  
E poliram o símbolo, se amaram de flores,  
cultivaram o céu  
Jogaram fora suas moedas e purificavam a terra  
E foram crescendo, e nunca mais pararam de  
crescer  
Descobriram onde vamos?  
Não vamos beijar o céu.

Anexo 2 – Capa do 1ª edição da Tribo.

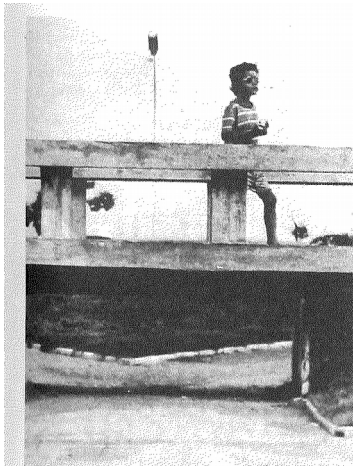


Anexo 3 – Desenho de Evandro Salles acompanhando o texto *Nova Liberdade*



Evandro Salles  
1974

## Anexo 4 – Fotos de Flash



A casa do homem e a sua cultura. Primeiro, o homem estende-se os braços, depois projeta-se no seu ambiente doméstico. Brasília e roupa nova. Brasília e a casa nova para onde o homem velho se mudou. São novas transas de circulação de tráfego e escoamento de neurones. O homem envelheceu a casa e a casa inovou o homem. Brasília e o homem trajado de grama, vestido de sapato, péta em direto contato com a geometria e com as transas da forma, flutuando entre eixos e blocos. Para Lucio Costa, Brasília foi estragada. E foi. Mas nem por isso foi demolida ou desgramado.

Este é um menino chamado Flash, ele tem a idade da cidade ele ... cresceu na velocidade da fuga, enquanto o planejamento urbano ia sendo soterrado pelos prédios e problemas.

Esta é a cidade de Flash Gordon, o corpo do menino é a arquitetura mais avançada que pode ser criada; ele abre os braços e se divide em Asa Sul e Asa Norte, sua cabeça abre os olhos do alto da Torre de TV, sua Asa Norte está semi-construída, sua Asa Sul brilha em Neón e Tráfego. Ele se multiplica em outros meninos em série, e vende amendoim na Rodoviária, perambula com fome entre os monumentos e dorme com frio no traçado arquitetônico, como uma figurinha barrôca de sorriso enigmático.

Este menino aparece como um sonho, quando as pessoas passeiam bem vestidas em suas quadras, ele anda pela grama e observa e aprende tudo muito rapidamente.

Ele se chama Flash, tem onze anos e se materializa nas fraturas da cidade.

## ENTREVISTA

## LÚCIO COSTA

- Como se localiza Brasília na realidade do mundo atual?

A realização de Brasília teve, de fato, ressonância mundial. Tanto por sua significação como empreendimento heróico e fora da bitola (luta contra a inépcia, contra o tempo e toda sorte de dificuldades) como por sua expressão arquitetônica e urbanística. Passado o impacto, inscreveu-se no dia a dia da realidade do mundo atual.

A experiência de dez anos de vida da cidade constata uma infinidade de transformações no relacionamento urbano. Essas transformações, sob o seu ponto de vista, resultariam numa mudança do comportamento humano?

Transformações para melhor ou para pior? O comportamento humano é sempre uma incógnita. É imprevisível. Quem poderia imaginar em 1957 (data do Plano Piloto) que a mocidade "desandaria" (para melhor, para pior?).

- Existem soluções imediatas para os problemas gerados pelo desvirtuamento do Plano?

Alguma sim, outros não. O problema está agora nas mãos dos donos da cidade.

- Qual a possibilidade de auto-sustentação financeira para cidade concebida nos moldes em que Brasília foi?

Uma cidade administrativa não visa sua auto-sustentação, mas propiciar a atividade produtora das demais.

- Existe um plano ou previsão para a formação das cidades-satélites? Haveria um contorno

real ou habitacional para o D.F.? Como vê a localização das cidades-satélites no eixo Plano-Taguatinga? Caberia um replanejamento urbano para essas áreas?

Não creio. Surgiram de forma anômala, premidas pelas circunstâncias. Não se deve permitir o desenvolvimento urbano ao longo do acesso a Taguatinga, isso seria o fim.

- Como vê a arquitetura dentro do contexto cultural que o mundo e o Brasil atravessam? O que propõem as tendências mais evolutivas no campo arquitetônico?

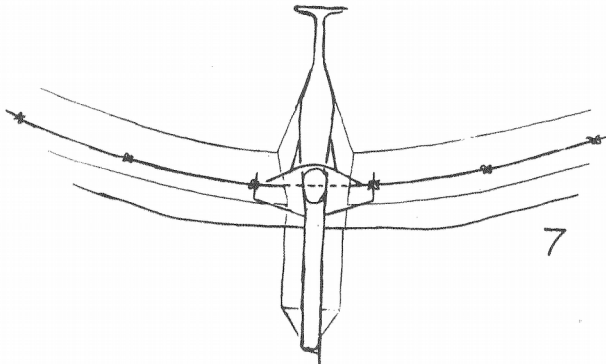
A arquitetura reflete o estado social da época e do país. Há, no mundo, atualmente, muita especulação intelectual a respeito. Pessoalmente, prefiro as soluções terra a terra.

- Como seria um país onde só existissem Brasília? Até onde a realidade brasileira é um obstáculo para experiências como Brasília? Até que ponto não houve uma previsão para a situação atual?

Não seria um país. Socialmente, a realidade brasileira é um obstáculo a qualquer planejamento.

- Poucos homens têm oportunidade de criar uma cidade: Brasília é seu sonho da paz?

Quem sonhou foi o patriarca, conforme assinalo na memória do Plano Piloto. Limitei-me a "inventar" uma cidade que bem ou mal foi aceita e parcialmente realizada. Mas que, pelo teor das perguntas, não satisfaz vocês.



Anexo 5 – Quadrinho de Jules Feiffer, reproduzido junto ao Ensaio-Estético-Filosófico.

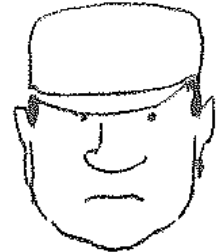
A FIM DE RADICALIZAR A CLASSE TRABALHADORA, ARRANJEI EMPREGO NUMA FABRICA DE DETROIT.



MAS NÃO CONSEGUI ME IDENTIFICAR COM TODOS AQUELES FASCISTAS DE DETROIT.



ALÉM DISSO, 60% DO OPERARIADO ESTAVA MARGINALIZADO.



POR ISSO, RESOLVI RADICALIZAR AS PROFISSÕES E ARRANJEI EMPREGO NUM JORNAL DE NOVA YORK



MAS NÃO CONSEGUI ME IDENTIFICAR COM AQUELES IMPERIALISTAS



ALÉM DISSO, TODO MUNDO NA REDAÇÃO FOI DESPEDIDO.



POR ISSO, AGORA VOU RADICALIZAR OS POBRES.



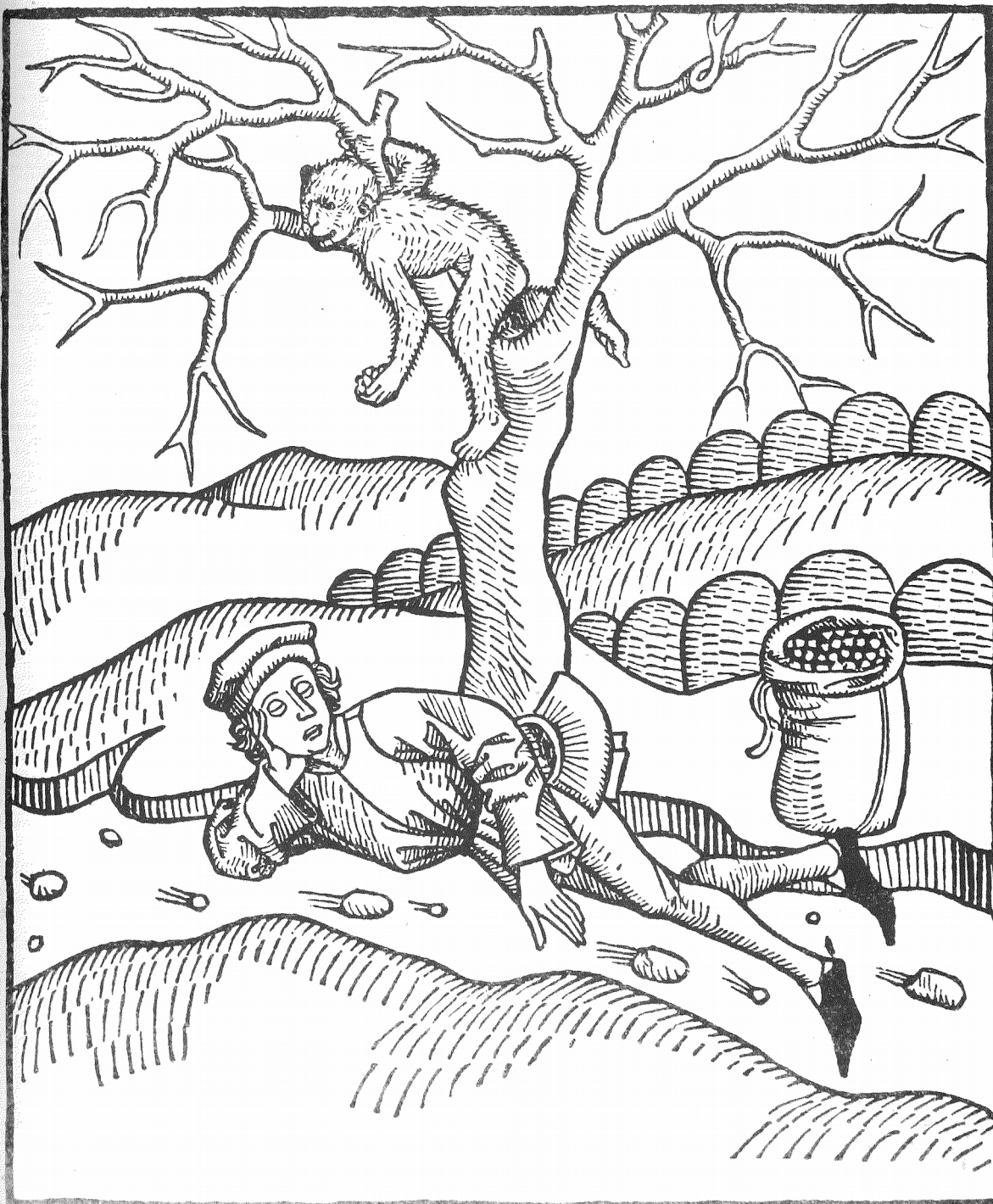
COM OS POBRES EU POSSO ME IDENTIFICAR

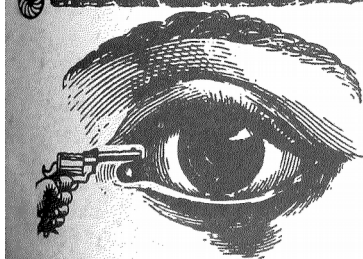


SOU FOBRE.



# tribo

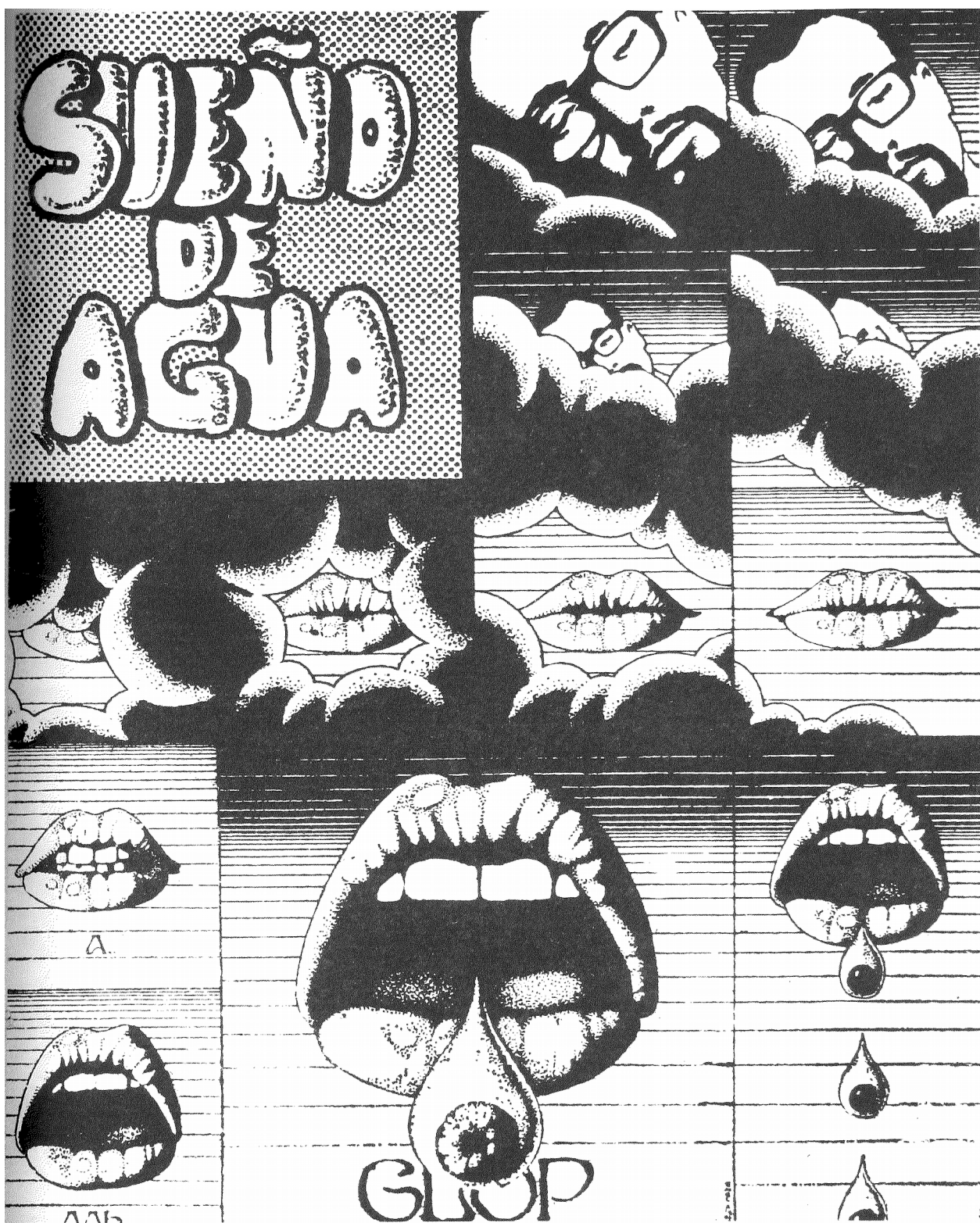




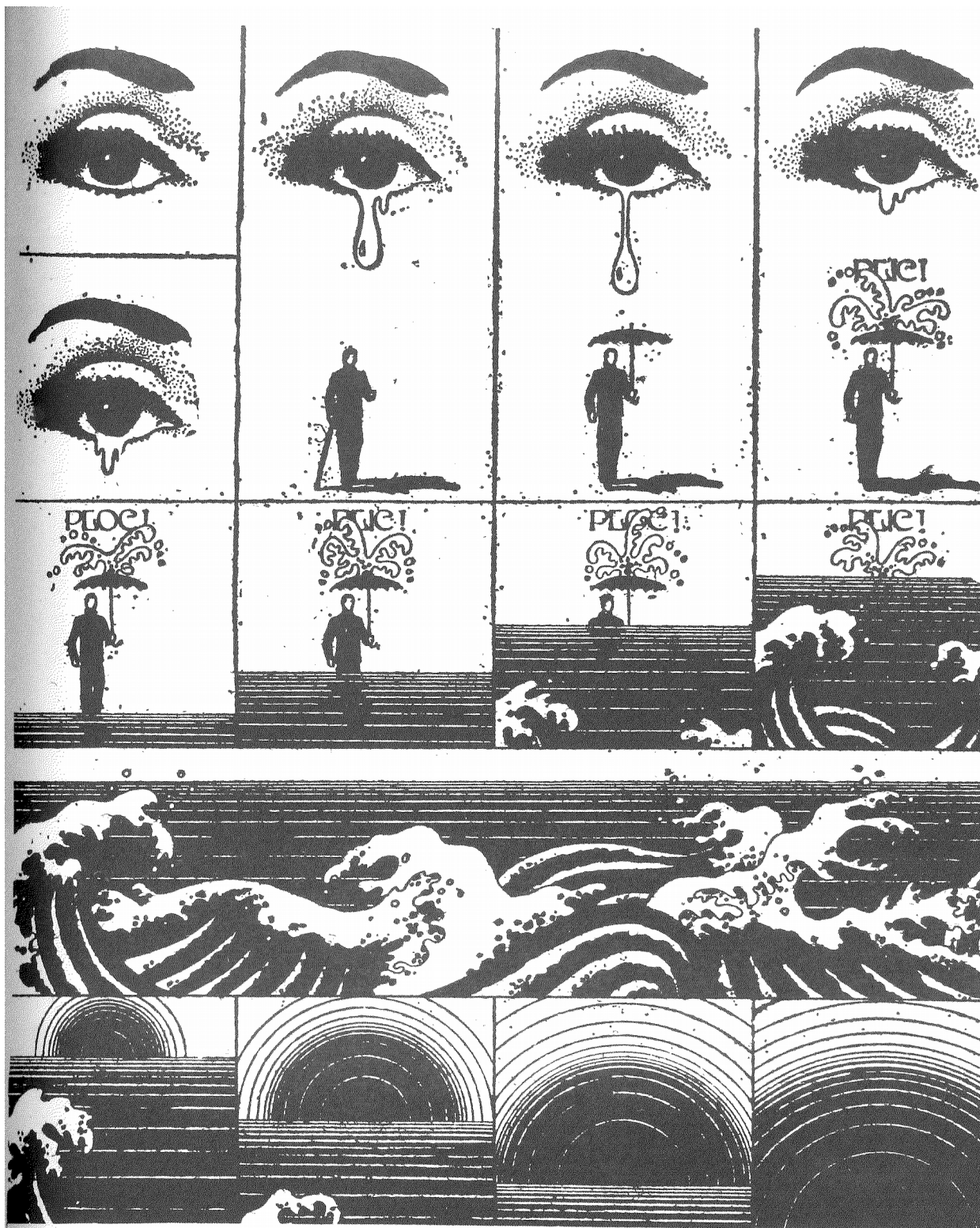
tribo <sup>3</sup> 00 \$ 1,00



Anexo 8 – Poema visual em quadrinhos

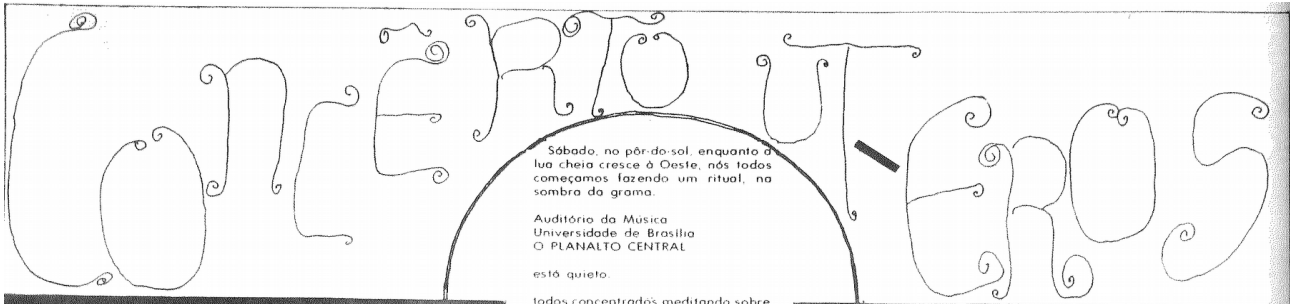


**Anexo 9 – Poema visual.** Há uma nota embaixo: "O francês Philip Caza é o autor deste poema visual. Caza pertence a uma tendência que introduz símbolos e desenhos nos textos poéticos, tenta a substituição total das palavras por imagens gráficas".



*O francês Philip Caza é o autor deste poema visual. Caza pertence a uma tendência que introduz símbolos e desenhos nos textos poéticos, tenta a substituição total das palavras por imagens gráficas.*

## Anexo 10 – Concertos Uteros



Sábado, no pôr-do-sol, enquanto a lua cheia cresce à Oeste, nós todos começamos fazendo um ritual, na sombra da grama.

Audatório da Música  
Universidade de Brasília  
O PLANALTO CENTRAL

está quieto.

todos concentrados meditando sobre uma longa estrada em que caminhamos juntos, cada um fazendo o que quiser.

Lentamente a meditação aranha, as pessoas levantam-se e dirigem-se p/ o interior do Auditório-SOM-UTERINO (é tão difícil se acomodarem muitas pessoas em um espaço tão pequeno, mas é possível em pé, sentadas bem próximas umas das outras no chão, nas cadeiras, poucas)

1ª Cena

OBM - todos assistem a OFICINA BÁSICA DE MÚSICA trabalhar entre gestos e ruídos, olhos e ouvidos ligados: na frequência da neurose repressiva, os trabalhadores de som se libertam de suas prisões, fuga

Nº 1: à frustração sexual fuga  
Nº 2: à repressão religiosa, fuga  
Nº 3: à informação deturpada.

E agora

Senhores e Senhores, diretamente do Útero circense apresentamos uma coleção especial de feras:

Nas vitrines-olhares desfilaram e curtiram personagens e personalidades, arriscando-se no picadeiro, no rinha, no Plaza de Toros, no Ringue ou, resumindo tudo isso, no palco.

O tempo urge

ou

o Tempo rugir?

A pergunta ficou sibilando,

ecoando ou chacoalhando?

Não sabemos!

Mas a tentativa de unir o som ao

Teatro,

continuou solta,

caçando sua resposta, no espaço do

Audatório da Música

Universidade de Brasília

O Planalto Central

está quieto

ressonando

meia-noite

a lua cheia se precipita

à Leste

o Concerto

Viagem-ao-som-uterino

está paralizado por algum tempo

enquanto as pessoas

re-voltam

p/ suas casas

O Eco

voltando ao local da

explosão

o Útero.

P.S.: Não eu não quero falar sobre o

concerto.

P.P.S.: O concerto foi uma boa, mas

se tu quiseres por que foi uma boa,

põe, que é uma boa

P.P.P.S.: O concerto está muito longe

já. Não dá gostei. Da minha participação

gostei.

P.P.P.P.S. Achei o maior barato o que

o Sérgio falou sobre se masturbar

sobre o público.

S.P.S.: Foi legal p/ mim, mas pra

quem ler isso aí, não sei.

6.P.S.: Não me amarrei no ritual, sabe

o que eu visualizei?

Deixa eu ver... Não, não vou dizer,

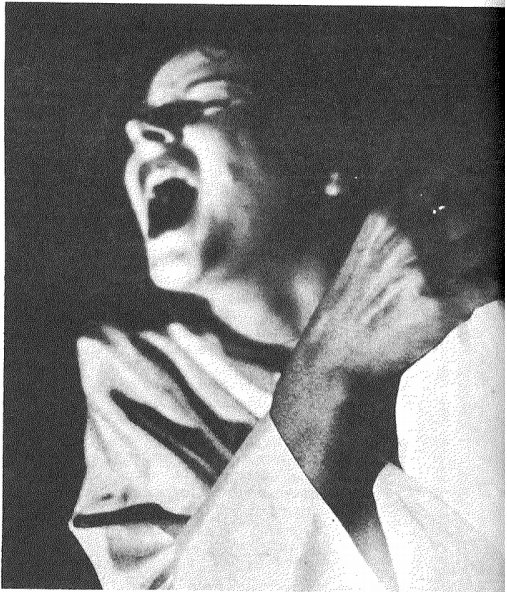
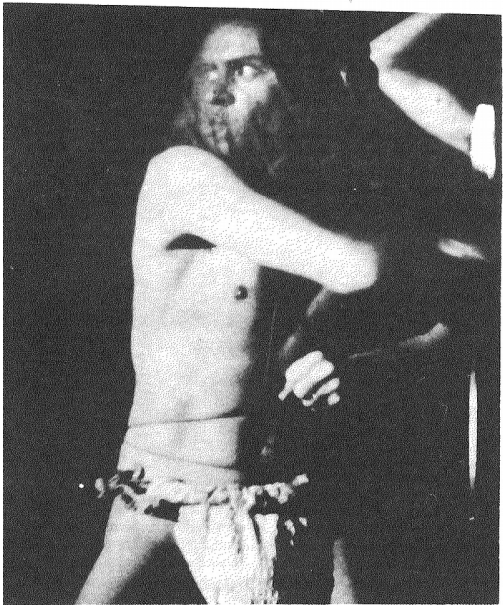
mas a flauta foi da pesada.

7.P.S.: Eu me perdi do grupo fiquei

desesperado e não gostei de ter ficado

trancado no banheiro..

Humberto A.



Anexo 11 – Folha 27 do Relatório Especial de Informações 02/73

Continuação d(e) (a) REI n.º 03 /73 - CMP-11a RM. Fl. n.º 27

e) Para uma melhor compreensão dos reflexos da ação subversiva que vem sendo desenvolvida no meio universitário de BRASÍLIA e, particularmente, na UnB, são apresentados os seguintes dados sobre os elementos presos e a documentação apreendida:

ELEMENTOS PRESOS	MACONHA		SUBVERSÃO		LIGAÇÃO C/ORG		PEDERASTIA	
	TOTAL	UnB	TOTAL	UnB	TOTAL	UnB	TOTAL	UnB
33	23	17	29	22	6	5	6	5

ELEMENTOS PRESOS	PROF GIN	ALUNOS PRE-VEST	Un B									TOTAL
			ARQ	COM	HIST	ANTR	PSIC	MED	DIR	ECO	GE	
33	3	7	6	5	4	2	2	1	1	1	1	23

JORNAIS APREENDIDOS	OPINIÃO	PASQUIM	ROLLING STONE	DEBATE	POLITIKA	DIV
240	122	37	34	9	20	18

LIVROS APREENDIDOS	COLUNISMO SOVIETICO	ESQUERDA AUT BRASIL	ESQUERDA AUT ESTRANGEIROS	DIVERSOS
271	76	96	62	37

Estatística aproximada de elementos citados nos depoimentos, com vinculações de intensidade variada, aos elementos ou aos grupos que se reuniam para discutir política e/ou fumar maconha.

SELECIONADOS DENTRE OS ELEMENTOS CITADOS	PROFESORES		ALUNOS PRÉ UNIV	Un B										DIVERSOS
	UnB	CEUB		DIV	ARQ	COM	SOC	HIST	FIS	GEO	LUS	MED	DIV	
140	7	1	10	28	21	5	4	4	3	2	3	15	88	34

**Anexo 12** – Comparação entre a resolução secreta do manual *Como eles agem*, com a resolução secreta das conclusões do relatório 02/73.

... de acordo com a resolução aprovada na Conferência de Havana, que determinou:

"Apoiar resolutamente a campanha em favor das drogas, baseando-a no princípio do respeito aos direitos individuais.

Manter completamente separados os quadros do partido dos canais de tráfico de narcóticos, de maneira que essa fonte de receita não possa ser vinculada à ação revolucionária, entretanto, devemos combinar a insuflação do medo à guerra atômica com o pacifismo e com a desmoralização de juventude através do estímulo ao uso de alucinógenos".

expressa na letra "f" das suas Resoluções Secretas:

"Apoiar resolutamente a campanha a favor do viciado em drogas, baseando-se no princípio do respeito aos direitos individuais. Manter absolutamente separados os quadros do PARTIDO COMUNISTA dos canais de tráfico de narcóticos, a fim de que essa fonte de receita não possa ser vinculada a ação revolucionária do PC, apesar de que, devemos combinar o fomento do medo à guerra atômica com o pacifismo e a desmoralização da juventude por meio do estímulo ao consumo de alucinógenos" (INFO Nº 442/73 de 24/4/73 do CIE).